

TENENTE **SALVADOR MORENO**

**UMA
LONGA
CAMINHADA**
MEMÓRIAS

SALVADOR MORENO
1º TENENTE VETERANO DO EXÉRCITO BRASILEIRO



UMA LONGA
MEMÓRIAS
CAMINHADA

80 ANOS DAS VITÓRIAS DA
FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA
NA CAMPANHA DA ITÁLIA
(1945-2025)

MMXXV

EDIÇÃO DIGITAL COMEMORATIVA



Dedicatória

Aos meus saudosos Pais
JULIANO Moreno e MARIA Estudã Moreno;

À minha devotada esposa MARIA, razão do meu viver, que tanto me incentivou para o preparo e acabamento deste livro, e também às minhas Filhas e netas;

E a todos os pracinhas que ficaram nos campos eternos e aos que conseguiram voltar.



SALVADOR MORENO

Campinas/SP, 1985



Pátria

O homem morre, as gerações se sucedem, mas a Pátria fica, sobrevive e segue adiante, e mais e sempre, ancorada na saudade dos que a construíram e já tombaram e nas esperanças dos que nascem. Nenhum povo pode ser grande sem esse sentimento. Nenhuma nação pode ser forte sem nele apoiar-se.

João Simões Lopes Neto
(1865 - 1916)



SALVADOR MORENO
Montese, Itália 1945



Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (MNMSG) no Rio de Janeiro/RJ



Índice

NOTA DE INTRODUÇÃO

09 Início e Divagação

CAPÍTULO I

10 O mundo entra em pânico. Eclode a I Guerra.
Tem início a longa caminhada

34 Pequenas coisas do dia a dia e suas consequências

CAPÍTULO II

41 Segunda fase – Quintaúna

41 4º Regimento de Infantaria

49 Quintaúna, março de 1943

52 Doutrina e sistema americano

57 1944, abril

CAPÍTULO III

63 A travessia do Atlântico

63 Destino: Itália

65 15 de Junho de 1944

72 Próxima parada: Tarquínia

76 Surpresa em Vada

82 Um resumo oficial

CAPÍTULO IV

87 Confronto com os nazistas

87 Vitórias em Collechio e Fornovo

87 Condecorações

87 Um diário de 13 meses

88 Erros e Acertos

89 Apeninos

89 A 1.800 metros de altitude

91 Despejo de bombas

96 Castelvachio arrasada

- 98 Granada esfacela Comandante
- 100 A cobra está fumando
- 103 Hospitalização
- 105 Massacre
- 108 A retirada
- 109 Visita a Florença
- 110 Palmo a palmo
- 112 É natal
- 112 Feliz Ano Novo
- 114 Conquista de Monte Castelo
- 114 Aniversário
- 118 16 de Abril de 1945
- 118 Sargento Moreno no Hospital de Campanha
- 119 17 de Abril de 1945
- 121 Considerações finais
- 121 Um reparo ilustrativo
- 122 Sondagens e expectativas
- 123 Um reparo para observação
- 124 Rumo a Zocca: 20 de Abril
- 125 21 de Abril de 45
- 126 Captura de Zocca
- 127 Perseguição ao inimigo
- 127 Fragmentos
- 128 Decisão sobre transporte de tropas
- 128 Ocupação dos rios Sachia e Enza
- 130 Vitória de Collechio
- 132 Vitória de Fornovo
- 133 *The Stars and Stripes: Nazi Armies in Italy surrender*
- 134 E aconteceu o desfecho final – o ultimato
- 135 O ultimato estava assim redigido
- 136 Epílogo: a rendição alemã
- 137 Estava de fato finda a guerra
- 140 Condecorações que recebi
- 140 Medalha Sangue do Brasil
- 141 Diploma de Ferimento em Ação
- 142 Medalha Cruz de Combate de 1ª Classe
- 144 Medalha de Campanha
- 145 Medalha de Guerra
- 146 Medalha Mascarenhas de Moraes
- 147 Certificado de Participação em Encontro de Ex-Combatentes da 2ª GM
- 148 Teatro de Operações de FEB na Itália

CAPÍTULO V

- 149 A caminhada prossegue na reta final
- 149 Dia 11 de Agosto de 1945 – Cubatão
- 150 Santo André, 21 de Fevereiro de 1946
- 154 Com três anos minha filha é mordida por cão hidrófobo
- 154 Em Campinas
- 160 25 de Março de 1987
- 160 A longa caminhada na reta final
- 163 Carta da minha esposa
- 164 12 de Junho de 1987
- 165 Encerrando

CAPÍTULO VI

- 167 Odisseia de um pracinha da FEB
- 168 Oito de Maio de 1985
- 169 Mais tarde: 8 de Setembro de 1986
- 169 A FEB na 2ª Guerra
- 171 Papel da América Latina
- 172 A Força Expedicionária Brasileira
- 174 Apologia ao homem brasileiro que conheci na guerra
- 176 Salvador Moreno: um bravo da Pena e do Fuzil



**Mantendo acesso o
Cachimbo da Vitória!**



Nota de Introdução

Início e Divagação

(*) *Salvador Moreno*

Mentiria se dissesse que não gostaria de escrever um livro por muito ruim fosse ele.

Confesso mesmo; tinha eu, imensa vontade de saber escrever com muita perfeição. Pois dentro de minha modesta capacidade literária, entendo que saber escrever com relativa perfeição é um divino que poucos seres o possuem.

E eu, não possuo esse dom.

Razão para que eu sinta imensa inveja desses seres privilegiados, pelo fato de não saber escrever com a perfeição e desenvoltura que gostaria.

Entretanto, no presente caso, mesmo considerando minha diminuta capacidade de escrever bem ou mal, os fatos aqui narrados na longe caminhada por mim encetada há mais de setenta anos, só a mim dizem respeito.

E com essa determinação, procuro trazer ao meu tempo presente, as reminiscências de um longínquo passado, para dar início a esta **LONGA CAMINHADA**.

E aos que tomarem conhecimento destas simplórias “coisas” por mim escritas, que as leiam se lhes interessar e, opinem como lhes parecer. Jamais lhes pediria para que um exemplar ornasse a estante de sua Biblioteca.

Assim é que o Autor destas “coisas” mal alinhavadas vai vendo o tempo a escoar-se e preenche então os vazios da ociosidade.

Há que se considerar, entretanto, que o constante nesta singela narrativa, espelha tão somente a verdade. Nada foi inventado.

Campinas, 25 de Agosto de 1987.

(*) Advogado. 1º Tenente Veterano do Exército Brasileiro. Ex-Combatente da Segunda Guerra Mundial. 2º Sargento do 6º Regimento de Infantaria Força Expedicionária Brasileira. Ferido em ação em 15 de abril de 1945. Agraciado com a Medalha Cruz de Combate de 1ª Classe por atos de bravura realizados durante a Campanha da Itália (1944-1945). Faleceu em 2005, aos 90 anos, no município de Campinas/SP.



Capítulo I

O mundo entra em pânico
Eclode a I Guerra
Tem início a longa caminhada

O homicídio perpetrado por um nacionalista sérvio no dia 28 de Junho de 1914, serviu de pretexto para a Áustria declarar guerra à Sérvia, no dia 28 de Julho daquele ano e, em breve o conflito irrompia por toda Europa.

A Alemanha declarou guerra à Rússia no dia 1º de Agosto, que já havia disposto seus exércitos na fronteira austro-germânica e, dois dias depois, invadiu a Bélgica, cuja neutralidade reconhecera, procurando atingir as fronteiras da França pelo norte.

Assim com o motivo aventado, teria início a I Guerra Mundial que mais tarde envolveria toda Europa, com reflexo mundial.

Entre os muitos países europeus engolfados pelo conflito encontrava-se a Espanha, que apesar de não estar envolvida diretamente, sofria as consequências impostas pelo mesmo. Assim como os demais países que se encontravam na mesma situação, a Espanha procurava sobreviver.

Bem ao sul do território espanhol, encontrava-se a boa cidade que tinha o nome de Jaem, e nas suas vizinhanças um inexpressivo lugarejo denominado Peal de Beceros.

Nesse local, o progresso ainda não havia alcançado, e seus poucos habitantes viviam com o que lhes fornecia a terra por eles trabalhada.

E foi a partir desse pequeno lugarejo e da presença de um jovem casal que há poucos dias contraia matrimônio, teve início esta narrativa. Esse casal seria o pivô da mesma no local onde vivia e onde viveria futuramente.

Dito casal de agricultores. Ele de nome Juliano Moreno, e ela chamava-se Maria Estudia. Tangidos pela série de dificuldades imposta pela Guerra que se alastrava de modo inexorável por toda Europa, ansiavam emigrar para outras terras mesmo desconhecidas, com o fim de progredir financeiramente, mesmo à custa de muito sacrifício e trabalho.

Não eram somente eles os interessados em emigrar. Outros casais e muitos homens descompromissados pretendiam tomar essa decisão.

Queriam emigrar fosse para onde fosse.

Eles tinham conhecimento de outros conterrâneos que haviam emigrado para a América do Sul. Os interessados que topavam essas aventuras se reuniam e trocavam ideias. Pesavam o valor dos prós e contras de tudo que pudesse lhes acontecer. Resolveram e procuraram saber como proceder. De

início havia descartado a possibilidade de mudança para outro país da Europa, pelo fato de estar ela conturbada pela Guerra.

Os acordos finais aconteceram. O destino seria a América do Sul. Neste continente, Brasil ou Argentina eram os alvos previstos por eles para a desejada aventura.

Tinham vagas notícias de que no Brasil estavam sendo implementadas fazendas para a produção de café, e que havia muita falta de braços para a lavoura.

Segundo souberam, tais fazendas se ressentiam de falta de colonos e estavam sendo implantadas no Estado de São Paulo. Por essa razão, optariam pelo Brasil, caso surgisse a tão desejada mudança.

Finalmente a coisa aconteceu. Tomaram conhecimento da vinda de emissários de fazendeiros de São Paulo, os quais vinham com a finalidade de contratar mais um punhado de trabalhadores para suas terras.

Esses voluntários seriam um número limitado. A euforia tomou conta deles, com a possibilidade de serem contratados.

Tudo formalizado, muitos deles exultavam de contentamento por estar na lista dos que viriam.

Os Moreno também foram contratados.

O casal, constituído por Juliano Moreno, um espanhol alto e magro, e a sua esposa, Maria Estudia Moreno, de pequena estatura, mas de grande coragem, estava relacionado para a aventura.

Diria minha mãe, que eram aproximadamente cem, entre casados e solteiros, os quais se destinavam para diversas fazendas no interior do Estado de São Paulo. Segundo minha mãe, meu pai era bastante inculto, mas muito dedicado ao trabalho e segundo ele, uma das formas para almejar algo na vida.

Afinal, tudo estava acertado. Aguardavam apenas a hora ansiosamente esperada para a partida, que chegaria quando a documentação de cada um estivesse em dia.

Nesse interim, a ordem era colocar nas malas e sacolas tudo que era possível carregar às costas.

O dia de partida estava chegando.

A emoção tomou conta de todos. Eles eram imigrantes com destino ignorado, pois naquela época até os meios de comunicação e transportes eram primários e sumamente precários. A viagem era considerada por todos os que iam partir uma verdadeira aventura.

Afinal, o tão esperado momento estava chegando, e o local de embarque seria pelo porto da cidade de Málaga.

No dia previsto para o embarque, portando cada um, suas imensas bagagens, sob o olhar de seus familiares que deles se foram despedir, estava acontecendo o “bota-fora”. A choradeira tomou conta de todos, e os abraços

mais apertados, acompanhados de beijos foi uma constante até o momento de se encaminharem para o convés do navio.

Os últimos acenos aconteceram. Já no convés, foram encaminhados para seus respectivos compartimentos, através de corredores e escadas malcheirosos.

O navio que se encontravam era de origem inglesa, com sua bandeira tremulando no topo do mastro. O navio era um misto de carga e passageiros, que por força maior parava em vários portos durante a viagem, para reabastecer e apanhar e descarregar cargas.

Era um dos dias do mês de Julho de 1914...

Uma vez dentro dos alojamentos, acomodaram-se como lhe foi possível, ajeitando os seus trastes como puderam no espaço que dispunham.

Durante o dia era permitido subir ao convés, onde passavam a maior parte do tempo conversando e apreciando a imensidão do mar.

Entretanto, ao escurecer, vinha a ordem para se recolherem às cabines por motivo de segurança, pois havia a possibilidade do navio ser ataca e afundado por submarinos. À partir daí começava o suplício dessa gente. Um calor insuportável e uma semiescuridão dominavam o local onde estavam alojados.

Além disso, a queixa maior era com relação a comida, totalmente diferente do que comiam em suas casas antes do embarque, levando assim muito tempo para se adaptarem a alimentação que lhes era servida à bordo.

A água era salobre e não conseguiam bebe-la.

O tempo corria com uma lentidão enervante. Já estavam no segundo mês da viagem e a ansiedade para o término era enorme. Todos queriam que o porto de desembarque estivesse bem próximo.

Já estavam com cinquenta e sete dias de viagem dentro de um verdadeiro caldeirão.

Cinquenta e sete dias de uma viagem tormentosa e cheia de sofrimento, quando então foram surpreendidos com a notícia auspiciosa de que dentro em pouco estariam desembarcando no porto da cidade de Santos... O fato aconteceria no dia seguinte. E, naquela última noite à bordo ninguém conseguiu dormir, tal a ansiedade.

Minha mãe contava que ao avistarem o local de desembarque, iniciaram a embalagem dos trastes que haviam trazido.

De origem católica, todos se reuniram num mesmo local, e de joelhos na cobertura do piso de aço do navio, elevaram seus pensamentos a Deus e rezaram. Com as mãos em atitude de prece, agradeciam por nada ter acontecido na longe viagem. Todos, a um só tempo, fizeram o sinal da cruz.

Pouco depois viria a ordem para deixarem o navio. Com todos moamba às costas, cansados e entorpecidos pela inatividade e pela falta de exercícios, respiravam aliviados o ar da terra que aportaram.

A alegria era total.

Já estavam à espera os administradores das fazendas para onde iriam trabalhar. O comboio de imigrantes seguiu então para a estação ferroviária da cidade de Santos, cuja companhia, na época se denominava...” São Paulo Railway”, ou ainda, como era mais conhecida pela sigla “S.P.R.” a muito depois mudaria o nome para “Estrada de Ferro Santos a Jundiá”. Posteriormente, após várias mudanças no nome da estrada, se chamaria FEPASA (Ferrovias Paulista S/A).

Na estação, foram introduzidos em vagões de segunda classe, com duros bancos de madeira. Acomodaram-se como lhes foi possível, ajeitando seus trastes da melhor maneira.

Todos disputavam as janelas do vagão para terem a sensação de ver novos panoramas, de ver coisas que representassem novidades para eles.

Depois de acomodados, apareceram os administradores portando grandes cestos de vime, contando dentro deles muitos sanduiches de queijo, e a famosa mortadela. Foi servido também refrigerante.

O trem se põe em movimento, começando assim uma nova fase na aventura em que os imigrantes estavam envolvidos há muito tempo.

Poucas horas depois a composição chegava à Estação da Luz, em São Paulo. Retirados do interior da gare, os imigrantes foram aglomerados em torno da mesma, para logo a seguir se deslocarem a pé para o velho edifício da imigração, como era conhecido o antigo casarão que abrigava por tempo limitado todos os imigrantes que lá chegavam.

La chegando, foram introduzidos em suas dependências, ocasião em que a felicidade tomou conta de todos. Depois de acomodados, foi distribuído sabão, sabonete e toalhas para a higiene pessoal. A água dos chuveiros era doce e se deliciaram com ela, pois durante cinquenta e sete dias de viagem só tomaram banho com água salgada.

Relativo conforto lhes foi proporcionado, inclusive foram vacinados contra várias doenças que poderiam adquirir a partir daquele momento. No local permaneceram uma semana, para depois seguirem a cada fazenda previamente destinada.

Contava minha mãe que sentiam-se felizes, levando muitas saudades desse local.

Após se refazerem, depois de uma semana, havia necessidade de ultimar a viagem. Embarcariam na Estação de Sorocabana em trens que os levariam ao ponto final da viagem.

O trem partiu, havendo a necessidade de fechar as janelas pois, a caldeira da locomotiva era alimentada a lenha e soltava fagulhas incandescentes, queimando a todos.

A água era super quente e o calor insuportável.

O embarque ocorrera pela manhã. E se nada acontecesse, chegariam a Piraju ao entardecer, onde desembarcariam. Logo a seguir, nova viagem até um lugarejo chamado Timburi, distrito de Pirajú.

Os moreno desembarcaram nesta primeira parada, pois se fixariam em Timburi. Os demais seguiriam para outras fazendas.

Ao redor da estação estavam as viaturas puxadas pelos burros, que conduziram os imigrantes até onde se localizava a fazenda.

Os homens com suas moambas seguiriam nos carroções. As mulheres seriam conduzidas em charretes. Minha mãe contava que tinha pavor do que poderia acontecer, pois estava no sétimo mês de gravidez, tendo a impressão que poderia abortar a qualquer momento, devido ao sacolejar violento de sua charrete. Felizmente, tal fato não aconteceu, para a sorte de todos.

Viagem pachorrenta. Trinta quilômetros que pareciam não ter mais fim. Arribaram bem tarde da noite onde se localizavam as colônias. Era intensa a curiosidade dos que lá moravam, pois se encontravam reunidos para dar nossas boas-vindas. Gente simples, mas donos de bondosos corações.

Os casais já tinham seus tetos pré-distribuídos, indo para eles com seus pertences. As casinhas eram rústicas, construídas com enormes tijolões e sem reboco, divididas em sala, quarto e cozinha. A privada de cada casa era no fundo do quintal. Uma tosca casinhola e dentro dela, a bacia sanitária feita por cima da fossa, que se constituía de uma armação regularmente alta. Era o vaso sanitário.

O fogão era também de tijolões, alimentado com lenha, tendo para isso recebido ferramentas para cortar madeira e abastecê-lo. Os móveis da sala e do quarto eram todos rústicos, de madeira lavrada. O colchão era feito com um tecido parecido a lonita e cheio de palha de espigas de milho, rasgadas.

Nessas condições, e com tudo que podiam dispor no momento, assim seria o florido lar de cada imigrante vindo do mar, para labutarem em uma fazenda com plena formação para a produção de café para uso interno e principalmente para exportação.

Depois que tomaram pé da situação, ajeitaram suas coisas da maneira que lhes foi possível. Retornaram e foram conduzidos a um imenso galpão destinado a guarda de ferramentas e utensílios de administração.

À todos, inclusive aos que lá viviam, foi servido um jantar, constante de pão feito em forno caseiro e muita carne de forma de churrasco. Houve na verdade, fartura de alimentos. Tinham matado uma rês para esse fim, além de muito leite e café. Todos se fartaram de comer. Mais uma vez, os que lá viviam demonstraram com carinho, os préstimos que deles podiam dispor.

Findo o lauto jantar, recolheram-se às suas casas. As lamparinas de querosene foram acesas, soltando uma fumaceira preta. E assim tentaram dormir. Era minha mãe que relataria futuramente, as desditas a que se submeteriam a partir daí.

O proprietário da fazenda deu um prazo aos imigrantes para se adaptarem ao novo maio que se faziam parte. Já acomodados nos rústicos leitos, tentavam conciliar o sono, mas sem resultados.

Amanheceu o dia e foram tomar pé da situação. Havia a necessidade de se organizarem. Muita roupa suja precisaria ser lavada, pois a bordo do navio, durante cinquenta e nove dias que durou a viagem, não foi possível essa tarefa.

Não havia sabão, e no armazém também estava em falta. Além disso, não dispunham de tanque para esse fim. Entretanto, tudo se ajeitou quando entrou em ação o espírito comunitário dos vizinhos, fornecendo-lhes o famoso sabão de cinza, como era chamado. Era feito em casa.

No armazém adquiriram soda caustica, de origem inglesa. E como não havia tanque, a ordem era lavar a roupa nas beiradas de um regato que passava nas imediações da colônia.

Minha mãe lembra que a água era clarinha, podendo se ver inúmeros peixinhos de rabinho vermelho.

Disso tudo havia um grave problema para a minha mãe. Tinha ela necessidade de entrar no regato, com água até os joelhos, levantando a saia pesada, para não ser molhada. Era uma coisa que ela não se conformava. Foi preciso que meu pai adquirisse uma enorme bacia estanhada no armazém da fazenda. Serviria ela para lavar a roupa e para o banho diário de ambos, bem como para dar banho ao primeiro rebento dos Moreno, que já estava a caminho, ansioso por ver a luz do dia.

Para esse fim, preparava ele o enxoval daquele que seria o primeiro filho de uma interminável série.

Compravam tecidos baratos no armazém e a seguir costurado por ela numa máquina de costura manual, fornecida pela direção da fazenda, a título de empréstimo.

No decorrer do tempo, até calças e camisas cozia para seu marido. Tipo e cores pouco se importava.

Como foi acentuado linhas atrás, eles tiveram uns trinta dias para a aclimatação e as necessárias providências para a definitiva instalação. Foi fornecida ferramenta necessária para a construção de cercados para os animais domésticos. Vários casais receberam porcos e galinhas, além de madeira para a cobertura dos cômodos que os abrigariam e a guarda das ferramentas e outras coisas.

Cada família recebeu também sementes de hortaliças, como abóbora, melancia, pepinos e outras, para serem plantadas.

Pouco tempo depois havia uma verdadeira fartura de legumes nas hortas.

Os trinta dias chegavam ao fim. Como não tinham outra opção, deveriam aceitar o que viesse pela frente. E foi o que fizeram.

Findo os trinta dias para a aclimatação começariam o trabalho para o qual foram contratados. Trabalho rude, iniciado ao amanhecer do dia e terminado no crepúsculo do mesmo. Voltavam cansados, com suas

ferramentas às costas. As mãos calejando, e às vezes, sangrando. E havia pressa por parte do patrão, pois deviam começar o plantio dos cafeeiros.

De início, havia a necessidade de derrubada das metas, queimada das árvores, e destocagem e finalmente o preparo do terreno para plantio.

O mês de Março de 1915 chegava ao fim.

As preocupações dos Moreno não tinham limites. O primeiro bebê forçava sua saída para o ar livre. Não haviam médico nem farmácias ou outro recurso para lançar mão. O único meio era recorrer a parteiras curiosas, que geralmente existe em toda parte.

Pouco depois da meia noite e já no dia 23 de Março de 2015, os Moreno estavam morrendo de contentamento, pois chegava ao mundo o primeiro filho. O dia da semana era um sábado. O parto, apesar da precariedade de recursos, transcorreu normalmente. Segundo relato da minha mãe, o guri era super magro, e feio de doer.

Na noite desse dia, a vizinhança toda se reuniu para comemorar o evento, ocasião em que rolou a velha pinguinha, acompanhada de pão feito em casa e carne de porco que normalmente se encontra em latas cheias de gordura. Não faltaria também a gostosa linguiça puríssima de carne de porco. E a coisa foi até tarde da noite. Era uma confraternização honesta e pura onde todos se igualavam.

Por ser um sábado, somente na próxima segunda feira seria feito o registro. Havia necessidade de ir até o subdistrito de Timburi para registrar o bebê.

Contaria meu pai, que na segunda feira, logo cedo arriou um cavalo da fazenda e se mandou para Timburi, distante 28 quilômetros de pé. Chegando ao cartório, o serventuário anotou no livro de número A-2, fl. 101, sob nº 24: ...” foi lavrado o assento do nascimento de “SALVADOR”, sexo masculino, não consta a cor, e dado como nascido no dia 25 de Março de 1915.

Estava assim sacramentado o registro. As testemunhas eram do próprio cartório.

Após atendida esta formalidade, meu pai montou novamente a cavalo e se mandou para a fazenda. Foram mais 28 quilômetros no lombo do mesmo, chegando então ao anoitecer.

Os vizinhos dos Moreno foram muito prestativos, ajudando em tudo que podiam, no atendimento a minha mãe. O guri aos poucos ia se desenvolvendo, já estando no seu primeiro mês de vida.

A abundância do leite materno e o puro leite de vaca, mais o famoso caldo de feijão, eram fator importante para o seu desenvolvimento.

Neste interim, a derrubada da mata prosseguia. Contava meu pai que dava dó em ver a derrubada de imensas árvores com mais de 20 metros. Um mundo verde de mudas de cafeeiros aguardava o momento do transplante dos jacás para a cova definitiva. Em algumas áreas acontecia a remoção dos troncos queimados e semi-queimados das árvores abatidas.

Era o destocamento, como diziam os capatazes da fazenda. Esses troncos, ainda ardendo, produziam uma fumaceira insuportável, provocando ardor e muitas lágrimas nos olhos de todos.

E como não bastasse esse dilema, havia ainda ouro fato que causava muitos aborrecimentos. As casas dos colonos eram localizadas nas proximidades do caudaloso Rio Paranapanema, e quando as chuvas caíam em abundância ao longo do mesmo, suas margens ficavam alagadas advinda imensa proliferação de pernilongos, borrachudos e moscorocas que infernizavam a vida de todos durante 24 horas do dia. Durante o dia os borrachudos; e a noite, invasão de pernilongos, obrigando o fechamento de portas e janelas.

O rio em si era maravilhoso, segundo contava papai. Pois além de proporcionar lazer, era altamente piscoso e sua largura a correnteza de água barrenta, causava assombro a todos.

O tempo vai se escoando lentamente. É o mês de Julho de 1916. Portanto há 365 dias os Moreno arribaram a essa fazenda.

Seu primeiro rebento está com quase seis meses. Berra noite e dia como um danado, enchendo a paciência.

A derrubada das matas prosseguia. Havia pressa por parte do fazendeiro. Por isso, parte dos colonos prosseguia na derrubada, e outra parte já plantava mudas de cafeeiros.

A rotina era sempre a mesma. Voltava meu pai, e isso era ele que me contava, juntamente com os demais colonos, com as ferramentas as costas, depois de mais um dia de intenso sofrimento, com as mãos doloridas e muitas vezes sangrando pelas bolhas causadas pelo cabo das ferramentas.

Ao chegar, ansioso por um banho, ainda devia ir pegar água no regato, levando-a nas latas que contivera anteriormente o famoso querosene “Jacaré”. Este, era importado, e servia para abastecer as também famosas lamparinas de torcida de pano, que exalava um mau cheiro e muita fumaça.

Os Moreno adentraram no seu segundo ano nessa fazenda, e era ele o ano de 1917. E estava ele no seu início.

O Salvador estava com quase um ano. Já falava ele muitas bobagens e servia para alegrar os seus pais. No entanto, a coisa ia se complicar pois minha mãe estava grávida. A previsão era a mais aterrorizadora possível, pois pressagiava mais um ano de sofrimento, dada a falta de recursos ali e também no vilarejo de Timburi.

Os meses se sucediam e cada vez mais era maior a barriga de sua mulher. Se tudo desenvolvesse normalmente, muito bem, mas argumentavam entre eles, e se houvesse complicações?

Nesse interim, a derrubada da mata e o destocamento estava na fase final. Logo a seguir viria o transplante das mudas dos cafeeiros, levando o resto dos meses deste ano.

Lembrava minha mãe que tinha imensa pena do marido quando este regressava do trabalho, sujo e cansado, mas mesmo assim ainda arranjavam tempo para se dedicar a ela e ao filho. Ele acreditava em melhores dias para todos. Não se deixava dominar pelo desânimo. Razão para que ele se recolhesse dentro de si mesmo e derramasse lágrimas que não podia conter.

Queixava-se ela ao seu marido, mas entendia que ele também era culpado da situação que estava vivendo, pelo fato de que ao partirem da sua terra natal, ela estava de pleno acordo em participar dos bons e maus momentos que adviriam na aventura em que se envolveram.

A situação tedia a agravar-se, pois aquele que futuramente receberia o vasto nome de Antonio Pedro Moreno Estudillo já estava a caminho. E era mais um motivo para preocupações, devido à falta de todos os tipos de recursos.

No entanto, minha mãe procurava se conter.

Derrubada a mata e com a queimada da mesma, a destocagem chegava ao fim. Trabalho rude, tudo feito com ferramentas pesadas. A fumaça expelida pelos troncos em combustão provocava lágrimas e fazia arder os olhos.

O tempo seguia sua trajetória. O filho número 1 dos Moreno já completava quase 18 meses. Continuava enchendo bastante os pais.

Era o começo do mês de Junho de 1917, quando o segundo filho do casal viria ao mundo. E com ele, mais preocupações.

E a coisa ocorreu exatamente às 23 horas do dia 14 de Junho. A mesma parteira que colaborou por ocasião do primeiro filho, também prestou seus serviços na ocasião do nascimento do segundo. Essa parteira, curiosa, chamava-se Dona Sebastiana. Magnífico ser humano. E, como sempre, a vizinhança cooperou dando também sua mão.

Demoraria aproximadamente 6 meses a fase de implantação dessa fazenda, cujo terreno iria receber as restantes mudas e replantio da que não vicejaram. E, até que a primeira colheita do café fosse fato consumado, coisa de mais uns três anos, a ordem agora era capinar. Capinar sempre, para evitar que o mato dominasse os cafeeiros. Agora, a dureza do trabalho, não castigava tanto. Todos sábados, havia folga após o meio dia. Havia tempo para os afazeres domésticos. A horta precisava de trato. Os apendres dos animais precisavam de conserto.

A horta estava em franca produção, havendo fartura de legumes e verduras para a alimentação do casal, sobrando para aves e outros animais domésticos, que proliferavam facilmente, fornecendo assim carne e ovos. Destaque especial para todo tipo de frutas, onde abundava as laranjas, as goiabas, mamão, entre outras.

Afora isso, a rotina era sempre a mesma. Aguardava-se a primeira colheita do café, após 3 anos de plantio. Era uma beleza ver a florada dos mesmos e o zumbido das abelhas em busca do pólen. Seria a primeira colheita e a fartura de grãos deixava o fazendeiro exultante.

Até que a coisa não era tão feia, quando excluída a saudade de seus ganhos e familiares tão distantes, e sem notícias dos mesmos.

Os Moreno completariam 4 anos de permanência nessa fazenda. Seu filho mais velho já passava dos três anos, e o segundo rebento estava com dois. Havia muita saúde e fartura de alimentos.

Quatro anos nesse local e mais um grave dissabor sofreriam com outra gravidez indesejada por minha mãe. Ela ficou arrasada prevendo mais um ano de sofrimento. Mais um filho viria ao mundo para aumentar a preocupação dos pais.

O desenlace aconteceu no finalzinho do ano de 1919. Não seria mais um homem, mas sim uma filha, que se tornaria então a coqueluche do meu pai, segundo contava minha mãe.

Entretanto tal alegria duraria pouco tempo, pois com pouco tempo de vida viria a falecer por absoluta falta de recursos médicos. Veio a morrer não resistindo ao mal que a acometeu pouco depois de ser batizada e registrada. Recebeu ela o nome de Nair.

Esse fato motivou minha mãe a se queixar todo momento, forçando o casal a deixar a fazenda depois de mais de quatro anos de trabalho na mesma. A partir desse momento o meu pai era aporrinhado pela companheira para que tomasse novo rumo em suas vidas.

E foi nessa ocasião que meu pai propõe a ela que ficassem na fazenda até o final da colheita, coisa de mais alguns meses. Minha mãe concordou, mas cobrava dele a todo momento o cumprimento da promessa.

Os dois irmãos já estavam com três e quatro anos e se desenvolviam normalmente.

Segundo meu pai, dotado de um espírito ultra conservador, argumentava tentando contrariar sua esposa, dizendo-lhe que bastaria a primeira aventura quando se deslocaram da terra natal, para o desconhecido. Outra tentativa poderiam se dar mal, pois apesar dos pesares, tinham sua casa muito bem arrumada, bons vizinhos, magnífica criação de animais domésticos e uma forte horta que de tudo produzia. Verdadeira fartura em alimentos.

Eram estimados pelos patrões pela maneira correta como se comportaram durante todo esse tempo.

Contava minha mãe, que ouvia e se calava para não aumentar o atrito. Intimamente não se conformava com a situação e chorava copiosamente, vendo seus filhos crescerem e o futuro de todos era incógnito. Ela ponderava que estava cansada de aguentar dia e noite o inferno que representava os mosquitos.

A caminho dos cinco anos e sempre a mesma rotina, em preparar e acender as famosas lamparinas de torcidas, como eram chamadas. Abastecidas de querosene, exalavam mau cheiro e impregnavam tudo com a sua fuligem negra. Alegava minha mãe que o contrato formalizado por ocasião

da vinda para o Brasil estava terminado, e por este motivo eles tinham condições de sair dessa fazenda quando achassem conveniente.

Afinal tanto aborreceu seu marido, que tomaram a decisão de se mudarem. Ele, que já falava e entendia muito bem o português possuía economia e muita disposição para o trabalho, uma aventura a mais ou a menos pouca importância representaria para o casal. Os filhos eram 2 e já crescidos. Mais uma razão.

Decidiram-se e foram conversar com o administrador da fazenda, pessoas boníssimas, os aconselhou para pensarem bem na decisão que estavam tomando. Eles deviam cercar-se de certos cuidados, pois naquelas paragens tudo era muito difícil, inclusive os meios de transporte.

Meus pais agradeceram a orientação do senhor administrador, mas era questão fechada a saída dessa fazenda, apesar das incertezas que poderiam advir pela decisão que iriam tomar.

Além do mais, tinham eles informações de outros colonos na mesma situação, que havia certa facilidade em se ajeitarem em determinadas cidades.

Aos poucos foram se desfazendo daquilo que possuíam, reservando para eles os trastes indispensáveis e que podiam transportar. Minha mãe contava que inúmeras vezes vira meu pai chorando, por ter que se desfazer de tudo que tanto sacrifício lhe custou.

Alguma coisa ainda conseguiram vender. Muito pouco, pois o dinheiro era curto para todos.

O dia da despedida chegou. Todos aqueles que eram seus vizinhos, estavam presentes para o adeus. Abraços e beijos eram trocados. Todos desejaram aos Moreno as melhores felicidades e muito boa sorte.

Abro aqui uns parênteses, para explicar. Não fiquei sabendo como se deslocaram. Quais os meios de transportes conseguiram utilizar. Sei apenas que deram com os costados em várias cidades como Ipojuca, Santa Cruz do Palmital, Charqueada, e outras que não me recordo.

Na cidade de Ipojuca permaneceram por mais tempo. Ficaram dois anos, e nessas alturas seus filhos já tinham sete e cinco anos de idade. Nasceram ainda nesta cidade mais dois rebentos, elevando para quatro o número de filhos que deveriam conduzir em suas andanças.

Andando sempre por este mundo de Deus, como dizia minha mãe, foram dar com os costados na fazenda Floresta, localizada a 28 quilômetros da cidade de Jaboticabal. A Floresta, juntamente com a fazenda S. José, eram ambas do mesmo proprietário, um senhor fazendeiro que se chamava José Novais e era mais conhecido como Major Novais. Portava ele imenso cavanhaque, e por esse motivo era facilmente reconhecido em qualquer lugar que estivesse. Residia na cidade de Jaboticabal e visitava constantemente suas fazendas, viajando em charrete puxada por imponente e vistoso cavalo.

As duas fazendas já tinham sido implantadas e estavam produzindo a safra de café ideal. Uma distava da outra oito quilômetros.

As casas da fazenda, alinhadas ao longo do imenso pasto, até que não eram ruins. Bem mais confortáveis comparadas com a fazenda Timburi, eram todas de alvenaria e relativamente limpa.

Meus pais permaneceriam ali por longos sete anos. Para sorte deles encontraram uma família espanhola, cujo chefe tinha como sobrenome Gonçalo e sua esposa chamava Carmem.

A família dos Gonçalo era enorme. Constituíam-se de uma porção de filhos, dos quais me lembro perfeitamente de um punhado deles. O mais velho, Gonçalo, filho, vindo a seguir Benedito, Esperança, Antonio, Alberto e Dolores. Desses eu me recordo perfeitamente.

A amizade entre os Gonçalo Morato e os Moreno vicejava maravilhosamente. Ambas espanholas, lembravam as peripécias em que se envolveram desde a partida da terra natal.

Um riacho de águas cristalinas e com muito peixe miúdo serpenteava junto às casas da fazenda Floresta, servindo para lavar a roupa e ao mesmo tempo fornecia água para as hortas e para os animais.

Nesta fazenda, mais a São José, tudo se resumia nas suas manutenções. Ambas já formadas e produzindo em larga escala muito café.

O trabalho consistia na capinação permanente a colher café por ocasião da colheita. E isso todos os anos.

Os Moreno tinham na ocasião quatro filhos, sendo que o primeiro, Salvador, tinha completado sete anos.

Com o decorrer dos anos viriam mais cinco filhos, sendo que nessa fazenda nasceriam meus dois irmãos José e Benedito, totalizando até essa ocasião seis, que muito aborreciam o casal de colonos.

Certo, é que alguns deles foram morrendo por total falta de recursos, pois assim como na fazenda de Timburi, nesta também não havia médicos ou mesmo os velhos farmacêuticos que resolviam muitas vezes.

Assistência médica somente na cidade de Jaboticabal, distante dali 28 quilômetros.

Era necessária a interferência do administrador para fornecer a charrete para o transporte do doente até o mais próximo apeador, junto a estrada de ferro de bitola estreita e lá, se daria o embarque até a cidade.

A casa destinada para a família Moreno era relativamente confortável. Imenso casarão altíssimo, com dois quartos, sala e cozinha. O chão era de terra batida e a parede sem revestimentos.

Nos fundos do quintal, acomodações para os animais domésticos em enorme área para implantar uma horta.

Aos guris, cabiam tarefa importante na comunidade. No nosso caso, os Moreno, eram seus filhos que debulhavam o milho para alimentar os animais. Também traziam água do riacho para a horta e para a bicharada. Duro mesmo era a socagem do arroz em casca para a alimentação. Enorme pilão de madeira e sua respectiva mão-de-pilão, como se chamava. Para os guris era

um verdadeiro instrumento de suplício. Mas, precisávamos cooperar. Eu já estava com meus dez anos...

Dez anos, e não sabia o que era Escola.

Elas não existiam, e isso era grave motivo para os Moreno, que não admitiam que seus filhos fossem ignorantes como eles. Na fazenda São José, a 8 quilômetros da floresta, morava um senhor, de nome José Arruda, já bem idoso e que sabia ler e escrever muito bem. Por isso, era, chamado de Professor Arruda.

O filho mais velho dos Moreno, junto com outros garotos, ia de uma para outra fazenda receber a pouca instrução primária ministrada por aquele senhor. Eram 16 quilômetros que tinham que ser percorridos pela mata abundante no percurso.

Valia a pena esse sacrifício, pois assim ficavam sabendo que, somando dois com mais dois, o total era quatro.

E o mesmo tempo decorria pachorrentamente.

Na fazenda Floresta, os Moreno perderam um filho. Era ele meu irmão Domingos. Encontrava-se doente já vários meses, e como não havia recurso médico, foi tratado com os famosos medicamentos caseiros, constituídos de chás de tudo quanto era mato, os tais benzimentos.

Estava muito doente mesmo, e seu mal nunca foi diagnosticado. Mal podia balbuciar algumas palavras, e em dado momento chamou meu pai e lhe disse que queria comer peixinhos.

Meu pai então lançou mão da peneira de abanar café e se mandou para as margens do riacho. Dentro dele, forçava a peneira de encontro a vegetação, e em poucos minutos arrecadou um bom punhado de lambaris e cascudos, peixinhos que naquela época abundava. Eu ajudava, carregando uma lata vazia para colocar os peixinhos.

Feita a coleta, saímos correndo em direção à nossa casa, e, em poucos minutos estavam sendo fritos os tais peixinhos que Domingos queria comer.

Apressado, meus pais levaram até ele os pedacinhos já fritos até a sua boca.

Olhou para todos com ar melancólico e, mal podendo balbuciar palavras, disse ao meu pai que não queria comer.

Tombando a cabecinha para o lado, emudeceu para sempre. Estava morto o meu irmão Domingos.

Foi um choque tremendo, dada a maneira como ocorreu o desenlace. A choradeira foi sem fim. Seu corpo foi levado em charrete até o apedouro e, de lá até a cidade de Jaboticabal onde foi enterrado.

Essa mágoa, esse sentimento de dor, acompanhou os Moreno por muito tempo. E ainda, para aumentar mais os dissabores que os acompanhavam, poucos meses depois, os seus amigos Morato se mudariam para São Paulo, precisamente para São Miguel Paulista.

A morte de meu irmão e a mudança dos Morato foi o bastante para que minha mãe pressionasse papai para mudança daquela fazenda.

E o tempo se escoava lentamente, mas de maneira inexorável. O filho mais velho dos Moreno já está com 10 anos e já percebe os desentendimentos da família. Nada de frequentar a escola. Continua tão analfabeto como quando nasceu. É certo que o professor Arruda nos ensinou que dois mais dois era mesmo quatro.

As desavenças entre meus pais estavam na cara. Minha mãe achava que era necessário mudar. Não iriam ficar o resto de suas vidas em fazendas, mesmo porque não havia futuro para ninguém. Além disso, entrava ano e saía ano, e eternamente a mesma rotina. Não havia lazer de espécie alguma. Não havia assistência médica e outras coisas.

O lazer se resumia nos bate-papos, bebericar a famosa pinguinha e nada mais. Razão para o aumento da filharada.

Meu pai procurava contornar a coisa até onde lhe fosse possível.

Anualmente era realizada a festa de São Sebastião na sua igreja no topo de uma elevação, cuja imagem era venerada por todos os que moravam na fazenda. E no final da festa havia um sorteio para escolha do festeiro no ano seguinte.

A festa em si se resumia na adoração de imagem do Santo, além da tradicional procissão com sua imagem no andor.

A gurizada, e eu no meio, nos divertíamos a valer, pois a comilança era farta em doces e salgados, tudo de primeira e feitos em casa. Além disso, é claro, a intensa correria para apanhar as varetas de rojões ainda fumegantes.

Esse acontecimento duraria até o final da festa, quando então todos retornavam as suas casas ficando na expectativa do próximo ano.

Nesse interim, após festejos, a rotina era sempre a mesma. Iria começar a nova colheita de café.

Café, o que é café?

Um parêntese para explicar sumariamente o que realmente significa “café”.

Uma definição pura e simples, do que seja essa bebida de uso universal.

Café- arbusto de família das rubiáceas, gênero “Coffea”, do qual existem numerosas espécies e variedades.

Do ponto de vista econômico, as espécies mais importantes são a Coffea Arábica, originária do planalto da Etiópia, e a Coffea Robusta originária da floresta equatorial africana.

Da Coffea Arábica procedem as principais variedades cultivadas na América Central e do Sul. Embora todas as espécies sejam originárias da África, sua difusão teve como ponto de partida a Arábia.

As primeiras sementes e mudas de cafeeiro foram introduzidas no Brasil em 1727, pelo Sargento-Mor Francisco de Melo Palhata, que as plantou no Pará. Deles se originaram todas as lavouras brasileiras.

Café, fruto do cafeeiro, “drupa elipsoide” ou globosa vermelha, com escassa polpa adocicada e duas grandes sementes, as quais constituem a matéria prima da bebida. Depois de secas e torradas, tomam cor marrom escuro, e daí a infusão da qual se acrescenta um adoçante, indo direto à xícara para ser ingerida.

Sucintamente, isso é o café, que milhões de brasileiros e povos do mundo inteiro consomem no dia-a-dia.

A maioria da população ignora que esse café por ele ingerido, é graças aos esforços de colonos imigrantes ou não, que derramam abundante suor para que o mesmo seja conduzido aos armazéns e supermercados.

E, esse mesmo café era sumariamente dissecado, cuja colheita estava acontecendo na fazenda Floresta, na qual meu pai estava há 6 longos anos deixando o couro para produzi-lo.

Minha mãe contava que constantemente aporrinhava seu marido. Com seis filhos, o maior já com 14 anos, não via melhores condições para todos ali. Morria ela de inveja da família Morato que se havia mudado para outro ambiente mais condizente com a condição humana de vida. Não via assim razão para que seus filhos ficassem o resto da vida capinando terras que não eram suas.

Por esse motivo estavam sempre às turras.

Como da outra vez, meu pai propõe a ela que ficassem ali até o término da colheita, já iniciada, e logo se mandariam para qualquer outra parte.

Quase no final da colheita, os Moreno desfazem aos poucos do que acumularam depois de tantos anos.

O mangueirão dos porcos estava lotado. Leitões de pouca idade, porcos em condições de transformar-se em linguiça, além de frangos e galinhas. A horta uma beleza, produzia mais do que o consumo.

Meu pai adorava plantar e replantar tudo que podia.

As saúvas eram escorraçadas à força de formicida, que também era importada.

Certa vez, este filho mais velho dos Moreno já com 14 anos, e com algum entendimento de tudo que acontecia no dia-a-dia da família, achou falta de seu pai, indo procura-lo no fundo do quintal, onde presumia que ele estivesse. Encontrei papai vertendo lágrimas que lhes escorriam pela face. Estava com um leitãozinho de poucos dias em suas mãos, acariciando-o. O bichinho esperneava e ele mais o apertava contra seu peito.

Aproximei-me e perguntei porque chorava. Meu pai, ainda acariciando o leitãozinho respondeu num misto de espanhol com português: -Sei que homem não pode e não deve chorar, mas quando chora é porque não pode mais conter suas lágrimas. E agora choro, porque não posso contê-las.

Eu também não me contive e chorei.

Hoje, com mais de setenta anos, relembro este momento triste e me comovo. Esforço-me para não chorar.

Afinal, íamos deixar mesmo a fazenda. E com ela ficavam as frustrações de tantos anos. As unhas de vários dedos de meus pés foram comidas pelos bichos de pé. Marcas que ainda persistem, apesar dos anos.

Estava chegando a hora da despedida.

Fui para um canto com o meu vira-latas no colo e chorei lágrimas sentidas. Ele se chamava Toco e era um cão maravilhoso.

Muita pouca coisa foi vendida para os que ficavam, e no final aconteceu a distribuição graciosa de tudo o que estava sobrando.

A despedida é sempre uma despedida. Deixa-se e leva-se saudades. Fartura de lágrimas, muitos abraços. Desejos de boa sorte. E era exatamente o que os Moreno mais necessitavam a partir dessa hora.

Nem tudo estava perdido, pois o administrador da fazenda, Sr. Armando, magnífico ser humano, muito aconselhou meus pais, desejando boa sorte.

Uma carroça da fazenda levou os Moreno e a tralha que podiam carregar até o apeador. Foram três quilômetros morosos e enervantes. Teriam que esperar o trem que os levaria até a cidade de Jaboticabal.

Estava acontecendo o fim de mais outra aventura. Em parte, é claro, pois muita coisa viria pela frente. Até aqui foram quatorze anos de sofrimento e desilusões.

O filho mais velho, entrando na casa dos 15 anos, e a seguir vinha outro com 13, e os outros quatro com várias idades. Estavam partindo para uma segunda etapa da aventura.

No apeador ficaram aproximadamente duas horas esperando o trem. Naquele tempo nossos trens já se atrasavam.

Afinal, ouvimos seu apito. A locomotiva, tipo “Maria fumaça” surgia soltando fagulhas ao longe.

Junto com seus trastes, os Moreno se introduziram num dos vagões e se ajeitaram como lhes possível nos toscos bancos de madeira.

Tinham eles se levantado muito cedo e não perderam tempo em matar a fome. Minha mãe, prevendo o que poderia acontecer, prudentemente levou um farto farnel constituído de frango assado com farofa. Não esqueceu também o delicioso pão caseiro.

Tudo era seguro com os dedos, farofa e frango e por isso, o piso do vagão estava emporcalhado. Isso mesmo com a recomendação de minha mãe que nos alertava para não fazer sujeira.

A distância entre o apeadouro e Jaboticabal era de 28 quilômetros, e seria coberta em pouco tempo. Havia necessidade sim de chegar a tempo para fazer baldeação para São Paulo, e depois para Cubatão. O certo é que chegando na capital, havia a necessidade de se preocuparem a fim de localizar o local da venda de passagens para Cubatão.

E a “fodóca”, como era chamado esse pequeno trem, se põe em movimento em direção a Jaboticabal.

O casario dessa cidade começa a aparecer, e poucos minutos depois, surge a torre da Igreja da cidade. Chegando à estação a afobação toma conta de todos. A moamba era volumosa e não se podia perder tempo. O trem chegou resfolegando na Estação da Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

Foi um corre-corre danado para sairmos do vagão. Logo após, meu pai se virou para achar o local onde poderia adquirir as passagens para a capital. Mas, antes pediu um mundo de informações para chegar até essa bilheteria.

Com as passagens em mãos, a ordem era aguardar a próxima partida.

Os Moreno não podiam se afastar das imediações da gare. Quem tomaria conta da moamba?

Mesmo assim, deram um jeito, pois a ordem era tentar comprar sapatos para a turma. Estávamos calçados em alpargatas.

Papai, tomou a decisão que se fazia premente em ficar olhando a moamba. Tarefa que deixou pra mim e meus irmãos menores. Saiu com mamãe e pouco tempo depois voltavam contentes da vida.

Meu pai calçava um tipo de botina que tinha o nome de “rangedeira”, e era de couro amarelo com elásticos. Mamãe usava um par de sapatos de baixa qualidade. Era seu primeiro par depois de tantos anos.

Ao chegarem, papai pede a minha mãe para nos revezar, pois agora seria a minha vez de comprar um calçado. Fomos até a loja próxima a estação e ganhei também minha botinha rangedeira amarela de elástico

Ao voltarmos, a fome estava indo além da imaginação, quando mamãe sacou do bernal de pano o que sobrou de farofa e frango.

O calor estava escaldante. Meu pai foi até um botequim, como eram chamados esses estabelecimentos e comprou duas garrafinhas de refrigerantes. A bebida era espumante e doce, mas não fiquei sabendo do que se tratava.

Já estava gostando da aventura que estávamos vivendo. Lembro-me muito bem que ficamos encostados no muro da estação, saboreando frango e farofa e, de vez em quando, engolíamos um gole de refresco.

Muita gente passava por nós e ficava olhando, olhando. Até paravam para ver melhor a nossa miséria. Um mundo de malas, sacolas e trouxas amontoados no chão.

Afinal, chegou a hora da partida. Invadimos a gare com toda moamba às costas. Verdadeiros retirantes. Alguns minutos depois chega o trem. Desta vez uma imensa locomotiva e grandes vagões.

Aos trambolhões fomos invadindo o vagão tomando lugar em seus bancos rígidos.

Minha mãe contava que o desespero tomava conta de papai, pois chegando a São Paulo, ainda havia a necessidade de tomar o último comboio com destino a Santos. A baldeação seria às 19 h 30 m.

Amontoados nos rijos bancos e disputando as janelas do trem, para vermos melhor a paisagem, chegamos finalmente na capital, a tempo de tomar outro trem.

Desta vez embarcamos para Santos ao escurecer. Nosso destino era Cubatão, e meio caminho. E o trem põe-se em movimento. Meus pais sabiam que chegaríamos tarde da noite em Cubatão.

A escuridão era total. E, quando chegássemos, havia necessidade de encontrar uma senhora de nome Miquelina, robusta portuguesa que teria vindo na mesma época dos meus pais.

Mais tarde soubemos que ela e sua família estiveram também lutando nas fazendas como colonos. Teriam amealhado economias e se mandado para Cubatão, onde montaram uma pensão. Marido e filhos se viravam em trabalhos de rotina.

Encontrar essa senhora. A maior preocupação de meus pais.

O trem prosseguia sua trajetória normalmente. A escuridão era global, acompanhada de fria neblina, pois estávamos descendo a serra, poucos minutos depois viria a estação da Rais da Serra e logo a seguir, surge a estação esperada. Como sempre acontecia, havia pressa em recolher todos os trastes esparramados pelos bancos para sair d vagão, em virtude de ser este o último trem com rumo a Santos naquele dia. E a partir daí, somente o fator sorte poderia ajudar os Moreno.

Saímos da estação ficando como autênticos “coiós” do lado eterno. Cubatão era um subdistrito de Santos. Havia luz elétrica nas residências, mas não nas ruas. Aliás, que me lembre, era somente uma rua, o trecho da rodovia São Paulo Santos.

O chefe da estação, um senhor de nome Jordelino percebendo a nossa indecisão, aproximou-se e perguntou a meus pais se poderia fazer alguma coisa pela gente.

Meu pai explicou que procurava a tal senhora. Jordelino se interessou por nós, de onde vínhamos e para onde era o nosso destino. Admirou-se de nossa coragem e se propôs a levar-nos até essa senhora, de nome Miquelina, pois a conhecia. A sorte não nos tinha abandonado.

Ele nos acompanhou até a casa dessa mulher nos ajudando a levar uma sacola.

Mais tarde viemos a conhecer melhor este senhor. Ficamos devendo o favor que nos prestou. Alma maravilhosa que muito contribuiu para que tudo desse certo para nós.

Chegamos afinal na casa de dona Miquelina. O senhor Jordelino explicou a ela a razão de nossa visita tão tarde da noite.

Mandou que entrássemos e nos deixou à vontade. Ouviu atentamente meus pais e perguntou em que podia auxiliar.

Explicaram que tinham abandonado duas fazendas depois de nelas tendo vivido por longos 15 anos. E, sem perspectivas de melhora, resolveram tentar as mudanças que previam.

Dona Miquelina nos ouvia com atenção e depois de ver aquele monte de crianças dormindo sentadas, nos disse que ficássemos num cômodo que havia no fundo do quintal coberto com folhas de zinco. Esparramou no piso dele alguns colchões cheios de palha de milho rasgada para que nos acomodássemos até o dia seguinte.

Antes havia nos servido um gostoso café com leite e mais pão.

Ao lado desse cômodo, havia um banheiro. Havia também um chuveiro, que podíamos utilizar. O chuveiro funcionava puxando um balde com uma corda, e uma vez cheio d'água, era usado para o banho.

A partir daí a terra vermelha que ainda trazíamos da fazenda, foi aos poucos deixando nossos corpos encardidos com auxílio da água e sabão.

O dia amanhece e os Moreno já respiravam outros ares. Os mesmos que naquele tempo não eram poluídos como atualmente.

Após o café da manhã, após orientação da D. Miquelina, meu pai saiu feito um doido a procura de emprego, e minha mãe foi logo se ajeitando aos trabalhos domésticos na própria pensão. Pouco depois arrumou alguns fregueses para lavar-lhes a roupa o que a deixava ocupada de manhã até a noite.

A roupa era passada e engomada no capricho. O ferro para passar era alimentado a carvão, sendo muito pesado, que soltava fagulhas quando havia necessidade de ser ativado para produzir mais calor.

O primeiro filho dos Moreno, já com 15 anos, analfabeto, mas com vontade de trabalhar, saiu também para se virar e tentar arranjar emprego, por mais modesto que fosse.

Jamais, enquanto viver, poderei esquecer a bondade e a tolerância dessa senhora portuguesa, chamada Miquelina. Quanto nos ajudou a sair da fossa em que nos encontrávamos.

Retrocedendo um pouquinho do que não foi dito na ocasião oportuna pretendo dizer algo que nos chocou quando faleceu meu irmão Valentim quando tinha 10 anos.

Como não havia médico em Cubatão, imperava o dono da farmácia e o farmacêutico como se médico fosse.

Achava ele que meu irmão estava atacado de vermes intestinais, a tal solitária.

O farmacêutico lhe receitou uma dose excessiva de cápsula gelatinosa de óleo de quenopódio, ou ainda, o óleo de "Santa Maria", como era mais conhecido esse purgativo.

Tomou então a dose indicada e disso resultou uma violenta intoxicação, que o fez ficar vomitando durante uma semana, provocando sua morte. Muito nos chocou a morte desse nosso irmão.

O ano era 1929. Eu arranjei emprego justamente na Farmácia cujo dono tinha dado motivos para a perda de meu irmão Valentim. Ganhava uma miséria e trabalhava do meio dia até tantas da noite.

Numa manhã eu e meu mano Antonio fomos a Escola Municipal cuja professora era conhecida por Dona Aninha. Uma velinha muito simpática e paciente.

Todos os dias, na volta da escola, eu e meu irmão Antonio íamos ao emprego. Ele trabalhava num armazém de propriedade de um senhor chamado Alberto Stievani. O meu trabalho na farmácia consistia em ir de casa em casa arrecadando vidros de todo tipo a tamanho para serem usados novamente. Lá ia eu com um saco as costas, perguntando: Tem vidros vazios?

Os mesmos eram depositados num tanque para serem lavados e usados novamente. Era um serviço mambembe. Meu pai arranjou emprego fora de Cubatão. Trabalho braçal duríssimo. Estava sendo construída a adutora Rio Claro, que abasteceria água a cidade de São Paulo.

Ficava ele um mês inteiro fora de casa. Suas ferramentas eram pás e picaretas. Ele vinha apenas quando recebia pagamento.

Eu e meu irmão continuávamos na rotina, estando nos saindo muito bem nos respectivos empregos.

Numa das vezes que meu pai veio, conversou comigo e fomos até a escola, ocasião em que ele disse a professora que eu não frequentaria mais, pois a partir de agora iria trabalhar com ele no local de sua missão.

Lá chegando, meu novo emprego consistia em retirar de dentro de um longo túnel que estava sendo construído, com uma carrocinha puxada a burro, a terra deslocada pelas picaretas.

Homens enchiam a caçamba. Eu pegava no queixo do burro e despejava a carroça no aterro distante dali.

Esse era meu emprego. Durou aproximadamente seis meses até que meu pai achou por bem voltar novamente para Cubatão. Era o final de 1930.

Ao chegarmos, meu pai arranjou trabalho na descarga de aparas de papel dos vagões da Estrada de Ferro (S.P.R.) para o comboio da estradinha de bitola estreita da Companhia City, que levava as aparas à Cia Fabril de Cubatão, distante 15 quilômetros. Era uma fábrica de papel.

Os fardos de aparas de papel pesavam em média 200 quilos precisando a interferência de três homens para movimentá-los. Trabalho rude, mas era preciso ganhar dinheiro.

Eu consegui emprego para serviços gerais num armazém de propriedade de um senhor chamado Romão Ribalta. Ganhava uma miséria.

O ano ainda é 1930 e estava acontecendo a revolução que marcaria o mesmo, dando motivo para a destituição do Presidente Washington Luiz.

Para a época era coisa de se preocupar, pois os meios de comunicação eram escassos e a boataria circulava livremente, assustando.

Cubatão era subdistrito de Santos, mas já se falava em emancipação, como de fato aconteceu. O progresso estava avançando, iniciando o asfaltamento da via principal que cortava o município de ponta a ponta.

Era a avenida Bandeirantes, nome que se mantém até hoje. E foi na firma que procedia o seu asfaltamento e que me empreguei depois de deixar o armazém.

Meu trabalho consistia em levar água aos trabalhadores. Era transportada em vasilhames de madeira e tinha o nome de corote. Ia eu, de homem em homem levar-lhes água. Serviço estafante, vasilhame pesado quando cheio d'água e um calor intenso. Até eu tinha dó de mim.

Permaneci neste emprego quase dois anos, tempo que levou o asfaltamento desde Cubatão até a cidade de Santos.

Estávamos no final de 1932. Já havia acontecido a destituição do Presidente. O certo é que a violenta crise assolava o Brasil.

Apesar dos pesares, trabalhava eu, meu pai, meu irmão Antonio e minha mãe, está dando um duro danado no tanque e no ferro de engomar de manhã até de noite. O dinheiro arrecadado por todos equilibrava o orçamento caseiro.

Reconhecíamos entretanto, que a vida aqui levada não tinha comparação com a anterior, na fazenda.

Morávamos numa casa modesta, alugada. E o convívio com outras pessoas nos dava ânimo para lutar. Havia o contato permanente também com gente mais culta. Havia até uma modesta escolinha. Meus dois irmãos menores estavam matriculados nela e sabiam somar dois e mais dois, e conheciam o alfabeto.

Eu, apesar de não ter frequentado nenhuma escola regularmente, graças a minha boa vontade e também a do meu irmão Antonio que estava bem adiantado e me ensinava o pouco que sabia, modéstia à parte, já sabia me virar.

Sabia ler normalmente e fazer as operações matemáticas, as mais fáceis.

Todos dávamos um duro danado. Não havia moleza não. Meus irmãos menores tinham como tarefa ir até os muitos bananais da região recolher cachos de banana que eram descartados. Estes não serviam para a exportação.

Com essa banana alimentávamos porcos e galinhas, necessários a nossa alimentação, além de nos fornecer ovo e carne.

Já com 17 anos procurava me identificar com outros jovens da minha idade. Tinha meus amiguinhos e tudo era relativamente um mar de rosas até que certo dia aconteceu a pior desgraça para os Moreno.

Meu pai, ao tentar elevar um pesado fardo de papel para a mudança de um vagão para outro, perdeu o equilíbrio sofrendo ruptura de hérnia com hemorragia interna.

Levado às pressas para a Santa Casa de Misericórdia de Santos, ficou internado vários dias até que pudesse ter alta. Uma semana depois voltou para casa devendo ficar em repouso por alguns dias até a total cicatrização.

Espanhol sumamente teimoso achava que não podia deixar de ganhar o salário ou mesmo perder o emprego. E lá foi ele trabalhar.

O destino estava traçado. Desta vez não houve apelação. Removido às pressas para o hospital não resistiu, falecendo no dia 26 de Junho de 1932. Os pontos recebidos não estavam bem cicatrizados estourando e provocando imensa hemorragia.

Não foi fácil suportar a perda da coluna mestra de nossa família, pois ele era um magnífico chefe e melhor que tudo: era um pai que adorava os filhos.

Éramos cinco irmãos. Eu, o mais velho, tornei-me o chefe da família. Trabalhava, mas ganhava uma miséria. Minha mãe, como sempre, com a barriga encostada no tanque e quando não, manobrando o pesado ferro alimentado a carvão. Também ajudava no orçamento da casa.

Sem o nosso pai a vida transcorria monotonamente.

Doravante fui felizado em me entrosar com outros jovens que jogavam bola. Deles guardo as melhores recordações. Eu também corria atrás da bola, mas era um perfeito perna de pau. Até hoje, já com mais de setenta anos sinto saudades daqueles que como eu, eram jovens cheios de vitalidade. Oscar, Walter, Zézinho, Benedito, Domingos, Zéca, Juca, Marocas, todos bons jogadores do Esporte Clube Cubatão.

Saudosos tempos. Saudades de minha juventude.

Sem a mesada de meu pai, a coisa se complicou. Pagávamos aluguel de modesta casa e os ganhos eram poucos. Mal davam para quitar a conta do armazém no fim do mês. Era a velha caderneta.

A nossas roupas eram de pior qualidade. Já beirava 18 anos, quando minha mãe me comprou um terno usado de casimira. Quem o vendeu foi um jogador do Esporte Clube Cubatão que posteriormente morreria afetado pela tuberculose.

Minha mãe viúva passou a sofrer o assédio de um senhor português que se chamava Jeremias, um açougueiro que fazia a distribuição de carne de porta em porta numa caminhonete.

O fato é que minha mãe aceitou a proposta desse senhor, convivendo amasiada com ele durante oito longos anos. Não me cabe julgar a atitude por ela tomada, mas era preciso considerar os encargos que pesavam sobre seus ombros. Éramos uma família composta por seis pessoas.

O respeito entre todos imperava.

O certo é que com a cooperação de todos, inclusive deste senhor compramos um terreno num loteamento que promoviam no local.

Tempos depois construímos uma casinha modesta, toda em madeira, a qual embora apertada nos dava abrigo e não pagávamos aluguel.

Entre as minhas amizades azia parte o jogador de futebol marócas que era encarregado do armazém de abastecimento da Usina Light. Por seu intermédio fui levado a trabalhar com ele.

Assumi minhas funções no dia 12 de junho de 1933. Estava com quase 18 anos. Meu trabalho era diversificado. Limpeza de tudo e em todos os cantos. Pesara a mercadoria e arrumá-la nas prateleiras. Isso tudo de manhã até a noite. Ganhava um saco de dinheiro. Meu salário era de 75 centavos por hora de labuta (atualmente, setenta e cinco centavos).

Nesse trabalho permaneci até o dia 21 de Janeiro de 1934, quando então me transferi para a oficina da mesma Usina. E, no dia seguinte, já passava a ganhar um pouco mais por hora: 80 centavos

No início do meu primeiro trabalho no armazém e boa parte no segundo encargo nesta firma, morava em Cubatão distante 8 quilômetros do local de trabalho.

Não será preciso dizer que minha locomoção diária de ida e volta era feita a pé, com bom ou mau tempo. Era de doar tanto sacrifício.

O certo é que a Light estava montando a terceira e quarta unidade de eletricidade, e optou transportar material e pessoal através de um trem com bitola estreita, que fazia a ligação entre o local de trabalho e Cubatão.

A minha situação então melhorou bastante, pois passei a viajar no mesmo.

Era chefe dessa oficina um senhor alemão de nome Henrique Chuveigmann, tipo prussiano e muito autoritário, que a todos atemorizava pela sua rispidez e grosseria.

Tive sorte com ele. Pois de faxineiro, passei a controlar a barraca de ferramentas, cujas peças eram usadas pelos mecânicos, e meu trabalho consistia na entrega e recebimento das mesmas.

Aprendi a conviver pacificamente com ele e pouco tempo depois, por sugestão do mesmo passei para ajudante de mecânico onde, segundo ele teria mais futuro.

Dei pulos de contentamento pois tinha um aguçado espírito de observação e achava que com o tempo eu seria um mecânico.

Não me descuidava também de aprimorar meus conhecimentos de português e as demais matérias escolares. No almoxarifado da Usina havia alguém que sempre me ensinava o que eu não sabia. Era ele o chefe do almoxarifado e se chamava Sr. Adolfo.

Por essa época já éramos transportados pelo trenzinho de bitola estreita que ligava Cubatão ao local de trabalho, distante 8 quilômetros.

Em minha casa, tudo seguia seu rumo certo. A turma trabalhava. Os menores eram incumbidos de alimentar a bicharada, para que não faltasse carne e ovos para a alimentação.

O ano é ainda o de 1934, e no dia 1º de Outubro fui aumentado em meu salário. O aumento passou de 80 para 90 centavos por hora.

Naquela época havia em Cubatão um modesto cinema que funcionava em fins de semana. Eu era auxiliar de operador e trabalhava graciosamente. Um dia esperava ser operador.

E o tal dia esperado por mim aconteceu. Assumi o cargo oficialmente e ganhava, por sessão, cinco cruzeiros.

Estava feliz da vida. Ajudante de mecânico na Light e operador de cinema. Ganhava-se pouco, mas era divertido.

O cinema era modesto e tinha aparelhagem de acordo com a época. O cinema era mudo e para não ser totalmente mudo, um conjunto musical constituído de pianista, violinista e outros, dava vida às cenas na tela mágica.

Assim, como operador de cinema, alcancei as três fases do antigo e da nova arte, pois inicialmente era mudo; a seguir surgiu o sonoro pelo sistema Vitafne, e a terceira fase que permanece até hoje, o sistema Movietone.

Aos domingos, havia patinação a partir do meio dia, quando as cadeiras de plástico eram removidas e o salão se tornava um verdadeiro ringue para patinação. Esse lazer era novidade e a gente ria para valer assistindo aos tombos da turma.

Havia também uma bandinha de música que animava as quermesses e as procissões quando das festas do padroeiro. Chamavam essa bandinha de “furiosa”.

Eu achava que tinha jeito para essa coisa. Comprei um livro que ensinava música e, auxiliado pelo mestre da banda, acabei por me tornar saxofonista da dita bandinha. Comprei à duras penas o instrumento em prestações. Mais tarde e já desafogado, pois ganhava o dinheirinho do cinema, recebia aulas de música ministradas por um professor que instruída toda a banda, vindo uma vez por semana para as aulas. Aprendi música que bons momentos de alegria me proporcionaram na vida.

Nas quermesses havia o clássico ofertório por parte de vários cidadãos portugueses, e era coisa comum ouvirmos quando o leiloeiro anunciava o leilão de um leitão assado dizendo: “Tenho aqui um magnifico assado oferecido pela família tal, e o primeiro lance é de três cruzeiros”.

E lá vinha um admirador da banda e dizia: Quatro cruzeiros é para a banda. Finalmente, qualquer lance contrário não importava. O leitão ia mesmo para a nossa bandinha. Assim todos saboreavam um pedaço do leitão que tinha um ovo cozido no focinho e outro no rabo.

Tempos saudosos aqueles. A amizade de jovens e adultos eram modestas, mas sinceras.

Estava com meus 19 anos. Um marmanjão macérrimo que já sabia escrever e ler com desenvoltura.

Era diretor do Esporte Clube Cubatão. Não jogava bola, pois era um verdadeiro perna de pau.

O ano ainda é o de 1934 e tudo transcorria normalmente. Trabalhava dez horas por dia na Usina e o salário continuava 0,90 centavos.

A família havia diminuído, pois em pouco tempo perdemos quatro elementos, inclusive o chefe da família. Sobraram apenas, minha mãe, Salvador, Antonio, Magdalena e José. Não se passava fome, pois havia abundância de verduras, ovos e carne, tudo produzido em nosso quintal. O trabalho dessa produção era fruto da cooperação de todos.

O ano é de 1935. Hoje, dia 7, fui aumentado para 1 cruzeiro por hora.

Minhas relações de amizade aumentavam e era gostoso quando um bando de rapazes se reuniam. Era um papo simplório pois as novidades naqueles tempos eram as menores possíveis.

Já frequentava a residência de várias famílias e era convidado para festinhas que se realizavam em suas casas. Afinal, estávamos vivendo condignamente e minha família gozava do respeito de seus vizinhos.

Com o tempo esquecemos os piores momentos sofridos nas fazendas de onde viemos. Só restavam lembranças de tudo e de todos que nelas ficaram.

Mantivemos contato com a família Moreto que residia em São Miguel Paulista. Quase todos trabalhavam em grande indústria que lá ainda existe com o nome de Nitroquímica São Miguel.

O ano ainda é 1935, com 20 anos de idade, muito inibido, nem pensava em namoro, ou melhor, nem sabia o que era isso. Conversava ingenuamente com as moças conhecidas, mas era só.

Nas quermesses onde a nossa bandinha se exibia e na qual eu tomava parte, tinha oportunidade de iniciar um namoro. Hoje, com meus botões, me recrimino: - vai ser bobo assim no inferno. Mas, o que fazer, se era bobo mesmo. Um dia qualquer, chegaria minha vez.

PEQUENAS COISAS DO DIA A DIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Reportamos ao ano de 1930 quando chegamos a Cubatão, vindo da fazenda para detalhar fatos acontecidos comigo.

Fatos aparentemente sem explicação,

Estava eu, com 15 anos na época. Não havia médico em Cubatão. A cidade mais próxima era Santos. No mais, tudo era na base do atendimento por parte do velho farmacêutico. Era o Sr. Garcia, proprietário da Farmácia.

Nessa ocasião eu era molecão de 15 anos, magro de dar dó. Tão analfabeto quanto nasci.

Certo dia amanheci com a cara inchada e com dor de dentes que me fazia urrar. Um enorme pano enrolado na cabeça mal dava para ver a cabeça, tão inchada. Chorava porque não era mole a dor que sentia. Não era choro não. Era urro mesmo. Podiam ser ouvidos a grande distância. Tive sorte com minha choradeira. Pois, de passagem parou um senhor que escutava meus lamentos. Nunca tinha visto na vida. Ele perguntou por que chorava tanto.

Com grande dificuldade lhe disse que estava com dor de dentes. Ele se prontificou a acabar com meu sofrimento. Pediu que abrisse a boca e colocasse o seu dedo indicador sobre o dente dolorido.

Feito isso, colocou sua mão direita sobre minha cabeça e percebi que rezava baixinho. Alguns minutos depois tirou seu dedo de minha boca e perguntou:

- Ainda dói meu filho?

Confesso que tive ímpetos de beijá-lo. A miserável dor havia sumido e, a partir daí parei de chorar.

Não encontrei explicações para esse fato.

Algum tempo depois o filho número um dos Moreno começou a ficar amarelo a tal ponto de se destacar na pele, nos olhos e por todo corpo.

Até minha roupa amarelava. Já era magro, e por esse fato torne-me mais palito ainda.

Mesmo assim, alquebrado como me achava, minha mãe mandou que levasse um par de sapatos para consertar no único sapateiro da cidade.

Ele era um senhor português de nome Nicolau. Usava um imponente bigodão. O sapato em questão era o mesmo que meu finado pai havia comprado para minha mãe perto da estação em Jaboticabal.

Como não havia jornal nem papel para embrulhar o par de sapatos, lá fui eu com eles na mão.

A casa do sapateiro distava quase dois quilômetros. Em lá chegando olhou o senhor Nicolau para mim e disse: Olháí, menino, tu estás mal. Pegou os sapatos para o conserto e perguntou se queria ficar bom do meu amarelão.

Respondi que sim, queria ficar bom.

Mandou que o acompanhasse até o fundo de sua casa e que me sentasse, trazendo para isso uma cadeira. Voltou a seguir, com um barbante e um punhado de dentes de alho. Passou o barbante por dentro desses alhos e pediu que levantasse a camisa. Nem camisa era, e sim camiseta.

A seguir, o português com bigodão amarrou o tal barbante com os dentes de algo na minha cintura e disse:

- Não o tires. Deixe até que caia o último dente de alho do cordel. Quando isso acontecer estarás curado!

Não deu outra. Alguns já tinham caído e eu já tinha sentido melhoras. Afinal caiu o último e estava eu curado. Passados 57 anos ainda vem à lembrança desses fatos que marcaram indelevelmente as fases de minha vida.

No relato acima, era a famosa icterícia que estava dando cabo de mim. E graças ao abençoado senhor Nicolau fiquei curado, mesmo sem assistência médica.

Pergunto eu? - Que força interior tinha esse homem para conseguir o milagre de curar com um simples barbante e um punhado de dentes de alho? Fico sem resposta.

Quando, finalmente o par de sapatos ficou pronto, minha mãe foi buscá-los, pois queria agradecer pessoalmente o que o Sr. Nicolau fizera pelo seu filho. E ele, com voz rouquenha, disse a ela:

- Deixe pra lá mulher, quem curou teu filho foi o barbante com os alhos. Nada tens para me agradecer!

Como estas, muitas outras estorinhas acontecem com um mundo de gente do dia a dia de cada um.

Nesse interim Cubatão progredia com vigor. Já era município e seu primeiro prefeito eleito foi o senhor Armando Cunha. Possuía várias ruas e calçadas, luz nas vias principais, água encanada e uma boa empresa de ônibus entre Cubatão e Santos, cujo proprietário era um senhor de nome Joviano Rocha Guimarães. E era minha mãe quem levava e engomava os famosos ternos de linho inglês deste senhor.

Meu irmão Zeca ajudava no trato dos animais domésticos e ainda o padraço na entrega de carne aos fregueses.

Meu irmão Antonio continuava firme no armazém do Sr. Alberto Stievani.

E eu completava a ronda, não perdendo nenhum dia de trabalho. Como disse linhas atrás, também não perdia tempo, procurando aprender a ler e escrever o melhor possível.

Vinte de Outubro de 1935.

São oito horas da manhã e já estamos trabalhando desde uma hora atrás. O apontador tinha acabado de passar anotando a presença de todos que compareceram, pois não havia relógio de ponto.

Numa roda de mecânicos e ajudantes, entre eles eu, recebíamos orientação dos trabalhos executados diariamente pelo chefe da oficina, Sr. August Klem, um polonês que acabara de substituir o anterior, dispensado por motivo de saúde.

Chamara a atenção do ajudante de mecânico, de nome José Oliveira, conhecido por “taciturno”, pois não falava com ninguém, por estar esmerilhando sem óculos de proteção. José se aproximou da rodinha, munido de pesado pedaço de cano de mais ou menos dois metros e bastante grosso, dando violenta pancada na cabeça do chefe da oficina, matando-o na hora. Seu cérebro se esparramou pelo chão da oficina. Quase foi linchado e, como isso não aconteceu, esperou calmamente a chegada da polícia. Segundo se soube, ele foi condenado a 30 anos de prisão.

Depois da cena dantesca, tudo voltou ao normal.

Estava chegando ao final de 1935. Devido a necessidade de acelerar as obras de montagem de novos geradores, havia o tal extraordinário, ou seja, horas extras. No 1º de Maio de 1935 fui de novo aumentado em dez por cento a hora, ganhando assim 1,10.

Usina da Light, Dezembro de 1936.

Este ano se foi com tanta rapidez que não deu para perceber. Aconteceu o tradicional Natal, sem presentes e sem festas. Ainda por muitos anos a coisa seria igual aos anos anteriores. Jamais vi o tal “Papai Noel”.

Continuava eu, como operador de cinema e as sessões se iniciavam às 20h e 30m dos sábados e domingos.

Meu círculo de amizades aumentou e constantemente participava dos chamados picnics e normalmente, nós da bandinha estávamos sempre na berlinda

Como era gostoso e diferente o comportamento entre as pessoas naquele tempo. Imperava o respeito mútuo entre as pessoas.

Cubatão, 1937, bem no começo.

No dia 1° de Março desse ano meu salário foi majorado para 1,30/ hora de serviço e trabalhava de 10 a 12 horas por dia.

Logo a seguir, no 1° de maio, fui novamente aumentado para 1,40 e no dia 1° de Dezembro, mais uma vez aumentado para 01,50. Estava me realizando com tanto dinheiro.

Já era considerado mecânico- ajustador de bancada e realizava trabalhos nobres na montagem dos geradores, bem como também um ótimo soldador em oxigênio e solda elétrica.

Os anos passavam com rapidez.

A trajetória de minha infância tinha ficado no esquecimento. Era o caso de se perguntar se tive infância. Honestamente não me lembro, pois ela foi sempre amargurada por mim. No momento era o chefe de família, e agora com 23 anos adentrava na minha juventude, num desenrolar modesto, mas orgulhoso, pois dentro de minhas limitadas possibilidades, notava que tudo fazia para vencer as barreiras que se antepunham à minha frente. Esforçava-me e lutava com gosto para aparecer.

O ano de 1938 estava chegando e tudo continuava se desenrolando sem maiores novidades. Trabalhar, e trabalhar, somente trabalhar.

No dia 1° de Setembro tive um aumento para 1.550,50.

Tornei-me um rapagão cheio de vida e de saúde, completando sete anos na Usina.

Talvez por ignorância, tornei-me insubmisso, por não me apresentar na época regular ao Exército. Segundo diziam, estavam em débito com a Pátria.

Quase 24 anos de idade.

Os anos se sucediam e a rotina era sempre a mesma. Trabalhar na Usina e no final de semana operar o projetor do cinema de Cubatão.

Na Usina era benquisto pelos companheiros de trabalho. Na verdade, além de companheiros, éramos bons amigos

O Geter, um ferreiro como poucos na sua profissão; o Zeca dos Santos, um torneiro de mão cheia; o Manoel Cruz, um mecânico como eu, era excelente profissional.

E o que dizer dos Irmãos Franco?

Juan Franco era o chefe da oficina. Assumiu o cargo após o assassinio de August Klein; o Amadeu Franco era mecânico especialista em hidráulica, e o seu segundo irmão, o Hernandez, era um grande desenhista. Todos eles vieram da Espanha diretamente para a Usina, sendo contratado para a montagem dos Geradores 3 e 4.

Tornamo-nos amigos e vez por outra eles iam até minha casa. Falávamos o espanhol e os Franco se davam bem com a minha família. Fora do âmbito do trabalho na Usina em Cubatão, tinha aumentado o número e amigos e colegas, em especial os que eram de minha idade.

O grupo era grande e constantemente nos reuníamos palestrando ou envolvidos com futebol, pois naquele tempo até o rádio era difícil e, de televisão, nem se falava.

E nesse monótono diapasão chegou o ano de 1938, quando completaria meus 25 anos no dia 23 de Março. Festa de aniversário? Nunca consegui saber o que significava essa festa, pois jamais foi comemorada em nossa família. A delicada situação financeira nunca permitiu aos Moreno tal comemoração. Naqueles tempos somente os ricos festejavam.

O portal desse ano já tinha sido por mim adentrado e tudo corria sem maiores alterações até que, um novo fato surgiu no transcurso de minha vida, e de tal gabarito que iria influenciar por muito tempo meu relacionamento com a família. Surgiu uma mulher no meu caminho, casada, que se enrabicho comigo e vice-versa.

De fato, era uma aventura deliciosa, pois com meus 25 anos e cheio de vida, não havia coisa melhor. Até que o marido dela tomou conhecimento do fato e andava me caçando para acabar com a nossa alegria. E quase que acabou se eu não me mandasse.

Páginas atrás me referi ter passado de insubmisso por não me ter alistado quando deveria. Agora, ante o ocorrido, enfrentaria qualquer coisa para me livrar da situação delicada que participava. A solução foi encontrada, baixando no Exército mesmo insubmisso. E foi exatamente isso o que aconteceu.

Tive sorte apresentando-me no 4º Regimento de Infantaria, localizado em Quintaúna, atualmente denominado “Duque de Caxias”. Minha apresentação ocorreu no final de Outubro de 1940. Por essa razão, solicitei minha dispensa da Usina da Light, que naquela época concedia, no máximo de dois anos de afastamento do trabalho para essa finalidade.

Caipirão, muito pouco viajado e por que não dizer complexado, bati às portas da Unidade Militar, as quais foram abertas para mim, depois de explicar porque tinha me apresentado. Fui encaminhado para um enorme alojamento e me disseram que ali deveria permanecer porque tinha me apresentado. Fui encaminhado para um enorme alojamento e me disseram que ali deveria permanecer até que o caso fosse solucionado. Poderia usar uma das muitas camas que estavam sobrando, além de autorização para frequentar o refeitório

do Regimento. Apenas com uma malinha portando peças de roupas e demais objetos de uso pessoal, fiquei aguardando o resultado da nova aventura.

Mais onze insubmissos como eu lá se encontravam, e todos ficamos presos no quartel. Meus companheiros de infortúnio vinham de todos os cantos do Estado. Do “cafundó do Judas”, como era costume dizer.

Cada um tinha sua estória. Até que era engraçado ouvir as lamúrias de cada um. Trinta dias passariam rápido e finalmente, no dia 14 de Outubro de 1940, o Boletim Interno do Regimento publicava, para que todos tomassem conhecimento, o seguinte...

MINISTÉRIO DA GUERRA
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
II Exército
2º. Divisão de Exército
11º Brigada Infantaria Blindada
4º Batalhão de Infantaria Blindado – Regimento Raposo Tavares

BOLETIM INTERNO

Quartel em Quintaúna, São Paulo
em 14 de Outubro de 1940

Para conhecimento do Regimento a devida execução, publico:

Primeira parte: Assunto diários... etc.

Segunda parte: Assuntos de Instrução.

Terceira parte: Assuntos gerais e Administrativos.

Quarta parte: Incorporação de Sorteados Insubmissos: - Por terem sido julgados aptos para serviço do Exército, seja incorporado ao estado efetivo do Regimento e Subunidade abaixo, o sorteado insubmisso:-

Nº 2428, SALVADOR MORENO, filho de Juliano Moreno e de D. Maria Studia, nascido a 25 de março de 1915, natural de Timburi, subdistrito de Piraju, neste Estado, residente e domiciliado em Cubatão, a rua 2 nº 47- Vila Paulista, Estado de São Paulo, solteiro, sabendo ler, escrever e contar, mecânico e ajustador, cor branca, cabelos castanhos claros lisos, olhos esverdeados, com 1,75 de altura, nariz fino, rosto comprido, boca regular, não sabendo nadar, já vacinado e sem sinais particulares.

...

Quinta parte: Justiça e Disciplina.

PEDRO DE PINHO, Cel. Comandante do 4º R.I.
Quartel em Quintaúna, Osasco – SP.



A partir dessa data, era eu um soldado recruta do Exército Brasileiro.

Um recrutão mocorongo como só eu sabia ser.

Essa condição perdurou por pouco tempo, pois o meu esforço em progredir levou-me até mais alto.

Preso por trinta dias e tendo o quartel por menagem, tinha o dia todo para percorrê-lo.

Tinha um colchão para apoiar meu esqueleto, além da farta alimentação.

Não podia me queixar. A ordem era aguardar dias melhores.

E eles vieram...

Foto. Recruta Salvador Moreno
(1940)



Capítulo II

Segunda fase
Quintaúna
4º Regimento de Infantaria

Como soldado recruta do Exército Brasileiro, fui incorporado na Quinta Companhia de Fuzileiros, comandada pelo então Capitão Oberdan de Nicole.

Devo permanecer trinta dias dentro do quartel sem poder sair. Visitas não queria receber, pois somente minha família sabia onde me encontrar.

Na intendência ganhei fardamento e botinas.

A farda era de tamanho único, e como era magro de doer, sobrava pano de todo lado. Sua cor era verde oliva. Meu trabalho era nobre. Juntamente com outros insubmissos a tarefa consistia em fazer faxina o dia inteiro.

Instrução que era bom, nenhuma. Pois o período planejado seria iniciado quando chegassem os novos convocados. Isso aconteceria somente no início de 1941.

No quartel havia uma modesta biblioteca com acervo de livros que tratavam de assuntos militares em sua grande maioria. Naquele tempo o nosso exército era o Exército Francês.

Eu lia tudo o que me caia nas mãos, fosse lá o que fosse.

Um dos volumes dizia respeito sobre a instrução de cabos e sargentos. Seu título: “O nosso Exército”. Seu autor era um capitão com nome Ruy Santiago.

Achava espetacular um cabo ou um sargento comandar um pelotão com muitos soldados. Tinha imensa inveja e pensava com meus botões se algum dia faria o mesmo.

Lia e procurava decorar os mínimos detalhes sobre a matéria.

Era remunerado, ganhando alguns trocados. Meu ordenado na ocasião era de 011,00, descontando-se 02,00 para lavagem de roupa e cama e mais 01,00 para o velho rádio que ficava ligado o dia todo. Sobrava 08,00. Era um monte de dinheiro.

Com o conhecimento de música que tinha e ainda tendo levado meu saxofone para lá, fui submetido a um teste pelo regente da banda do Regimento, Tenente Corradine. Fui julgado apto passando a integrar a banda como aprendiz.

Era gostoso tomar parte de uma banda militar de tal gabarito. Nos desfiles lá estava eu com outros músicos tocando meu instrumento. Não havia moleza, pois os ensaios eram constantes e quando isso não acontecia passava o tempo inteiro fuçando os quatro cantos do quartel.

Veza ou outra escrevia para minha família. Era o mês de Janeiro e os novos convocados chegavam. Um verdadeiro bando de coiós como eu quando me apresentei. Jovens simplórios, quase todos eles vindo do interior.

Eu já estava fardado e tinha material para a educação física, que tomava todo meu tempo de sobra.

Quintaúna, começo do ano de 1941.

Como não ia continuar na banda, reverti para o corpo da tropa e entrei na dança de instrução.

Os cabos e os sargentos tiravam o maior sarro dos recrutas mas, em compensação na educação física, quando havia disputa de bola-militar e uma companhia jogava contra a outra comportando mais ou menos com homens de cada lado, nós também aproveitávamos para massacrar cabos e sargentos. É claro que nós também levávamos porrada para valer. E era divertido.

Nos fundos do quartel rolava manso e famoso rio Tietê, fedido e como sempre e grande produtor de pernilongos.

Às nove horas em ponto havia a chamada geral e às 10 h o clarim do corneteiro tocava melodioso toque de silêncio. Anunciava a hora de ir para a cama para dar sangue ao enxame de pernilongos, pulgas e outros bichos que havia em quantidade.

A área entre o quartel e o rio era enorme e servia de estacionamento de burros e cavalos do regimento.

A instrução já fora iniciada com os recrutas mais entrosados na vida do quartel. As amizades surgiram e o tempo se escoava sem grandes preocupações.

Comentava-se que a guerra na Europa prosseguia furiosa. E isso já contava dois anos.

O mês de agosto se aproximava quando se daria o juramento à bandeira. Assim seríamos considerados soldados de verdade.

A propalada guerra não me assustava por dois motivos. Não era guerra em nosso país e daria baixa nesse mesmo ano, voltando para a Usina onde tinha direito a dois anos de licença.

O dia programado para a cerimônia do juramento era 25 de agosto em homenagem ao Dia do Soldado, cujo patrono era o Marechal Duque de Caxias.

Chegou finalmente o dia tão esperado por todos os recrutas.

A alvorada nesse dia aconteceu às 6h 30m

Alguns recrutas não escutavam o toque de alvorada, ocasião em que o cabo do dia foi ao alojamento para acordá-los. E isso com muita cortesia, puxando cobertores e dizendo palavrões amigos.

Seis e meia a Companhia em forma para o rancho e lá o cabo de dia comandando a tropa em direção ao rengo.

Engrossando a voz, comandava: um, dois... um, dois... Acerta o passo moco-rongo... Até que era divertido.

Chegando ao rancho, os soldados adentravam em coluna por um, indo em direção as mesas onde já se achava o pão com manteiga, canecas e bules de café com leite. A divisão era calculada de tal maneira que não poderia haver repetição.

Saindo do rancho, novamente em forma íamos para o alojamento onde faríamos preparativos para a solenidade.

Armamento limpo, fardamento limpo, calçado limpo, afinal tudo de acordo com o exigido, lá fomos nós para o campo de esportes comandados por um sargentão que não dava brecha para gozações.

Alinhados de frente para o palanque onde já se encontravam muitos oficiais, ouvimos as 8h o corneteiro anunciar a presença do Comandante do Regimento.

Às oito e trinta, ao som de uma marcha batida dava entrada no Estádio o Comandante, dando início as solenidades do juramento à Bandeira Nacional. Todos em posição de sentido ouvíamos a ordem do dia lida por um oficial e, logo a seguir a repetição por parte da recrutada presente.

Mais alguns minutos e ouvíamos a palavra do senhor Comandante do Regimento enaltecendo o evento.

Agora sim. Estávamos comprometidos para com a Pátria. Éramos soldados de verdade.

Mais uns dobrados pela banda e fora de forma para todos. A alegria da turma era total. Pouco depois viria a hora do rancho e desta vez, era melhorado. Além da gororoba normal, recebemos um guaraná e um romeu e julieta, o famoso queijo com goiabada. A tarde era livre.

Confesso que para mim a solenidade foi empolgante de forma tinha visto. Vivi toda a minha vida apegado a minha família, sempre trabalhando, e agora me julgava um pássaro em liberdade.

Tendo passado e pronto, meu salário agora seria de 021,00. Era insignificante, mas tinha cama e comida farta, embora de meu aspecto dava para ser engolido.

O cabo do rancho chamava-se Noé, e muitos dias eu era escalado para ajudar no pavilhão dos praças, com centenas de mesa. Cada mesa comportava dez soldados acomodados em bancos.

A cozinha naquela época se constituía nos duas peças mais importantes, em três enormes caldeirões ou panelões, sei lá como é o certo. Estocavam e cozinhavam, arroz feijão e carne, pois cabia exatamente um saco de 60 quilos. O feijão era despejado do jeito em que se encontrava, já com o nível de água na medida exata. Apenas era retirada a sujeira que conseguia boiar com uma redinha própria para este fim. Terminada essa operação, uma pesada tampa era baixada e parafusada na base do caldeirão, que possuía um manômetro para regular sua temperatura. O fogo debaixo dela comia solto e quando o ponteiro do manômetro atingia o sinal vermelho, o fogo era

desligado. Para todos efeitos o feijão estava cozido, e assim era servido aos recrutas.

Os oficiais tinham um rancho só para eles, e a comida é claro, feita no capricho. Era chamado a “messe” dos oficiais.

O processo de preparo para o arroz e para a carne era idêntico ao feijão. Viriam para a mesa dos soldados de forma que estivessem.

Todos eles vinham em terrinas enormes de alumínio e eram despejados no prato de cada soldado uma etapa de cada alimento. Dava para encher e ainda sobrava o que era despejado no mesmo.

Havia ainda enorme farinheira e um pedaço de pão para cada um, Não era permitido repetição, mas sempre sobrava nos pratos.

Veza ou outra era servido boa quantidade de couve, abóbora ou mandioca.

A couve era colhida e despejada num grande tanque para ser sumariamente lavada e depois cada folha rasgada. Dali, com ou sem sujeira, ia para a panela. Higiene? Ninguém sabia o que era.

A imensa horta era localizada nas margens do Tietê, e sendo cuidada pelos soldados presos, que saiam do xadrez para esta finalidade. Uma espécie de mini colônia penal.

Essa era a rotina do dia a dia dos que permaneciam no quartel. Havia os que morava nas proximidades e outros na capital. A viagem era gratuita nos trens de Sorocabana. Quando não havia expediente, se mandavam.

Às quartas feiras havia inspeção de armamento por parte de um oficial de subunidade. Nessa ocasião todo armamento deveria estar brilhando.

Aos sábados não havia expediente. A debandada era geral até segunda feira.

Os que ficavam e entre eles eu, passavam o tempo lendo ou praticando esportes durante o dia. À noite, doavam sangue aos pernalongos que proliferavam em função das proximidades do rio Tietê. E não eram somente eles que nos infernizavam, mas também outros bichinhos indigestos.

A instrução prosseguia normalmente. Muitas marchas eram realizadas com todo material, ou melhor, todo equipamento às costas, com mochilas. Dentro do quartel, muita ordem-unida, muita educação física, mui instrução com armamento.

O ano era 1941, e o mês Setembro.

Era do nosso conhecimento que a guerra na Europa prosseguia furiosa. Pouca preocupação nos causava pelo fato dela se desenrolar distante do Brasil. A briga era muito além fronteiras.

Eu tinha ainda que cumprir um ano e meio no Exército. O meu emprego na Light estava assegurado por lei.

Minhas preocupações tinham diminuído. O meu caso de amor tinha caído no esquecimento e na minha casa tudo ia na santa paz. Ainda mandava algum dinheiro para minha mãe, pois não tinha onde gastá-lo.

Fazia o possível para esquecer a aventura por mim sofrida. Só depois de nove meses fora de casa é que dei as caras em Cubatão. Queria evitar complicações outra vez. Meu objetivo seria recuperar a imagem perdida. Cheguei a noitinha. A recepção por parte de minha família foi gostosa. Minha mãe, irmãos e mesmo meu padrasto foram pródigos em gentilezas comigo.

Voltei três dias depois. Comentava-se no quartel que haveria seleção para o curso de cabos no mês seguinte, para preencher vagas no regimento.

Procurei estudar com afinco pois me achava capaz de competir com o resto dos candidatos. Ampliava meus poucos recursos estudando tudo que se resumia ao curso propriamente dito. Fuçava a estante da biblioteca lendo tudo que aparecia.

Finalmente acontece o teste de capacidade tão esperado. Reunidos no salão de refeições do quartel mais de 300 soldados se submetiam ao teste. Entre eles eu.

Era o único dos insubmissos a participar do teste, pois os demais eram jovens na faixa entre 18 e 20 anos, e apenas um com mais de 26. Confesso que estava emocionado quando recebemos o material para a prova. Mesmo aprovado no teste de capacidade intelectual, seguiriam outros exames, como saúde, armamento entre outros.

As 8h 30m iniciou-se então a prova, com a presença do Capitão Oberdn de Nicole e do Tenente Pernambuco auxiliados pelos Sargentos.

Ao começar a prova tremia como vara verde, mas fui me acalmando aos poucos, mesmo assim entreguei meu trabalho entre os últimos.

A ordem agora era aguardar a publicação dos aprovados no Boletim Interno do Regimento.

As vagas eram poucas, para mais de 300 candidatos. Afinal o Boletim publicou o resultado dos testes.

Confesso que chorei de alegria ao escutar meu nome na relação de aprovados no primeiro teste.

Mas, nos próximos dias aconteceriam novos exames das demais disciplinas. E eles eram muitos.

Dias depois, finalmente o Boletim publicou o nome dos aprovados.

Chorei novamente de contente. Meu nome estava entre os que conseguiram média para serem promovidos ao posto de cabo, cujos vencimentos eram de 0256,00.

Esse soldo era maior que meu salário da Usina onde trabalhava dez horas por dia.

Tinha sido classificado em 18º lugar entre um mundo de concorrentes. Estava feliz da vida. Valeu minha dedicação ao estudo. Agora, com este novo ordenado poderia ajudar minha família tranquilo, pois sim sobrava para minhas despesas pessoais.

O ano de 1941 se findava. As notícias sobre a guerra na Europa se tornavam constante entre nós. No entanto, ainda não nos preocupava.

A sorte estava batendo em minha porta.

Estava eu incorporado na 5ª Companhia. Vizinha a nossa, estava a Companhia Extra, que congregava todos os soldados burocratas do Regimento. Seu Comandante era o Capitão Francisco Carlos Bueno e seu subtenente era Guaracy Joaquim dos Santos, o qual foi por mim ajudado financeiramente numa situação de emergência.

Tornamo-nos amigos e tal amizade foi benéfica para mim. Perguntou-me se eu gostaria de pertencer a sua Companhia para exercer o cargo de Cabo Armeiro. Mesmo sem ter feito curso de armas aceitei a proposta.

A reserva dessa Companhia era grande e, poucos dias depois lá estava eu “armeirando” sem conhecer patavina sobre o assunto.

Dormia na mesma e cozinava minha gororoba juntamente com o Cabo do rancho. Cabo Noel que trazia o melhor do rancho para nós dois.

Além do mais, tinha tempo para estudar. Logo a seguir viria o Curso de Candidatos a Sargentos.

As baixas do ano de 1941, já tinham acontecido e o quartel estava praticamente vazio, aguardando o início de 1942 quando chegariam os novos recrutas.

Ganhava experiência e tudo dava certo para mim.

A Companhia Extra comportava 146 soldados e Cabos, burocratas em todos os departamentos do regimento, inclusive todos os músicos da Banda. A todos era distribuído um fuzil, cuja conservação era de responsabilidade individual.

Todas as quartas feiras havia inspeção do armamento por parte do Comandante da Companhia. Era preciso que os fuzis estivessem perfeitamente limpos naquela ocasião.

Eu cobrava de todos 03,00 para manter os armamentos bem limpos, expediente que me rendia por mês uns 035,00 aproximadamente. Era um monte de dinheiro.

Em Cubatão onde residia minha família tudo estava em paz. Meus irmãos estavam trabalhando e minha irmã caçula, já com 14 anos, se dedicava ao lar.

Estava chegando o natal de 1941. Havia dispensa de uma semana, por parte do Comando. Me mandei para Cubatão. Em lá chegando, procurei ser discreto. O meu caso já estava no rol do esquecimento, mas mesmo assim fiquei precavido contra qualquer surpresa.

Havia levado uma boa reserva de dinheiro economizado, sendo a primeira vez em toda minha vida que iria comemorar um dia de Natal juntamente com todos de minha família.

Tal pretensão jamais nos foi possível devido o estado de miserabilidade que nos acompanhou.

Antigamente não dava para pensar nestas coisas. Hoje modestos presentinhos comprei para serem distribuídos, nessa noite de natal.

O meu padrasto Jeremias muito contribuía para este evento. Meu irmão Zeca continuava dedicado no tratamento da bicharada que abastecia nosso lar com carne e ovos. A horta estava uma beleza. Meu irmão Antonio se virando para melhorar de vida, tinha se mandado para o Rio Grande do Sul, aparecendo tempos depois casado com uma gaúcha. Veio a residir em Santo André, hoje parte da Grande São Paulo, trabalhando na Companhia Ultragaz, engarrafadora do mesmo.

Finda a semana de férias me mandei para Quintaúna. O quartel estava às moscas, pois o ano novo estava chegando e com ele viriam os novos convocados.

Entramos no ano de 1942.

Os recrutas já lotaram o quartel novamente. Começaria um novo ano de instrução. O Cabo Moreno, como era conhecido, assumiu suas funções de Cabo Armeiro do Regimento na Companhia Extra.

A guerra na Europa era sempre uma péssima notícia para todos. Ela prosseguia com grande violência. Mas nós não nos preocupávamos. A guerra estava tão longe.

Continuava limpando os fuzis dos burocratas no regimento por 03,00. Era um bom dinheiro extra, que já estava me deixando pedante.

Já pensava em me mudar para uma pensão em São Paulo, em companhia de ouros colegas que lá moravam. Achava muito fácil viajar diariamente, pois não pagávamos passagem na Estrada de Ferro Sorocabana, assim como as viagens nos bondes da capital também eram graciosas e miliares.

No parágrafo anterior disse que estava ficando um tanto pedante. E estava mesmo. Passei a morar numa pensão perto da Estação de Sorocabana onde já estavam Evilásio, Henrique e Borato.

Até que era gostoso, pois após o jantar saíamos os quatro passear pela cidade. Tudo era novidade. Sobrava bondes para os quatro cantos da capital.

A pensão onde morava era modesta, do tipo só para dormir.

O Regimento estava num sistema duro de instrução. Era voz corrente que aconteceria uma seleção de cabos para um futuro Curso de Sargentos com a finalidade de preencher os clerics do Regimento.

Até o final do ano, ou seja, até novembro, o meu emprego estava garantido por lei, na Usina Light. Razão porque não tinha grandes preocupações caso fosse selecionado para o tal Curso.

Tentaria sim, e comecei a me preparar estudando mais uma vez com afinco. Como da outra vez aguardaria o resultado confiante.

A instrução da recrutada prosseguia em ritmo normal. Era sempre a mesma xaropada. Instruções de todo tipo e uma espécie de adestramento.

E finalmente tornou-se realidade aquilo que era uma hipótese. Começaria o exame de seleção para o curso de Sargento. Todos os cabos

que estavam engajados na ocasião também tomariam parte. Eu no meio deles.

O Boletim Interno anunciou a data em que seria feita a seleção. Foi um corre-corre danado, pois os cabos recentemente aprovados também estavam inscritos. Como Cabo armeiro, tinha tempo para me preparar. Dediquei-me de corpo e alma ao estudo que dizia respeito ao programa do concurso.

Chegou o dia tão esperado. A instrução foi interrompida para o exame. Éramos 194 cabos do Regimento tentando ser Sargentos. O salário era compensador. Quase 0400,00 por mês, e ainda cama e mesa.

A prova causava um suspense terrível. Eram muitas as matérias, sendo dava por terminada após 5 horas de testes. A expectativa era enorme e todos torciam pela aprovação. A troca de ideias e respeito de prova entre os candidatos era enorme. Agora restava esperar a publicação dos aprovados no Boletim Interno.

Estávamos no dia 18 de Setembro de 1942. Um dia úmido acompanhado de uma chuvinha impertinente caindo mansamente sobre toda área do quartel. Até esta data o Boletim nada publicou. O suspense ia aumentando. Lembrome bem que a instrução sobre armamento foi dada ao alojamento, em virtude da chuvinha danada.

Cobertores velhos estendidos no chão do alojamento e as armas eram desmontadas sobre eles. Assim foi a instrução de armamento nesse dia.

A expectativa aumentava. Particularmente estava tenso, com o coração querendo sair pela boca, tal ansiedade em saber o resultado.

E fiquei sabendo.

Daí meu coração quase detonou quando vi meu nome entre os aprovados. Era uma festa indescritível entre os classificados.

A partir de agora era um Sargento do Exército Brasileiro, posto que naquela época, um mcorongo como eu, sem ter frequentado escola nenhuma, vindo da roça onde permaneci por quase 15 anos, era uma vitória espetacular.

O ano era o de 1943. O mês era Setembro.

Dialogava comigo mesmo. Resolvi que quando o mês de Novembro chegasse pediria baixa 30 dias antes para as reintegrar no emprego da Usina da Light

Nesse interim, a II Guerra prosseguia. Uma nuvem de incertezas nos preocupava. Se cogitava o envio de tropas brasileiras para o campo de batalha na Europa. Por isso ansiava que chegasse logo o mês de outubro para pedir desligamento.

Antes que despontasse o mês de Outubro, chegou a sustação das baixas para cabos e sargentos em todos os corpos de tropa do território nacional.

Não adiantava chorar. Tinha que me resignar e esperar pelo que desse e viesse. Ansioso por surpreender minha família mandei confeccionar uma farda, aguardando a dispensa que acontecia por ocasião no Natal.

Estava imensamente orgulhoso de mim mesmo.

Dispensa por uma semana era os festejos de fim de ano. Natal e Ano Novo. Me mandei já fardado para Cubatão, com divisas de Sargento. A surpresa foi enorme e não chegava para os abraços dos meus e dos amigos. Em toda minha vida, era pela segunda vez que o Natal era comemorado em nosso lar. Uma festinha modesta, com presentes também modestos, porém a alegria estava com todos. A saúde de todos era muito boa e a miséria total deixou de rondar nossa modesta casa.

A guerra na Europa se alastrava. O Brasil nada tinha a ver com isso. O conflito era além fronteiras, e a lógica era de que nada devíamos temer. No entanto, muitos navios mercantes brasileiros estavam sendo afundados por submarinos alemães, e como consequência acarretando a morte de um mundo de patrícios. Chocado, tomei conhecimento oficial através do Boletim Regimental, de que de fato as baixas estavam suspensas para cabos e sargentos que estavam na ativa em todo o território nacional, por determinação ministerial.

Minha pretensão de dar baixa e voltar para meu antigo emprego fora barrada e nada podia fazer.

QUITAÚNA, MARÇO DE 1943

Assim é que, há exatamente 28 anos, nesta mesma data, nascia o autor destas mal traçadas linhas no insignificante subdistrito de Timburi no município de Pirajú, no cafundó do Judas, barrancas do caudaloso Rio Paranapanema

Terminava m dia de intenso trabalho dando instrução aos novos recrutas. A instrução consistia em armamento e ordem unida. Dava para cansar.

Findo o expediente juntamente com meus colegas, nos mandamos para nossa pensão na capital. Nada pegávamos nos trens de Sorocabana e nos bondes da Light.

Lá chegamos todos, e após um banho reconfortador foi servida a gororoba que era chamada de jantar.

E quem servia essa gororoba era a filha da dona da pensão. Se chamava Helena e começou a arrastar uma asa por mim. Ela costumava ler a sorte através das cartas. E, numa ocasião em que lia a minha sorte, profetizou que eu faria uma longa viagem cheia de perigos, as que voltaria com vida.

Pouco antes disso tudo, tinha saído para comprar duas garrafas de bom vinho para comemorar meu aniversário. Foi uma surpresa para todos pois ninguém sabia de minha data natalícia.

Mal deu um copo para cada um dos presentes, porém foi bastante para a comemoração.

Estava assim o Sargentão com meus 28 anos de idade. Para todos os efeitos, o Sargento Moreno, assim era o meu nome que usaria para facilitar a identificação.

Terminado o jantar saímos e tomamos o primeiro bonde nos mandando para seu ponto final. Nessas andanças a turma aprontava quase sempre algum motivo saudável causando risadas.

Sentados no ultimo banco do bonde contávamos piadas e rindo muito. Um grupo de senhoras bem vestidas sentam-se no banco à nossa frente.

Uma delas, já idosa e de boa estampa, portava uma pele de um bicho qualquer displicentemente sobre os ombros. A cabeça do bichinho como era chamado na época, muito usado pelas mulheres, pendia ao longo das costas daquela senhora quase esbarrando no assoalho do bonde.

Isso era motivo de tentação para uma boa ação.

O companheiro Evilásio não teve dúvidas. Retirou um cadarço de seu coturno e amarra o bichinho pelo pescoço e a outra ponta amarrada no encosto do banco, as sem nós muito fortes.

Todos ficamos com uma verdadeira cara de pau aguardando o enredo.

Não deu outra, as senhoras deram sinal para descer do bonde e se levantaram. E desceram todas, menos o bichinho que continuou pendurado no banco.

Fomos presenteados com um monte de palavras elogiosas por parte delas. Sua dona agarrou o bichinho dando um violento arranco, partindo ao meio. No final da brincadeira de mau gosto rimos a valer. Era mais uma das muitas que sempre aprontávamos.

Entrementes a guerra prosseguia positiva em toda Europa. Nossos navios mercantes continuavam sendo afundados no litoral e em outros mares. Comentava-se que o Brasil iria declarar guerra aos governos Nazifascistas.

No dia 28 de Janeiro de 1942 tínhamos rompido relações diplomáticas com a Alemanha, Itália e Japão.

Até essa data haviam sido afundados 19 navios mercantes brasileiros, num total de 740 mil toneladas.

A declaração dessa guerra não demoraria muito tempo. Aconteceu exatamente no dia 22 de agosto desse mesmo ano.

Praticamente foram os estudantes brasileiros que forçariam o nosso governo a tomar essa decisão. Eles saíram a rua em passeata com a bandeira nacional exigindo do governo Vargas essa resolução.

Getúlio não teve outra alternativa. A consciência nacional se levantou na palavra dos estudantes. O Brasil declarou guerra ao Eixo.

Nessa ocasião já se falava da participação ativa do país no conflito, com o envio de uma força atuante, uma força expedicionária.

Nesse entremeio e de acordo com a situação que se delineava, prevendo o pior, a instrução da sargenteada dobrou em todos os sentidos.

Na época a nossa instrução se baseava no ensino da escola francesa, como já falei. Era a escola que prevalecia no Exército. Por essa razão a preparação se fazia necessária.

A sargenteada comia fogo de manhã até de noite.

O preparo físico e a instrução de armamentos tinham carga honorária maior que as demais disciplinas.

A troca de ideias entre os sargentos era uma constante. E a pergunta corriqueira era: “Será que nós vamos mesmo para a guerra?”

No final acabamos indo mesmo para a guerra. Um conflito que não provocamos.

Passou-se todo um ano, entre agosto e a nossa declaração oficial de guerra. E a partir daí surge o primeiro ato de efetiva criação de Força Expedicionária, que faria o exército Brasileiro presente na grande luta dos exércitos aliados contra as forças totalitárias.

A Portaria de 9 de agosto de 1943, assinada pelo Ministro Eurico Gaspar Dutra é a pedra fundamental da Força Expedicionária, juntamente com o convite feito ao General Mascarenhas de Moraes para organizar, instruir e assumir o comando de lá. Divisão Expedicionária, a primeira das três Divisões Integrantes desse corpo de Exército.

Grande unidade básica da Força Terrestre para a combinação de armas e dos serviços; a Divisão de Infantaria era, na organização americana daquele tempo predominantemente de três regimentos de infantaria formados cada um de três Companhias de Fuzileiros.

Na organização da 1º Divisão de Infantaria, dotou-se critério evidentemente político, em detrimento de prioridade militar.

Em lugar de adaptar-se como um todo, uma das divisões já existente seria o amálgama de unidades aquarteladas na região ecumênica do eixo Rio/São Paulo/Mato Grosso, na suposição de que as outras duas divisões seriam formadas por tropas do nordeste e do sul do país.

O 1º R.I. de Infantaria do Rio de Janeiro, o 6º R.I. dos paulistas em Caçapava e o 11º R.I. de São João Del Rei em Minas Gerais, integrariam a nossa Infantaria.

Dos três grupos de obuses auto rebocados calibre 105, destinados ao apoio direto de cada regimento de arma base, dois se formaram no Rio de Janeiro e o terceiro em São Paulo, em Quintaúna.

O Grupo de artilharia Pedada Curta destinado preferencialmente às ações de conjunto da Divisão, foi resultado de transformação e motorização do Grupo-Escola de Artilharia, estacionado em Deodoro, Rio de Janeiro.

A Engenharia: o 9º Batalhão de Engenharia foi organizado em Aquidauana, Mato Grosso (atualmente, MT-S); em Valença, Estado do Rio, o 1º Batalhão de Saúde e as unidades: Esquadrão de Reconhecimento (a cavalaria de FEB), a Companhia de Comunicações, a Esquadrilha de Ligação e Informação (tropa especial). Companhia de Intendência e Manutenção,

Pelotões de Polícia e de Sepultamento, bem como a Banda de Música, foram todos organizados no Rio de Janeiro.

Mas, não só de paulistas, cariocas ou mato-grossenses, arregimentou-se a F.E.B., porque para formar e manter o efetivo de 26 mil soldados que compuseram a Divisão de Infantaria e seus órgãos complementares, foram convocados brasileiros de todos os rincões do imenso território.

Todos passaram por minucioso exame de saúde, para atender os padrões antropométricos e sanitários, normalmente não exigidos pelo Exército Brasileiro.

DOCTRINA E SISTEMA AMERICANO

A transposição de FEB – do projeto à realidade- trouxe assim à tona, difíceis problemas, como preparar à la americana, uma Divisão heterogênea de um exército até então moldado em doutrina e padrões franceses; criar novos órgãos para os quais não tínhamos nem pessoal nem material adequado; proceder a seleção de pessoal, segundo padrões muito acima de nossa realidade para adaptá-los às condições climáticas de um teatro estranho ao nosso; dificuldades de reunião, de concentração e preparação de unidade descentralizadas, de subordinação administrativa e disciplinar às diferentes organizações; inexistência de uniforme adequado ao clima e de material bélico, em quantidade indispensável ao atendimento das necessidades de instrução; inexistência de reservistas para as funções novas que a doutrina americana exige ao gigantesco fluxo de convocados, em curto prazo, era muito superior aos efetivos previstos.

Em suma, tratava-se de preparar uma Divisão para a qual não haveria disponibilidade de todas as qualificações funcionais, de adestrá-las na utilização de material que nunca tinha sido visto, segundo um sistema que nos era estranho.

Somam-se a tudo isso as resistências passivas que a guerra psicológica adversária atirava, as vaidades, os melindres e as suscetibilidades que se levantavam no calcanhar da FEB. Mais que tudo, o sentimento de impotência e inferioridade que entorpecia o brasileiro, mostra a mocidade de hoje o quadro geral em que os jovens de ontem foram à guerra contra o nazismo.

A Força Expedicionária Brasileira foi em si uma autêntica aventura.

Eis assim a descrição de um punhado de entraves que afligia o alto comando para organizar a Força Expedicionária Brasileira.

Não era problema nosso. O magro sargento Moreno continuava comendo fogo junto com seus colegas nas instruções que visavam seu ingresso no contingente de brasileiros que iriam para além mar participar de uma guerra mundial.

Os meus familiares já estavam a par da situação havendo o necessário conformismo entre eles.

Agora, volta e meia dava uma chegada até Cubatão para visita-los. Meus colegas de juventude, rapazes e moças não acreditavam. Achavam que estava blefando, que eu jamais iria para a Europa. Nunca os contestei. Era preciso dar tempo ao tempo.

1943 – Maio desse mesmo ano.

Maio chegava ao final, quando certo dia o Boletim Regimental do 4º Regimento de Infantaria publicava o seguinte: *Para fins de completar vagas no 6º Regimento de Infantaria de Caçapava, SP, sejam transferidos para essa unidade os seguintes sargentos: ...*

Começou a leitura: Sargento fulano, Sargento ciclano... Eu, na expectativa. Até que meu nome foi anunciado. Estava no meio dos que seriam transferidos para preenchimento de vagas, numa unidade que se preparava para a guerra.

Não aconteceu nenhuma manifestação de alegria. A sargenteada mantinha-se calada. O Comando não procurou saber se queríamos ou não ir para a guerra. Tal conflito era além mar e não havia como entendê-la

O Comando nos deu dez dias de folga para visitarmos as famílias. Me mandei para Cubatão expondo o fato aos meus.

Lamentos, lamentos de todos, foi o que aconteceu. Passados os dias regressei ao quartel.

Junho de 1943, dia 5

Os 32 Sargentos transferidos de unidade chegam a Caçapava, sendo distribuídos ao 1º e 2º Batalhão.

A mim ficou reservado o 1º Batalhão, que na ocasião estava sediado na cidade de Taubaté, segundo o Boletim Regimental que dizia o seguinte:

Junho de 1943. Terceira Companhia

A cinco, foi incluído no estado efetivo do Regimento, 1º BTL. e desta Companhia, vindo com transferência do 4º Regimento de Infantaria para preenchimento de claros, conforme ordem publicada no item IV do BR nº 80 de 4/4/43. A 25 foi público ter se apresentado a 24 com Ofício nº 1913-5 de 21 do corrente, do Comandante do 4º público ter se apresentado a 24 com Ofício nº 1913-5 de 21 do corrente, do Comandante do 4º. A 26, apresentou-se nesta subunidade.

E era só.

Como podemos observar, estava a meio caminho de partida para a guerra. A instrução era de acabar com nossas vidas.

A 3ª Companhia estava acantonada na cidade de Taubaté. O local era um antigo pavilhão que se destinava a seleção de frutas para exportação.

Era grande a curiosidade em conhecer a nova cidade que nos acolhia.

Após o término de mais um dia de instrução, saímos em grupo para conhecer melhor a cidade. Confesso que mesmo à primeira vista adorei.

Tipicamente interiorana, povo carinhosos e muito prestativo, com garotas muito bonitas, Taubaté me pareceu muito acolhedora. No centro da

cidade cortava uma bela pracinha, cercada de cinema, bares e sorveterias. A impressão foi a melhor possível.

Quanto aos integrantes da 3ª Companhia, o cenário não podia ser melhor. Um punhado de bons colegas de divisa além dos oficiais que também eram dos melhores.

Nosso Comandante, Capitão Bonorino era também instrutor no Aeroclube local, temperamento explosivo, mas boas pedras no trato. Os oficiais subalternos, Tenente Mendes Leite, Tenente Piason e Tenente. Almenor, todos bons companheiros.

A sargenteada era uma maravilha. Bons colegas de darda e, ainda, melhor como amigos, pois todos éramos de uma mesma turma.

Sargento Teixeira, De Lúcia, Franco, Potyguar, Piérre, Nazareno, e muitos outros. Que turma maravilhosa. Quanta saudade levaria quando o destino nos separasse. Cabos e soldados eram também bons companheiros.

Os primeiros trinta dias foram dedicados exclusivamente para conhecer toda a cidade, seus hábitos e, em especial, as bonitas garotas.

A instrução de nossa subunidade era constante e diária. Longas marchas e muito preparo físico, além da instrução de armamento, mesmo obsoleto.

Findo o expediente, isso lá pelas seis horas, o programa era banho, jantar e pracinha central de Taubaté.

No coreto havia um ótimo serviço de som que apresentava músicas selecionadas e próprias da época.

O melhor, entretanto viria lá pelas oito horas, quando um verdadeiro mundo de belas garotas enfeitava a praça. A mesma tinha conformação redonda, e era gostoso circular nela vendo e flertando com as moças. Estas circulavam num sentido diferente dos rapazes, o que propiciava encontros constantes. Era o tradicional “footing”, já conhecida há várias décadas.

Também havia, o cine Palas, bem no centro. Quando terminava o vai e vem da moçada, entrávamos nele.

A cidade, muito boa, como todas as cidades do interior. E neste ambiente gostoso o tempo transcorria normalmente. Vez ou outra me mandava à Cubatão em visita aos meus.

De segunda a sexta feira, viajávamos para Caçapava para participar do treinamento de educação física. Este treino visava uma demonstração no Pacaembu, em São Paulo, por ocasião das comemorações de 7 de Setembro. A ginástica que apresentaríamos tinha o nome de Balalaica, e os movimentos eram rítmicos através da música.

A semana da pátria estava batendo a porta, e os preparativos para a exibição judiavam muito da gente.

Éramos ao todo seiscentos homens previamente selecionados para demonstrar Balalaica. Em síntese, era uma demonstração de ginásio ritmada, num campo de futebol. Treinamos durante um mês.

A exibição foi um sucesso, sobrando elogios em toda imprensa paulistana.

O estádio super lotado adorou nossa demonstração.

N dia 10 regressamos para Caçapava num trem da Central do Brasil e lá chegando me mandei para Taubaté.

No dia seguinte, eu, o Halvidio, de Lúcia, Teixeira, Vavassori e pedroso, passam a morar na pensão do espanhol Paco, localizada bem à frente a pracinha. Era uma gostosura as brincadeiras que promovíamos. Ria-se a valer.

A vinte e um de Setembro fui louvado pelo Comando do R.I. *...pelo esforço e brilhantismo com que se apresentou em público e deu a mais cabal demonstração de disciplina e preparo para as árduas funções que o espera para a defesa da nossa Pátria.*

Os últimos dias deste mês transcorreram sem muitas novidades. A melhor novidade, aliás, viria acontecer no mês seguinte.

Contava eu nessa época com 28 anos e sonhava em me casar. Fato que não tinha acontecido por motivos alheios à minha vontade, quando residia em Cubatão e mesmo em São Paulo por longo tempo. Até tornar-me então Sargento do Exército, e residindo em Cubatão, pouco poderia pretender, considerando ser de família humilde e com a modesta profissão de mecânico.

Agora respirava mais fundo e pensava em me casar. Na faixa dos 28 anos não poderia dormir no ponto, ficando para titio o resto da vida.

Pensava e queria me casar. Esperava encontrar minha costela na cidade de Taubaté. Tinha tido vários casos, mas todos eles deram em nada. Entendia eu que as coisas fluem normalmente na vida de cada um. E por isso não me afligia muito. Mas reconhecia que estava ficando mais velho.

E como sempre acontece, o inesperado aparece.

Sem incidentes maiores transcorria o mês de outubro. Certo dia fiquei sabendo que haveria um jogo de futebol entre o Esporte Clube Taubaté e um clube de Santos, que tinha o nome de Esporte Clube Senador Feijó; Era um timinho sem grandes cartas.

E aconteceu o jogo. Um domingo ensolarado e lá estava eu aboletado na arquibancada para assistir o entrevero.

Em dado momento, notei a presença de uma garota que torcia pelo time da casa. Acabei não assistindo ao jogo, pois minha atenção se concentrava nesta garota.

De boa aparência, altura regular, bem falante, mesmo não sendo uma “miss”, despertou em mim interesse inusitado.

Inicialmente não demonstrou ela maior interesse por mim, como não deu outra chance. Por mim, firmei-me no provérbio que diz que “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”... e foi o que aconteceu. Procurei acostar o meu barco e o mesmo estava dando certo. Fiz um levantamento da situação

quanto aos pendores da moça que, ao meu ver seria a dona do meu coração, e cheguei à conclusão seguinte.

Família modesta, mas de bons princípios, um bom punhado de irmãos, até aí estávamos empatados. Seus pais, gente educada dentro de simplicidade que os caracterizavam quando os conheci mais a fundo tendo a melhor das impressões.

Senhor Arnaldo e senhora Guilhermina, os pais da garota.

O namoro estava começando.

Cheguei à conclusão que havia chegado a minha vez. Era mais que certeza ter encontrado aquela que seria minha futura esposa.

E não deu outra.

Estávamos no mês de novembro. E a 8, foi publicado em Boletim Regimental resultado do exame de seleção no dia anterior, para a composição do efetivo da FEB.

Os encontros com a garota, que se chamava Maria, aconteciam normalmente na pracinha. E no regresso ao seu lar, sempre a acompanhava até o portão, com o maior respeito possível. Tudo estava no caminho certo.

O ano chegava ao fim. A 4 de Dezembro foi publicado o ato de louvor pelo Comandante da Companhia..." pelo esforço e dedicação, no sentido de apresentar um pessoal homogêneo, disciplinado e ainda vivo interesse que demonstrou no exato cumprimento do dever".

Gostoso não? Outras notícias viriam com o decorrer do tempo.

O namoro estava dando certo. Íamos ao cinema vez ou outra.

Ainda é dezembro. O natal está chegando.

Teria que presentear minha namorada. Qual presente poderia dar?

Optei por um corte de tecido (bem me lembro de cor) um azul suave para a confecção de um vestido.

Me mandei para Cubatão para passar o natal com a minha família. Voltei no começo de janeiro quando se comentava que o nosso embarque para o Rio de Janeiro seria dentro de pouco tempo.

Nosso idílio prosseguia. E nos encontros trocávamos ideias e promessas. Já havia sido apresentado aos pais de Maria, tendo a impressão de uma boa acolhida

Nesse entremeio o Boletim Regimental publicava..." a 10, foi promovido ao posto de Segundo Sargento, de acordo com o Aviso nº590-501 de 20/12/1943, e a 11 do mesmo mês, a classificação na 9ª Companhia devendo ficar adido até o deslocamento do R.I. ..."

Já estamos em Março, o dia é 14.

E aconteceu o que estava previsto.

Ainda na véspera, procurávamos juntos nos confortar mutuamente fazendo promessas para que dias melhores viessem ao nosso encontro. Confesso que derramei lágrimas sentidas.

Nesse dia a alvorada foi as 5 horas da manhã. O café foi servido a seguir, sendo nossa última refeição em Taubaté, deixando assim boas recordações

As sete horas nos deslocamos para a Estação da Estrada de Ferro da cidade, onde passamos pelo centro como despedida.

A choradeira da população não tinha limites. Aquele povo se acostumou e provou assim que gostava imensamente da turma da 3º Companhia.

Entrementes, dia 14, o Boletim Regimental publicava o seguinte:

“A 14, foi público ter-se deslocado com Batalhão acantonado na Vila Militar, sendo classificado na 9º Companhia do 3º Batalhão, do 6º Regimento de Infantaria.”

1944, ABRIL

Ali foi público ter deixado de gozar as férias referentes ao ano de 1943.

No dia 13 foi público ter ficado preso por trinta dias, de acordo com o nº do Artigo 13 do R.D.E.

Foram 30 dias de amargura. Exatamente um mês amargamos saudade de todos que muito queremos. Há total proibição em deixar a Villa Militar. As patrulhas do Exército (PM) dominam todas as estações. Mesmo assim usávamos diversos subterfúgios para sairmos.

A instrução é bárbara. Marchas e mais marchas com mochila às costas. Instrução e maneabilidade no campo é de tirar o couro da gente. Havia um terreno com 1.000 m² aproximadamente, com uma cobertura de arame farpado numa altura de 60 cm e minado com dispositivos fumígenos de efeito moral que explodiam sob nosso corpo. E sobre nossas cabeças dez metralhadoras ponto 30 atiravam ininterruptamente por sobre o alambrado.

Não havia condições de retroceder. Ia-se até o fim do terreno morrendo de medo e atordoados com o barulho infernal das metralhadoras atirando.

Saindo desse inferno, carregados de granadas, fuzis e demais equipamentos, em marcha acelerada, entrávamos em outro campo por lances. Deita levanta, deita levanta. Esse local se chama Campo de Treinamento de Gericinó, de onde não nos deixou recordações.

Tudo isso fazia parte dos preparativos para a próxima partida além-mar. Doze horas por dia eram dedicados à instrução de todo tipo de espécie, inclusive longas marchas noturnas.

Nos alojamentos do quartel, a instrução se resumia no conhecimento do material de guerra americano recentemente introduzidos em nosso Exército.

As poucas horas de folga eram dedicadas na confecção de tochas, isto é, artimanhas para burlar a vigilância. Às vezes íamos ver nossas famílias e namoradas mesmo considerando a intensiva fiscalização da polícia do Exército, que além de impedir a nossa saída de qualquer maneira, era terminantemente proibido sair do quartel.

Ao longo percurso até a capital, as patrulhas impediam a todo custo, colocando barreiras em todas as estações.

Lembro-me perfeitamente que em determinada ocasião resolvi enfrentar todos os perigos, me mandando para Taubaté pois estava morrendo de saudades de minha namorada.

Minha penalidade de trinta dias havia terminado. Estava em liberdade total. E assim embarquei num trem da Central na Estação Dom Pedro, me mandando para lá, como já disse, terra de minha amada.

Tive a sorte de me sentar junto a um padre que seguia para São Paulo. Boa conversa. Ele sabia que dentro em breve a Força Expedicionária partiria para o exterior. O destino ele não sabia.

Conversamos sobre vários assuntos e lhe contei que estava viajando clandestinamente, contrariando assim as determinações do Comando Militar e que certamente as patrulhas impediriam minha viagem.

Estávamos chegando em Resende. E patrulha à vista. Meu companheiro de viagem sugeriu que me escondesse no banheiro do vagão. Disse a ele que não resolveria, pois o primeiro lugar onde revistariam era ali.

Mas, abençoado padre por sua ideia milagrosa: Ato contínuo e para surpresa minha, ele tirou da maleta que estava ao seu lado, uma batina preta toda amarrotada, dizendo para que eu vestisse, pois isso ajudaria. E como me ajudou. Vesti a tal batina e me encolhi o quanto podia no meu lugar, aguardando o que poderia acontecer.

Pouco depois, diversos PMs passaram por mim normalmente, quando voltei a respirar aliviado. Graças ao bondoso padre. Quando o trem partiu, rimos à valer da minha representação.

Já com meu traje normal avisto a cidade de Taubaté.

E, até lá, mais um grave problema se apresentava para mim. O trem era noturno e só pararia na estação se houvesse passageiros... E não havia uma viva alma para subir ou descer naquele ponto.

Mais uma situação que precisava resolver, caso contrário passaria direto, indo parar somente na capital...

Como sabia que tudo se arranjava com o famoso "jeitinho brasileiro" procurei o chefe do trem e expliquei o fato.

Coloquei em suas mãos um punhado de dinheiro e estava assim resolvida a situação. E para o maquinista outro tanto de cruzeiros o mesmo já sabia o que ia acontecer.

A minha saída ocorreu da seguinte forma. Há uma ou mais centenas de metros antes da plataforma, havia ao longo dos trilhos várias touceiras de bananeiras bem desenvolvidas. Assim quando o meu vagão se aproximasse das tais bananeiras, o maquinista diminuiria sensivelmente a marcha, a tal ponto que eu poderia saltar sem grande perigo.

O mesmo aconteceu várias vezes, não sendo muito feliz no santo, levando no peito as bananeiras com cacho e tudo.

Desta vez estava a salvo desse incidente. A aventura tornava-se interessante, rindo muito depois.

Estou em Taubaté depois de mais um mês ausente. São quase seis horas da tarde. Plantei-me num local onde forçosamente minha namorada passaria para ir ao trabalho. A coisa deu certo. À noite fomos ao cinema e conversamos muito sobre nosso caso. Trocamos juras de amor e fizemos promessas recíprocas. Ficamos noivos, pois já havia conversado com os pais dela. Trocamos mais uma vez juras e promessas e colocamos nos dedos de cada um a aliança que simbolizava a nossa condição de noivos.

Fiquei dois dias em Taubaté, matando profundamente a saudade que não podia conter e oficializamos assim nosso futuro.

A hora da partida se aproximava. A despedida foi muito triste e solene. Nada se podia fazer. Era deixar a coisa aos cuidados do destino e tocar pra frente. Assim, triste e pesaroso me mandei para o Rio de Janeiro.

Os preparativos para a partida estavam sendo acelerados. Os mínimos detalhes para o embarque eram estudados. Havíamos treinado o embarque num arremedo de navio montado no interior do quartel, no campo de esportes. Era um tal de embarque simulado que não tinha jeito. Era um tal de subir e descer escadarias o tempo todo.

O mês de junho chegava ao fim. E cada dia se tornava mais difícil a saída do quartel. A vigilância era dobrada, pois havia preocupações do Comando de possíveis deserções.

Finalmente chegou o dia 30 de junho de 1944.

O dia fatídico. O menos esperado por todos os que iam partir.

Numa semiescuridão, às 22h e 30m começou o deslocamento da tropa em direção aos vagões da Central previamente estacionados que nos levaria até o píer e armazém 10 das docas do Rio de Janeiro.

Desembarcados e portando um saco de lona verde com os objetos de uso pessoal mais usados, fomos entrando lentamente, depois de subir a escadaria com um mundo de degraus, chegando no bojo de aço do imenso navio americano de transporte.

Dois dias e duas noites levou para se concretizar o alojamento de quase 6.000 homens à bordo desse monstro de aço que tinha o pomposo nome de General Mann.

Com a mochila verde nas costas, subíamos e descíamos escadas até atingirmos nossos beliches que eram difíceis de se localizar por causa da escuridão.

O calor a bordo estava insuportável. Finalmente nos acomodamos. O pracinha Sargento Moreno consegue também chegar ao seu beliche.

Estou e um compartimento onde se encontram também vários pracinhas. São centenas, milhares de homens, que sobem e descem um labirinto de escadas. Parecem formiguinhas. Todos procuram achar seu beliche.

O meu está num compartimento onde há muitas pracinhas. Há oito de cada conjunto, sendo a posição seguinte, um abaixo de mim e seis acima. Todos empilhados como se fosse um monte de sacos de farinha.

Dentro do meu compartimento, a bombordo, a boreste, a ré, avante, por baixo e por cima, há mais 438 pracinhas empilhados.

Abaixo há outro compartimento, e logo a seguir também mais um. Acima e ao lado destes há outros absolutamente cheios de pracinhas desde o chão até o teto. Mas, um pracinha mal pode ver dois ou três companheiros. As luzes foram apagadas, restando algumas baças lâmpadas vermelhas.

Em outra ocasião, um soldado americano me explicou o uso da luz vermelha dentro do navio trancado. Disse ele que as luzes brancas, azul ou qualquer outra cor, apresentam grandes inconvenientes para o homem que tem de sair subitamente do interior escuro para ocupar um posto junto algum canhão ou metralhadora. Ele levava muito tempo sem enxergar nada dentro da escuridão do mar, se tiver esse problema à noite. Se porém, sai de ambiente de luz vermelha, seus olhos estarão funcionando em poucos segundos tão bem como se ele estivesse muito tempo na escuridão.

O americano falou...tá falado. Mesmo porque não há condições para contestação.

O pracinha comum não sabe nada disso. Vê apenas nas ilhas de fraca luz rubra, que são vagas manchas parecendo sangue na imensa escuridão, vulto de dois ou três companheiros mais próximos.

A luz vermelha espelha-se nos corpos suados. Faz um calor infernal. Estamos nas calmarias, e quem não está de cuecas está de calção de ginástica. Bem pouco antes, quando saímos do Rio, havia vento forte, e uma pare da tropa enjoou horrivelmente.

Haviam pracinhas chegando há pouco tempo do interior, que nunca tinham visto mar em sua vida. Alguns, com o perdão da palavra, “restituíam” até a alma. Vomitando, no duro mesmo. A coisa acontecia em qualquer canto do navio, e a toda hora. Repito, o festival escatológico era dentro da embarcação, e não fora.

Não se pode lançar nada fora do navio, nem uma pequena ponta de cigarro. Os detritos são acionados para fora sempre numa determinada hora após escurecer.

Noite a dentro o pracinha se mexe em seu beliche.

São 10h. E às 9h 30m deu o toque de silêncio. Que calor, meu Deus! Durante o dia o mar estava parado, chato, como se fosse aço mole, vindo do céu um mormaço geral.

O único recurso é o banho. O banheiro é grande, mas está muito cheio. É preciso esperar a vez. Dezenas de pracinhas nus ou seminus estão nos banheiros. São pretos, brancos, mulatos, amarelos, de todas as cores do Brasil.

O pracinha saindo da claridade do banheiro novamente mergulha na escuridão do compartimento, tateando entre pilhas de corpos nus, arrastando seu salva-vidas. Este é um pesado colete de lona que a gente precisa carregar noite e dia.

É chamado de morcego, pois vive eternamente agarrado às nossas costas. É um pesado colete de lona impermeável cheio de paina. É grosso e incomodo, além de sujo. Uns o chamam ainda de paraquedas, outros ainda de tatu.

O pracinha consegue afinal acertar o seu beliche. Amarra seu salva-vidas ao saco verde que não desgruda e deita-se. Transpira a dar com pau. O corpo fica pegajoso.

E sua.

Sua-se aos litros. Sua-se aos potes. Sua-se aos cântaros neste navio trancado. Há ventiladores, há sistemas de renovação de ar, mas pracinha, coitado continua suando. Seu corpo está pegajoso porque só toma banho com água salgada. E o sal do suor se mistura com o sal do banho e o pracinha não consegue dormir.

Na escuridão de manchas rubras ele fica pensando na vida, e ocasionalmente na morte. Aquela pretidão em manchas de sangue no ar, os homens em inumeráveis pilhas de quatro, seis ou oito, nus ou quase nus transpiram toda a noite.

Mas estamos apenas no compartimento 203. Descemos ao 330. Mais uma escada e vãos ao 403. Afinal acabamos nossa viagem ao interior do navio, é só ir ao 503-L.

Porque, além do 509-L não há mais nada. É só o próprio fundo do oceano. E, a escada que desce ao 503-L é diferente de todas. Ela se abre de repente, como um alçapão, dando para o profundo e escuro abismo, no fundo de outras escuridões que se acumulam negras lá para cima; além, mais uma escada e escuridão. Outra escada e escuridão. Sucessivamente outra escada e mais escuridão. E em cada um, homens e mais homens empilhados do teto ao chão, suando, suando, suando. Assim é o compartimento C-503-L.

Este era o meu compartimento. O compartimento do Sargento Moreno.

Mas o pracinha aguenta. O pior é a impressão. Se tem medo, não demonstra. Depois se acostuma. Quando descobre que está vivo, e afinal de contas tem ar para respirar, e banheiro para se lavar, se acostuma ali naquele mesmo beliche. O corpo do nosso pracinha está esticado suado no mesmo lugar onde, qualquer soldado de outra nação, em algum ponto do oceano, Pacífico ou Atlântico, para leste ou oeste, também estava para lutar. Este navio tem navegado por muitos mares, levando assim muitos homens para a guerra ou para a paz.

Na nobre lona onde se agita o nosso pracinha, agitaram-se, nos últimos anos, sonhos e pesadelos, resmungos em várias línguas, de seres de todas

espécies e de diferentes nações. Alguns estão mortos; outros lutando ou metidos em campos de concentração; outros ainda gemendo em hospitais.

O pracinha talvez não saiba disso. No meio dessa grande e tormentosa humanidade, o pracinha é um homem. É apenas um homem. E agora ele vai dizer o que sente. Vai intervir como homem no destino dessa humanidade.

Assim como o navio marcha, o pracinha também vai marchar para as naves, onde lutará por um mundo em que ninguém mais precisa viajar no compartimento C.503-L

O navio como já disse, era uma grande embarcação de guerra norte-americana, de nome "General Mann".

Dentro do seu bojo o pracinha Sargento Moreno viajou por 16 dias e 16 noites, juntamente com mais 5.075 pracinhas brasileiros.

Acomodados, bem ou mal, estávamos partindo rumo ao desconhecido.

Era exatamente o dia 2 de Julho de 1944.

A manhã estava brumosa.



Capítulo III

1944

A travessia do Atlântico

Destino: Itália

Mesmo estando dentro do navio desde a noite de 30 do mês anterior, o mesmo permaneceu atracado no cais apesar de estar tudo pronto para a largada.

As comunicações estavam interditadas por motivo de segurança. O sigilo era total.

Assim, no dia 2 de Julho de 1944, às 6 h e 30m, a embarcação deixa lentamente o ancoradouro.

Às 7 horas atravessamos a barra de onde podia-se descortinar com emoção a majestosa baía de Guanabara com os seus encantos naturais.

A fortaleza de Santa Cruz com suas muralhas históricas, saudava a nossa partida. Sua guarnição encontrava-se em forma para nos saudar.

Do Corcovado, circundado ainda em brumas, emergia a estátua do Cristo Redentor, fitando os seus fiéis que partiam.

Já em alto mar, três navios de guerra da nossa Marinha, capitaneados pelo destroyer “Mariz e Barros”, escoltariam o “General Mann” até os limites de nossas águas territoriais, tendo à frente um enorme... “Blimp” (balão de patrulha) americano.

Às 7h e 30m era rezada a primeira missa à bordo pelos nossos três capelães, quando tivemos oportunidade de ouvir um magnífico sermão proferido pelo capelão-chefe, Padre Pheeney.

O grande navio transporte tinha em seu costado afixado o nº 112, o qual além da tropa brasileira, conduzia ainda mais 900 homens de sua tripulação.

Durante o dia era permitido permanecer em seu imenso convés até as 18 horas. Às vezes vinha a ordem para nos recolher aos compartimentos.

No convés se respirava o gostoso ar marinho, onde a brisa era uma constante.

Sempre com o colete salva-vidas grudado no corpo e, à noite em nossos beliches, era peça inseparável devendo estar sempre ao nosso alcance.

Além da placa de identificação, pendia em nosso pescoço um cartão amarelado. O mesmo era picotado toda vez que se fazia uma refeição, cujos horários eram alternados de tal maneira, que um dia comíamos ao meio dia, e no dia seguinte, a meia noite, pois o rodizio era interminável. Só de brasileiros, quase 6.000 homens. Nos três primeiros dias de viagem a comida era servida na base do açúcar. Tudo era doce até que houve uma briga danada, e a coisa passou a ser na base do sal.

O calor era pavoroso. A água levemente salgada. As filas se formavam parte para tudo, não tinham fim. Tudo isso botava a prova nossa paciência e resistência. Ninguém reclamava, mesmo porque não se sabia a quem recorrer.

Na condição de Sargento auxiliar do Comandante do Pelotão, tinha a incumbência ou melhor, a responsabilidade pela segurança de todos os homens do meu pelotão. E como e porque era eu o responsável?

Assim, quando soava o sinal para abandonar o navio, em caso de torpedeamento a qualquer hora do dia ou da noite, os quase 40 recrutas do meu pelotão se postavam atrás de mim no começo da escada que nos levaria ao tombadilho e dali, os conduziria até o escalar para salvamento que só eu sabia onde estava localizado. Tudo na melhor ordem e calma.

Todos os homens se acomodariam no escalar e aguardar a ordem para arriá-los ao mar.

Este sargentão era o último. Torcia para que sobrasse um lugar para mim.

Os exercícios simulados aconteciam várias vezes durante as 24 horas do dia. Era uma expectativa dos diabos.

Quem iria saber se era exercício ou se na verdade o navio estava afundando? A ordem era cooperar.

A escolta de navios brasileiros que nos comboiou até a entrada do Mediterrâneo nos deixou para sempre.

A viagem transcorria normalmente e se revestia de vários aspectos.

Até o sexto dia, quando passamos pela linha do equador no dia 6 de julho, foi de uma monotonia irritante e enfadonho, devido o excessivo balançar do navio. A turma não parava de vomitar. O calor era bárbaro e de noite tudo se complicava quando descíamos aos beliches.

Além do calor intenso a água era salobre.

Dois dias antes, ou seja, no 4 de julho, aconteceu a bordo a comemoração da data da independência dos Estados Unidos. Para eles, brilhantismo; para nós, modesta solenidade.

Só andava de calção, com o morcegão sempre grudado nas costas. Os banheiros estavam eternamente lotados. E o que dizer das privadas?

As latrinas do nosso compartimento eram em número de 40, com vinte de cada lado.

Eram vinte homens constantemente de cada lado, todos fazendo sujeira um de frente para o outro, separados por um pequeno espaço de dois metros.

Para quem estava fora, era super divertido ver a cara de cada um nesse momento. Não era bem uma cara, mas uma carantonha. E a fedentina?

Ultrapassada a linha do equador, a temperatura amainou bastante, a situação melhorou um pouco.

Os exercícios de abandonar o navio continuavam. A princípio acarretavam intranquilidade, mas logo nos acostumamos e tudo ia bem.

No dia seis cruzamos a linha imaginária do Equador, quando foi assinalada a presença do Deus Netuno muito bem representado por alta patente do nosso Exército. Até que foi divertido, com tanta ausência de lazer.

A entrada no Mar Mediterrâneo se revestiu de grande solenidade, tanto o comandante do navio, Capitão de Fragata Paul MacCuire, dirigido à Força Expedicionária entusiásticas saudações. Na oportunidade a tripulação do navio apresentou um variado show.

Nesse entremeio, Gibraltar à vista.

Uma parada rápida, quando tivemos oportunidades de avistar a península ao longe. Um novo comboio de segurança, formou-se ao largo, constituído agora de navios norte-americanos e ingleses.

DIA 15 DE JUNHO DE 1944

Até o momento, somente o Comandante do navio é quem sabe o nosso destino. O certo é que Nápoles está bem perto.

Correto. No dia seguinte às sete horas entramos na baía Nápoles com o famoso vulcão Vesúvio à vista e fumegando intensamente. Um lindo dia ensolarado e por sinal, domingo, nos esperava. Temperatura bem agradável.

A proporção que o transporte avançava para o interior de baía, os três capelães brasileiros rezavam uma Missa em Ação de Graças, em virtude da viagem ter transcorrido sem incidentes. Finalmente, chegamos ao porto de destino.

O navio estava atracando. Nosso sofrimento preliminar chegava ao fim. Mas outros viriam com o tempo.

Estavam a nossa espera, altas patentes brasileiras e americanas. Entre as autoridades encontrava-se o Tenente General Denvers, Comandante de todas as Forças Americanas que atuavam no teatro de operações do Mediterrâneo, e seu Estado Maior.

No convés do navio, os pracinhas a tudo assistiam, doidos para desembarcar a fim de poderem esticar as pernas depois de 16 dias de inatividade. Passamos avistar de novo os “blimps” (pequenos dirigíveis com seus cabos que impediam ataques aéreos inimigos rasantes).

Uma guarda de honra prestou as continências protocolares e regulamentares à tropa. Após o desembarque, seguiríamos a pé, é claro, para o estacionamento num lugarejo de nome Agnaro, local onde existiu um vulcão ora extinto, e que tem o nome de Astrônia. Dista do local de desembarque uns vinte quilômetros. Agnaro localizava-se na cratera do tal vulcão, que na ocasião estava adormecido. Sua cratera tinha aproximadamente 800 metros de profundidade, quando atingimos o fundo descendo em espiral as suas rampas. Seu interior era um bosque maravilhoso, e segundo os italianos vizinhos, era costume dos reis antigos caçarem. Nunca fiquei sabendo o que caçavam.

Essa área não estava preparada para receber tal contingente. Não havia cozinha, não havia barracas, não havia banheiros, enfim, nada havia sido preparado para nos receber.

Esse mundo de homens bivacou no local, ou seja acomodou-se somente com os recursos naturais. Tanto tempo inativa dentro do navio e após uma marcha de vinte quilômetros, a turma estava exausta.

Jogados pelo chão duro passamos uma noite de cão. Uns dormiam sentados e a maioria encostava nas árvores. Já bem escuro, nos serviram pela primeira vez a famosa ração K, além de ração Mitt-Bines concentrada de vários alimentos sendo consumida fria. Era simplesmente horrível.

A escuridão era total. Noite adentro da área iluminou-se intensamente, pois era vizinha ao porto de Nápoles. Um mundo de holofotes perscrutava os céus quando um intenso ruído de motores de avião se aproxima. Alguns minutos depois a artilharia antiaérea que defendia o porto entrou em ação.

A partir daí, e isso por muito tempo foi para nós um espetáculo maravilhoso e ao mesmo tempo dantesco. Era nada mais nada menos do que aviação alemã tentando afundar o navio de transporte de tropas americano que nos trouxe. Os aviões despejaram muitas bombas, mas foram repelidos pela defesa da artilharia antiaérea do porto. O espetáculo durou aproximadamente 1 hora.

Escutei o comentário de um pracinha: Que maravilhosa recepção! Nunca esperava!

Manhã seguinte. Acordamos, se é que chegamos a dormir. A seguir tomamos pé da situação. Como disse, o local se constituía numa imensa cratera de um vulcão extinto, com aproximadamente 800 metros de profundidade. Era totalmente arborizado. Do alto era visto tal como um imenso caldeirão, usando-se extraídos caminhos em caracol para subir arvores. Tudo isso porque a estrada que levava ao estacionamento da tropa no fundo da cratera estava impedido pelos americanos, e somente podendo sair com permissão do nosso comando.

Falar em banho era coisa proibida. Até a água para beber era fornecida por um caminhão pipa, sendo permitido encher apenas um cantil para consumo individual.

Mais outra noite de cão se aproxima. Outra noite dormindo ao relento. A alimentação ainda é aquela a que me referi linhas atrás: rações.

Havia necessidade de banho. Era a coisa mais divertida do mundo. Do carro pipa podíamos retirar a água enchendo o cantil. Mais, havendo necessidade de higiene, ficava-se pelado e despejava-se um cantil sobre o corpo. Esfregava-se no que era possível, voltando novamente ao caminhão para encher novamente.

Era um tal de homens pelados que não tinha jeito. E as mulheres inexistiam...

O sol era escaldante. A poeira não tinha limites, e um simples pé de vento acabava com a visão. Não era possível ver nada perto ou longe.

Para o almoço nos serviam a famosa refeição que se resumia no não menos pavoroso grude que tinha o sugestivo nome de Meat-Bines que era uma maçaroca de alimentos concentrados, predominando feijão branco e outros venenos não identificados.

Não éramos obrigados a engolir esses quitutes. Eles podiam simplesmente ser jogados na lata de lixo fornecida pelos americanos, mas infelizmente era só o que tínhamos para enganar o estomago.

O café da manhã era um capítulo a parte para os pracinhas. Recebíamos uma latinha pequena e dentro dela uma outra latinha contendo café solúvel que dava mais ou menos uma xicara quando misturado com agua. O açúcar se constituía em 2 tabletes para adoçar. Eta cafezinho pavoroso! Dentro da lata havia ainda dois cigarros, fosforo e um chiclete.

Por muitos dias, até que começasse a funcionar a cozinha, esse era o nosso café da manhã. Era de matar.

Os pracinhas que não estavam de serviço se mandavam morro acima, escalando as íngremes escarpas do vulcão, em busca do vinho e do mais importante: mulher para troca de ideias.

Nesse interim começam a chegar as barracas de lona que abrigariam dois pracinhas. Mas somente no dia seguinte é que receberiam, motivo para mais uma noite de cachorro.

A madrugada de 17 para 18 foi verdadeira noite de cachorro magro. Durante o dia fez um calor de torrar, mas em compensação de noite esfriou de tal maneira que a tremedeira era total, porque dormíamos ao relento enroscados em qualquer canto cobertos somente com a roupa do corpo. Dei sorte porque fiquei com o sargentão Torres como companheiro de barraca, que no futuro seria um dos meus melhores amigos.

Todos os dias, nós pracinhas brasileiros, recebíamos um maço de cigarros americanos, de marcas famosas tais como Camel, Lucky Strike, etc.

Eu não fumava. Em compensação o Torres fumava pelos dois. Ele dizia: Olha, Moreno, tu não fumas, me dá teu maço. Eu subo as barrancas do vulcão e te trago um cantil de vinho lá da Pianura.

Pianura era um lugarejo que existia perto do vulcão, e de fato havia vinho, além de outras coisas...

Apesar das dificuldades para escalar as barrancas do vulcão lá ia o velho Torres com os maços de cigarro, cambia-los por vinho com os italianos de Pianura.

Veza por outra descia ele com o cantil cheio de vinho. Em poucos minutos estava vazio.

Neste acantonamento tudo se resume em conversar com os colegas. Dele só podemos sair com permissão. Estávamos tentando nos acostumar.

Durante toda a noite anterior os holofotes e a artilharia antiaérea caçavam os vilões alemães que sobrevoavam em grande altura o porto de Nápoles, tentando localizar o transporte de tropas ancorado.

Enfim o dia 18 de Julho amanheceu. As barracas seriam distribuídas e caberia a cada um escolher seu companheiro. Meu colega, como já disse, era o Sargento Torres, vindo de Curitiba, Paraná. Era bem humorado e inteligente.

Em ala própria, foram montados chuveiros para o banho e cada companhia tinha determinado horário para utiliza-los. Somente dentro daquele período se poderia tomar banho. Fora disso, o famoso banho de cantil.

Foram instaladas as cozinhas de campanha. Vamos receber alimentação quente, que se constituía de uma colher de arroz, porção de peixe que diziam chamar-se salmão, uma fatia de pão e um caneco de chafé, apelidado de café. Dizia ser café. Mas não era.

A formação da tropa aconteceu para assistir à missa que seria rezada pelo Capelão padre Feeney, ocasião que foi hasteada a bandeira brasileira. Solenidade singela, mais gostoso de ser vista.

Recebemos também mosqueteiros próprios para cobrir a barraca evitando a invasão de um mundo de pernilongos durante a noite.

A fim de evitar a malária que imperava no local, éramos obrigados a engolir toda noite um comprimido de “atebrina”.

Escrever cartas era a tônica do dia. Particularmente escrevi para minha noiva e meus familiares.

Nossas enfermeiras acabavam de chegar a Nápoles vindo de avião. E duas delas nos visitaram. Até que era gostoso ver mulher de tanto tempo. Palestraram conosco durante o dia e se mandaram. Ficamos sabendo que se destinavam a um Hospital de campanha. Eram ao todo 67 enfermeiras. 67 heroínas. Pois para aquela época a decisão por elas tomada era de fato um nobre acontecimento.

O relógio marca 9 h da manhã. O dia é 22 de Julho.

Para esticar as pernas por muito tempo encolhidas durante a viagem o Comandante decidiu fazer uma marcha de 20 quilômetros. Saímos do vulcão pela estrada em círculos e atingimos a tal Pianura, ou traduzindo região plana. Nesta região localizava-se uma pequena cidade com o mesmo nome.

Não deu para muita coisa, pois a tal marcha era somente ao longo da estrada que circundavam o vulcão.

Regressamos suados e empoeirados. Cuspíamos tijolo. Na hora do grude foi servido o arroz com o tal peixe em conserva defumado. Era o famoso salmão. Pensava-se que era salmão, e a gente comia porque tinha fome.

No resto do dia passamos a conversar com os colegas. Fomos informados que a FEB tinha sido incorporada ao 5º Exército americano.

Banho? Só de cantil.

As condições gerais do local onde estávamos estacionados não era lá essas coisas.

Com a inclusão da FEB no âmbito dos americanos, e considerando que as condições no estacionamento não eram das melhores, e a preocupação geral da tropa brasileira em entrar nas ações de combate o mais depressa possível, induziu o Comando Brasileiro a se interessar vivamente pelo recebimento do material de guerra e pela transferência do 1º Escalão para uma área de treinamento, tornando possível o adestramento da turma. Já se demonstrava certo constrangimento em permanecer no local, pois não havia recursos de espécie alguma.

Bagnoli, dia 22 de Julho de 1944.

Após o hasteamento da bandeira nacional, fato que ocorria diariamente no nosso acampamento, cantava-se o hino nacional. Nessa ocasião a tropa foi filmada por fotografo cinegrafista brasileiro, funções exercidas pelos correspondentes de guerra Fernando Stamato, Rubens Braga e Joel Silveira.

A seguir, fizemos mais uma longa marcha pelos arredores do vulcão e fomos avisados e partiríamos de caminhão para um local nas imediações de Nápoles, chamado “Hipódromo de Nápoles”, que era ocupado por tropas norte americanas, onde poderíamos tomar banho frio ou quente, milagre! E aproveitar para lavar nossas peças de roupas que se encontravam super encardidas. O local era um imenso campo onde os sortudos americanos se encontravam com todo conforto imaginável. Após o milenar banho lavamos nossos trapos e voltamos.

Chegamos à tarde ao nosso acampamento, já na hora do grude. Nos foi servido feijão preto, arroz e uma massa que não possível identificar.

Nossa instrução até aquele momento se resumia como um soldado devia se comportar na guerra. E, como sempre, era ministrado por alguém que nunca participou de uma. Afinal, valia a intenção. O resto do tempo era preenchido por um papo entre os colegas e escrever cartas para familiares e a namorada.

A roupa lavada estava pendurada nos galhos das árvores para secar.

Vulcão Astrônia, 23 de Julho de 1944.

O dia é um domingo maravilhoso. Completamos três semanas fora de nosso lar. A saudade está presente 24 horas por dia. E nós jogados ao relento, num imenso lugar poeirento representado pela cratera do vulcão.

A ordem era matar o tempo, de qualquer jeito. Bater papo com os colegas, tirar uma soneca ou fazer planos daquilo que nos reservava o futuro.

Passo o tempo lendo as cartas recebidas quando no Brasil. Lia e relia não se quantas vezes. Era gostoso rememorar fatos e momentos felizes dos quais fui protagonista.

Comenta-se abertamente que deixaremos esta cratera dentro de poucos dias, cujo destino é por nós ignorado. Todos acreditamos que possivelmente não poderá ser pior do que este malfadado buraco poeirento. Todas as noites, la pelas sete horas havia reza a palavra de fé proferidas pelos nossos padres.

Eu tentava acreditar no que diziam ao nos convencer que Deus estava presente para nos dar Sua mão.

O tempo ecoa-se lentamente. Estamos no dia 24 de Julho de 1944. O buraco onde nos encontramos é o mesmo. Poeira e mais poeira. Banho só de cantil. O dia amanheceu com cara de poucos amigos. Muita cerração e bastante frio. Meu pelotão tinha entrado em serviço na véspera e lá pelas 12 horas estaríamos livres.

Para se sair do acampamento só com permissão do Comando. Após o almoço eu e um punhado de Sargentos conseguimos a tal permissão e nos mandamos. Deveríamos estar presentes quando da chamada geral, às nove da noite.

Tomamos uma condução dos americanos que se dirigia para Nápoles. Em lá chegando fomos à Estação de Estrada de Ferro Transvesuviana e nos mandamos para a famosa cidade de Pompéia, onde foi possível avaliarmos a sua destruição pela erupção do Vesúvio no ano 79 da era Cristã.

Na volta, ainda pela Transvesuviana, estivemos no cume do vulcão que é constituído de três imensas crateras fumegando dia e noite.

Vimos também a beleza da baía de Nápoles. Linda de morrer, mas perde para a nossa de Guanabara.

Regressam a tempo para dar umas voltas pela cidade de Nápoles parcialmente destruída. Quanta miséria, meu Deus! Quanta destruição!

Voltamos em cima da hora da chamada geral. Foi um dia diferente. Bem diferente daquele que estamos vivendo no acampamento.

É voz corrente que nos mandaremos brevemente para mais perto do fronte. Já estamos recebendo orientação para este fim.

Julho, 25. A aviação alemã estava novamente bombardeando o já destruído porto de Nápoles. Foram rechaçados pela defesa antiaérea dos americanos. Uns mundos de holofotes cruzam os céus de Nápoles todas as noites.

Ainda não recebemos nenhum material de guerra e nossa instrução se resume em marchas e mais marchas ao longo das estradas que dão acesso ao vulcão.

A correspondência é escassa. Até agora não recebemos notícias do Brasil. A agonia pela inercia enerva o pelotão. Não podemos abandonar o acampamento sob nenhum pretexto.

Meu companheiro de barraca, o Torres, vez por outra enfrenta as escarpas do vulcão indo em busca de vinho na cidade de Pianura. Sobe com imensa dificuldade escorando-se nas diversas arvores. Em compensação, a descida é mais fácil. Aos trambolhões e rolando morro abaixo é a alternativa, e nem sempre o vinho sai ileso.

26 de Julho: exatamente vinte e sete dias deixamos o Brasil. Fazemos um grande esforço para resistir, mas a saudades amenta com o vazio dos dias na inércia. Tentamos nos conformar, mas é duro. Como dos meu Deus.

Fazemos o possível para afugentar as nossas angustias e tristezas, mas tal esforço é inútil.

Nos momentos de folga escravo para os meus e minha noiva, cuja imagem não me sai da retina. É duro estar amando. E muito pior é estar longe da favorita.

Dia 28 de Julho de 1944. O local é ainda o famigerado vulcão.

Comenta-se desta vez que partiremos dentro em breve para mais próximo do inimigo, ou melhor, para a linha de frente. E a partida será no dia 2 de agosto. A expectativa aumenta

Já não correm mais boatos. É certeza partirmos pois os preparativos são iniciados ao longo de meia noite. Enormes caminhões começam a manobrar em nosso acantonamento, com brasileiros na direção, que fizeram curso de aperfeiçoamento com americanos. Cada caminhão vai transportar vinte e cinco soldados sentados.

Um detalhe importante. Os americanos ficaram abismados com a perícia demonstrada pelos motoristas brasileiros pela facilidade como dominavam as grandes máquinas.

O dia amanhece. Recebemos a indigesta ração K para vários dias.

Antes da partida foi rezada uma longa missa. Nossos capelães oficiam a reza com augúrio de boa viagem até o fim da mesma.

Afinal íamos deixar a famosa cratera do vulcão Estrônia depois de permanecer trinta e dois longos dias. Vamos mais longe ainda...

O dia é um melancólico domingo. Nosso destino inicialmente será a cidade de Litória. Esta possuía antes da guerra imensa indústria que fabricava as famosas locomotivas litorianas, conjunto ferroviário importante no mundo inteiro.

Partimos exatamente ao meio dia do dia 3 de agosto de 1944. É um enorme comboio de grandes caminhões roncando rumo ao norte da Itália.

No percurso deu para ver a enorme destruição provocada pelos alemães: cidade, pontes e tuneis arrasados pela aviação. E o pouco que restou era saqueado pelos soldados inimigos quando eram evacuados para o norte.

Vimos pequenas cidades: Giovaliano, Valiano, Litterno, Gaeta, Feliciano, Fornis Itri e muitas outras que não foi possível guardar seus nomes.

Finalmente após treze horas com o bumbum doendo pra cachorro, chegamos a Litória. O relógio da igreja marcava meia noite. Foram 13 horas de sofrimento causado pelo sacolejar dos caminhões.

A madrugada foi muito fria, e muito vento e fome nos afligiam. O vento era fio e cortante. Judiava da gente, pois estávamos agasalhados com a miséria roupa que trouxemos de um país tropical chamado Brasil.

Antes de chegarmos à Litória passamos pela famosa Via Apia próxima a Roma. Avistamos de relance as altíssimas cúpulas das torres das igrejas da cidade.

PRÓXIMA PARADA: TARQUÍNIA

Em Litória ficamos alguns minutos para desentorpecer os músculos e novamente tomar o caminhão até atingir Tarquínia.

São exatamente seis horas da manhã. Esta é uma cidade a beira-mar, e possui importante porto. Antes passaríamos por Civitavéchia, também a beira-mar.

O dia é 4 de Agosto de 1944. Depois de dezessete horas sentados na dura tábua do assento do caminhão finalmente atingimos a cidade de Tarquínia, que não podia ser vista, pois íamos além dos seus limites, a 40 quilômetros, onde seria o nosso acampamento. Após dezoito horas de viagem chegamos ao local designado.

Havia pressa em chegar a esse local. O comboio raramente parava, e quando isso acontecia mal dava tempo para fazer xixi. E quando não dava para esperar a próxima parada, a ordem era tirar e ajeitar o pinto bem rente à parte traseira do caminhão e mandar brasa. Dependendo da velocidade do caminhão, bem como dos buracos, o vento jogava a urina expelida de volta a nossa cara e roupa, deixando-nos molhados. Não havia outra opção.

Afina, chegamos depois de 18 horas de sofrimento. Chegamos mais mortos do que vivos. Meu bumbum dói tanto que as partes moles estavam achatadas de tal maneira que só depois de muitos dias voltaria ao normal.

Cansaço, sono, frio e fome eram nossos maiores adversários no momento. Exaustos, nos largamos no chão duro, e lá ficamos jogamos até ao amanhecer de um novo dia.

Aqui também nos deram a famosa refeição enlatada, de nome “bittbines”, que quando caía no fundo do estomago, era como se fosse um soco mesmo.

A ordem era para não nos afastarmos do local, pois o terreno era inteiramente minado. Devíamos esperar os homens especializados para retirar as minas e desarma-las.

Dois dias depois chegaram as barracas que comportavam dois homens. De novo meu companheiro foi o Sargento Torres.

Depois de armadas e a cozinha de alimentos quentes funcionando, a ordem era esperar a chegada de todo material de campanha para iniciarmos todos os trabalhos de instrução.

Graças aos esforços dos nossos motoristas, todo o primeiro escalão da FEB tinha sido transportado para o novo acampamento. Era o dia cinco de agosto.

Nesta data fomos incorporados ao V Exército Americano, uma das maiores unidades desse país, com brilhante campanha na África. Pertencíamos ao 4º Corpo de Exército da famosa unidade. O General Gritemberg era seu Comandante. O Comando do V Exército era atribuição de outro General, Mark Clark.

Desta vez, nosso novo acampamento se localizava numa elevação, que dominava vasta área. Havia uma grande plantação de oliveiras. A minha barraca está sob uma grande árvore, dando vista para o Mar Tirreno onde vemos muitos aviões de uma base americana.

Aqui, bem como no vulcão onde estávamos, a água é uma miragem. Apenas um cantil por dia que mal dá para matar a sede. Falar em banho é crime. Não se pode ir ao mar que está ao nosso alcance, até que o terreno esteja livre das minas colocadas pelos alemães.

A correspondência continua ausente desde que partimos d Brasil. O sol é causticante e queima de verdade. Na proporção em que não recebemos cartas, a saudade aumenta.

É domingo, 6. Um belo domingo cheio de sol. A alvorada tinha acontecido as 6h 30m. Em nossa barraca, eu e o Torres dormimos esticados no chão duro. A cabeça apoiada nas botinas com cheiro terrível.

Ainda não tínhamos recebido o fardamento igual ao utilizado pelos americanos. O nosso ainda era o recebido no Brasil. A noite esfriava e a ordem era aguentar o frio.

Até o momento, lavar o rosto era um luxo. Banho era palavra que não podia ser pronunciada. Nossos pés fediam o tal chulé. Não havia mínima condição de higiene. Não havia sabão, nem escova e pasta para higiene bucal.

Os soldados americanos descarregam montanhas de armamento de todos os tipos e espécie. Enfim começaria a instrução de verdade e os preparativos finais para evitar em combate. Chegou inclusive o novo fardamento. Agora estamos mais elegantes. Uma roupa decente.

Marchas e mais marchas diurnas e noturnas todo santo dia judiava muito dos nossos pes e do nosso corpo.

Nesta data e neste momento, numa rodinha de amigos, batemos papo, eu, meu comandante de pelotão Tenente Carqueja, Tenente Omar Dantas, Cabo Fernando, Cabo Pitaluga e outros. Conversa informal. Comentávamos nossa nova situação

Conseguimos permissão para irmos até a cidade de Tarquínia, distante 40 quilômetros do acampamento. Eu, Torres, Natan e Cabo Fernando nos mandamos para lá.

A cidade se localizava no: alto de uma elevação e era totalmente murada; estilo medieval e com poucos ambientes na ocasião. Estava praticamente destruída.

Mesmo assim pudemos apreciar suas famosas obras de arte no museu local. Pinturas e esculturas dos mais famosos artistas italianos.

Bebemos uns “bichieri” de vinho e logo após retornamos ao acampamento com uma fome danada. A famosa ração concentrada nos esperava de braços abertos. Como sempre, no resto do dia, bate papo com amigos e escrever cartas. Tinha comigo uma boa quantidade de papel e envelopes trazidos do Brasil. Nossas missivas eram censuradas por

funcionários do comando. Tinham autonomia para retirar alguma coisa jogada inconveniente.

Tarquínia, Itália, dia 07 de agosto de 1944.

A alvorada foi mais cedo. As 6h. Como sempre, não há água nem pra lavar a dentuça, e muito menos a cara. Será iniciada uma longa marcha em direção ao mar Tirreno. Passamos por uma infinidade de vilarejos que os italianos chamam de “picolas comunas”. Seus habitantes ainda não haviam retornado.

A tal marcha prosseguia. Um calor danado fazia suar as bicas. E o mar tão pertinho. Numa dessas, o comandante perguntou se queríamos tomar banho. Não precisava perguntar. Todos queriam. Mais, e o calção? Ninguém se aborreceu, pois em poucos minutos tomava banho peladinho. Até que era divertido. Foi a melhor coisa que aconteceu ao longo do percurso. O banho era uma delícia. Também, depois de quase um século. E agora, onde achar água doce para tirar sal da água do mar?

A expectativa em receber cartas aumentava. E elas não vieram. Regressamos após várias horas, com fome. E toma ração concentrada. Felizmente nossa cozinha de campanha estava sendo instalada, e a comida quente se tornaria realidade.

O dia é uma terça feira, 8 de agosto de 1944, ainda em Tarquínia. Recebemos capacetes de aço. Em homenagem a minha noiva, gravei o seu nome em seu interior.

Chegaram as viaturas de todo tipo e espécie, desde os pequenos jeeps até grandes rebocadores de canhões. Um verdadeiro monte de apetrechos de guerra. Especialmente os grandes caminhões para o transporte de tropas. É uma atividade infernal em nosso acampamento. Ia ter início a fase decisiva: a preparação efetiva para a guerra. Adestramento para todo material e em especial o armamento cujas características eram desconhecidas para nós, pois só conhecíamos a nossas obsoletas armas usadas no Brasil.

Uma boa quantidade de Sargentos e oficiais foram designados para estagiar no fronte. Eu entre eles. Tomamos conhecimentos da realidade.

Sabíamos que estava prevista a invasão do sul da França e por essa razão o movimento de aviões tipo fortalezas voadoras não tinham limites. Tarquínia era uma base aérea dos aliados. Abundavam também os famosos “mosquitinhos” dos ingleses. Eram aviões de caça e bombardeio de 2 fuselagens e de alta velocidade.

Nosso comandante recebeu convite para que elementos de nossas unidades se dispusessem a dar um giro nesses aviões quando em exercício.

Estava entre os que foram. Á uma velocidade média de 700 km/h, era uma aventura maravilhosa. Não preciso dizer que houve a devolução do almoço dentro do avião. Um papelão sem limites.

Tarquínia, 9 de agosto de 1944, quinta feira.

A instrução está apertando. Marchas e mais marchas noite e dia. O treinamento com todo tipo de armamento era ministrado por Sargentos americanos. Eu, como Sargento Auxiliar de Pelotão, procurava assimilar os ensinamentos. Todos nós estamos ansiosos para ver “a cobra fumar”. É a voz corrente que dentro de poucos dias estaremos enfrentando os alemães.

O tempo demora a passar. Depois das instruções, marchas e treinamentos, apesar de tudo, era uma delícia.

Já pertencíamos ao 4º Corpo de Exércitos do V Exército Americano Tarquínia, 10 de agosto de 1944.

O dia amanheceu de tal maneira que trouxe para todos nós momentos indescritíveis de desolação e ao mesmo tempo muita hilaridade.

Na véspera, quando nos recolhemos às nossas barracas mais ou menos 11 da noite, notamos que o céu estava carregado de nuvens escuras; os trovoes e relâmpagos iluminavam o nosso acampamento. Eram momentos de inquietação e ficamos aterrorizados prevendo o que iria acontecer momentos depois.

À uma hora da manhã começou a chuva de granizo e um vento infernal. Difícil de descrever a velocidade do vento e o volume de água que estava caindo. E como nosso acampamento se localizava nas encostas da elevação, a enxurrada aumentava a todo momento. A chuva aumentava. Relâmpagos e trovoes; um vento impressionante. E aconteceu. Nossas barracas foram levadas de roldão morro abaixo. A violência da enxurrada era impressionante.

Era crítica a situação que estávamos vivendo. Todos lutavam para tentar salvar algumas coisas que eram possível. Tudo rolava pelo morro. A situação durou até as 6 da manhã, quando amainou a tempestade.

Pouca coisa deu para salvar. Na baixada do morro, e isso já no início do mar Tirreno, havia um montão de capacetes, cantis, roupas e até a lona da barraca, enterrados na lama. Apesar dos pesares todos saíram ilesos, havendo tempo para risadas gostosas.

Tarquínia, 11 de Agosto de 1944, Sábado.

Era intenso o movimento em nosso acampamento. A movimentação das viaturas, os exercícios no campo, as marchas diurnas e noturnas acabavam com nossa resistência. O esgotamento era total em virtude de alimentação precária e das noites mal dormidas. Tudo contribuía para desgaste tremendo. Sem falar na mudança de clima

As viaturas eram novas e sobravam muito combustíveis, razão para intenso movimento das mesmas, dentro e fora do acampamento. A expectativa é grande e todos esperam o momento decisivo que é entrar em combate.

Dois acidentes graves aconteceram. Um soldado morreu afogado no mar e um Sargento pisou numa mina morrendo instantaneamente, além disso, muitos soldados foram feridos. Foi um dia de muita tristeza para nós.

São precisamente nove da noite no Brasil. Conversávamos eu, Potyguar e outros colegas. Potyguar se acerca de mim e disse baixinho:

- O que estariam fazendo nossas garotas neste momento? ”

Não soube responder, apenas disse que tinha muita confiança na minha garota.

Tarquínia, 13 de agosto de 1944.

Juntamente com outros trinta Sargentos parti para a linha de frente encontrando-se com Sargentos americanos. Lá estagiamos na grande unidade americana, a 10° Divisão de Montanha, cuja especialidade o próprio nome informava.

A impressão colhida não foi das melhores. Permanecemos ali cinco dias, regressando na linha de frente.

Pela manhã desse dia regressamos ao acampamento. Chegava a hora de deixar Tarquínia, local de onde não levamos muita saudade

Tudo faz crer que hoje será o dia da partida. Todo material de campanha está pronto para ser transportado. O jantar foi servido mais cedo, as 3h 30m.

O acampamento está super limpo. Todo lixo acumulado foi incinerado. As 6 da tarde começam a chegar os grandes caminhões que formaram o comboio. Finalmente vamos partir.

Para onde iremos agora? É pergunta corrente. O certo é que vamos deixar o acampamento de Tarquínia, seguindo a rota norte da Itália. O material foi colocado nos caminhões. Agora era aguardar a partida.

Mas, para complicar as coisas, logo após sairmos despencou um forte aguaceiro acompanhado de ventania violenta.

Ficamos mais molhados do que pintinhos sem a coberta da galinha em tempo de chuva.

Passamos por uma infinidade de cidades durante o percurso: Montalto, Orbetelo, Grosset, Liguria e muitas outras que não memorizo.

A meia noite aconteceu “alto –horário” para a turma esticar as pernas e fazer xixi. As 12 h 20m reiniciamos a marcha, chegando ao nosso destino, Vada, às 4 h 40 m.

Molhados, com sono e com muita fome deitamo-nos no chão duro e descansamos. Ali seria nosso acampamento.

A barraca da cozinha estava sendo montada e pouco depois tomávamos um gostoso e quente café que nos reanimou.

O novo acampamento localiza-se no meio de imenso parreiral. Há uma fartura de uvas de todas as cores. O resto do dia ficou reservado para montar as barracas e bater um longo papo.

SURPRESA EM VADA

A cidade de Vada ficava distante do acampamento uns 10 quilômetros. O dia é 20 de agosto de 1944. O comando determinou que a tropa ficasse de sobreaviso, pois haveria alguma surpresa durante o dia.

Recebemos ordem para entrar em forma as 14 h com a melhor aparência possível, pois a tropa seria formada para receber o Comandante do V Exército, General Mark Clark, que viria acompanhado do primeiro Ministro inglês Winston Churchill.

Os homens foram escolhidos a dedo entre os demais para a revistadas tropas pelos ilustres visitantes. Eram os mais altos e de melhor aparência, bem barbeados, fardamento e calçado o mais limpo possível. Toda oficialidade brasileira estava a postos, inclusive o General Zenóbio da Costa.

Depois dos toques regulamentares pelo corneteiro, aparecem juntos, tendo a sua direita Mark Clark, Churchill ao centro e a direita dele o nosso Comandante, General Mascarenhas de Moraes.

O trio formado, tendo como personagem maior o 1º Ministro inglês Winston Churchill e seu famoso e fumegante charuto, passou em revista a Companhia formada para tal fim.

Sobraram elogios para nossa apresentação e a seguir cantamos a peça musical de nome “Deus Salve a América”, finalizando a solenidade.

Para mim foi imensa satisfação em conhecer tão ilustres personagens.

Voltamos ao acampamento para a instrução, pois dentro de poucos dias estaremos indo para o fronte. À noite estava previsto um deslocamento e transporte dos apetrechos de guerra que usaríamos quando em atividade. Esta manobra aconteceu. Chegamos depois de meia noite, e o ideal seria um banho, pois chegamos empoeirados dos pés à cabeça. Mas cadê a água?

O banho aconteceria e a água era retirada dos camburões para encher os cantis. Despejava-se um cantil pelo corpo abaixo, esfregava-o com sabão que obtínhamos na cozinha e a seguir, mais um cantil para tirar a sujeira maior. Estávamos acostumados com tanta sujeira, pois fazia parte do nosso dia a dia.

A noite escura chegou. Deitados no piso da barraca eu e meu colega Torres trocávamos ideias sobre o que nos poderia acontecer. O Torres era casado e tinha vários filhinhos.

Eu era solteiro mas me preocupava bastante. Tinha minha noiva e pretendia constituir minha família. E a vida para todos nós era uma verdadeira incógnita. Não entendia a razão de estar envolvido numa guerra que não era minha.

Perguntava para mim o porquê dessa guerra e não achava respostas. Quanto a guerra em si, eu a compreendia e, no meu entender achava que era um mal necessário, como necessários era o fim de todos nós ao longo de nossa existência.

Mas essa guerra longe de nossas fronteiras eu não conseguia atinar.

No silêncio da noite estirado no chão duro da barraca e sem poder dormir, ouvia ao longe o ribombar das granadas de artilharia atuando não muito distante daquele que seria nosso último acampamento.

Sonolento, a alvorada me despertou para mais um dia de agonia. Segunda-feira, 21 de agosto de 1944.

Uma ordem chegou do Comando do V Exército para acelerar ao máximo a instrução da tropa para o emprego imediato da mesma no conflito.

Recebi hoje um binóculo de longo alcance e também uma carabina ponto-30, usada somente por oficiais e sargentos auxiliares do Pelotão. Os demais, receberam um fuzil bem moderno. O tal fuzil “Springfield” americano, de alto poder de fogo.

E toma instrução, e toma marcha. Essa era a nova rotina. Havia necessidade de instruir a soldadesca no manejo das novas armas que nos foram distribuídas. E era o que cabia a cada Sargento fazer.

Amanheceu mais um dia igualzinho aos outros. A alvorada foi às seis horas da manhã. Após o café fomos para o campo de instrução. Nosso almoço foi servido lá, entre as fases de treinamento. O regresso aconteceu bem mais tarde, quando ainda tínhamos uma longa marcha de noite.

Banho. Onde está a água? Nosso corpo acumula assim mais um punhado de sujeira.

Nos próximos dias aconteceu a mesma rotina dos anteriores. Instruções com o armamento sem economia de munição nos mesmos lugares de treinamento. Deita, levanta, cavar abrigos, deitar, levantar, cavar abrigos individuais, como se de fato seriam eles necessários. Era uma hipótese viável nos próximos dias.

Bolhas d’água e de sangue estourando nas mãos da gente.

Dia 25. Um fato novo acontece hoje.

O Exército Brasileiro comemora o “Dia do Soldado”. Treinamento de ordem unidade para a seleção dos homens que comporiam a Companhia de fuzileiros, que prestaria homenagem ao Patrono do nosso Exército, Marechal Duque de Caxias.

Estariam presentes os generais Mark Clark, Mascarenhas de Moraes e Zenóbio da Costa, além dos oficiais brasileiros.

A companhia da qual fazia parte foi passada em revista pelas autoridades presentes. Ela portou-se muito bem ganhando vários elogios.

Finda a solenidade, regressamos ao alojamento. Almoço e a seguir partida para o campo de instrução que distava uns 20 quilômetros. Junto a nós estavam muitos sargentos americanos que auxiliavam na instrução. Eram oriundos das linhas de frente com grande prática no manejo das armas.

Na minha Companhia, a 9ª, estagiava um sargento americano de nome Luiz G. Campos, de família espanhola residente nos Estados Unidos. Entendíamos muito bem, pois ambos falávamos o castelhano.

Vada. 26 e 27 de agosto de 1944.

Hoje um domingo cheio de sol. Meu amigo e colega Campos me convidou para sair e dar umas voltas de jeep. Fomos até a cidade beira-mar de Cecina. O mar é o Tirreno.

Praticamente destruída, estava sendo reocupada pelos seus moradores. Deu para avaliar suas igrejas e as suas obras de arte.

Os muitos brasileiros que lá se encontravam diziam em tom de blasgue: o italiano é um povo muito arteiro! Lá tudo é arte. Estátuas, Museus, Igrejas, Pinturas. Percorremos toda Cecina, que é pequena. Tomamos uns copinhos de vinho. Por sinal, ótimo.

Fomos até uma de suas principais praias. Estava vazia. A tentação era grande para a prática do banho. Não tínhamos calção e não havia ninguém para ver a gente pelado. Sem dúvida, entramos no mar. O dia é quente. Era uma gostosura.

A cidade estava sem atrativos e praticamente abandonada. Regressamos ao nosso acampamento e lá ficamos batendo papo. A maioria dos soldados também se haviam mandado. Era domingo e não havia instrução.

Vada, 28 de agosto de 1944.

Rotina. Só rotina. Ainda não recebemos correspondência de nossa família, o que nos deixa muito chateados. No mais, tudo se resume em instrução de toda espécie, especialmente no que se relaciona com a ocupação do terreno conquistado; preocupação, as minas e os campos minados. O perigo que representa a mina anti-pessoal que ao explodir aniquilam ou mais soldados.

Do dia 29 de agosto até o dia 9 de setembro nossa permanência no acampamento se resumiu tão somente em instruções, marchas diurnas e noturnas de longo percurso, para ficar provado que éramos resistentes e preparados para o que nos esperava.

Vada, 10 de setembro de 1944.

Este dia foi diferente dos demais. Foi realizado o célebre teste final de capacidade. Exercício-teste que devia ser provado o grau de adestramento da tropa brasileira, pois a partir daí estaríamos na linha de frente.

Marcha de 36 quilômetros em solo montanhoso e um combate simulado, agora com munição de verdade, munição de guerra. O teste se desenvolveu de maneira satisfatória. Foi assistido pelo Comandante do V Exército, General Mark Clark e um punhado de outros oficiais americanos.

Eles queriam se certificar do vigor, adestramento e preparo técnico dos brasileiros.

O teste contou com a aprovação do Comando americano. O General Zenóbio da Costa que comandou o grupamento, foi muito felicitado pelo desempenho geral da tropa. Fomos julgados aptos para enfrentar o inimigo que se encontrava a poucos quilômetros.

E realmente isso aconteceu conforme provado em prática. Seis dias depois começamos a brigar com os alemães. Findo o teste, regressamos ao acampamento.

Vada, 11 de setembro de 1944.

O preparo da tropa prosseguia. A correspondência ausente. Sem água para o banho. Até o momento estes eram nossos maiores inimigos.

Continuamos recebendo apenas dois cantis de água por dia. Mal dava para escovar os dentes e matar a sede.

Ontem foi um dia agitado e hoje segue a rotina. Para variar, as companhias fazem entre si uma guerra de verdade. Usa-se material e munição verdadeiras. Os três pelotões de fuzileiros de minha Companhia fazem evoluções no terreno.

Puxa vida, como é complicado se envolver em guerra. Meu pelotão de metralhadoras e morteiros de 60 milímetros lhe davam cobertura. Até que era emocionante e mexia com os nervos da gente. Essa instrução durou até as nove da noite. Com s brios lá embaixo, chegamos ao acampamento após 20 quilômetros de marcha.

É de doer. E foi nessa hora que jantamos. Nem pensar em banho. Onde está água? Notamos que estávamos fedendo, mas assim mesmo começamos sem tomar banho. Aliás, não tinha água para isso.

No mais não havia necessidade de grande esforço para dormir pois o cansaço era de morte. Não é preciso nem colchão.

Vada, 12 de setembro de 1944.

Recebemos instruções de oficiais e sargentos americanos quanto às minas e ao terreno minado.

Aprendemos como neutralizar sem grandes riscos as minas anti-pessoais e até as minas anti-tanques. Foi uma magnífica lição, pois o fato de um terreno estar minado é um grande empecilho para o infante. Há necessidade de saber como desativar o petrecho. A instrução levou o dia inteiro se resumindo em minas de todo tipo e espécie. O epílogo já conhecemos de cor: marcha de 20 quilômetros até o acampamento e dormir sem tomar banho.

Hoje chegamos quinze minutos mais cedo. Jantamos. As barracas haviam sido desmontadas e teríamos que dormir no chão apenas enrolados no cobertor. O cobertor estava tão sujo e encardido como seus donos.

Ele nunca nos abandona. Mas não basta para conter o frio das noites italianas. Devemos ficar de sobreaviso, pois a qualquer hora seguiríamos para as linhas de frente. A ansiedade aumentava em proporção a proximidade de chegar a hora de provarmos que somos tão homens como os aliados ou outro soldado qualquer, inclusive o inimigo.

No que me toca, devo confessar que tenho medo. Claro que tenho medo. Assim como os demais, tenho medo de morrer em combate.

Demonstramos que não temos medo e nos fazemos de forte, mas a “paura” está presente nestas ocasiões. A incerteza de ser atingido pelo inimigo é uma incógnita que abate qualquer um.

Vada, 13 de setembro de 1944.

Finalmente aconteceu o esperado. Nossa partida se dará à meia noite.

Enrolados na manta e deitados no chão duro com os fuzis ao nosso alcance, esperamos, esperamos a ordem que não veio. Ela foi adiada para as seis da tarde do dia seguinte.

14 de setembro de 1944.

Finalmente aconteceu o esperado. Partiremos às 18 h 30m. O imenso comboio de caminhões se põe em movimento, e mais de 4.000 homens são assim transportados para rumo ignorado. Nosso coração pulsava com violência dentro do peito.

Chegamos no amanhecer do dia em Ospedaletto, cidade abandonada próxima ao fronte. Cansaço muito sono, frio e fome era geral.

Tentamos dormir esticados no chão duro, enfim não conseguimos. Estava clareando e verificamos estar dentro de um imenso parreiral. Sobrava uva e nos fartamos em degustá-la

Deixamos o local a pé mais ou menos nove horas da manhã. Nosso destino agora seria a linha de frente. E sempre no pé dois. Como se andava, meu Deus! Íamos substituir uma tropa americana que há muito não tinha descanso. Tal Regimento era o 334º de Infantaria do 4º Corpo, do V Exército que tinha a missão de progredir em direção ao norte.

Sempre rumo ao norte, passamos nas imediações da famosa Torre de Pisa, tão inclinada como a conhecemos através das fotos. Paramos para refeição e pernoite.

Como não haviam feito reservas de acomodações em hotéis e pensões de Pisa, dormimos mais uma vez no chão duro. A ordem agora era esperar novas notícias. O café da manhã foi às sete. Tão frio quanto a temperatura reinante. O chafé foi acompanhado por bolachas intragáveis.

O tempo vai passando e nós na expectativa. Ansiosos por um banho; a água faltando... Já perdi as contas dos dias que ficamos sem nos lavar. Cheiramos a hiena.

Uma surpresa estava para acontecer e de fato aconteceu. O meu comandante de Pelotão, Tenente Carqueja, bateu-me nas costas e me disse emocionado: "Moreno, meu Sargento auxiliar, prepara-te que vamos entrar em combate. Alerta nosso pessoal" Foi o que fiz.

O local onde nos encontrávamos era Arliano. Pequena cidade, também abandonada. Sempre no pé dois, nos mandamos para esse lugarejo às 15 h 30m. Anda-se e anda-se. Seguimos pela famosa Rota 1 atingindo o cume de enorme elevação já à noite. Escuro como breu. Ali passamos mais uma noite de frio e fome. São duas e vinte da madrugada, e ao nosso lado se encontra em posição de combate a 2ª Companhia. E a frente de ambos estão os alemães.

É nossa primeira noite na linha de frente. Substituímos a tal tropa americana que se retirou para a retaguarda.

O inimigo havia previsto a passagem de comando, e por essa razão às duas da manhã lançou sobre o 1º Batalhão poderosa patrulha que pretendia

um golpe de mão. Tivemos bastante sangue frio e após duro combate e patrulha foi dispersada.

Amanheceu o dia e nós aferrados ao terreno, aguardando ordens que viriam logo. A ordem era prosseguir e ocupar a cidade que estava em poder do inimigo Massarosa e Santo Estevão. Atingimos os limites da cidade e cavamos nossos abrigos individuais, os “fox-hole”.

Apavorados matamos que de fato estávamos enfrentando o inimigo. A artilharia nos castigava e não podíamos sequer levantar a cabeça. Chove muito e estamos encharcados até os ossos. Frio e fome e mato.

Com o auxílio de nossa artilharia e alguns tanques americanos abrindo caminho, as duas cidades foram libertadas. Era as duas primeiras; os dois primeiros sucessos. Foi o início de uma longa caminhada que muito nos marcaria.

UM RESUMO OFICIAL

É o quarto dia na linha de frente. E como não tenho condições de relatar tudo o que aconteceu nos dias subsequentes, transcrevo na íntegra o que consta de minhas alterações fornecidas pelo Comando do 6º Regimento de Infantaria, do qual fazia parte como integrante, o Sargento auxiliar da 3ª Companhia e do pelotão de petrechos da mesma.

Assim, antes de entrarmos no capítulo seguinte, transcrevo minhas alterações a partir da data de embarque no porto do Rio de Janeiro, no navio de transporte de tropas americanas General Mann.

A 5, foi publicado que se deslocou do porto do Rio de Janeiro, para operações de guerra no exterior, para fins de averbação nos seus assentamentos.

A 18, foi publicado ter desembarcado no porto de Nápoles, entre 13 e 15 horas do dia 16 do corrente, se dirigindo em seguida para a região de Bagnoli, acampando.

Agosto de 1944. A 4, foi publicado ter se deslocado de Agnaro às 5h do dia 3, por via férrea até a região de Litoria, e daí em caminhões até a região de Tarquínia, onde chegou às 13 h, acampando.

A 17, foi público ter sido incorporado ao V Exército Americano, desde 5 do corrente.

A 21, foi público haver levantado acampamento de Tarquia (Fornaca) às 19 h do dia 18, deslocando-se em estrada de rodagem para a região de Vada, acampando em Barabino às 4 h e 50m da manhã, do dia 19 corrente.

Setembro de 1944; Foi público ter sido louvado pelo Coronel João Segadas Viana, Comandante do 6º Regimento nos seguintes termos: *Pelo esforço e dedicação, e amor que tem revelado desde a partida de FEB, colaborando para que essa força represente dignamente o nosso Brasil nos campos de luta da Europa (coletivo).*

A 13 foi público ter se deslocado a 15, de Ospedaletto para Vechiano, chegando no mesmo dia e a 16, substituído com o Regimento, o 334º Regimento Americano (Regimento Búfalos), recebendo a missão de progredir para o norte, conquistando as cidades de Massarosa e Santo Estevão, às 19 h 30 m, apesar de intenso fogo de artilharia alemão.

A 24, foi público ter sido arquivada na Secretaria Geral do Ministério de Guerra, sua declaração de herdeiros, sob nº 731. Também ter conquistado a cidade de Camaione junto com seu Regimento, a 18 do mesmo mês.

A 27, foi público ter atacado com o Regimento no dia 25, o inimigo organizado nos morros Acuto-Valimona e Garupa de Betoni, tendo-os conquistados na tarde desse mesmo dia, obrigando-o a retirar-se mais para o norte.

Outubro de 1944. A 2, foi público ter se deslocado com o Regimento, por ordem superior, da Filetole (Vechiani), para La Corte, no dia 14 de Setembro de 1944; de La Corte para Magiano, no dia 18; e de Magiano para Valponaro, no dia 26.

A 6, foi público ter conquistado dia 30, com o Regimento, a cidade de Borço a Monzano, não obstante o incessante fogo de artilharia e morteiros do inimigo. Na mesma data foi público a retificação da cidade de Camaione.

A 11, foi público ter sido elogiado pelo Exmo. Sr. General Criteberg não só pela atuação modelar como também pela captura da cidade de Camaione, abandonada pelo inimigo e em consequência, pressão no eixo Massarosa-Camaione.

A 13, foi público ter conquistado com o Regimento, não obstante o incessante fogo de metralhadoras e morteiros do inimigo, nas datas que se seguem, os seguintes lugares: no dia 17, Vecelli, V. Forci e Pizano; no dia 18, Castaneri, San Martinho em Fredana, C. Palagia, Cuscia, Torraccia, Casciana, Mansagratti, Cotas 404, Vila del Canetrano e C. Calliceli. No dia 20, Stignano, Febiana Bezzano e Cota 562. No dia 24, Tercigliano; no dia 26, Monte Prano; no dia 27, Lopeglia e Fiano; no dia 28, Venvalle, Piegaie, Vilabuona, Piazonele e Pescaglia. Ainda 13, foi público ter conquistado com o Regimento, as cidades de Fornace e Barga, sem encontrar resistência.

A 14, foi público ter se deslocado a 12, com o Regimento, de Valonaro para Borgo Monzano.

Novembro de 1944. A 3, foi público ter se deslocado com o Regimento, no dia 30, de Borgo Monzano para Osteria (Chiavizano), para Porreta, e a 6, desta localidade para Marano.

Dezembro de 1944. A 2, foi público ter substituído a 4/11, um Batalhão americano em linha; na noite de 19 para 20, sido substituído pelo 11º R.I., vindo pra Cá de Cristo; e a 22 passou a fazer parte da Task Force 45, tudo no mês findo.

A 9, foi elogiado pelo Senhor Comandante de 1º Divisão de Infantaria Expedicionária, nos seguintes termos: *Pelo seu valeroso esforço no*

cumprimento do dever e das missões que lhe tem sido dadas até o presente momento, é elemento do Batalhão que mais se tem destacado pelos trabalhos realizados, pela sua energia e conduta serena, sem vacilações e ponderações. Outras missões difíceis atribuídas, mas conta com a firmeza e o valor combativo de seu chefe, Major Silvino, com disciplina e a coragem de seus oficiais e praças, para que o Brasil se orgulhe para sempre dos feitos de seus expedicionários.

A 15, foi público ter sido substituído com o Batalhão a 29/11, pelo 1º Batalhão do 11º R.I., vindo para Porreta e passando a reserva da Divisão Expedicionária.

Na mesma data, foi público ter substituído a 2 do corrente, com o mesmo Batalhão, vindo para Porreta e passando a disposição do IV Corpo de Exército.

A 27, foi louvado pelo Comandante da Companhia, nos seguintes termos: “Como auxiliar direto de seu comandante de Pelotão, tem colaborado grandemente para o bom desempenho das missões recebidas por este, disciplinado, valente, revelando forte espírito de sacrifícios e grande dose de combatividade. Fez parte saliente dos ataques a Monte Castelo nos dias 24/25 e 26 de novembro findo em que a Companhia foi empenhada (individual).

Janeiro de 1945. Sem maiores alterações.

Fevereiro de 1945. A 23, foi público ter o Senhor Coronel João Segadas Viana, ao deixar o Comando do Regimento, louvou-o nos seguintes termos: *Agradeço-o e louvo-o pela dedicação com que comigo colaborou no desempenho das missões atribuídas ao 6º Regimento de Infantaria, numa demonstração de sã e leal camaradagem, pelo respeito aos seus superiores, levado sempre pelo ardor patriótico de elevar e dignificar o nome do Brasil.*

Na mesma data o senhor Coronel João Segadas Viana tornou extensivo o louvor dado pelo senhor General Criteberg, Comandante do IV Corpo de Exércitos, nos seguintes termos: *O 6º RTC de 1º Divisão Expedicionária, que constitui a vanguarda da Força Expedicionária Brasileira, na Itália, foi incorporada ao IV Corpo a 13 de Setembro de 1944, e assumiu a responsabilidade de uma zona de ação na frente do IV Corpo, a 15 de setembro substituindo elementos da Task Force 45 e 370 Regimento de Infantaria Americano. Durante esse período de 13 de setembro a 16 de novembro de 1944, o 6º RTC lutou e perseguiu o inimigo das vizinhanças de Vachiano através da linha Gótica, até as posições que representam a frente geral do IV Corpo nesta data sob direção vigorosa e agressiva do General Euclides Zenóbio da Costa, auxiliado por um Estado Maior capaz; seu Comandante do Regimento de Infantaria, Coronel João Segadas Viana e por seus Comandantes de Unidades. Neste primeiro contato das tropas brasileiras com o inimigo alemão na Itália, o 6º Regimento lutando as vezes contra tenazes resistências inimigas, demonstrou entusiasmo e espírito de luta ofensiva, capturando várias cidades e posições importantes, contribuiu grandemente nessa fase de avanço do IV Corpo na Campanha na Itália. O*

Comando enérgico do 6° RI, por parte do General Zenóbio da Costa, constituiu uma credencial importante para as Forças Armadas do Brasil e para os aliados que estão fazendo uma guerra de muitas nações contra o inimigo comum (Elogio coletivo).

Março de 1945. A B, foi público ter conquistado com o Batalhão em ligação com a 10° Divisão da Montanha Americana, apesar da resistência inimiga, os seguintes lugares e posições:

A 3, Roca Pitigliana, Lavigne, Braine, Rancoli, Santa Maria Pitigliana; a 4, Cotas 800-882, a oeste da Torre de Nerome; a 5, as Cotas 702,720,722, Soprassasso e Castelnuovo. Na mesma data foi público ter passado com a Companhia a disposição do General Euclides Zenóbio da Costa, e a 29, foi público que fez parte cm a Companhia do Destacamento Oliver, desde o dia 4 do corrente, e a 27 reuniu-se ao Batalhão, após quatro dias de repouso.

Abril de 1945. A 6, foi mandado averbar aos assentamentos a seguinte mensagem: *General Mark Clark. A pedido da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos unanimidade expressa envia-lhe e aos oficiais a praça de todas as forças sob seu Comando, nosso agradecimento pela esplêndida coragem e magníficas vitórias alcançadas no fronte italiano, sob difíceis circunstâncias, e que trouxeram glória e prestígio a nossas armadas combinadas. Assinado. San Rayburn, Apoak, United States – House of the Representatives.*

A 10 foi louvado pelo senhor Comandante de Companhia nos seguintes termos: *O Segundo Sargento Salvador Moreno, Auxiliar do Pelotão de Petrechos, louvo-o pelo acerto, presteza e exatidão com que, junto as suas peças de morteiro 60m, na noite de 16 para 17 de março pp., durante um golpe de mão que sofreu a Companhia, cumpriu tão brilhantemente e rapidamente as missões de tiro que lhe transmitia elo rádio, louvo-o ainda pelo sangue frio e desprezo pela vida demonstrado, quando mesmo debaixo de intenso fogo de artilharia e morteiros inimigos que procuravam neutralizar suas peças, não deixou por um minuto sequer de atirar constantemente (individual).*

A 13, foi público ter sido substituído com o Batalhão durante a noite de 9, por elementos do 317° Regimento Americano e a 10, se deslocando para Caselia-Véria-De Soto, estacionado.

A 18, foi público ter baixado ao Hospital ferido na região frontal, e em outras partes do corpo por estilhaços de granada, ferido no combate de Montese. A 28, teve alta no Hospital, retornando ao fronte.

A 12, foi público ter o Comandante da Companhia participado que o Segundo Sargento Salvador Moreno, respondeu pelo comando do Pelotão, no período de 5/11 a 10/12 de 1944, quando estava baixado o Comandante efetivo, 1° Tenente Paulo de Andrade Carqueija.

A 17, foi público ter passado com o Batalhão a disposição de 1° Divisão de Infantaria Divisionária, e deslocando-se para Il Monte, na primeira jornada desse dia. Na mesma data foi público o seguinte: *Que no dia 15/4 ter apoiado*

o 3º RI. na região de Montese. No dia 16 ter passado com o Batalhão de 2º para 1º Escalão sob forte bombardeio de artilharia e morteiros; no dia 17, ter sido substituído com o Batalhão, pelo II/6º RI, estacionado em Varia de Soto; no dia 21, entrado com o Batalhão segundo escalão, no dia 22, passando a fazer parte com o Batalhão do Grupamento Nelson de Melo estacionado em Bibiano; no dia 26 ocupando com o Batalhão, Bonconascelose no dia 6 de maio, deslocando-se com o Batalhão para Tortone, acantonando.

Junho de 1945. A 20, foi público ter se deslocado a 8, com o Batalhão da cidade de Tortone por estada de rodagem, estacionando nas noites de 8/9 e 9/10, nos bosques intermediários previstos, tendo chegado a Francolize na segunda parte da jornada do dia 10, acampando.

Ainda a 20, foi mandado averbar em seus assentos a intimação da rendição, enviada ao Comando das Tropas sitiadas em Fornovo e Respicio pelo Sr. Coronel Nelson de Melo, que tem a seguinte redação: *Ao Comando da tropa sitiada. Para poupar sacrifícios inúteis de vidas, intimo-vos a render-vos incondicionalmente ao Comando das tropas regulares do Exército Brasileiro, que estão prontas para vos atacar. Quem vos intima é o Comando da vanguarda da divisão brasileira, que vos cerca. Aguardo dentro do prazo de duas horas a resposta do presente ultimato. Assinado Coronel Nelson de Melo.*

Pouco depois do meio dia chegava resposta, assim traduzida: *onze horas e quarenta e cinco, Abril de 1945: Depois de receber instruções do Comando superior, seguira resposta. Assinado Major Kuhn.*

Julho de 1945. A 1º, foi desligado do 5º Exército Americano e 4º Corpo respectivamente.

A 6, foi transportado de caminhão de Francolize para o Porto de Nápoles, embarcando no navio transporte de tropas General Meigs, às 16h e 30m, quando todo Regimento já estava embarcado. Às 18h o navio deixou o porto com destino ao Brasil.

A 18, foi público ter desembarcado no porto do Rio de Janeiro; desfilou e, em seguida se dirigiu para a Vila Militar, alojando-se no Quartel do 1º R.L.

Agosto de 1945. A 10, foi público ter sido licenciado das fileiras do Exército, ficando considerado reservista de primeira categoria.

Na íntegra é o que consta na minha Relação de Alterações fornecida pelo Comandante do 6º Regimento de Infantaria, durante minha permanência a atividade na Segunda Grande Guerra Mundial.

Foi exatamente um ano, dois meses e nove dias o tempo em que estive ausente de meu país.

No momento sou um cidadão livre, quites para com minha Pátria, a quem servi com dedicação.



Capítulo IV

Confronto com os nazistas
Vitórias em Collecchio e Fornovo
Condecorações

É certo que tudo o que foi relatado nas alterações contidas páginas atrás comprovam oficialmente o que de fato aconteceu de primordial com o pracinha Sargento Moreno. Espelham a pura verdade; suas atividades durante mais de um ano, nas colinas, nas montanhas e nos vales do solo italiano, além do inverno rigoroso a que foi submetido.

Os fatos relatados e que dizem respeito são inerentes ao âmbito de menor unidade de combate de um Exército.

Um pelotão composto por 39 homens, onde cada um exerce uma atividade básica e todos dão sustentação a uma Companhia de Fuzileiros constituída fuzileiros e um pelotão de Petrechos Leves, formado de peças de metralhadora e morteiros calibre 60 mm.

Esse era o meu Pelotão, dentro de uma Companhia, parte integrante de um Batalhão dentro de um Regimento. Este uma unidade do 4º Corpo de Exércitos Americanos, no âmbito de um Exército, no caso o V Exército Americano, comandado pelo General Mark Clark.

UM DIÁRIO DE 13 MESES

Baseado no meu Diário passo a relatar tudo de bom ou de mau que aconteceu comigo nos longos 13 meses que permaneci nos campos de luta na Itália, na II Grande Guerra Mundial. Mas, vamos aos fatos.

Uma noite carioca, calorenta como sempre.

Dia 31 de junho de 1944, 23 horas. Vários vagões da Central do Brasil estão acostados na Vila Militar e começam a ser ocupados por soldados do 1º escalão, aquele que em primeiro lugar seguiria além mar.

Às tantas da noite o trem repleto de soldados, graduados e oficiais, se põe em movimento e conduz aqueles que futuramente seriam os pracinhas brasileiros. Todos levam nas costas um saco de lona verde cheio de objetos de uso pessoal.

Os vagões vão se aproximando do Armazém-10 do cais. Com as mochilas nas costas adentram no bojo de um imenso navio. Um por um vão subindo navio adentro.

Suados e tensos são encaminhados para seus compartimentos. Uma semiescuridão e um calor infernal decoram o ambiente. Serão nossos companheiros de viagem.

Os pracinhas adentram o navio como se fossem formiguinhas transportando alimento.

Quase 5.200 brasileiros são engolidos pelo monstro. É muita gente se movimentando dentro e fora da embarcação. Manobra que duraria toda a noite desse dia, e mais 1º e dois de junho, quando deu-se a partida.

São fatos como esses e outros que viriam com o tempo na vida do pracinha Sargento Moreno. Fatos que acontecem na existência de cada ser. Fatos ocorridos com o autor de “Uma longa caminhada”, cujo início se deu quando passei pelos portões do 4º Regimento de Infantaria, na longínqua cidade de Duque de Caxias.

As linhas até aqui escritas, bem como as demais com relato simples espelham somente a verdade. Mesmo porque não é meu feitio polemizar coisas que não rendam dividendos ou demais compensações.

Pergunto a mim mesmo: - Por que o Brasil foi a guerra, além de suas fronteiras territoriais?

Honestamente, não me vejo capacitado para responder. Acredito até que muito pouco patrícios saberão responder.

A verdade verdadeira é que o Brasil participou dessa guerra e a mesma não foi em defesa de sua soberania. Em defesa do que, então?

O que motivou nossa participação, que causou a morte de mais de meio milhão de jovens soldados brasileiros, que não a desejavam?

Muito suor, muito sangue e muitas lágrimas regaram o solo italiano nas montanhas escarpadas, nos vales e planícies.

– E a troco de quê?

ERROS E ACERTOS

Um dia, por mais longínquo que seja, constará em nossa história militar, e até mesmo nos currículos escolares, toda verdade que hoje não aparece.

Mas, vamos em frente.

Muitos erros e acertos foram cometidos. Alguns erros no futuro seriam justificáveis, outros não teriam a mesma justificativa. Foram cometidos de propósito.

Uma parte dos desacertos era natural, às vezes até inevitáveis. Outra parte deve ser levada em conta a estranha emergência em que se encontrava o governo ditatorial do senhor Getúlio, com tendência fascistas. Os “quinta-coluna” também cooperavam.

Felizmente apareceram homens responsáveis que fizeram o possível e o impossível para superar as dificuldades que se apresentaram, tais como a

incompreensão e a indiferença e até mesmo a sabotagem. Esses, entre outros, foram os climas que geraram a Força Expedicionária Brasileira- F.E.B. São pontos de vista de um mero pracinha.

O dia a dia, sem tirar nem pôr, como consta de seu “Diário”. Um relato singelo e honesto dos fatos acontecidos a partir do dia 18 de Setembro de 1944.

O dia chuvoso amanhece e a ordem é prosseguir o avanço para o norte. Passamos pela cidade de Viarejo, imperando a destruição. A seguir avançamos em direção aos Apeninos, uma imensa cordilheira de montanhas, todas com mais de 1.500 metros de altitude.

E é ali que se encontram instalados nossos inimigos. A ordem é desalojá-los. O canhão da artilharia alemã é uma constante e a nossa não deixa por menos.

APENINOS

Qual o seu significado para o pracinha brasileiro, visto como simples acidentes geográficos? Cadeia de montanhas que constitui o principal elemento morfológico da Península Italiana, praticamente servindo-lhe de espinha dorsal. Estende-se, por cerca de 1200 quilômetros e a cadeia se destaca por sua largura, cujo ponto máximo é encontrado nos Abruzos, com cerca de 200 quilômetros. As elevações da Cadeia dos Apeninos, na sua altura máxima, atingem a altura de 2.914 metros. E é para ali que o pracinha brasileiro marcha na tentativa de desalojar os nazistas.

Ao atingirmos a contra encosta de uma elevação, vem a ordem para cada homem cavar seu abrigo individual, pois ali passaremos a noite. É o que todos fazem com o auxílio de suas ferramentas de sapa. O terreno encharcado facilita a tarefa.

Como sempre, nessas ocasiões a alimentação consiste nos enlatados. O frio naquelas alturas preocupa os soldados brasileiros acostumados com clima tropical.

Organizei o pernoite do meu Pelotão, distribuindo cada homem no lugar certo, pois a noite fria vem chegando.

O novo dia vem rompendo e soubemos do lugar onde estávamos.

A 1.800 METROS DE ALTITUDE

Encontram-nos na contra encosta do Monte Rondinario, com mais de 1800 metros de altitude e o lugarejo se chama Gombitelli, cidadezinha abandonada a muito tempo. Modesto casario e também modesta igreja muito assediados pela artilharia inimiga.

Nosso abastecimento de víveres e munição é transportada no lombo de muares, pequenos animais do porte dos jegues, que abundam o nordeste brasileiro.

Lamentável fato aconteceu nesta noite. Nosso colega, Sargento Lima confundiu um soldado nosso na escuridão, matando-o. Momentos de tristeza para todos da 9º Companhia.

Mais de um dia de agonia se aproxima. É 22 de Setembro de 1944. São 8h e 30m da manhã e o sistema de abastecimento está funcionando. Está chegando o café da manhã e muita munição. São eles conduzidos pelos “partigiani” (soldados italianos). Tais animais têm grande facilidade em galgar qualquer tipo de terreno, especialmente em solo montanhoso.

O café era quente, mas dada a longa distância em que nos encontrávamos da cozinha, o mesmo chegava completamente frio.

Finalmente chegou também uma boa remessa de correspondência. A ansiedade é grande. Todos na expectativa de receber notícias da família. Inclusive eu. Sorte minha, pois aconteceu o que eu tanto esperava. O meu Comandante de Pelotão, Tenente Carqueija procedeu a distribuição das cartas, chamando um por um.

Eu torcia para que fosse chamado. E não deu outra. Por três vezes intercaladas meu nome foi chamado.

Não continha minha alegria. Depois de tanto tempo acabei tendo notícias dos meus familiares, e muito em especial daquele que amava. Outra, do pai de minha noiva, e uma terceira dos meus, e que afinal me devolveram a razão de viver.

Foi um dia de muita felicidade. Li e reli as missivas dezenas de vezes. Só quem está numa situação como a minha é quem sabe dar valor a uma simples carta. Era de dar pena ver a tristeza estampada na fisionomia dos companheiros que não receberam carta.

Para mim foi um dia de festa. Esqueci-me até que o inimigo estava espreita, a muito pouca distância.

Vai escurecendo e chove sem parar. A situação torna-se tensa, pois os alemães são especialistas em golpes de mão. Vivemos constantemente assustados. A artilharia deles não nos dá folga. Mal podemos tirar a cabeça da trincheira.

Com a satisfação das cartas recebidas amanhece o dia 23 de setembro.

O Monte Rondínio, vizinho do Monte Prano, famoso por ter sido conquistado dias depois pelo Sargento Cabral, comandando forte patrulha, a qual ficou célebre e muito comentada como “a patrulha Cabral”.

A Nona Companhia tem todo poder de fogo orientado para o vale formado pelos dois altos morros. Assim como a Nona Companhia todas as demais do Batalhão Silvino procedem da mesma maneira.

Os alemães tomaram conhecimento da nossa presença e nos hostilizam com tiros de morteiros. A coisa ficou preta. E numa dessas o Tenente Lima,

Comandante do 1° Pelotão foi esfaqueado, embora ainda com vida. Removido às pressas para a retaguarda, foi internado no Hospital de emergência e de lá foi enviado para os Estados Unidos para recuperação. Soubemos mais tarde que, apesar da assistência prestada, ficou inutilizado para o resto da sua vida.

Quando ao Baracho, seu Sargento Auxiliar, recebeu impacto direto de granada. Pedacos de seu corpo foram amontoados para ser transportado ao cemitério brasileiro em Pistóia.

Vários soldados também foram atingidos, porém com maior ou menor gravidade. Foi um dia de muita tristeza para nós da 9° Companhia. É o resultado da estupidez humana.

DESPEJO DE BOMBAS

Vai escurecendo, e a chuva agora é “chuvinha”, um frio danado nos faz companhia. Durante a noite enrolados em nossos cobertores encardidos, esperamos o ataque.

O dia 24, um domingo melancólico, amanhece sem chuva. O Fernando, Cabo de meu Pelotão é atingido por estilhaços de granada e vai para a retaguarda.

Um avião solitário dos alemães procura nos localizar despejando várias bombas sobre a região onde nos encontramos.

Nos encolhemos e rezamos. É tudo o que se pode fazer.

O dia 25 amanhece igual aos dias anteriores. A fisionomia pouco se altera. Até que chega o Tenente Carqueija com uma ordem do Comandante da Companhia para organizar uma patrulha com a finalidade de entrar em contato com a 3° Companhia. É que, durante a noite anterior esta avançara mais do que devia e estava imobilizada em alguma parte do nosso setor.

A patrulha foi composta pelo Tenente Carqueija, Sargentos Moreno e Torres, e um punhado de soldados. E lá fomos nós cumprir a ordem. Tivemos sorte, pois progredimos por lances e depois de umas dez horas o localizamos. Tinha essa Companhia perdido a ligação com as demais.

Missão cumprida regressamos depois de ser bastante molestados pelo inimigo pois a patrulha agiu a descoberto.

Fui designado para ir até a nossa cozinha que achava-se a 4 quilômetros, no vilarejo de Gombiteli. Teria que trazer a alimentação e munição para nossa Companhia.

Passamos defronte a pequena igreja do lugar e rapidamente entramos para fazer uma prece. Eu e mais cinco soldados que me acompanhavam pedimos a Deus pela nossa segurança, através de palavras sinceras.

Saímos e encontramos os burrinhos lotados de munição e alimentos para a Companhia. Carga bem adicionada em seus lombos regressamos. A subida escarpada não era mole.

Afinal, chegamos. Os burrinhos se assustavam com as explosões das granadas e dava um trabalhão para contê-los.

O Monte Prano havia sido conquistado. O caminho livre propiciava novo avanço.

As três da tarde nos deslocamos em direção ao Monte Valimona, para substituir a 8ª Companhia que se deslocara em progressão a outro objetivo.

A pé, sempre a pé, com um mundo de coisas para transportar, aliás coisas imprescindíveis, nos mandamos para o Monte Valimona que havia sido abandonado pela 8ª Companhia que, havendo progredido, daríamos apoio de fogo caso precisasse.

Atingimos o Monte Valimona e como já estava escurecendo cavamos nossos abrigos. Organizei o sistema de segurança para uma eventualidade e assim foi outra noite tormentosa com muito vento e frio. Para variar a alimentação baseava-se no enlatado, cuja ração nós mesmos levamos.

Chega a aurora de um novo dia. Vamos levantar acampamento; a ordem é avançar para não dar tempo ao inimigo se instalar ou aferrar no solo.

Finalmente partimos, passando por uma pequena cidade de nome Urbiciano. Essas posições eram dos alemães que a abandonaram pressionados por nossa tropa. Há pressa do Comando Americano em avançar e ocupar os espaços vazios deixados pelo inimigo.

Nosso destino imediato: substituir o 334º Regimento do 4º Corpo do 5º Exército que irão para repouso. De noite vai nos encontrar entrando na cidade de Diecimo. Fome e frio são um tormento para todos. A famosa ração K entra em ação para amenizar a fome. E como se não bastasse sempre acompanhados pelos ruídos do canhoneio inimigo e também nosso contra-ataque. É ferro e fogo para âmbar as partes.

Tomadas as medidas de segurança nos acomodamos enfim, aguardando a vinda do dia seguinte para a nova arrancada. O calendário marca 28 de setembro de 1944; é ainda muito escuro. A ordem é levantar acampamento. No percurso passamos pelas cidades de Camaiore e Sam Martino, que pouco antes haviam sido conquistadas pela nossa tropa.

Apesar das dificuldades, essas vitórias iniciais eram forte incentivo para todos. Nosso objetivo. Quando digo nosso objetivo refiro-me apenas no que respeita a nossa Companhia, ao nosso Batalhão e em particular ao meu Pelotão, o “Pelotão de Petrechos Leves.”

Não tinha condições de saber exatamente o que se passava nas demais unidades. Nosso real objetivo era conquistar a cidade de Barga, aliás importante cidade italiana. Várias patrulhas são enviadas para colher informações a respeito de como seria a reação do inimigo.

Uma dessas patrulhas foi comandada por mim. O setor que nos fora dedicado indicava que não haveria surpresas. Setor esse que pouco antes era do inimigo.

Para atingir a idade de Barga passamos antes por Fornacci de Barga muito boa cidade que possuía grande fábrica de munição e armamento italiano que fornecia aos alemães.

Nossa permanência ali foi curta. A ordem era avançar. Barga muito tempo abandonada pela população que agora retornava pois os nazistas recuaram. Aconteceu então bons momentos de confraternização. Seus habitantes estavam alegres com o retorno e nos dispensaram muito carinho.

Os alemães sabiam que nós estávamos dentro da cidade razão pela qual nos bombardearam noite adentro, matando e ferindo muitos dos nossos.

Ao romper o dia ainda bem escuro nos deslocamos para atingir a cidade de Sam Bernadino, localizada no alto de pequena elevação. Não conhecíamos o terreno, razão pela qual nosso Comando recomendasse o máximo silêncio durante o deslocamento.

A cidade foi ocupada ainda bem no escuro. O silêncio era total. Jogamos no chão duro e esperamos que o dia rompesse para ocuparmos o local. Próximo a Sam Bernardino, a cidade de Gallicano à direita, e a esquerda a cidade de Castelvecchio, ambas ainda em mãos do inimigo.

Ainda bem escuro uma patrulha composta por quinze homens fortemente armados se incumbiu de ir buscar alimentação e munição para a 9ª Companhia A patrulha se mandou na escuridão.

Ela daria segurança aos homens na cozinha que trariam alimentação e munição.

Na ida tudo bem.

No retorno o pau quebrou para surpresa nossa que estávamos em compasso de espera.

Nossa patrulha topou com forte patrulha dos alemães que tinha vindo em razão da passagem de Comando da tropa, pois nós substituímos o 334º Batalhão dos americanos.

Foi um pega pra capar dos diabos. Um tiroteio infernal de armas automáticas e granadas de mão.

Na refrega, dois alemães morreram e mais dois foram aprisionados. Do nosso lado, vários feridos mas nenhum morto. Em compensação, nosso café perdeu-se totalmente e nós que estávamos na expectativa, retrocedemos a uma boa distância desse local e nos aferramos ao solo. Abrigos foram construídos.

O que sobrou da patrulha alemã topou com outros elementos do 3º Batalhão e poucos escaparam.

Retrocedemos então para Sam Bernardino e lá fincamos pé. A artilharia inimiga quase arrasou a região onde estávamos. Muitas baixas do nosso lado. Há pouco mais de um quilometro estava a cidade de Castelvecchio ainda ocupada pelo inimigo e sob o fogo de nossa artilharia.

Minha Companhia aferrou-se no terreno para tentar manter-se ali. Começava a escurecer e o medo tomava conta de todos pois segundo

informações dos “partigiani” (italianos) haveria um contra-ataque inimigo para tentar recuperar as posições que haviam perdido.

Com todas essas preocupações uma forte Patrulha da 7ª Companhia se infiltrou nessa cidade, comandada pelo corajoso Tenente José Maria Pinto Duarte.

Ele teve a infelicidade de ser atingido por rajada de metralhadora inimiga ficando gravemente ferido. O resto da patrulha, entre mortos e feridos voltou ao ponto de partida.

Dia seguinte: ainda não havia amanhecido quando o Capitão Atratino Cortez Coutinho comandando uma poderosa Patrulha se aventurou a busca de seu Comandante, Tenente Pinto Duarte. Chegou a arrastá-lo por muitos metros carregado nas costas. O ferido pressentindo o perigo que os dois corriam implorou para que o Capitão o deixasse morrer.

Debaixo de forte tiroteio lá ficou o Tenente.

A região é batida constantemente pela artilharia inimiga e em contra partida a nossa arrasa Castelvechchio.

O dia de hoje é um sábado, 14 de outubro. Triste dia para meu Pelotão, pois o meu soldado José Antonio Moreira, valente como poucos, foi atingido por estilhaços de granada e faleceu junto a mim quando procurei socorrê-lo. Ele morreu abraçado a mim.

Nosso Comandante da 9ª Companhia, Capitão Heitor Ribeiro Rodrigues se aproximou e não conteve furtivas lágrimas. A realidade é uma só... Comendo o pão que o diabo amassou, molhados pois é época de chuvas; e ainda com um frio danado, a roupa secando no corpo, há muitos dias sujos, sem banho; estamos fedendo.

A artilharia do 8º Exército coopera com a nossa e ambas arrasam a cidade de Castelvechchio. Anoitece e se pronuncia mais uma noite de cão. A saudade é um sentimento terrível e ela está permanentemente dentro de mim. Doido por um café bem quentinho...Mas cadê a rubiácea?

O tal contra-ataque previsto não aconteceu e tudo se resume em forte artilharia. Durante o dia juntamente com o Sargento Quinsam estivemos colocando nos pontos considerados mais vulneráveis as minas anti-pessoal, as tais “bubbi-traps”.

Ainda neste dia para compensar tanta adversidade, para muitos do Pelotão foi motivo de alegria receber as tão esperadas cartas do Brasil. Recebi várias, entre elas uma de minha noiva. Recebemos também alguns exemplares atrasados da revista “O Globo Expedicionário”, tomando assim conhecimento de noticiário do Brasil. Futuramente encadernariam a coleção dessa revista carioca.

Mais uma noite se aproxima, sem diferença das anteriores. A cozinha da 9ª Companhia promete para amanhã café e comida quentes. Isso caso a artilharia inimiga permitir. Aguardamos os acontecimentos.

A posição de nossa Companhia tem mais de um quilometro de profundidade. Estamos isolados praticamente do restante do Batalhão. Somos um posto avançado ao longo de toda a frente do 3º Batalhão.

Uma região montanhosa minada pelo inimigo, era para lá que iríamos dentro em breve. Muito fortificada e os nazistas sempre alertas se encontravam na chamada “linha Gótica” dos Montes Apeninos. Finalmente marchamos para lá.

São dez da noite e, mais mortos do que vivos tal a canseira atingimos a cidade de Borgo a Monzano, parcialmente destruída e deserta. Os inimigos e a população a haviam abandonado pouco antes, em virtude verdadeiro rolo compressor que representava nossas forças de ataque, já experientes nesse mister.

Já noite escura atingimos o local e nos acomodamos na estação de Estrada de Ferro destruída. Substituímos então o 334º Batalhão dos americanos.

A 8ª Companhia já se encontrava engajada com o inimigo causando assim mortos e feridos. Nossa artilharia que daria o necessário apoio estava encontrando dificuldades para se locomover. As pontes e estradas foram danificadas.

Permanecemos apenas dois dias. A ordem é avançar. Partimos na escuridão da noite e após 2 horas de marcha ocupamos sem resistência a cidade de San Pietro em Campo, e logo a seguir Piano de La Roca.

Estamos em 18 de outubro de 1944.

Deixamos esta última pequena cidade que tinha sido ocupada na noite anterior, e la vamos nós atrás do inimigo. Cinco horas da matina etc. Densa cerração, garoa úmida e fria, uma fome dos diabos, pois a nossa cozinha se encontra em dificuldades de locomoção em virtude da rapidez das tropas em avançar cidades em frente.

Nossa alimentação era exclusivamente a base da famigerada ração K. Atingimos determinado. Pouco antes ocupado pelos nazistas. Entramos em posição e cavamos nossos abrigos, pois chegava a noite.

Como o abastecimento era difícil calculamos mais noites sem alimentação quente. Até mesmo sem café. Nem tudo estava perdido pois às tantas da madrugada chega para nós um comboio de pequenos muares carregados de munição. E o mais importante se destacava: alimento quente!

À nossa frente a pequena cidade de Sam Giovanni, e mais além Turretecava, que seriam nossos próximos objetivos onde estava quebrando o pau. O 3º Batalhão, com suas 7ª, 8ª e logo a seguir também a 9ª Companhia estava se danando todo, empurrando os nazi sempre para o norte italiano. Do nosso lado, inúmeras baixas. O terreno minado era nosso maior inimigo nas deslocções que eram uma constante.

Começava a escurecer quando a cidade de Turretecava foi abandonada pelo inimigo e toda ocupada pelo 3º Batalhão. Assim como outras cidades que

ficaram para trás, esta também se localiza na região montanhosa dos Apeninos. De nossas posições na altura em que nos encontrávamos, podíamos observar a infinidade de cidadelas encravadas nos contra-fortes Apeninos. São lugares centenários no profundo vale cortado pelo borbulhante Rio Serchio. Cenário maravilhoso quando observado em época de paz, sem as bombas explodindo e destruindo tudo.

Outubro, 19- Meia noite.

Estendidos mais uma vez no solo duro, cansados e com frio, estamos na expectativa de um contra-ataque inimigo. Por essa razão tudo mundo está acordado. E a coisa aconteceu. Lá pelas tantas na madrugada após intensa barragem de artilharia inimiga, uma forte patrulha alemã invade nossa área com tal ímpeto que foi um Deus nos acuda. E tudo isso na frente da 9ª Companhia.

Sorte nossa pois recebemos ajuda da 7ª e de 8ª Companhias que estavam no nosso flanco esquerdo. Depois do susto que nos deu, a patrulha se retira e não ficamos sabendo o que aconteceu com a mesma. Mas mesmo assim a preocupação não nos abandona.

Amanhece o dia 21 de outubro de 1944.

Tiros de inquietação ocorrem durante as 24 horas do dia. A lama não da sopa pois a chuvinha molha a gente e a roupa seca no corpo. E o banho? Desde quando? Perdi a contas dos dias em que só vemos a água da chuva e a do cantil. O nosso corpo cheira mal. É fedor mesmo.

Vamos receber um punhado de Sargentos do 11º R.I. que conosco vão estagiar.

Cai ferido nosso companheiro, Sargento Celso, que vai para o Hospital. Comenta-se à boca pequena que dentro de mais alguns dias iremos para a retaguarda descansar.

CASTELVECCHIO ARRASADA

São mais ou menos duas da tarde. O inimigo arrasa a cidade e nos procuram desalojar, pois Castelvechio é um ponto estratégico nesse setor.

Pela manhã recebemos várias cartas do Brasil; uma da minha noiva. A missiva foi lida, relida e relida não sei quantas vezes, pois a saudade de casa é tremenda.

A hora de substituição está chegando. Soubemos também através de espionagem que os alemães receberam forte reforço através de um Batalhão da famigerada S.S., uma tropa topa-tudo como é conhecida por sua eficiência.

Sorte nossa, pois vamos levantar acampamento.

O Comandante da nossa Companhia recebeu a visita de um dos oficiais do Regimento americano que vai nos substituir para obter informações referentes ao setor. Era um emissário da tropa americana que iria entrar em atividade.

São seis horas do dia 2 de Novembro. É feriado de finados no Brasil. O Comandante da minha Companhia determina que eu vá até onde se encontra a unidade americana que substituirá a nossa Companhia.

Parti de encontro ao Comandante que nos substituiria, e lá pelas 23 horas regresso com o mesmo. Apresentei ao meu Comandante. Em seguida voltei ao meu Pelotão e dei ao pessoal a boa nova. A alegria contagiou.

Afinal vamos ser substituídos. Vamos deixar esta parte da Itália, da qual não levamos saudade.

Exatamente a uma da manhã, deixamos as posições confiadas aos americanos, e a pé com toda moamba nas costas nos mandamos para a cidade de Piano de La Roca, após andarmos mais 16 quilômetros numa escuridão dos diabos. Era em coluna por um (fila indiana), e não podíamos nos separar sob pena de nos perdermos.

Chegamos lá pelas seis da matina, pouco depois de conquistada e ocupada. Um café super quente nos esperava desta vez acompanhado por duros bolachões. Ordem para descansar até que chegasse os caminhões que nos levariam. Para onde? Sei lá! O certo é que vamos nos mandar.

Rompe a aurora e começam a chegar os grandes caminhões. Ainda estamos em Piano de La Roca. Passa das 9 quando vem a ordem para embarque. Pelotão por Pelotão ocupam seus lugares. A expectativa é grande. Meia hora depois partimos. E a pergunta era sempre a mesma: onde vamos?

O comboio é constituído por uma enorme quantidade de caminhões que transportaria todo Batalhão com o respectivo equipamento.

No percurso passamos por várias cidades do norte italiano: Marano, São Quirico, Santa Alessia, Montecatini, Luca e Campani.

Chegamos ao anoitecer em Ponte de La Venturina, pequena cidade com sua área no sopé de grande elevação. A ponte existia de fato, e o rio se chamava Serchio.

A tal ponte fazia ligação entre o norte e sul da Itália pela parte central. A importância dessa ponte era tal que os americanos construíram um dispositivo para fazer fumaça que funcionada 24 horas por dia. O objetivo era camufla-la para evitar os constantes ataques alemães.

As nossas viaturas tinham que atravessar a ponte numa arrancada violenta, e nossos homens por lances sucessivos e em alta velocidade.

Dentro dessa desgraça toda até que era divertido. A fumaceira era tão densa que a turma dizia que a fábrica de fumaça iria contratar os brasileiros para o engarrafamento da mesma.

Chegamos ao anoitecer. Cansados, com fome e frio danados. Ficamos estendidos em qualquer canto do chão esperando um novo dia. Seis de novembro de 1944; começava um severo inverno europeu. A nossa roupa era inadequada, pois a que trouxemos conosco não agasalhava coisa alguma.

Felizmente nossa cozinha se instalou quando nos foi servido alimento quente e um café ainda mais quente animando a tropa.

São nove da manhã. Nosso Comandante Capitão Heitor, chegou-me para que fosse com ele, mais o Tenente Quadros, Tenente Colares e Tenente Omar Dantas. Na ocasião comandava o Pelotão de Petrechos em virtude do seu Comandante. Tenente Carqueija estar baixado no Hospital. Era reconhecer as posições que seriam ocupadas pela Companhia dentro do âmbito do Batalhão. E lá fomos nós.

Partimos de Jeep dirigido pelo cabo Marcelo, oriundo da cidade de Campinas, São Paulo.

A rota era a 65, que fazia a ligação norte-sul da Itália.

Transpomos muitas pontes parcialmente destruídas e ainda batidas pela artilharia alemã. A missão era sumamente arriscada.

Próximos do objetivo há uns 1000 metros, descemos da viatura e, mantendo uma distância entre nós de 50 metros, chegamos ao local previsto. Era uma altíssima elevação com frente para imenso vale. Já se encontravam os três Comandantes dos três Batalhões do 6ºR.I. Entre eles, o nosso Comandante Major Silvino, e também o Tenente Coronel Castelo Branco e seu Estado Maior.

GRANADA ESFACELA COMANDANTE

Nosso Regimento iria substituir um outro americano que ia para descanso. Começa a chover e a lama impede nossos movimentos. Todas as Altas Patentes presentes estavam encharcadas. A ordem era tomar conhecimento do Setor e, quando chegasse à noite, ocupa-lo

Missão cumprida, acontece o regresso. Terrível regresso, pois que nosso Comandante, Capitão Heitor, levava em sua mão esquerda uma granada. Esta escorrega e seu grampo é desalojado.

A explosão é rápida e violenta. O capitão não teve tempo de arremessar a granada que explodiu em sua mão, esfacelando-a, além de causar outros ferimentos

Foi levado imediatamente para o Hospital. Depois soubemos que sua mão foi amputada. Heitor nunca mais voltou ao frente. Adaptaram-lhe uma mão mecânica e voltou para os seus. Perdemos para sempre um grande Comandante e companheiro.

No final de mais um dia que começa escurecer partimos para ocupar as posições previamente reconhecidas durante o dia em que o Capitão Heitor havia colaborado.

Atingimos a famosa ponte e assim foi transposta homem a homem. Muitos dos nossos foram atingidos e lavados para a retaguarda. A ponte foi por todos amaldiçoada. Tinha ficado para trás.

Para chegarmos agora às posições seria preciso vencer oito quilômetros numa escuridão danada, subindo e descendo trilhas em terreno lamacento. Passamos a zona perigosa sem incidentes chegando finalmente aos pontos

previstos. Cada Pelotão da nossa Companhia assumia seu posto. As artilharias duelam permanentemente.

O Pelotão de petrechos sob meu comando está de prontidão esperando o raiar do dia para o avanço que estava revisto.

Várias patrulhas são então enviadas à terra de ninguém para o devido reconhecimento. Cinco enormes tanques americanos Sherman-M-4 nos acompanham para o tiro direito às casamatas do inimigo.

O frio é de lascar. O inverno está batendo à porta. Do alto da elevação onde estamos podemos ver a nuvem de fumaça expelida pela fábrica para camuflar a ponte.

Durante o dia e a noite, lá pelos arredores da Bolonha o pau está comendo solto. A artilharia do V Exército americano somado a 8ª inglês, marretam de verdade essa cidade que tem sua queda prevista.

A nós parece que a missão nesse setor é para mantermos posições se considerarmos o inverno rigoroso que se aproxima nesta zona montanhosa. As artilharias duelam pra valer. E as patrulhas de parte a parte são uma constante.

Um posto avançado do nosso Batalhão foi severamente atacado. Na refrega mortos e feridos de ambos os lados.

No aeroporto de Riola, segundo soubemos, apesar da defesa antiaérea, aviões alemães danificaram vários aviões americanos. Soubemos ainda que uma Companhia do 11º R.I. foi designada para prestar continência ao General Mark Clark, homenageando-o quando de sua visita a cidade de Porreta Terme, onde se encontrava o Posto Avançado do Comando da F.E.B. Conforme soubemos também, a cerimônia foi frustrada por violento ataque nazista.

A calma volto. Nada de correspondência. Nada de banho e o frio aumentando. O tempo se esvai lentamente. Temos a nítida impressão que deixamos o nosso país há longos e longos anos.

Encarapitados nas altas montanhas após fuçarmos vales profundos, completamos hoje exatamente 59 dias de atividades constantes no fronte. Não temos a menor ideia de quando seremos substituídos para um merecido descanso. Sem falarmos “naquele banho”, pois a fedentina aumenta na proporção direta da ausência do chuveiro, corte de cabelo e demais coisas importantes na vida de todos os seres humanos.

Dezoito horas do dia 12 de novembro. Começa a escurecer e nuvens pratas se formam ao longo do horizonte prenunciando fortes chuvas.

É impressionante o ribombar dos trovões que se confundem com as explosões das granadas beligerantes.

E a chuarada caiu sem dó nem piedade.

Molhados até a raiz dos cabelos, que estavam pra lá de compridos, mais a lama, frio e mal alimentados, não temos chances para desistir.

Nesse interim chegou ao nosso setor para comandar a Companhia, um Capitão vindo do Depósito de Pessoal para substituir o atual Comandante que

não está suportando a “coisa”. O novo Comandante se chama Capitão Caio. Puxa de uma perna em virtude de um defeito físico.

Da gosto de ver a artilharia inimiga atingir pontes, pequenas cidades e vias de acesso. O estrondo das explosões se sucedem a cada minuto, e nós sempre encarapitados nas alturas podendo ver o dantesco espetáculo.

Nas pequenas cidades como Braine e Cá Dorsino, as casas desmoronarem uma após outra. Assumi interinamente o Comando, pois meu comandante de Pelotão, o Tenente Carqueija foi transferido. Aguardo assim novo Oficial para comandar.

Completamos hoje 60 dias ininterruptos sem descanso, e notamos que não há esperança em sermos substituídos. O 1° Tenente Virgílio acaba de chegar para substituir nosso Comandante. Veio do Depósito de Pessoal, sua prenuncia é péssima e acabou se identificando como Vergílio. Mas boas pedras, bastante idoso e não tem a menor ideia do que seja o fronte. Assumi o Comando do nosso Pelotão. Eu continuo como Sargento auxiliar, nos bons e mais momentos.

Começa a escurecer e aumenta a nossa nostalgia. Aumenta a saudade daqueles que deixamos no nosso Brasil. Chegou também do Depósito de Pessoal um Sargento para completar o Pelotão de Fuzileiros. Um Sargento que foi ferido e foi evacuado. Seu nome é Pedro, um carioca da gema e boa gente. De muito boa presença. A temperatura marca 4 ° positivos e as montanhas à nossa vista compõem com seus cumes cobertos pelo gelo, tal como vestidas de noiva. Comenta-se que dentro de dias seremos substituídos. Boataria ou não, o fato é que a situação é tensa...

A COBRA ESTÁ FUMANDO

Os pelotões do Sargento Andrade e do Sargento Torres estão comendo fogo, pois o inimigo ataca querendo retomar as suas posições conquistadas. A cobra fuma terrivelmente neste setor. Acontecem muitas baixas. São 10 da manhã, fria como sempre, e à frente da 8ª Companhia, comandada pelo Capitão Los Reis, se encontra em palpos de aranha para conter as arremetidas dos alemães.

Socorrem-se constantemente feridos por fogos de artilharia, bem como o auxílio de outras subunidades que estão combatendo.

O dia é 20 de novembro. Uma segunda feira como outra qualquer. Comenta-se à boca pequena que vamos para a retaguarda descansar. Pela manhã chegaram os primeiros oficiais do 1° R.I. que vai nos substituir. A coisa está para pior, pois o inimigo força com violência o setor onde nos encontramos. Em contrapartida também não os deixamos em paz.

Meia noite e meia. Começam a chegar os elementos do 1° R.I. Será seu batismo de fogo. Após a passagem de Comando, meu Pelotão foi para o local onde estavam os caminhões. Ventava e a escuridão era total. Finalmente atingimos o local que seria de todo pessoal do 3° Batalhão.

São duas e trinta da manhã. Meu Pelotão e os demais já embarcamos. Então partimos. Começa a amanhecer e o local para onde nos dirigimos é a cidade recentemente conquistada ao inimigo e se chama Marano. Procuramos nos agasalar de melhor forma possível, dormimos num casario abandonado.

Alguns velhos colchões foram arrecadados. Eles foram estendidos no chão duro e logo após apoiamos nossa carcaça neles. Lá estava eu, Tenente Vergílio, Quinzam, Temponi e outros instalados como se fosse um Hotel 3 estrelas. O dia amanhece e avança nostalgicamente. E mais uma decepção estava reservada para nós. mal deu para esquentar os colchões e aparece um novo contratempo.

Vinte e dois de novembro. São seis da tarde e acaba de chegar um mundo de armas e munições. Fuzis modernos marca "Garands", granadas de mão entre outras. As nove e meia da manhã do dia seguinte lá estavam os caminhões esperando de novo pela gente. Enorme comboio parte em direção a cidade de Sila, pela via principal. E antes de chegar ali, enveredamos por uma estrada pavorosa cheia de crateras da granada. Pouco depois ficamos sabendo o que estava para acontecer. E de fato ocorre.

Próxima a cidadezinha de Abataia, passa a Rota-64, de vital importância a que liga com a Bolonha. Em frente a esta cidade, ergue-se um modesto morro com 1000 metros de altura aproximadamente. Tem o pomposo nome de Il Monte Castelo. Este monte era de domínio dos alemães há longo tempo; muito bem fortificado, e lá do alto dirigiam a tal Rota-64 além de toda região.

A ordem do comando americano era para conquista-lo. Nosso Batalhão já integrado com o Regimento Americano que também atuaria nessa frente, tinha como missão de tomar do inimigo o tal Monte. Seria a primeira tentativa. A base de partida seria o casario em Abataia, e o assalto estava previsto após a preparação da barragem da artilharia que duraria uma hora mais ou menos.

Quando lá chegamos pelas seis da manhã, ainda escuro, nos abrigamos improvisadamente em qualquer canto.

A coisa estava prevista para o dia seguinte, também no mesmo horário, tudo no maior sigilo. Os elementos do meu Pelotão estavam abrigados num galpão que servia de estábulo. Amontoamos o capim que lá havia e estiramos a dolorida carcaça no mesmo. Até que era confortável apesar do forte fedor de ranço. O dia começa a amanhecer. Cinco horas e todo mundo de pé. Alguns rezavam pedindo pela segurança. Tudo pronto e as seis em ponto começa a barragem, cuja preparação foi um fracasso, pois o inimigo não tomou conhecimento. Minutos depois cessa a barragem. Repito, foi um fracasso.

Mesmo assim, lá vem a ordem de partir para o ataque. Fomos avançando. E o alemão esperou o momento oportuno para descarregar sobre nós quando atingimos uma área descampada. Suas metralhadoras estavam bem ajustadas, e rajadas sobre rajadas caíram sobre nós. Todo mundo recuou para o ponto de partida

Nosso Comando subestimou a resistência do inimigo e foi isso que deu.

Recuamos e cavamos nossos abrigos para nos proteger dos tiros de morteiro que eram abundantes. Primeira tentativa, primeiro fracasso. Mas não ficou só nisso. A ordem era para mais uma tentativa as 14 horas desse mesmo dia. E lá fomos nós mais uma vez tentar conquistar o tal Monte. Não tínhamos avançado mais que uns 300 metros quando surge um monstruoso tanque Tigre alemão, e põe todo mundo a correr novamente. Retrocedemos e procuramos nos proteger em abrigos que surgisse pela nossa frene, ou em último caso, cavando-os.

Como se não bastasse, despejaram sobre nós tremenda barragem de artilharia que não nos permitiam sequer levantar a cabeça. O local onde estávamos se encontrava com densa neblina. Olhando para a esquerda da nossa posição, profunda ravina. Os nossos, aferrados ao terreno, esqueceram-se da segurança. Foi então que este pracinha que atende pelo nome de Moreno, que comandava o Pelotão, percebeu que nossa Companhia de Fuzileiros, inclusive o meu Pelotão, estavam sendo flanqueados pelo inimigo por fonte contingente. Seguindo pela ravina já descrita, o golpe de mão íris nos surpreende pela retaguarda.

Não tive dúvidas Mesmo com o risco da própria vida, pois teríamos que abandonar os abrigos, alertei todos os homens do meu Pelotão e ordenei uma forte concentração de fogos de metralhadoras e de morteiros sobre os assaltantes.

As demais unidades, alertadas, cooperaram. Alguns inimigos que sobraram recuaram, deixando muitos mortos e feridos, fuzis e farta munição. Eram exatamente duas da tarde do dia 24 de novembro de 1945. Era afinal, as duas primeiras tentativas para conquistar o Monte Castelo, que ficaria sacramentado na história militar do Brasil.

Duas tentativas fracassadas, que muito contribuíram para a conquista desse monstro que aleijou e matou muitos jovens soldados patrícios.

Reconhecida pelo meu Comandante, que sem essa decisão de minha parte acabaríamos por nos ver em péssima situação, me foi conferida a medalha de Cruz de Combate. Eis o que no Diploma Legal a mim conferido, após ocorrido o fato:

DIPLOMA DA CRUZ DE COMBATE

Primeira Classe ao 2º sargento SALVADOR MORENO. No ataque levado a efeito III batalhão, sua Cia. tomou posição na região de LA TORRE, no dia 24 de novembro de 1944, com a missão de fazer o ataque frontal ao MONTE CASTELO. Após várias e infrutíferas tentativas para alcançar o objetivo, às 14:00 horas daquele dia nossos 1º e 2º pelotões partiam para o ataque, sendo logo tomados debaixo de intentos fogos de morteiros e metralhadoras inimigas. Mesmo assim, avançaram e atingiram a região de C. VITELINE,

quando começaram a ser flanqueados pelo inimigo, com o intuito de os fazer prisioneiros. Foi neste momento crítico para os nossos Pelotões que o Sargento Moreno, ordenou que se abrisse fogo de metralhadoras do seu pelotão, muito bem ajustados sobre o inimigo conseguindo com isto desbaratá-lo e contribuir para a retirada em ordem e todos os homens do cerco inimigo. No ataque a MONTESE, no dia 16 de abril de 1945, quando a 9ª Cia. ficou ao alcance das armas inimigas, sob o mais devastador bombardeio sofrido pelas unidades da F.E.B., em toda a campanha, foi um dos poucos homens que souberam manter a calma e o sangue frio, concorrendo para que os elementos de seu Pelotão conservassem nos seus postos. No deslocamento de La Torre, para MONTESE, quando mais intenso era o bombardeio inimigo esteve sempre ao lado de seu comandante, auxiliando-o em tudo que era preciso e gelando para ele segurança dos seus homens. No entanto, a fatalidade contribui para que nada mais ficasse em benefício da coletividade, pois foi atingido por estilhaço de granada de morteiro, sendo evacuado para o Hospital em estado de choque.

Rio de Janeiro, 18 de Fevereiro de 1946

125º da Independência e 58º da República.

General Pedro Aurélio de Góis Monteiro
MINISTRO DA GUERRA

De minha parte eu faço a mim mesmo a pergunta:

– Por acaso foi um ato heroico?

Respondo:

– Claro que não foi! Foi apenas um ato. Ato reflexivo, no sentido de salvar a minha pele e a dos meus companheiros de infortúnio se safarem a tempo da situação delicada que dependia apenas desse ato de reflexão.

HOSPITALIZAÇÃO

Afinal estou de volta ao meu Pelotão, do qual estive afastado por 10 dias me recuperando do Hospital.

Estava morrendo de saudades dos meus companheiros, depois de crítica situação em que me vi envolvido ao ser atingido pela explosão de uma granada, que matou ainda três companheiros. O Cabo Weber, um gaúcho valente, os soldados Pires e “Rapadura” (apelido), que foram estraçalhados, morrendo na hora. Eu fui para o Hospital em estado de choque. Hospital de Livorno. Fui submetido a várias radiografias. Os ferimentos eram superficiais e o mais grave era o rompimento do tímpano do ouvido direito e lesão dos nervos auditivos.

Propuseram-me a vinda para o Brasil, mas não concordei me mandando para o fronte reintegrando meu Pelotão. Aguardei o galho até o final, graças a Deus.

Entre em atividade novamente no dia 29 de novembro. Um dia chuvoso, frio e muita lama. O local ainda é o vilarejo de Abatala. Era ocupado pelo 3º Batalhão do 6º, depois de termos descido o Monte Castelo pela segunda vez.

Abrigados numa casa semidestruída, estão comigo o Tenente Vergílio, Sargentos Tamponi e Quinzam, entre outros, aguardando o desenrolar dos fatos.

Olhava eu para os lados do Monte Castelo vendo nossa artilharia a marretar as posições inimigas, quando a uns cem metros da casa onde estávamos, explodiu uma granada fumígena, e logo mais à direita explodiu outra. A seguir, à esquerda explodiu a terceira.

O inimigo tentava enquadrar a casa onde estávamos. E não deu outra. Cercaram a casa e alguns minutos depois despejaram um monte de granadas de morteiro.

A terra tremia. Até nós tremíamos. O bombardeio durou quanto muito 10 minutos, mas o bastante para arrasar o local e as imediações.

Permanecemos deitados aguardando o triste desfecho. O Sargento Tamponi, muito ferido e apesar de tudo foi até o local onde estavam os padioleiros, por seus próprios meios, e de lá para o Hospital.

Eu e o Sargento Quinzan nada sofremos. Em compensação, nosso Comandante, Tenente Virgílio ficou gravemente ferido, não podendo se mexer. Coube a mim, com grande sacrifício, colocá-lo nas minhas costas e, rastejando, leva-lo por mais de cem metros para que fosse atendido por padioleiros. De lá para o Hospital, e finalmente evacuado para o Brasil. Minhas costas eram só sangue.

Mais uma vez assumi o Comando do Pelotão de maneira imprevista.

Comentava-se a boca cheia que desta vez teria o merecido descanso. Sabíamos que viria uma nova tropa para substituição, mas ignorávamos qual seria.

A escuridão tomou conta desta região e só vimos a claridade das explosões das granadas de ambas as partes.

Quase de noite começam a chegar para nos substituir os componentes da 8ª Companhia do II R.I. Era o batismo de fogo desta gente. E era fogo mesmo o tal batismo.

Quando chegou minha vez de receber aquele que seria o meu substituto, um 2º Tenente mineiro, dei a ele todas as coordenadas da situação e os cuidados que deveria ter, ainda mais por motivo de substituição de tropas.

Nossas peças de metralhadoras e morteiros estavam sendo retiradas das posições, e em seu lugar colocadas as de nova tropa.

Nós íamos descansar depois de mais de 60 dias de lutas, subindo e descendo as montanhas escarpadas italianas, sem conseguir a conquista de Monte Castelo.

Entretanto, tudo saiu errado para nós do III Batalhão. Pensávamos que, uma vez substituídos, iríamos rapidamente para a retaguarda.

Ledo engano o nosso.

Antes disso aguardaríamos o desfecho daquele que seria a terceira tentativa para conquistar o maldito Monte Castelo. A nova tentativa seria desencadeada pela nova tropa constituída de elementos do 1º R.I. e do 11º R.I. Nós teríamos que ficar na expectativa caso houvesse um desastre.

Ficaríamos aguardando na base de partida. Por essa razão passamos o resto da noite amontoados nos cantos das casas semidestruídas, onde frio e fome era uma constante. Ficaríamos no palanque assistindo o ataque do 1º e do 11º R.I. ao fatídico Monte.

A preparação de barragem de artilharia começou exatamente as 7 horas. A expectativa era enorme. Uma hora depois cessou. Um mundo de armar pesadas dos americanos somadas as nossas e, mais ainda, uma grande quantidade de tanques americanos “Sherman” fazendo tiro direto sobre as casamatas dos alemães. Um inferno indescritível que em poucos segundos escureceu toda região.

Este inferno de explosões durou exatamente 60 minutos, às 6 h e 01 m um silencio de morte. Foi então que os Pelotões de Fuzileiros se lançaram ao ataque, decidindo conquistar o Monte Castelo.

Nesse interim não se ouviu nenhuma arma inimiga atirar sobre nossos atacantes. Eles estavam entocados em suas casamatas de cimento e ferro. Os nossos continuavam avançando de peito aberto. A coisa parecia simples demais.

De repente foi um Deus nos acuda. O inimigo reagiu no exato momento em que os nossos estavam chegando ao cume do Monte e lançaram sobre eles sua artilharia e armas automáticas, quando os nossos avançaram de peito aberto.

MASSACRE

Nós, que tínhamos ficado na reserva, apenas assistíamos o massacre dos nossos companheiros.

Estarrecidos, assistíamos sem nada poder fazer. Nossos companheiros tombando no campo de luta ante a artilharia e armas automáticas. Foi um espetáculo dantesco. Os flancos atiradores caçavam um a uns nossos irmãos.

A refrega durou até as quatro da tarde. O serviço de saúde executado por padioleiros retirava mortos e feridos do campo de luta sem serem molestados.

A retirada dos que sobraram foi feita desordenadamente voltando tudo na estaca zero. Ambulâncias, enfermeiros e padioleiros foram os últimos atores a sair de cena do espetáculo pavoroso, conduzindo para a retaguarda os nossos mortos e feridos.

São dez da noite do dia 29 de novembro de 1944. Data que jamais será esquecida por este pracinha, nessas alturas já bem calejado com canas semelhantes.

Abatidos, retornamos a base de partida deixando para o 1° e o 11° R.I. a tarefa de evitar um possível contra-ataque inimigo. E por mal dos pecados foi de fato o que aconteceu.

A 9ª Companhia e os demais do 3° Batalhão iriam para a retaguarda, se possível para um merecido repouso. Às 2 horas deixamos a região a pé até atingir a cidade de Sila onde os caminhões nos aguardavam.

Nosso destino agora seria Porreta Terme, local onde se encontrava o Posto Avançado da F.E.B., motivo pelo qual era constantemente bombardeado.

Recapitulando. Deixamos a zona de combate aos cuidados de unidades do 1° e 11° R.I. que após o recuo para a base de partida estava se refazendo a fim de garantir as posições. Era sabido que o inimigo tentaria uma sórdida ação para reconquistar a região de Abatala.

As cenas dantescas assistidas por mim jamais sairão da retina e do pensamento. Quanto sofrimento, quanta agonia. Deus Meu. Vendo homens derrotados, tremendo com ferimentos horríveis, sangue escorrendo, sangue jovem, de jovens brasileiros que não pediram para ir à guerra alguma. Muito menos esta, sem motivo algum...

Procuo afastar para longe do pensamento as cenas que meus olhos gravaram. Deixamos Abatala com seu casario ardendo e o que sobrou, sendo destruído pela artilharia nazista.

Finalmente, da cidade de Sila caminhões nos transportaram até a cidade de Porreta Terme. Descansamos depois de tantos dias de sofrimento no fronte.

Chegamos lá as três da madrugada. Nos alojamos num imenso prédio que nos bons tempos era um Hotel grã-fino. Estava parcialmente destruído. Tiritando de frio nos encolhemos no chão gelado enrolados no cobertor que não nos abandonava. O local onde se encontrava nosso Pelotão era um salão enorme.

O frio era tanto que não dava para aguentar. E a solução encontrada por esse escriba foi encontrar algumas portas e batentes para organizar uma pequena fogueira com o fim de nos aquecer. No desespero encontraram também as venezianas O calor nos reanimou.

Um dia frio e úmido raiou. Nossa cozinha conseguiu se instalar nas imediações onde estávamos, sendo servido café bem quente acompanhado

pelos famosos bolações duros como aroeira. E nós comemos. Também pudera, não havia outra opção.

O dia que amanheceu é o segundo do mês de Dezembro de 1944. Um frio de lascar. Barbudo e sujo, tinha eu a impressão de estar com mau cheiro, verdadeiro fedor de ranço. Aguardávamos a chegada dos “Sacos A” que continham roupas limpas e outras coisas pessoais.

Mesmo fedendo sai com o Cabo Fernando para conhecer melhor a cidade. Porreta Terme, em si nos tempos normais, deveria ser uma cidade típica para temporadas gostosas. Era um local de gente de bem que frequentava suas Thermas, com água quente a mais de 30°C. Foi muito destruída pelo bombeiro alemão e mesmo assim era imponente, embora antiga.

E foi numa das thermas que o Sargentão Moreno tirou toda a sujeira, depois de sessenta dias sem banho. Como era gostoso estar longe do fronte, fora da linha de combate. Enfim, tornar a ver novas pessoas, homens, mulheres e crianças, e com elas conversar.

Encontrava – se nesta cidade o Comando Brasileiro e era uma constante a presença de chefes americanos e ingleses. Por essa razão Porreta Terme era castigada pelo fogo inimigo a miúdo. Os nazistas sabiam o valor que ela representava.

Aguardamos ansiosos o momento que o nosso Comando determinasse nossa ida para o “Rest-Camp” americano para o tal descanso prometido. Enquanto a ordem não chegava, ficamos aguentando a mão em Porreta Terme.

O inverno está chegando e o frio é intenso. Sexta feira, 01/12/44.

Até que o passeio pela cidade estava gostoso. Muita gente, e entre essa muita gente, muita mulher. Artigo que estava ausente aos nossos olhos a muito tempo. E a certeza que nós não estávamos na pele de nossos companheiros que dormiam nos “fox-hole”.

Veza por outra conseguia-se dos italianos alguma garapa ou vinho. O tempo corria velozmente e havia necessidade de aproveitar todos os minutos nesta curta folga. Começa a escurecer e o frio é cortante, judiando amargamente nosso corpo. A ordem é recolher. Antes, juntei tudo que queimava, para numa fogueira, aquecer o ambiente. Não havia o perigo de intoxicação por gases tóxicos de carbono, pelo simples fato de existir portas e janelas onde nos encontrávamos.

Assim, deitados no chão duro e enrolados nos trapos que nos perseguem, perto do fogo procurávamos dormir até que venha a ordem para o merecido repouso em Florença.

Bate papo com os companheiros até que chegue a hora do sono. Daqui a pouco iremos para Florença. Será?

São 11 da noite. Logo, logo, raia o dia. Doce ilusão; nossa alegria acaba em tristeza. As 4 da manhã fomos acordados aos berros.

Aturdidos, sem saber o motivo da gentileza de quem nos acordava, levantamos para receber instrução do nosso Comando, que até aquele instante também ignorava o fato. O certo é que havia ordem do Comando do 3º Batalhão para voltarmos para o frente. E a razão era porque os alemães haviam dado um valente golpe de mão, infiltrando-se pela retaguarda de um dos Pelotões 11º R.I. pondo-os para correr. O pânico tomou conta da unidade e provocou uma corrida infernal. Por esse motivo foi solicitada a presença do 3º Batalhão para garantir a retirada das unidades em correria se tal fato assim fosse necessário. Partimos ainda sonolentemente as 6 da manhã em direção ao frente que há poucos dias havíamos deixado.

A RETIRADA

Nesse deslocamento encontramos os fujões e todo o material que haviam abandonado na fuga improvisada. As Companhias 7ª. e 8ª. do nosso Batalhão estavam procedendo o recolhimento de material abandonado e tentando trazer de volta os fujões para as antigas posições. Não havia acontecido nenhum golpe de mão, mas apenas uma patrulha inimiga se infiltrava pela retaguarda de um dos Pelotões, causando uma confusão dos diabos.

A situação foi contornada; os desertores de araque voltaram a ocupar suas posições e nós voltamos pela segunda vez para Porreta Terme. Foram momentos delicados os vividos pela tropa do 11º R.I. que muito humilhou seus homens, ato que afinal caiu no esquecimento e perdoado pois era seu batismo de fogo, o que não era mole. Já estava escurecendo quando chegamos a Porreta Termes pela segunda vez. A única opção em virtude do frio era esquentar nossos esqueletos nos sacos de dormir americanos e esperar a aurora de um novo dia.

Esse novo dia era um domingo, dia 3 de dezembro de 1944. E a cidade era ainda Porreta Terme

O saco A já havia chegado da retaguarda, e nele se encontravam as coisas necessárias do dia a dia, tais como roupas e outros objetos.

O tal saco A permanece sempre nos depósitos, na retaguarda. De posse da roupa limpa, nos mandamos para as termas da cidade. O banho foi quente e delicioso. E com roupa limpa a coisa era outra.

Aguardamos ordens para ir ao “Rest-Camp” dos americanos para o esperado descanso prometido. Enquanto a ordem não chegava, vamos aguentando Porreta Terme que é visitada constantemente por aviões alemães pois o inimigo sabia o que representava na cidade.

Dois altos Comandos Militares também tinham seus Postos de Comando. O mulherio da cidade era muito chegado aos Sargentos dos ranchos, pela facilidade em distribuir alimentos pela troca de favores

especiais. Na hora do rancho sobram mulheres e crianças lutando para obter alimentos.

Amanheceu o dia 7 de dezembro.

É uma quinta feira e o local é ainda a cidade de Porreta Terme. Conforme estava previsto, a minha vez de ir a idade de Florença se aproximava.

Eu, Cabo Fernando, soldados Silva Reis e Borges, fomos de caminhão e chegamos a cidade de Pistóia já no caminho de Florença. Em Pistóia tomamos uma refeição e o colega De Lúccia se juntou a nós. Percorremos Pistóia de ponta a ponta e não gostei. Muito antiga, embora de grande expressão cultural. Voltamos a Porreta Terme as dez da noite.

VISITA A FLORENÇA

Finalmente chegou a minha vez de conhecer a badalada cidade italiana. Com a permissão em mãos para ocupar a cidade, lá fui eu e um punhado de colegas. Partimos após o almoço num caminhão descoberto. Subimos pela segunda vez a Serra de Pistóia, já coberta de neve. Passamos pela mesma e nos mandamos, chegando em Florença as quatro da tarde, indo direto para o 5th Army Rest Camp, local de descanso das tropas aliadas, em especial as tropas americanas.

Jantamos nesse local e logo após demos algumas voltas pela cidade. Fomos ao Real Teatro São Carlos, onde assistimos Ópera cômica “O Barbeiro de Sevilha”, de Rossini Já tarde da noite nos mandamos para o alojamento, muito limpo e confortável. Deixamos para o dia seguinte a avaliação de tão famosa cidade.

Ainda com o Lourival, após o café matinal, saímos para aproveitar o curto tempo que podíamos dispor.

A cidade é realmente maravilhosa. Igrejas monumentais. Museus para todos os gostos. Teatros e praças lindas, jardins floridos e ornamentados com monumentos que lembram os personagens que fizeram a história da Itália. Um mundo de soldados das Nações Unidas circulava por todos os lados. Pudemos então sentir a presença dos muitos soldados que compunham o 5º Exército Americano. E nós brasileiros, no meio de hindus, sul-africanos, canadenses, ingleses, entre outros.

A cidade é cortada ao meio pelo belo e bem tratado Rio Arno, sem poluição. Este rio é um dos cartões de visita da cidade.

Dois dias em Florença, longe do fronte. Que gostosura, meu Deus.

Fomos para o alojamento, jantamos. As sete da noite, todos que foram comigo regressaram para Porreta Terme. Mas dois dias e estávamos no final do curto descanso.

Início da famosa Serra de Pistóia. Não pudemos prosseguir a viagem. Tratores de lâminas retiravam um mundo de gelo das pistas, provocado por

violenta nevada. Mesmo assim chegamos a Porreta Terme com um dia claro. Um frio de lascar e a noite inteira sem dormir.

Encorujei-me no saco de dormir e tentei cochilar, não conseguindo. A artilharia inimiga bombardeava a cidade. Um grande prédio de quatro andares foi atingido e destruído, matando 45 pessoas entre adultos e crianças. Eram refugiados que retornavam as suas casas.

Nos incorporamos aos civis para a retirada dos mortos e feridos dos escombros. Cenas pungentes, chocantes mesmo para quem como nós estávamos acostumados a ver coisas piores. O constrangimento tomou conta de todos.

As três da tarde do dia 12 de dezembro deixamos Porreta Terme, nos deslocando em caminhões para a cidade de Sila. Ali aguardaríamos novas ordens. O 3º Batalhão do R.I. se constitui num Batalhão de elite e é até conhecido como Batalhão suicida, razão porque também estávamos a disposição do 4º Corpo do 5º Exército.

Está previsto para amanhã mais um ataque para a conquista do Monte Castelo por unidades do 1º R.I. e também do 11º R.I. Nós aguardaremos o desfecho dessa tentativa, alias mais uma tentativa.

As cinco da manhã começa a barragem da artilharia para a arrancada decisiva. Durou exatamente 60 minutos de intenso bombardeio ao Monte. Meu Batalhão, postado a menos de dois quilômetros, ficou na expectativa aguardando o êxito final.

Cessada a barragem da artilharia, os infantess se lançam aos ataques. Mas lamentavelmente não conseguem seu objetivo. O inimig, muito bem instalado defensivamente, desbaratou mais uma vez nossas tropas que desceram o famigerado Monte mais uma vez derrotados, com muitos mortos e feridos.

PALMO A PALMO

Retornaram a base de partida e se reorganizaram.

É mais uma noite de cão para a tropa. Devemos manter nossas posições para a eventualidade de termos de conter um golpe de mão do inimigo. Esta noite regressou Meu Comandante de Pelotão, Tenente Carqueija, que assumiu o comando do mesmo. Sorte minha, pois a responsabilidade era grande. Noite fria e uma chuvinha impertinente anuncia o raiar de um nodo via. É 13 de dezembro de 1944.

Permanecemos no mesmo local da noite anterior sem saber o que vai acontecer. Apenas sabemos com segurança que no ataque a Monte castelo houve muitos mortos e feridos.

Pobres pracinhas brasileiros morrendo estupidamente sem nenhum objetivo em outras plagas.

O dia 15 ainda nos encontrou no mesmo local. A ordem era se preparar para partir. Vamos para ouro setor. Começa a escurecer. As sete e meia da noite. Já bem escuro, partimos a pé em direção ao novo setor.

Mais escuro ainda, e sempre andando e atravessando zona muito batida pela artilharia inimiga. É um tal de deita, levanta, deita, levanta que não tem medida. Finalmente, o dia desponta, depois de termos andado quase a noite inteira. Atingimos uma elevação onde um pequeno vilarejo de nome Volpara o encimava.

O cemitério desse lugar era o local onde nossas peças estavam assentadas. Em direção a imenso vale, se localizavam uma infinidade de outros vilarejos.

O pavor tomava conta de todos de qualquer maneira mesmo. Á nossa esquerda estava a 7ª Companhia e a direita a 8ª. E nós no centro das duas, em pleno cemitério. O nosso Batalhão, no todo era responsável pelo setor com área de 1000 metros². Logo a seguir as demais unidades do 6º R.I. em posição, depois de substituir tropas do 1º R.I..

Volpara, 17 de dezembro de 1944. Um domingo enfadonho, muito frio e muita cerração. E nós, metidos nos buracos de proteção, conhecidos por “buracos de raposa”. Nos entreveros de ontem, mais alguns mortos e feridos.

Escurece, e mais uma noite ao lado dos ossos dos que se foram para a melhor, pois as duas da madrugada uma forte concentração de artilharia do inimigo que durou mais ou menos uma hora e um pega-pega danado com os gringos que queriam desalojar.

O bombardeio deles se concentrou mais no cemitério, e por essa razão, vimos novamente cenas dantescas quando atingidas muitas sepulturas, espalhando ossos para todo lado dos corpos ali enterrados. Crânios, tíbias, fêmures, entre outros bichos que não sabia o nome, voavam para cima de nós onde estávamos abrigados. Para a nossa sorte, a artilharia divisionária brasileira, com fogos muito bem ajustados, dispersou a patrulha inimiga.

Mais mortos e feridos foi o resultado final para o nosso lado.

Dia 23 de dezembro de 1944. Ainda estamos em Volpara. Um frio de estourar o físico da gente. De encolher mesmo. A neve cai sem parar e o espetáculo é maravilhoso. O horizonte a nossa frente é um lençol branco de doer os olhos. Provoca um ar de melancolia, indescritível, aumentando a saudade do nosso quente Brasil. Essa brancura deslumbrante dá um senso de desolação e tristeza que faz com que aumenta a saudade dos que nos são caro.

E para aguentar o grau de tristeza, eis que estamos perto do natal. E nós, triste sina, enrustidos em buracos para salvar a pele. Como verdadeiros bichos tocaiados.

É NATAL

A neve caindo é de fato um espetáculo maravilhoso, provocando entretanto um sentimento de abandono. Sentimos apenas o frio cortante, a umidade que nos aniquila e nos transporta espiritualmente para nossos entes queridos que logo mais estarão em volta de uma iluminada e florida árvore de natal, que simboliza a data máxima de cristandade e o nascimento do menino Jesus. É véspera de Natal também no fronte.

Fato curioso entretanto acontece no momento

Assistimos a um silêncio impressionante. Não se ouve explosão alguma de ambos os lados. É um silêncio de morte, o que me leva a conjecturar que todos somos seres humanos.

25 de Dezembro de 1944. Natal na trincheira

Um tapete totalmente branco forra o nosso chão. O teto das casas, as árvores, os caminhões e tanques... é de uma brancura ímpar. Na situação em que nos encontramos é um dia como outro qualquer. Mas a vontade é de chorar.

FELIZ ANO NOVO

Surge um novo dia. E eles vão se sucedendo. Assim chegamos ao dia 30 de dezembro. É véspera de um novo ano e nós continuamos longe dos nossos entes queridos. À meia noite em ponto, após novo silêncio mortal, nossa artilharia saúda a entrada do ano novo, despejando um mundo de bombas sobre as posições inimigas.

Em contra partida eles não deixaram por menos. Despejaram também sobre nossas posições uma quantidade imensa de tiros de artilharia. Todos sentiram o impacto da saudade, comemorando a entrada do ano novo com argumentos bélicos.

A queda da neve prossegue e o frio tem chegado a 18 ° C abaixo de zero. É um frio de lascar; começam a surgir os primeiros pé-de-trincheira, que nada mais é do que o super congelamento dos membros inferiores, principalmente a sola dos pés, que quando chega a esse ponto, provoca a gangrena e é necessária a amputação do membro congelado.

O tempo passa. Estamos a 28 de Janeiro de 1945. É igual aos demais dias. As refregas das patrulhas se sucedem dia e noite. Sem notícias dos meus, aumenta a saudade e as lágrimas afloram nosso olho. Esta situação perdurará por longo tempo, pois o inverno rigoroso não permite que o Comando tome qualquer atitude. Tudo se reveza em Patrulhas e as mais poderosas artilharias não folgam o inimigo e vice-versa. O alemão também não nos dá folga.

Recebi ordens do meu Comandante da Companhia para substituir por alguns dias, o nosso Sub Tenente Benedito, no local onde se encontra o

depósito da nossa Companhia. O local se chama Molinacho, vizinho de La Venturina, que por sua vez é de onde se localiza a famosa ponte na qual muitos de nossos companheiros morreram ou ficaram feridos. Ponte essa que continua sendo batida durante vinte e quatro horas por dia pela artilharia nazista.

Ao substituir o companheiro Benedito, minha missão era não deixar faltar alimentos e munições e ainda providenciar as guias de socorro dos feridos que seriam evacuados para o Brasil. Entre eles, meus colegas Evangelista, Lima, Cadernuto e Paulo Nogueira, além de cabos e soldados.

Dias 10 e 11 de fevereiro. Sábado e domingo de Carnaval dão motivo para a gente se entristecer ainda mais. No Brasil a alegria contagiante do nosso povo. Quanto calor no país tropical, em contraste com que podemos ver no momento nesta terra gelada, onde a neve cai durante 24 horas do dia. Lama, frio, bombas e mais bombas sobre a gente o tempo todo. Um sofrimento que parece não ter fim.

Apesar dos pesares a confiança de sobreviver é enorme. E se Deus quiser voltarei para os meus.

Dia 12 de fevereiro de 1945.

É segunda feira de carnaval. Estamos de serviço juntamente com o Sub Comandante da Companhia, Capitão Thiago e do motorista Gumercindo. Fomos até a cidade de Pistóia.

De lá fomos até a cidade de Montecatine, termas modernas e uma bela cidade. O almoço foi pago pelo nosso Capitão Thiago na cidade de Borgo a Monzano. Regressamos ao anoitecer ao depósito da nossa Companhia, e lá se foi mais um dia.

Terça feira de reinado momístico. Dia 13 e neve continua caindo, e também as bombas. Nada se altera.

Quarta-feira de Cinzas, dia 14 de fevereiro. Baixou ao Hospital o Comandante afetivo, Tenente Carqueija. Voltei para o fronte e assumi o comando do Pelotão. O tenente ficou no mesmo local onde dias antes tinha deixado, em Volpara.

Quinze de fevereiro. É uma quinta feira monótona, cheia de frio e de neve. As frentes de combate, como tem acontecido desde o início do inverno rigoroso, as atividades se resumem em duelos de artilharias e entreveros violentos entre as patrulhas, que causam estragos para ambos os lados que lutam pelo setor.

A rotina é sempre a mesma no nosso setor. Tivemos conhecimento que as unidades do 1º R.I. e do 11º R.I. se preparam para nova tentativa no sentido de conquistar o Monte Castelo. Para esse fim, a movimentação de tropas é incessante.

Com o inverno, ou melhor, com o fim da queda de neve, a movimentação das tropas é total. Nosso deslocamento está acontecendo. O destino é um aglomerado de casas abandonadas que se localiza num imenso

vale de nome Rocca Corneta. E é por esse vale que constantemente acontecem as infiltrações do inimigo. E é nesse lugar que depois de ocupado pelo 3º Batalhão, comíamos fogo uma porção de das, pois o inimigo não para.

Era uma incessante chuva de tiros de morteiros e metralhadora. Na pare alta da montanha era onde se encontrava o inimigo e muito bem instalado defensivamente. Neste local tivemos inúmeras baixas.

CONQUISTA DE MONTE CASTELO

A ofensiva geral prossegue e tivemos conhecimento de que nossas tropas com a cooperação de 10ª Divisão de Montanha dos americanos, e com o apoio de tanques Sherman, haviam conquistado Monte Castelo, Castelnuovo, Monte Belvedere, Soprassasso e ainda as elevações 822 e 882, e obrigando o inimigo a se retirar para o norte. No avanço foi conquistada ainda a cidade de Lizzano de Belvedere. Tudo indica que o próximo objetivo será a cidade de Montese.

Aqui em Rocca Corneta permanecemos por 21 dias, e vamos nos deslocar. Tropas do 1º R.I. ocuparam esse setor. Foram 21 dias sem banho e sem rocar a roupa. De novo.

Vamos para a cidade de Vidiciatico nos recompor. Cidade recém-conquistada. Enfim um banho para retirar a sujeira e trocar a roupa.

ANIVERSÁRIO

Hoje é para mim um dia muito especial. É o 25 de março de 1945. Estou completando nesta terra, que se voltar com vida não levarei saudades, modestos trinta anos. Sem bolo e sem velinhas confesso que lágrimas afloraram aos meus olhos.

Vamos partir. A ordem é estarmos preparados.

Vidiciatico, 26 de março de 1945. Nosso destino é o alto do Monte Belvedere. Partimos as oito e quinze da manhã em caminhões descobertos, de baixo de chuva. Há vários dias a neve deixou de cair. O degelo começa e o frio então aumenta.

Atingimos o alto do belvedere e a ordem é manter a posição a todo custo e aguardar novas ordens para a deslocação. Pois segundo consta, será dada a largada final no setor norte da Itália. É o que pretende o Alto Comando americano do 5º Exército. Será a arrancada final.

Nesse setor permanecemos desde o dia 26 de março até o dia 10 de abril quando nos deslocamos descendo o altíssimo Belvedere até atingir a cidade de Gagio Montano. Ali um imenso comboio de caminhões nos esperava para nos levar até Pietra Colora, onde aguardaríamos novas ordens para o deslocamento.

Até o dia 1º de abril, parece mentira, ficamos em Pietra Colora jogados para as cobras, quando então ainda em caminhões seguimos para La Torre as seis da manhã. Iria acontecer a tomada do maciço de Montese, juntamente com a cidade, baluarte defendido com unhas e dentes pelos alemães. Seu ponto era puramente estratégico, pois se localiza em um vale profundo e nas encostas de altíssimas montanhas.

Ali serpenteia a famosa Rota-64 de vital importância, pois liga o sul com o norte de toda a Itália.

Está previsto para amanhã o ataque a Montese. A concentração de armas, munição e pessoal é impressionante. O bombardeio da mesma é ininterrupto nas 24 horas do dia.

Estamos na base de partida, que é a cidade de La Torre.

Às nove da manhã tem início a barragem de artilharia coadjuvada pelo nosso Grupo de Aviação que lança bombas e mais bombas sobre o alvo. Uma hora após cessam os fogos de artilharia e tem início pesado ataque dos infantés, mesmo debaixo de maciço fogo nazista.

Quatorze de abril de 1945. Neste dia, no setor de Montese, inicia-se a série dos mais árduos combates travados pelos brasileiros em terra italiana. As operações duraram quatro dias e quatro noites, de 14 a 17 deste mês e transcorreram debaixo de forte fogo nazista, além de muitas baixas que nos causaram.

Nessas memoráveis jornadas, a divisão brasileira a esquerda e a 10ª Divisão da Montanha americana a direita, atuaram em movimentos sincronizados. Na posição de Unidade de Ala coube a nossa Divisão atacar o importante maciço de Montese, situado a frente de nossas posições, e considerado um dos mais fortes bastiões da famosa linha defensiva inimiga. Em seguida, a medida que a 10ª Divisão de Montanha prosseguisse, cobriríamos o movimento dessa grande unidade, mantendo-lhe segurança do flanco exposto, o esquerdo.

Conquistada a posição chave representada pelo maciço de Montese o impossível era os alemães se manterem a leste do Rio Panaro.

Era como descreveu o General Gritemberg, Comandante em Chefe do 4º Corpo de Exércitos: Com o vale do Rio Panaro em nosso poder, a continuada resistência contrária não poderia impedir nosso desembocar no vale do Rio do Pó.

Eis porque os nossos adversários resistiram denodamente às arremetidas dos brasileiros. A partir deste momento, a descrição daquilo que foi o final do conflito na Itália, a de acordo com ela, é descrito pelo nosso incomparável chefe, General Joao Batista Mascarenhas de Moraes, Comandante em Chefe da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial, em palco de operações na Itália

A descrição é do nosso Comandante, considerando-se a fase em que nos encontrávamos.

“Do meu observatório, em Sassomolare onde me assistiram o General Zenóbio da Costa, Coronel Brayner, Major Wernon Walters, entre outros oficiais, descortinava-se toda frene de combate. Havia dois degraus altimétricos: o mais próximo, e de menor importância em altitude; e o mais distante, no fundo do compartimento, apresentava-se o maciço de Montese, do qual sobressaiam-se Montese a cota 927 e Montello, por apresentarem maior altitude, fornecendo assim aos alemães expendidos observatórios que devassavam o interior da 10ª Divisão de Montanha.

A cidade de Montese em destacada elevação, estava situada na região sul do maciço. Essa configuração de terreno indicava a necessidade de se conquistar preliminarmente, a primeira linha de alturas e depois prosseguiu investindo contra Montese e demais elevações do maciço onde a cota 927 era o ponto culminante. Com tal finalidade, no justo momento em que a 10ª Divisão iniciava o seu ataque- as quinze para onze da manhã- também patrulhas brasileiras constituídas de Pelotões reforçados por turmas de mineiros, eram lançadas sobre esses objetivos.

Percorrendo terreno intensamente minado e sob violento duelo de artilharias, morteiros e fogos de infantaria, esses Pelotões a uma da tarde já haviam completado suas missões.

O ataque contra o triângulo de alturas Montese-Cota 888- Montello- foi desencadeado às 13 horas. Houve intensa preparação de artilharia, blindados e fumígenos americanos em apoio à ação.

Ao 11º R.I., comandado pelo Coronel Delmiro, atribuiu-se a missão de conquistar o maciço Montese. O ataque foi realizado com os Batalhões Lisboa e Cândido em primeiro escalão, cabendo a este exercer o esforço principal da operação, enquadrado, a esquerda pelo Batalhão Lisboa e a direita pelo Sizenodo (11º R.I.). O duelo mortal de toda natureza recrudescceu. Canhões, morteiros e metralhadoras. Entretanto, havia progressão da infantaria apesar do terreno minado.

Às três da tarde o Batalhão Lisboa ao sul penetrou na vila de Montese. Mas foi o Pelotão do Tenente Iporã, da 1ª. do 11º R.I., que por volta das 13 horas se infiltra nas linhas inimigas. Até aquele momento a 10ª Divisão de Montanha sofrera muitas baixas, sem conseguir avançar, preocupando seriamente o General Gritemberg. Às 15h e 15 m, novo êxito dos brasileiros: o Batalhão Cândido conquistava Serreto e avançava Paravent, visando atingir Montebufone, Cota 927 e prosseguir até Montelo e Cota 888. A reação inimiga aumentou: seu perfeito sistema de poderosos fogos funcionava com crescente e redobrada energia.

Às seis da tarde já era noite. Sabia-se que o inimigo tinha blindados e tropa em reserva. Num contra-ataque poderia recuperar as posições de Montese e Serreto. A noite toda os morteiros e artilharia martelavam nossas posições causando muitas baixas.

A jornada de 14 de abril revestia-se de cruel dureza. Além da conquista do baluarte de Montese, foram presos 170 alemães. O ataque prosseguiria no dia seguinte, restando conquistar o total do maciço de Montese formado pela Cota 927-Montelo-Cota 888. Era um imperativo da situação: o inimigo nessas alturas ainda possuía vistas que devassavam os movimentos dos aliados e resistia as vigorosas investidas da 10ª Divisão de Montanha. Deveria ser pressionado pela Divisão brasileira, impedindo de deslocar fogos e tropas para o setor dos montanheseiros americanos.

Perdida a posição chave do maciço de Montese o inimigo viu-se obrigado a retrair para a margem esquerda do Rio Panaro, a alguns quilômetros de distância. Previa-se que a resistência fosse até quase a exaustão.

Face ao esforço dispendido pelo 11º RI no dia anterior, pensei em substituir o Batalhão Cândido por outro em reserva. O grande moral do 11º R.I. levou seu chefe a manifestar o desejo de prosseguir a missão. Concordei pela nobreza da solicitação e também porque atendia a economia de tempo e meios.

Na previsão de próximo emprego, decidi que o Batalhão Silvino, Comandante do 3º do 6º RI, se aproximasse daquela região para emprego imediato.

Um reparo se torna necessário.

O Batalhão Silvino é justamente o Batalhão desta pracinha, que nela permanece desde o início das atividades da FEB nos campos de luta.

Prosseguindo...

Assim é que os Batalhões de ataque desembocaram as 9 h 45m, e nessa ocasião o inimigo iniciou cerrada resistência em muito superior à do dia anterior. Os fogos de metralhadoras eram densos e certos. As barragens de artilharia incessantes. O terreno bastante minado dificultava a progressão. Mesmo assim, o Batalhão Cândido partindo de Sorreto e Paravento, avançou ousadamente em primeiro escalão, a 7ª e 8ª Companhias à esquerda.

Contudo, os fogos inimigos frontais com flanqueantes bem ajustados, as detiveram, causando-lhes baixas. Os Batalhões Sizeno e Lisboa nos flancos, do Batalhão Cândido, progrediam melhorando suas posições. Mas também foram detidos. A luta prolongou-se mesmo no escuro da noite.

Verifico que os homens do Batalhão Cândido apresentavam sinais de estafa e que o ataque perdia a impulso inicial. Assim incumbi às 15 e 30 hr., o Coronel Nelson de Mello, Comandante do 6º RI, o regimento da reserva, da direção do combate na área Sorreto-Paravento-Montabufona-Cota 927.

Esse Coronel determinou ao Batalhão Silvino 3º do 6º RI, que cerrasse à frente afim de ultrapassar o Batalhão Cândido, conquistando ainda nessa jornada, as alturas da Cota 888 e Montebufone. Os poderosos bombardeios inimigos, porém, não permitiriam a indispensável articulação na base de partida, pelo que deveria prosseguir o ataque no dia seguinte, 16.

O Batalhão Cândido retrairia á noite de 15/16, permanecendo em linha o Batalhão Silvino- do 6° RI. O Batalhão do II RI, em reserva na região de Il Monte, manteve-se em condições de ser empregado.

A 10ª. Divisão de Montanha, nessa jornada de 15 foi mais feliz que na de 14; conseguiu um relativo avanço, enquanto boa parte dos fogos de artilharia inimiga era lançada sobre a Divisão Brasileira. Nós, apesar disso, continuamos fustigando vigorosamente o adversário a fim de que não pudesse desviar parte de seus meios contra nossos vizinhos da direita, a 10ª. Divisão de Montanha.

O 4° Corpo, na tarde desse dia 15, atribuiu a divisão brasileira a missão de prolongar o nosso setor para nordeste, o que determinei fosse cumprida com o Batalhão de reserva divisionária. Nosso araque ao maciço de Montese continuaria, com igual ímpeto na manhã do dia seguinte.

16 DE ABRIL DE 1945

Na noite de 15 para 16, enquanto o Batalhão Cândido saía de linha, para recuperar-se das baixas e energias gastas, o Batalhão Silvino, que o substituíra, tomava dispositivo adequado ao ataque que desencadearia na manhã do dia 16. Os bombardeios da artilharia inimiga, que durante a noite produzira cerca de cem baixas no Batalhão atacante não cessavam.

A região de Montese continuava recebendo mais tiros de artilharia, do que toda a frente do IV Corpo.

A situação do Batalhão Silvino não era boa, agravando-se exatamente quando com as companhias sobre a linha de partida, prontas para desembocar o inimigo, desencadeou poderosa concentração de artilharia e morteiros, aumentando ainda o grande número de baixas.

SARGENTO MORENO NO HOSPITAL DE CAMPANHA

Nesse ponto abro um parêntese para relatar que nesse dia fui atingido por estilhaços de granada e em estado de choque fui removido para o Hospital da Campanha. Nessa ocasião era eu o Comandante do pelotão de Petrechos da 9ª Companhia.

Mas continuando, o ataque não pôde ser iniciado simultaneamente por todos elementos do Batalhão Silvino, o qual por efeito dos bombardeios, se apresentava com o efetivo desfalcado e assim sem condições próprias para realizar essa operação ofensiva. Mesmo assim, o ataque foi iniciado pelo Batalhão Silvino e Lisboa, enfrentando a justeza a oportunidade das barragens dos fogos contrários, bem como os extensos campos minados que envolviam particularmente a Cota 927.

Para se ter a impressão pessoal (é o general Mascarenhas de Montares quem diz) do que estava ocorrendo, desloquei-me de Sassomolara, meu posto

de observação e dirigi-me, acompanhado do meu ajudante de ordens Capitão José Maria Ramaguera às posições ocupadas pelo Batalhão Silvino. O posto de comando instalado sobre os escombros de Montese, era permanentemente martelado pela artilharia alemã. No posto de saúde deste Batalhão, indiferente ao perigo que o rondava, o Tenente Médico Mallet Soares, prestava toda assistência possível aos feridos transportados pelos padioleiros, este pracinha inclusive, nessa ocasião foi por ele atendido e remetendo-me para a retaguarda notei ser um homem de grande desprendimento e muita coragem. A ele o meu eterno reconhecimento.

À frene, na linha de contato com o inimigo, a tropa permaneceria vigilante, mas imobilizada nos abrigos. De minha observação pessoal e dos esclarecimentos prestados pelo Comandante do Batalhão, Major Silvino, conclui da real situação da tropa, desgastada e fatigada, necessitando de complementação e recuperação.

O ataque transferido para a manhã do dia seguinte, 17 de abril de 1945, deveria ser realizado pelo Batalhão Oest, mantido na reserva na região de Il Monte. Este Batalhão no dia 16, às 12 horas, tinha iniciado movimento para a região de Montese, infiltrando-se de homem a homem, uma vez que a área estava submetida a ininterruptos bombardeios.

O Batalhão Silvino ia sendo substituído á noite, ao mesmo tempo que o Batalhão Oest tomava posição para o ataque a ser desencadeado no dia 17, logo pelo amanhecer.

Para os nossos vizinhos da direita, a 10ª. Divisão de Montanha, a jornada resultara proveitosa. Após os infrutíferos ataques do dia 14, seguira-se a lenta progressão, de 15; Afinal, no dia 16, conseguiram capturar o lugarejo de Tole, na direção nordeste Era o início da ruptura, pela qual nos dias subseqüentes seria introduzida uma cunha do dispositivo alemão.

Coube ao Regimento Sampaio, menos o Batalhão Sizeno, substituir um Regimento da 10ª. Divisão de Montanha na região de Famaticia, nordeste. Isto representava a ampliação do flanco da Divisão Brasileira, que assim cumpria a missão de manter a segurança do flanco esquerdo da 10ª Divisão de Montanha.

Ao alvorecer do dia 17, o Batalhão Oest prosseguiria no ataque ao restante do maciço de Montese. A apoia-lo esperávamos contar com a poderosa artilharia e participação da Força aérea. Os alemães já começam a se ressentir o vigor e a persistência dos ataques do IV Corpo.

17 DE ABRIL DE 1945

O reconhecimento do terreno e os preparativos do ataque já haviam sido efetuados na tarde do dia anterior, 16, pelos oficiais do Batalhão Oest. Ao cair da noite, esse Batalhão começou a entrar em linha ocupando a região de

Serreto, para ao amanhecer, ultrapassar o Batalhão Silvino, em direção ao objetivo, Cota 888 Montelo.

O movimento da tropa, realizado com cautelas normais em tais operações, se processava em meios a constantes e incômodos atividades da artilharia inimiga. Seus bombardeios visavam em especial os objetivos por nós já conquistados: Montese, Serreto e Paravent. As estradas continuavam sendo batidas com frequência, obrigando o deslocamento por infiltração homem a homem.

Já estava quase terminada a tomada do dispositivo da tropa atacante quando às primeiras horas da manhã do dia 17 recebo ordem do IV Corpo para não mais atacar. O próprio General Criteberg, ainda na manhã de 17, foi ao meu observatório, em Sassomolare, levar-me esta decisão.

O Comandante do IV Corpo, acompanhado pelo Major Vernon Walters, chegava durante um intenso bombardeio desencadeado pelo inimigo, e precisamente naquela área. E dele ouvi que o General Truscott, Comandante do V Exército, cancelara o ataque naquele setor porque pretendia canalizar sua reserva através da brecha aberta na linha inimiga, na região de Tole, à direita da Divisão brasileira, onde operava a 10ª. de Montanha.

Tratava-se de mais uma judiciosa decisão do experiente General Truscott, que assim assegurava o aproveitamento inicial, precisamente onde os alemães cederam ao ataque.

A 85ª. Divisão Americana, até aquele momento mantida na reserva do V Exército, foi empregada nessa região à direita da 10ª. de Montanha, de modo a colaborar no aproveitamento do êxito obtido nessa parte de frente. E a 10ª. Divisão blindada americana, que atuava na região da estrada 64, foi deslocada para oeste, vindo a incorporar-se a 10ª de Montanha, a direita e a Divisão brasileira a esquerda.

Com a evolução natural das operações desse dia, coube a Divisão brasileira a missão de manter a segurança do flanco esquerdo do IV Corpo, sondando a resistência germânica em Cota 927 e mascarando o movimento das reservas aliadas americanas e brasileiras que se encaminhavam para a porção oriental do nosso setor.

O Batalhão Silvino saiu de linha passando o quartirão a responsabilidade do Batalhão Oest. Como continuassem as concentrações de artilharia sobre Serreto e adjacências, este batalhão manteve em linha o máximo de uma companhia reforçada, de modo a evitar baixas provocadas pelos bombardeios inimigos.

Patrulhas brasileiras, de emboscadas e também de vigilância, foram lançadas para diversos pontos de linha adversaria, regressando com alguns prisioneiros. Nessa jornada de 17, flanco direito da Divisão brasileira foi ampliado: o Batalhão Uzeda substituiu nessa região um Batalhão da 10ª. de Montanha. Continuávamos, assim, dando cumprimento à missão de proteger o flanco esquerdo da 10ª. de Montanha.

Na conquista de Montese, valioso continuou sendo o apoio prestado à infantaria atacante, pela artilharia divisionária brasileira. Nessa ocasião, o Grupamento Levi Cardoso, da região nordeste de Bombiana, apoiou o 11° RI e o Batalhão Sizeno; o Grupamento Souza Carvalho, em Monte de La Caselina, apoiou o Batalhão Franklin; o Grupamento Panesco Alvim, da encosta nordeste de Monte de La Torracia em ação de conjunto.

A artilharia do General Cordeiro de Farias, em precisão e eficiência, nada ficou devendo a sua congênere alemã. A Engenharia do Coronel Machado Lopes também foi de grande eficiência na recuperação de estradas e na localização e levantamento de terrenos minados. A Companhia Moller, 1ª. esteve à disposição do Batalhão Sizeno. A Companhia Raul, 2ª. em acompanhamento ao ataque do 11° RI. A Companhia René, 3ª, em reserva. A Companhia de Comunicações, do Capitão Mario Miranda, equipou o eixo Gaggio Montano-Tamburine.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No dia 14, ao serem iniciadas as operações contra o maciço de Montese, dispunha eu de uma reserva avaliada em 4 batalhões. Com essa reserva alimentei o flanco direito da nossa Divisão, mantendo a segurança do flanco esquerdo da 10ª. de Montanha.

Foram 4 jornadas árduas de que participaram os três Regimentos da Divisão Brasileira, em especial os Batalhões Silvino-Cândido-Lisboa-Sizeno, sendo que os dois primeiros foram substituídos com grandes e relativas baixas, além de sinais graves de estafa.

Como apoio moral a tropa que nas operações de Montese se bateu com tanto valor, autorizei que a título recreativo e reparador, lhe fossem servidas latas de cerveja, cigarros e guloseimas, consumidas num ambiente descontraído e cordial, embora, ainda sob bombardeio dos inimigos.

UM REPARO ILUSTRATIVO

Lembro-me bem desta passagem. Eu participei da mesma.

Prosseguindo: De 14 a 18 de abril fizemos 453 prisioneiros, inclusive 5 oficiais, mas em contra partida, sofremos 426 baixas em combate, sendo 84 mortos e 332 feridos.

Montese foi palco da mais árdua e sangrenta vitória das armas brasileiras na Itália. É com imensa satisfação, que este pracinha que participou efetivamente na Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945) junto a militares de várias nações na campanha da Itália, transcreve o relato acima, cópia fiel do que escreveu o nosso estimado Chefe, General Mascarenhas de Moraes, em suas “Memórias”, Volume 1.

... e a coisa continuou até seu desenlace...

SONDAGENS E EXPECTATIVAS

Cancelada, pelo Comandante do V Exército, a continuação da operação na área de Montese, coube a Divisão Brasileira a missão de permanecer protegendo o flanco esquerdo da 1ª. Divisão Blindada Americana, agora interposta entre nós e a 10ª. de Montanha, cujo eixo de progressão cada vez mais a deslocava para nordeste. Nesta jornada, dia 18, o Batalhão da 10ª. Montanha, foi substituída pelo Batalhão Oeste, na região de La Coste-Tole, constituindo o nosso flanco direito. A ruptura da posição alemã, iniciada na região de Tole, continuava sendo aprofundado para atingir as retaguardas germânicas, desorganizando-as.

Como a penetração na linha inimiga ia gradualmente adquirindo maior velocidade, previa-se que os germânicos realizassem dentro em pouco tempo, um retraimento para o norte e noroeste, particularmente a margem ocidental do Rio Penaro. Era o indício desta provável atitude o fato de sua artilharia continuar atuando sobre nossas posições da Montese e ter entrado em franco declínio nas outras partes da frente.

Decidi, então, o envio de reconhecimentos agressivos em toda frene afim de ser reiniciada a progressão caso o inimigo retraísse. O Esquadrão do Capitão Pitaluga, possuidor de grandes mobilidades instalou-se na região de além Montese, alertado para a possibilidade de ter que cumprir a missão de retomar o contato com o inimigo rumo ao Rio Panaro.

As patrulhas brasileiras acionadas nessa ornada de 13 traziam informações de que o inimigo se mantinha em suas posições sem entretanto revelar a agressividade dos dias anteriores. Viria a seguir o aproveitamento do êxito. Fato que aconteceu dia 19 de abril, que marca o início de uma etapa da Ofensiva da Primavera- o aproveitamento do êxito- de que resultou a conquista do médio Panaro pela Divisão brasileira.

A ruptura da linha alemã, na região de Tole, fora realizada pela 10ª. de Montanha, com o flanco esquerdo protegido pela Divisão Brasileira. Iniciou-se, então, por essa brecha, uma penetração a fundo em as retaguardas germânicas, levada a efeito dia 18, pela Divisão Blindada e 10ª. de Montanha, continuando o flanco esquerdo deste conjunto protegido pela nossa Divisão e o direito pela 85ª. Divisão Americana. Estes acontecimentos tornaram-se insustentável a linha defensiva germânica: para não correrem o risco de envolvimento, os alemães não tinham outra alternativa senão a de retraírem. E foi o que se verificou durante a noite de 18/19 de abril.

Na frene da divisão brasileira, ao amanhecer de 19, os bombardeios inimigos rareavam. Acionadas diversas patrulhas, informaram que o inimigo abandonara as posições durante a noite. Esse retraimento, aliás, ocorrera em toda a frente do V Exército.

Cabia-me, quanto antes, retomar o contato. Por isso lancei o Esquadrão de Reconhecimento do Capitão Pitaluga, dotado de grande mobilidade e

grande poder de fogo, na direção do Panaro-Ranocchio-Bertocchi. Para retardar nossa progressão, o inimigo havia lançado inúmeros campos minados e armadilhas anti-pessoal.

Constantes eram as concentrações de artilharia e morteiros; as estradas apresentavam destruições, o que exigiam reparações pela Engenharia do Coronel Machado Lopes; em diversos pontos do terreno estavam disseminados núcleos de resistência. As unidades de Infantaria, a coberto pelo Esquadrão de Reconhecimento, cautelosamente cerravam a frente, fazendo alguns prisioneiros. Cadáveres de homens e animais insepultos, encontrados pela Infantaria brasileira na progressão rumo ao Panaro, expressavam a violência dos encontros das jornadas passadas, atestando ainda o açodamento da retirada germânica. Os ruídos das explosões se faziam ouvir do lado inimigo e de quando em quando tudo denotando a intenção de retardar a progressão aliada.

A artilharia do General Cordeiro de Farias continuou cumprindo, na jornada de 18, numerosíssimas missões, apresentando o consumo diário de 3.906 tiros de granadas.

UM REPARO PARA OBSERVAÇÃO

Horas e horas junto a cadáveres putrefatos e insepultos.

Este pracinha passou momentos durante dois dias sem poder levantar a cabeça do abrigo, junto a cadáveres de homens e animais insepultos, em adiantado estado de decomposição. Sob pena de ter a cabeça decepada, sem alimento, sem água, respirando um ar fétido, este pracinha amargou o pão que o diabo amassou, durante horas a fio, cansado, com sono e tendo sobre o abrigo os estrondos e mais estrondos de artefatos infernais, estourando os ouvidos de todos infelizes. E as forças estavam sendo minadas, a caminho do terceiro dia sem poder escapulir da fedentina que aumentava mais e mais... Fora do abrigo, morte certa.

Este é um repouso que procurei fazer até que para nossa felicidade a partir de 19, a linha atingida pela divisão brasileira, era assinalada por Riva Di Biscia-São Martino-Ranocchio-Monte Maiolo-La Trapolada-Monte Tortore-Tole. Em nosso flanco oriental, nessa jornada, a 1ª Divisão Blindada Americana, progredindo para o norte, atingiu a linha Monte Acuto-Monte Albanello-Vavoloni.

Tudo leva a crer que na jornada seguinte os germânicos continuariam a se retrair para o norte, procurando retardar com núcleos de resistência, destruições terrenos minados, a penetração das forças aliadas em seu dispositivo. Com esse retardamento, pretendiam assegurar tempo suficiente para o grosso da tropa transpor o Rio Pó.

RUMO A ZOCCA - 20 DE ABRIL

O aproveitamento do êxito continuou na jornada de 20 de Abril. Afim de acompanhar mais de perto o desenrolar das operações, transferi para Sassamolare, o meu QG Avançado.

A ordem recebida do IV Corpo do V Exército, na noite de 19/20 consistia, em síntese, em continuar cobrindo o flanco oeste dessa grande unidade, limpando a margem direita do Rio Panaro, desde o Dargola, seu afluente ao sul, até a região da cidade de Vignola, ao norte.

Para cumprir a missão recebida, empreguei os três Regimentos em movimento simultâneo: o 11° RI, progredindo para o oeste, conquistaria as alturas que dominam a margem oriental do Panaro, na larga frente compreendida entre os afluentes do Dargnola, ao sul e Ribela ao norte; o 1° RI e o 6° RI avançariam para o norte, na direção de Vignola, cobrindo-se face a oeste. Deveriam manter dois batalhões em primeiro escalão, só empregando o terceiro com minha autorização.

O 11° RI do Coronel Delmiro, pesadamente hostilizado por canhões e morteiros, progrediu em terreno enxameado de minas e destruições, mas atingiu seus objetivos. Em fim de jornada, num movimento para o norte, o 1° RI do Coronel Caiado de Castro, a esquerda e o 6° RI comandado pelo Coronel Nelson de Melo, a direita, cerraram contato com o inimigo na região de ZOCCA, encontrando resistência obstinada.

Zocca, nó rodoviário que centralizava as estradas da região, era efetivamente o objetivo de real importância para os dois detentores constituindo um maciço montanhoso que interceptava nossa progressão rumo ao norte. A área de Zocca-II Monte, exercia evidentemente comando sobre as adjacências, barrando a progressão do movimento conjugado dos nossos dois Regimentos, o 1° RI e 6°RI.

O eixo de marcha da divisão brasileira, balizado pela serpente rodovia Sassolare-Zocca II Monte-Guilia-Vignola, impunha que a área de Zocca-II Monte, onde o inimigo oferecia resistência, fosse conquistada.

Planejei o ataque para o dia 21 e, em daí na véspera a tarde, foi consumida nos indispensáveis reconhecimentos.

O Esquadrão de reconhecimento, sob o comando do Capitão Pitaluga, liberado de sua atuação na área de responsabilidade do 11° RI, deslocou-se rapidamente rumo a Zocca, afim de após dominada a resistência germânica, pelos 1° e 6°Ris, em movimentos desbordantes conjugados, penetrar profundamente nas linhas inimigas. Nesse dia a divisão brasileira percorreu um terreno com muitas destruições e campos minados com centenas de armadilhas, particularmente a cavaleiro do eixo Casel Diano-Zocca.

O batalhão de engenharia do Coronel Machado Lopes se deslocou para ocupar e neutralizar esses obstáculos lançados pelo inimigo. Os prisioneiros de guerra informavam que toda margem leste do Rio Panaro, estava minada,

o que era indício veemente de que os contrários, em rota batida, se utilizavam na rodovia locada na margem oeste daquele curso de água.

No fim da jornada, a situação dos aliados era assim; a 10^a. de Montanha, continuando a progredir para o norte, estava em franca ponta de lança. E a 1^a. Divisão Blindada, atuando em nosso flanco direito, prosseguiu impetuosamente no seu avanço em direção às retaguardas inimigas, procurando desorganizá-las. Os elementos de reconhecimento, mais avançados dessas unidades americanas, chegaram a atingir e a estrada no^o9, cortando assim as ligações de Bolonha com o oeste do país. A cidade, porém, não havia sido ocupada.

Os preparativos da nossa divisão haviam sido concluídos para, no ataque do dia seguinte, serem rompidas as resistências germânicas em Zocca, o que contribuiria a valiosa cooperação brasileira para a manobra de alargamento do corredor aberto nas linhas alemães. Nesse movimento para o norte, rumo ao Rio Pó, estava se caracterizando o torneamento de Bolonha pelo ocidente.

21 DE ABRIL DE 1945

O 6^o RI, a direita-frente a Zocca e o 1^o RI, a esquerda, em cooperação mútua, mantinham a missão de continuar abrindo caminho para o lado norte. Ao 11^o RI, coube manter e melhorar as posições ocupadas sobre o médio Panaro, no dia anterior, o 1^o e 2^o Batalhões em linha. O 3^o Batalhão desse Regimento foi deslocado para o norte, região de San Michele, um quilometro a oeste de Zocca.

Ao alvorecer de 21, realizadas as primeiras sondagens, vimos que o inimigo, ameaçado de envolvimento, retraíra-se durante a noite, apenas deixando elementos esparsos de resistência com a finalidade de retardar nossa progressão. Apoiado por uma companhia de blindados, americanos, o 6^o RI passou a avançar sob esporádicos bombardeios frequentes e tiros de armas automáticas. Os pontos de resistência foram recalçados e Zocca foi ocupada.

Aprofundando a penetração, acionei o Esquadrão de reconhecimento, que ultrapassando o 6^o RI, deslocou-se impetuosamente para a região de Gainasa e Monte Valachio, ocupando-se com a missão de reconhecer a área, especialmente estradas e passagens sobre o Rio Panaro e seu afluente da margem direita, o Valechié.

O inimigo continuava retardando nossa progressão utilizando, em grande escala, destruições e campos minados.

No final do dia 21 de abril, a situação era a seguinte: os elementos avançados do II Corpo conseguiram penetrar nos subúrbios de Bolonha, enquanto o 8^o Exército inglês, fazia o mesmo por leste.

A cidade de Bolona fora abandonada pelos alemães, que haviam retraído durante a noite. Foi um acontecimento auspicioso, ocorrido graças a conjunção de esforços do V e VIII Exércitos, que envolveram esse importante centro rodoviário

A 1ª Divisão Blindada Americana, avançando o norte continuava no flanco da Divisão brasileira.

Conquistada a área de Zocca, a Divisão Brasileira, para continuar protegendo o flanco oeste do IV Corpo, deveria estender-se ao longo das alturas da margem oriental do médio Panaro, numa frente aproximada de 23 quilômetros. Para tanto, ainda avançaria para o norte na jornada seguinte afim de atingir a região de Manaro Sul Panaro e Vignola

CAPTURA DE ZOCCA

O aproveitamento do êxito, rumo a Marano-Vignola, prosseguiu a 22 com a cobertura à frente de Divisão, o Esquadrão de Reconhecimento. Este procurou com rapidez e agressividade retomar o contato com o inimigo em retirada para o norte. Os campos minados eram tão frequentes e eram totais as destruições.

A jornada de 22, foi encerrada com quase todos os elementos da Divisão brasileira, estabelecidos na margem oriental do médio Panaro, o 6º RI, frente a Marano e o Batalhão Candido, do 11º RI, partindo do seu estacionamento, ao norte de Zocca, rumo à cidade de Vignola.

A ocupação de Vignola significou, para a Divisão Brasileira, numa profunda alteração. Topograficamente era o ingresso definitivo na vasta planície do Vale do pó e a saída dos acidentados Apeninos, tão bem aproveitados pelos alemães em sua prolongada defensiva; taticamente, importou no término do aproveitamento do êxito, iniciado após a ruptura de linha germânica no corredor entre os Rios Panaro e Reno.

Para coroamento da vitória, a Divisão brasileira, em coordenação com os aliados, iria iniciar a perseguição ao inimigo, objetivando o cerco e o aprisionamento deste.

Vignola foi, pois um marco e uma encruzilhada no curso das operações militares realizadas pela nossa Divisão. O meu QG avançado, no dia 22, fora transferido de Sassomolare para C. Grotti, dois quilômetros ao norte do Zocca.

A 1ª. Divisão Blindada, nosso vizinho da direita durante esse dia, penetrou na planície do Rio Pó, atingindo a região ao norte da cidade de Modena.

A população das cidades libertadas continuava recebendo nossa tropa com expansões de júbilo e aclamações, por vezes com flores e gritos: Vivam Nossos Libertadores!

PERSEGUIÇÃO AO INIMIGO

O momento era oportuno para ser desencadeada a perseguição ao inimigo em retirada. Foi então o que decidiu o IV Corpo em conformidade com o V Exército. Não havia mais possibilidade de o inimigo reconstituir nova linha defensiva ao sul do Rio Pó. Por isso empreendera célere retirada, procurando retardar o avanço aliado, esforçando-se por atingir as margens do Rio Pó, afim de transpor esse rio e ocupar a linha do Rio Ádige, última barreira de defesa existente no território italiano, que pelo sul daria cobertura ao “reduto nacional” dos Alpes da Áustria e Baviera, de onde o fuhrer Hitler, pretendia sustentar a luta até o último homem.

Somente a oeste no setor costeiro da Líguria, região de Massa Carrara-Spesia, o inimigo ainda opunha enérgica resistência aos aliados.

A decisão do Comandante do 4º Corpo, consistia no seguinte: a) a Divisão brasileira, a esquerda e uma Divisão americana, a direita (inicialmente, a 1ª Divisão Blindada até Modena; depois a 34ª. Divisão até Parma) progrediriam para noroeste, justapostas ao sul do Rio Pó, de modo que, perseguindo os alemães, cobrissem o flanco esquerdo do VI Corpo, da possível intervenção das tropas inimigas empenhadas no setor litorâneo da Liguria; e b) as demais divisões do IV Corpo, transportando o Rio Pó, avançariam no rumo geral do norte, na direção de Verona-Milão fechando o cerco junto aos Alpes, fronteiras da Suíça, e Áustria, bloqueando dessa forma, o Passo de Brenner, principal rota de retraimento do inimigo.

O novo setor da Divisão brasileira impunha que atuássemos ao sul da rodovia nº 9, rumando para noroeste ligando as importantes cidades de Modena-Regio Emilia-Parma-Fidenza a Piacenza.

A nossa Divisão ao mesmo tempo que se deslocava para noroeste, a fim de retomar o contato com o inimigo e vencer possíveis resistências, deveria manter ativa vigilância, especialmente sobre as rodovias e rios que, descendo dos Apeninos, cruzam a região rumo norte.

FRAGMENTOS

Este relato sobre a “Perseguição ao Inimigo” será assim desdobrado:

Decisão sobre o transporte da tropa (23 de Abril)

Ocupação dos Rios Secchia e Enza (23 a 25 de Abril)

Vitória de Colechio (26 e 27 de Abril)

Vitória de Fornovo (28 a 30 de Abril)

O ultimato e

A rendição da 148ª Divisão Alemã

Depoimento de Don Alessandro

Apreciação crítica de manobra Collechio-Fornovo

Cartas de chefes aliados sobre a manobra Collechio e Fornovo

DECISÃO SOBRE O TRANSPORTE DAS TROPAS

Nesta data, acompanhado do Capitão Edson Figueiredo sai para observar pessoalmente o rendimento de marcha da infantaria rumo ao norte. Desapontou-se a morosidade do deslocamento a pé dos infantes. A missão de perseguição exigia rapidez e economia física do infante combatente, mas as marchas em dias sucessivos, se faziam penosamente estropiando os homens. Enquanto isso, a artilharia toda motorizada, sem missões de tiro. Para bem cumprir sua missão, a Divisão brasileira não poderia depender de longos deslocamentos a pé, com seus infantes. Urgia uma decisão para aumentar a velocidade. Esta eu a tomei quando me dirigia para o meu QG em Grotti.

Após o jantar me reuni com os Generais Zenóbio e Cordeiro. Estava presente o Coronel Brayner, e o Coronel Castelo Branco, a quem lhes relatei o que me foi dado ver.

Disse então que nossa missão era a curto prazo. Havia necessidade de barrar a retirada do inimigo e nossa infantaria se deslocava a pé lentamente. Que a Divisão não tinha viaturas disponíveis para o transporte de infantaria em razão de ter o 4º Corpo, retiro 12 viaturas a serviço permanente; que a artilharia estava estacionária por não haver mais missão de tiro.

Exposta a situação, conclui a conveniência de a artilharia, em benefício da mobilidade da infantaria estacionar parte dos seus canhões, utilizando suas viaturas no transporte dos infantes.

Caberia ainda, a artilharia organizar o serviço de transporte, com presteza, para o deslocamento da tropa. Em cabal prova de espírito de colaboração, o General Cordeiro de Farias se prontificou a concretizar a ideia de seu chefe.

Compenetrados do alcance de minha decisão, os artilheiros organizaram e puseram em atividade, um modelar serviço de transporte. A junto, desvanecido, que os espetaculares triunfos obtidos na última semana de abril, resultara do valor e agressividade da infantaria brasileira. Mas não há negar que decorreram da enorme velocidade dos nossos veículos, conduzidos em longos percursos, pelo serviço de locomoção da artilharia.

Supervisionando o transporte de nossos infantes ao longo do Vale do Rio Pó, a poderosa arma de Mallet, na pessoa do General Cordeiro, conjugou esforços com a valorosa arma de Sampaio, a Infantaria, na obtenção das expandidas vitórias que culminaram no cerco e rendição de mais de 15.000 alemães.

OCUPAÇÃO DOS RIOS SECHIA E ENZA

Atingida a região de Vignola, a Divisão brasileira iniciou a perseguição ao inimigo, abandonando a direção norte, para infletir no rumo noroeste.

No cumprimento da nova missão, cabia-lhe atuar em larga faixa da Planície do Rio Pó balizada a direita pela estrada n° 9, que une as cidades de Modena, Regio Emilia, Parma e Fidenza; e esquerda, a colinosa cadeia dos Apeninos, aí disposta, no rumo noroeste, até soldar-se aos Alpes, a oeste da cidade de Genova. Deveríamos bloquear as saídas das montanhas dos Apeninos impedindo ao inimigo procedente da Liguria, onde resistiam denodadamente ao avanço aliado, de desemborcar na planície para tentarem transporte o Vale do Pó.

Vignola e Collecchio, distam 75 quilômetros em linha reta. O terreno pouco acidentado apresentava-se cruzado por ótimas rodovias, podendo pois, ser utilizado pelo inimigo; eram as estradas 12, 63 e 62 que interceptavam a de n°9, em Modena, Regio Emilia e Parma.

Foi o transporte motorizado da Infantaria, feito pela artilharia que proporcionou a velocidade exigida pelas circunstâncias para que se tornasse possível cortar a retirada do adversário.

No dia 23, duas colunas motorizadas brasileiras, contornando as resistências de Marano Sul Panaro, apossaram-se da margem direita do Rio Sachia, desde Ergastulo, ao norte a Sassuolo, ao sul. O Esquadrão de reconhecimento nessa jornada estendeu a cobertura para o sul, até Castelorano.

Nesse dia 23, passou a operar em nosso flanco direito a 34ª Divisão americana, comandada pelo General Charles Bolte, que substituindo a 10ª. de Montanha americana, alcançou as orlas orientais do Rio Emilia.

No dia seguinte, 24, quatro batalhões brasileiros, após transporem o Rio Sachia, atingiram a estrada a peste desse curso de água, balizada pelas Vilas Arceto, Scandiano e Casalgrande. O Esquadrão de Reconhecimento, como ponta de lança da Divisão, na noite desse dia alcançou São Paolo D'enza, já sobre as margens do Rio Enza.

Meu QG avançado, nessa jornada de 24 deslocou-se de C. Grotti para Vignola. E as forças aliadas que atuavam no rumo norte transpuseram o Rio Pó na região de San Benedetto.

Para o dia 25, a ordem do IV Corpo consistia em a Divisão brasileira ocupar o corte do Rio Enza, lançando cobertura até a cidade de Parma. Impulsionei então o Esquadrão de Reconhecimento para esse rio, afim de aprofundar a cobertura da Divisão E ao 6ºRI, no quadro da manobra divisionária, determinei a ocupação do Rio Enza. Em fim de movimento, o 6º RI estava instalado sobre as alturas que dominavam o Enzo; ao norte, o Batalhão Gross, em Montechio Emilia; ao sul, o Batalhão Silvino, em Bibiano.

Ao 11º RI, nesse dia 25, coubera atender a segurança da retaguarda da Divisão, bloqueando os eixos procedentes do sul, particularmente a estrada 63. Ao escurecer os Batalhões Lisboa e Cândido ocupavam a área de Casalgrande- Scandiano e o Batalhão Ramagem, transportado para Puanelo, estava sobre a estrada 63.

Ainda a 25, cinco batalhões do 4º Corpo, atuando ao norte, conseguiram aprofundar e alargar a cabeça-de-ponte sobre o Rio Pó, atingindo a região de Vila Franca, a 20 quilômetros a sudoeste de Verona. A 34ª Divisão de Infantaria americana, que operava no flanco direito brasileiro, ao norte da estrada número 9, ocupava cidade de Parma onde confluíam os Rios Parma e Baganza.

Estava para acontecer o fim da guerra na Itália.

VITÓRIA DE COLLECHIO

Em cumprimento e ordem do IV Corpo, decidi reencetar ao amanhecer de 26 de abril, a perseguição ao inimigo na área entre os rios Enza e Taro. O percurso, cerca de 30 quilômetros, apresentava condições topográficas semelhantes às que tínhamos encontrando desde Vignola; terreno colinoso, cortado por boas estradas e ainda por dois rios que descem dos Apeninos-Parma e Baganza, confluindo na cidade de Parma. O inimigo portanto, continuava podendo optar por várias vias de penetração para o norte, das quais a principal era a estrada 62, que vindo da região de La Spesia, passa por Fornovo, Collecchio e atinge Parma, prosseguindo para o Rio Pó.

Por variadas informações, indicavam-se que uma divisão inimiga estava em franca retirada para o norte, rumo a cidade de Parma. Lancei por isso, o Esquadrão de Reconhecimento para as margens do Rio Taro, com a missão de, bloqueando a estrada 62, reconhecer e fixar o inimigo, impedindo-lhe a marcha em direção àquela cidade.

Ao 6º RI atribui a missão de apossar-se das margens do Rio Parma; e ao 11º RI atribui a missão de manter a segurança da retaguarda da Divisão, as estradas que do nosso flanco esquerdo conduziam a cidade de Parma e Regio Emilia.

Distribuídas as missões, desloquei-me ainda na manhã de 26, de Montechio a Parma, cidade onde o General Bolte, Comandante da 34ª Divisão americana, instalara seu QG. Pretendia eu, tratar de interesses das suas divisões, relacionadas com a substituição dessa divisão por tropa brasileira, porque esse chefe recebera ordem de operar em outro setor.

Depois de assentar as medidas referentes a substituição, regressei ao meu Q.G. avançando em Montechio. Tomei conhecimento de que o Esquadrão de Reconhecimento tomara contato com a tropa inimiga e precisava ser urgentemente reforçado, em face de grande superioridade do inimigo. Ordem já havia sido dada ao Batalhão Ramage para se deslocar rumo a Collecchio, onde devia ligar-se ao Esquadrão de Reconhecimento.

Preocupado em apoiar o esquadrão e verificar como estava sendo cumprida a ordem de deslocamento, reuni com o Capitão Paulo Pará, a cidade de San Paolo Denza, onde estacionara o Batalhão Ramagem, procedente de Puanelo.

O II Batalhão do 1º RI, que no dia anterior se apossara dessa cidade, avançara em direção ao Rio Taro, região de Neviano Di Rossi; os 1º e 2º batalhões do 6º RI se deslocaram em direção ao Rio Baganza.

Em São Paolo de Enza, soube estar o Batalhão Ramagem ultimando seu acantonamento. Finalmente veio ao meu encontro Major Ramagem, comandante do Batalhão. Reiterei-lhe a ordem de avançar, quanto antes para Collecchio, ao que alegou a impossibilidade por falta de meios para fazê-lo.

Manifestei-lhe a ideia de levarmos à frente pelo menos uma Campanha de Fuzileiros, reforçada por um Pelotão de Metralhadoras. Declarou então, que poderia dispor de caminhões para esse transporte.

Transmudando em sua atitude inicial, organizou com a mais cuidadosa presteza, a coluna de marcha e chegamos ao pôr do sol, depois de atravessarmos, a vau, o rio Enza-Parma e Baganza (esses rios são caudalosos, quando acontece o degelo, vindo das montanhas).

Determinei ao Major Ramagem que se ligasse com o Esquadrão de Reconhecimento e a Ba. Companhia do 6º RI, ali presente e assumisse o comando do conjunto para ação imediata. Por volta das 18 horas, encetavam essas forças aos preparativos de aproximação a zona de contato.

Mais tarde, quando o Major Ramagem instalara seu posto de comando na Igreja de Collecchio, dava início ao ataque, chegaram ao local o General Zenóbio e Cordeiro de Farias, acompanhados do Tenente Coronel Castelo Branco (seria ele o futuro Presidente do Brasil).

Transportamo-nos para a referida Igreja assistimos dali o desenrolar da ação, na expectativa da chegada de reforços, o que se concretizou mais tarde com a chegada da 2ª Companhia do 11º RI e, as restantes chegaram mais tarde.

Cercadas 22 horas, diz-me o T Cel Castelo Branco:

“Sua presença está sendo necessária no Quartel General Avançado. Diversos assuntos, referentes ao avanço de Divisão para o Noroeste, dependem de sua decisão. Permito-me sugerir-lhes que se desloque para lá. O General Zenóbio poderia permanecer aqui até quando julga-se necessário, já que o Major Ramagem está em condições de prosseguir comandando as ações”.

Concordei com a sugestão, porque o Major Ramagem já dispunha de tropa suficiente, inclusive tanques americanos, para o cumprimento da missão de atacar a vanguarda inimiga, aprisionando-a. Os generais então se retiraram, tendo eu chegado ao meu QG avançado por volta de 13 horas.

O combate sob a esclarecida direção do Major Ramagem, prolongou-se pela noite a dentro. Foram 3 horas de encarniçada peleja, durante as quais revelaram nossos homens grande capacidade física e notável destemor. A tropa brasileira, sem perda de tempo, completou a ocupação da cidade Collecchio e iniciou a devida limpeza.

Por cerca das 8 horas da manhã seguinte, 27 de abril voltei a Collecchio, onde encontrei o Major Ramagem vitorioso e senhor da cidade. Aprisionara 588 alemães e capturara grande quantidade de material bélico, destruindo a vanguarda da 148ª divisão alemã.

Brilhantes foram os resultados conquistados pela nossa tropa, cuja ação barrava o acesso inimigo à cidade de Parma, proporcionando esplêndidas condições de partida a uma operação convergente sobre Fornovo, onde o grosso da tropa inimiga se localizava.

Ao entardecer desse mesmo dia 27, o Batalhão Ramagem, apoiado por tanques americanos, dominou a região ao sul de Collecchio, entre os rios Taro e Baganza. Para o êxito conseguido em Collecchio e Fornovo, qualquer retardamento ou protelação seria minoso. Minha persistência em manter-me ao lado do Major Ramagem eu próprio acompanhei o Batalhão fez com que a tropa comandada por esse valoroso oficial tivesse a glória de alcançar uma vitória, a de Collecchio, caracterizada pelo encontro de duas divisões.

Comandando o ataque a Collecchio, o Major Ramagem foi o mesmo oficial que colaborou eficazmente na conquista de Monte Castelo, nas ações ofensivas do Vale do Marano e Castelnuovo.

Mais um pouquinho e seria o fim.

VITÓRIA DE FORNOVO

Em Collecchio, vencida e aprisionada a vanguarda inimiga, ocorrida no dia 27, era imperioso prosseguir na manobra, a fim de articulando convenientemente a divisão, realizar o cerco do grosso da tropa inimiga.

Acompanhando pessoalmente os acontecimentos que se desenrolavam na bacia do Rio Panaro, já no dia anterior- 26, antes portanto do feliz desenlace de Collecchio- expedi a Ordem Geral de operações de nº 45, pela qual a divisão deveria, na jornada seguinte, tomar dispositivo adequado ao cerco e aprisionamento das forças inimigas assinaladas no vale do Taro, em particular na estrada 62, na margem desse rio. Essa rodovia, procedendo da Liguria liga no norte as cidades de Respicio, Fornovo, Gaiano, Ponte Scodonha e Collecchio, para atingir a cidade de Parma e prosseguir até o vale do Rio Pó.

O interrogatório dos prisioneiros alemães capturados em Collecchio permitiu identificar a 148ª Divisão alemã deslocando-se pela estrada 62 no Vale do Taro, Comuna de Fornovo. E mesmo o 4º Corpo confirmavam esses deslocamentos nessa área. Não havia, porém, precisão quanto aos efetivos do inimigo.

Atribui, então ao 6º RI a ação de manobra divisionária, visando o cerco ao 1º do 6º RI, ultrapassando o Batalhão Ramagem em Ponte Scolona, progrediria em direção ao sul. O 11º Batalhão atuaria ao sul e no flanco leste, deslocando-se em direção a Neviano di Rossi e Respicio; e o 3º Batalhão (o

deste pracinha) no flanco oeste, em Bosconcelos. A manobra de cerco, de modo geral, consistia numa ação convergente de esforços sobre a região de Fornovo di Taro, onde permanecia o grosso da Divisão alemã, bem como seu Quartel General.

Pouco se sabia sobre a 148ª Divisão alemã, que descia a serra pela estrada 62. O aprisionamento da vanguarda dessa divisão em Collechio fornecera, porém preciosas informações sobre a divisão e afetivos do inimigo, permitindo-me concluir quanto ao dispositivo da manobra do cerco, bem como articular para o combate, na bacia do Taro, somente os meios estritamente necessários ao cumprimento da missão apenas um regimento, o 6º RI apoiado pelo Esquadrão de Reconhecimento.

THE STARS AND STRIPES: NAZI ARMIES IN ITALY SURRENDER

Jornal editado pelos aliados na Europa anuncia a rendição alemã

Aos outros dois Regimentos, 1º e 11º, atribuíram-se missões de vigilância, segurança e ainda o prosseguimento do avanço para noroeste, tudo a ser cumprido simultaneamente com a ação do 6º RI contra Fornovo.

O 11º RI com seus 1º e 2º Batalhões instalados face sul, ente os rios Parma e Crostolo, de Torrechiara e Albine, iria barrar o acesso inimigo aos eixos procedentes da Liguria; o seu II Batalhão Ramagem, ainda na região de Collechio-Ponte Scondona após ser ultrapassado pelo 1º do 11º RI, deslocar-se-ia transportado para noroeste, devendo ocupar Castelvecchio, localizado a 5 quilômetros ao sul de Cremona.

Após concluída a articulação acima descrita, a nossa Divisão ia apresentar, de extremo a extremo, a larga faixa frente, de cerca de 80 quilômetros.

No dia 27 à tarde, quando os Generais Truscott e Criteberg visitaram meu QG avançado, em Montechio, o dispositivo acima já estava iniciado. Esses dois chefes militares manifestaram-se satisfeitíssimos com o ritmo vertiginoso da perseguição ao inimigo, bem como, com os brilhantes resultados conseguidos pelos brasileiros em Collechio.

A manobra que montei par ao dia seguinte, 28, resumia-se em apertar o cerco ao inimigo; o 6º RI na ação ofensiva principal, teria os seus três batalhões atuando convergentemente para Fornovo, enquanto a cobertura imediata do flanco oeste estava a cargo do Esquadrão de Reconhecimento, a cavaleiro, da estrada Modena-Felegara-Ramiola.

O posto de comando do 6º Batalhão de Reconhecimento, a cavaleiro, da estrada Modena-Felegara-Ramiola. O posto de comando do 6º, ia ser transferido de Bibiano para Collechio, ao norte de Fornovo, por onde se faria o maior esforço do ataque.

E ACONTECEU O DESFECHO FINAL - O ULTIMATO

O Batalhão Oest (II do 6° RI) que ia atuar ao sul e no flanco leste do inimigo, deslocara-se no eixo San Polo de Enza-Mamiano-San Vitala, só atingindo Neviano de Rossi às 15 horas de 27, já atuando portanto, em plena Comuna de Fornovo.

Junto a esse Batalhão seguira o oficial auxiliar da Seção de Operações do Regimento, o que facilitaria as comunicações dificultadas pelas distancias e o desenrolar das operações. Nessa jornada, esse Batalhão Oeste, avançando mais, ocupa as cristas que dominam o povoado de Respicio, distante três quilômetros de Fornovo. Foi quando surpreendeu a tropa inimiga na estrada 62, rumo ao norte.

O Major Oest, em face das circunstâncias, confiou ao vigário do povo de Naviano de Rossi, Don Alessandro Cavalli, o papel de emissário junto às tropas alemãs de Respicio, com o fim de levar-lhes de viva voz, a intimação de rendição incondicional, de acordo com as leis internacionais. Em seu depoimento, adiante transcrito, Dom Alessandro Cavalli relata algumas passagens havidas no desempenho da missão que “aceitara”, com o propósito de salvar vidas humanas e de evitar horrores e destruições.

Conta ele, que às 16 horas do dia 27 de abril, após caminhar seis quilômetros, atingiu a localidade de Respicio, onde encontrou o Comandante da Divisão alemã, a quem transmitiu na presença de vários oficiais alemães, a quem entregou, a intimação do Comando Brasileiro.

Durante as três horas que ficou naquele povoado, foi algumas vezes interrogado por diversos oficiais alemães a respeito do efetivo, localização e natureza das tropas brasileiras e nesse interrogatório o vigário de Neviano de Rossi insistia pela rendição, em virtude de estarem completamente cercados e não lhes restando mais nenhuma rota para a fuga.

Finalmente, às 19:30 horas, um oficial superior alemão, bem idoso e que falava o idioma italiano, corretamente, assim arrematou: Pastor, faça o favor de dizer ao Comandante Brasileiro que escreva as condições da rendição, depois volte aqui, que nós esperamos pelo senhor.

Às 20:30 horas, o vigário chegava à casa paroquial de Neviano de Rossi, onde deu ciência do ocorrido ao Major Oest.

Incontinente, o oficial auxiliar da Seção de Operações do 6° RI, deslocou-se para Bibiano, posto de Comando do 6° RI, afim de relatar ao Coronel Nelson de Melo, que o II Batalhão havia tomado contato com o inimigo, em Respicio, bem como a intimação verbal feita por intermediário de Don Alessandro Cavalli.

Á vista dessa informação, o Comandante do Regimento, Coronel Nelson de Melo, decidiu enviar ao Comando alemão um ultimato, escrito, de rendição incondicional; e, ainda na noite de 27, no deslocar-se de Bibiano para Collechio, onde iria funcionar o seu posto de Comando, o Coronel Nelson de

Melo passou pelo meu QG, em Montechio Emilia, veio comunicar-me os termos do ultimato, o que fez por intermédio do Chefe da Seção de Operações do meu Estado maior, Tenente Coronel Castelo Branco. Foi por mim estabelecido como base para qualquer negociação a rendição incondicional.

Às 9 horas do dia seguinte, 28 de abril, tal documento foi entregue ao comandante alemão, em Respicio, pelo vigário de Naviano de Rossi, que se oferecera para essa missão.

O coronel determinara que o portador do documento se dirigisse para a estrada Naviano de Rossi. Respicio ao sul de Fornovo, afim de não denunciar ao inimigo a posição do P.C. do 6º RI e mesmo articulação da nossa tropa. Tal determinação partiu do Cel Nelson de Melo.

O ULTIMATO ESTAVA ASSIM REDIGIDO

Ao Comando da Tropa sitiada na Região de Respicio. Para poupar sacrifícios inúteis de vida, intimo-vos a render-vos incondicionalmente ao comando das tropas regulares do Exército brasileiro, que estão prontas para vos atacar. Estais completamente cercados e impossibilitados de qualquer retirada. Quem vos intima é o comando da vanguarda da divisão brasileira, que vos cerca. Aguardo dentro do prazo de 2 horas, a resposta do presente ultimato.

a) Coronel Nelson de Melo.

Nesse mesmo dia 28, pela manhã, solicitava o General Zenóbio, por telefone, o reforço de mais um batalhão para cooperar no ataque do 6º RI, convergente sobre Fornovo. Informado da situação pelo Tenente Coronel Castelo Branco, Chefe da Seção de Operações, preferiu não atender esse pedido por julgá-lo desnecessário, conforme se verificou, logo depois do ataque inimigo a consequente rendição de tropa alemã

Pouco depois do meio dia chegava a resposta da intimação, assim traduzida:

11:45 – 28 de abril – Coronel Nelson de Melo.

Depois de receber instruções do comando superior seguirá resposta.

a) Major Kuhn

Como os termos da mensagem do comando alemão não aceitassem expressamente a rendição incondicional imposta pelo ultimato, o coronel Nelson de Melo iniciou, às 13 horas, o ataque convergente à vila de Fornovo.

O 1º Batalhão, atacando do norte, atinge um ponto a sete quilômetros de Fornovo; o II Batalhão, atacando por leste envolve e desorganiza os

núcleos inimigos de Respicio, localidade pertencente a Comuna de Fornovo, distante três quilômetros da Vila desse nome; o 3º Batalhão, o meu batalhão, e o Esquadrão de Reconhecimento, a oeste, atingem Felegara e Ramiola, a quatro quilômetros de Fornovo, respectivamente.

O resultado desse vigoroso ataque sobre Fornovo deve ter influenciado no espírito do comandante da Divisão alemã, por quanto emissário seus, às 22 horas, buscaram nossas linhas de combate, em Respicio, ao sul, e ao norte, para entendimentos relativos à capitulação.

Na frente de Gaiano, três militares inimigos, inclusive o Major Kuhn, Chefe do Estado Maior da 14Ba. Divisão alemã, cruzaram as linhas brasileiras, sendo logo encaminhados ao P.C. do 6º R.I.

Mas nossos adversários alemães agiam contraditoriamente: enquanto na frente de Gaiano enviaram parlamentares mantendo entendimentos para a rendição, na região de Felegara, ainda atacavam e bombardeavam as nossas posições, em desesperado esforço para romper o cerco. Seus furiosos contra ataques de 21 horas do dia 28 e de uma hora da madrugada de 29, foram repelidos com firmeza pelo 1º Batalhão do 6º RI.

Horas depois, já na jornada de 29, teria o começo do espetacular episódio da rendição incondicional da 148ª Divisão alemã, assim como dos remanescentes da 90ª. Divisão Motorizada e a Divisão Itália.

EPÍLOGO: A RENDIÇÃO ALEMÃ

Impossibilitados de romperem o cerco, as tropas nazifascistas, vendo frustrados seus vigorosos contra ataques contrariam seus dispositivos, adentrando na área de Fornovo, localidade para onde convergiam todas as direções do ataque brasileiro. A ampla generalizada ação bélica na área de Fornovo, ia ter o sensacional epílogo, a rendição inimiga.

Era o feliz remate da manobra Collechio-Fornovo, iniciada a 25 de abril, quando a Divisão Brasileira desembocou no Rio enza. Era uma divisão alemã, com a totalidade dos seus meios de vida e de combate, forçada, pela decisão das armas, e uma rendição incondicional

No P.C. do 6º RI, em Collechio, o Major Kuhn, chefiando os parlamentários que cruzavam as linhas brasileiras em Gaiano, por volta das 22 horas de 28 de abril, comunicou ao Coronel Nelson de Melo estar autorizado pelo General Otto fretar Pico, comandante da 148ª. Divisão alemã, a entrar em entendimentos para a rendição.

Decidiu então o Coronel Nelson de Melo dirigir-se pessoalmente ao meu QG avançado em Montechio, a fim de comunicar-me a ocorrência. Para prosseguirem nos entendimentos com os parlamentários alemães, designei os tenentes Coronéis Lima Brayner e Castelo Branco, os quais seguindo minhas instruções deveriam mediante expressa recomendação minha, parlamentar a rendição incondicional e o cumprimento integral das leis de guerra.

De zero horas as 5 horas da manhã do dia 29 foram mantidos entendimentos. Ao se retirarem os parlamentários alemães, ficara assentado que o ato inicial seria a apresentação de uma coluna de ambulâncias, conduzindo os feridos. Sendo minha norma dispensar toda consideração possível aos prisioneiros de guerra, mesmo independente de pedidos assegurei ao parlamentar do General Maio Carloni, bem como os demais prisioneiros que seriam tratados com dignidade inerente, é sua condição de militar e posto. Efetivamente, as 13 horas, apontou na estrada a primeira coluna de 13 ambulâncias inimigas repletas de feridos.

Foi-lhes dispensada assistência possível: removidos para ambulâncias brasileiras, foram transportados para Modena. Eram 80 feridos em estado grave. Uma hora depois, mais 8 ambulâncias com feridos, menos graves, tiveram o mesmo destino.

Designei o Coronel Brayner, para chefiar a estafante e delicada operação de receber e encaminhar o numeroso contingente de prisioneiros e a volumosa cópia de material. Nessa jornada foram instalados dois postos de coleta de material, um em Felegara e outro em Ponte Scodonha.

A rendição da tropa ele início logo após a apresentação dos feridos. Primeiro, a coluna motorizada, o 361º Regimento da Divisão Motorizada; depois a artilharia de acompanhamento e antiaérea, morteiros auto rebocados e mais carros de reconhecimento; em seguida a artilharia provida de obus 105 antiaéreo, 88m/m, todos transportados por possantes carros meia lagartas.

Às 18 horas apresentava-se o General Mário Carloni. Às 20 horas do dia 30 se haviam apresentado 4.500 oficiais e praças. O serviço prolongou-se até dia 30 as 18 horas, quando então se apresentou encerrando o episódio da capitulação, o General Otto Freter Pico, Comandante da 148ª Divisão de Infantaria alemã.

Terminava assim, o singular feito d'armas que decorria de uma rendição incondicional, imposta pela decisão em combate. O total de prisioneiros ascendeu a 14.779, além de 4.000 cavalos, 80 canhões de vários calibres, mais de 1550 viaturas de tração animal e farto material de todo tipo de armas.

E assim, como descrita pelo Comandante da Força expedicionária brasileira, General Mascarenhas de Moraes, teve fim a guerra no teatro de operações da Itália, no dia 30 de abril de 1945. Entretanto, para a tropa brasileira, ela só terminaria no dia 3 de junho de 1945 pelo fato de ter a mesma sido empregada na ocupação militar do território conquistado, quando então foi substituída pela Divisão Cremona, da Itália.

ESTAVA DE FATO FINDA A GUERRA

Agora, só restava nosso regresso ao saudoso Brasil. E a saudade de minha noiva e dos meus é terrível. A partir daí a tropa brasileira começou a

ser concentrada na cidade de Francolise e dessa cidade transportada para o Porto de Nápoles. Minhas alterações finais:

JULHO - a 1º foi desligado do V Exército e do IV Corpo de Exércitos, respectivamente, com direito de uso do distintivo da DEB. A 6, foi transportado em caminhões com o RI, de Francolise para o porto da cidade de Nápoles, embarcando no navio de guerra e transporte de tropas cujo nome é "General Meiga". Às 16: 30 horas desse dia já está inteiramente embarcado. Às 18 horas o navio "General Meiga" deixa o porto de Nápoles com destino ao Brasil. A 18 foi público ter desembarcado no porto do Rio de Janeiro. Desfilou e a seguir se dirigiu para a Vila Militar, alojando – se no Quartel da Vila Militar – 1º RI. A 28 do mesmo mês, foi público ter de seguir para São Paulo no dia 30 como integrante do R.I., para desfilar no Capital Paulista e em seguida para a sede do 6º RI em Caçapava.

AGOSTO - A 10 foi público ter sido licenciado das fileiras do Exército, ficando considerado reservista de 1ª Classe.

Observação do autor, concernente ao despacho final e em letras maiúsculas: **GRANDE MERDA!**

Mesmo assim, apesar da minha irreverencia, orgulho-me como filho deste país maravilhoso, o de ter participado de uma guerra mundial, e que, apesar dos pesares, depois de ter comido o pão que o capeta amassou por mais de um ano, derramado sangue, suor e lágrimas, nos vales, planícies e montanhas de solo italiano, sinto-me orgulhoso, sinto-me saudoso dos bons e dos maus momentos lá vividos. Saudade dos velhos sargentões, saudade dos componentes do Pelotão de Petrechos da 9ª, que por muito tempo comande; saudoso do 3º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria.

A partir de 10 de agosto de 1945, assim como eu, milhares de outros pracinhas fomos jogados às ruas da amargura, com uma simples panada.

Cabia a mim, agora, como um simples cidadão civil reintegrar-me no meio civil, tentar recuperar o tempo perdido e recordar os bons e maus momentos que me foram dado viver por tão longo espaço de tempo, mesmo porque, acredito ter cumprido com minhas obrigações para com a Pátria.

Apesar dos pesares, reconheço que não tenho grandes motivos de queixas. Com a certeza do dever cumprido, fui gratificado com muitas homenagens e entre elas, a satisfação de ter sido promovido a Oficial de Reserva do Exército Nacional, com todas as prerrogativas.

Com imenso orgulho, guardo uma relíquia de valor inestimável para mim, a Carta Patente, onde na mesma, constam os seguintes dados:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Faz saber que SALVADOR MORENO, é oficial do exército no posto de 2º Tenente Reformado, por Decreto, de 29 de outubro de 1956 e por isso lhe confere a presente Carta-Patente confirmatória do gozo das honras, direitos, regalias e vantagens ao posto, nos termos da Lei. Rio de Janeiro, DF, 1º de dezembro de 1956, 135º Ano da Independência e 68ª da República.

a) JUSCELINO KUBITSCHEK – Presidente da República.

Ainda sobre o que acima consta, a confirmação do fato, através do Sr. Secretário do Ministério da Guerra:

O SECRETÁRIO DE MINISTÉRIO DE GUERRA

Faz saber que SALVADOR MORENO, é oficial do Exército no posto de 2º Tenente, em virtude do Decreto de 24 de Novembro de 1964, publicado no “Diário da União”, de 1964, e por isso lhe confere, por delegação do Excelentíssimo Presidente da República, de acordo com o Decreto nº 52.711, de 21 de Outubro de 1963, a presente Carta-Patente confirmatória do gozo das honras, direitos, regalias e vantagens inerentes a posto, nos termos da Lei. Brasília, DF, 25 de fevereiro de 1965, 144º da Independência e 77ª da República.

a) General Ramiro Tavares. Ministro da Guerra.

Ainda sobre o mesmo assunto:

SECRETARIA DO MINISTÉRIO DA GUERRA Folha de Apostila.

Por Decreto de 24 de novembro de 1964, o Presidente da República resolveu em cumprimento de sentença judicial, considerar o então, Aspirante e Oficial Reformado SALVADOR MORENO, promovido ao posto de 2º Tenente, em 1º de agosto de 1948, e ao de 1º Tenente, em 15 de dezembro de 1954, nos termos do artigo 33, parágrafo 3º combinado com o artigo 30, letra “a” da Lei 2.370, de 9 de dezembro de 1954, com os proventos dos postos a que é promovido, a partir das datas das promoções de conformidades com o artigo 146, letra “a” da Lei 4.328, de 30 de abril de 1964 e respeitados os benefícios do que trata o artigo 2º a seu parágrafo único, letra “a” do Decreto de 29 de julho de 1956, referente ao mesmo; contendo com quatro anos, nove meses e três dias de afetivo serviço”. Rio de Janeiro de 1965.

a) Francisco Rui Molina, Coronel Chefe da 1ª Divisão.

CONDECORAÇÕES QUE RECEBI



MEDALHA SANGUE DO BRASIL

5º EXÉRCITO (Norte-Americano)

TEATRO DE OPERAÇÕES DA ITALIA



FÔRÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA



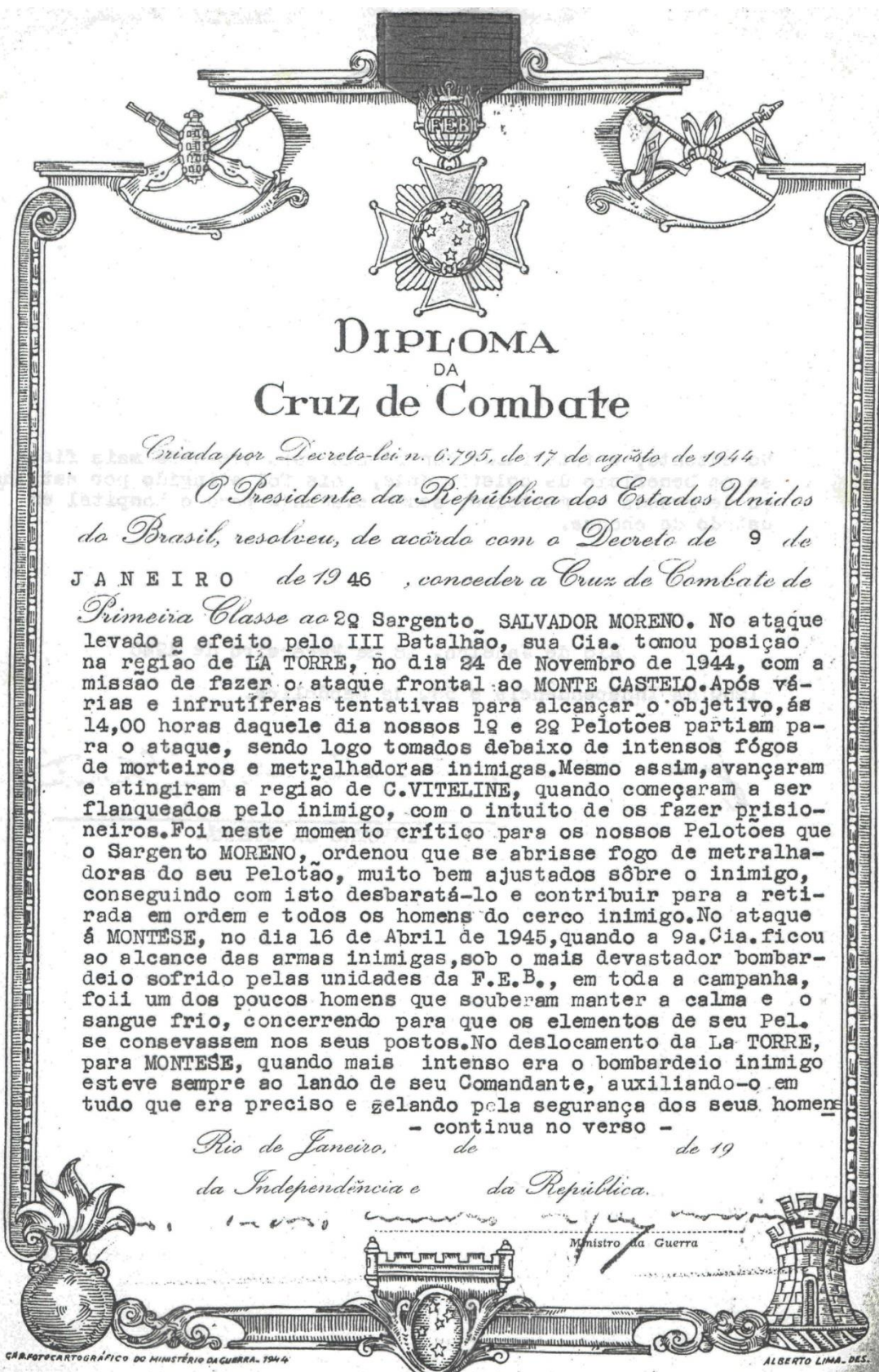
Ao 2º Sgt. do 6º Regimento de Infantaria

SALVADOR MORENO

foço entrega do presente DIPLOMA, por ter, no cumprimento de seu dever militar, sido ferido em ação em Montese, no dia 15 de Abril de 1945.

José B. Mascarenhas de Moraes
Gen. Div. J. B. MASCARENHAS DE MORAES
Cmt. do 1º Esc. F. E. B. e la D. I. E.

DIPLOMA DE FERIMENTO EM AÇÃO



MEDALHA CRUZ DE COMBATE DE 1º CLASSE

No entanto, a fatalidade contribuiu para que nada mais fizesse em benefício da coletividade, pois foi atingido por estilhaço de grande de morteiro, sendo evacuado para o Hospital em estado de choque.

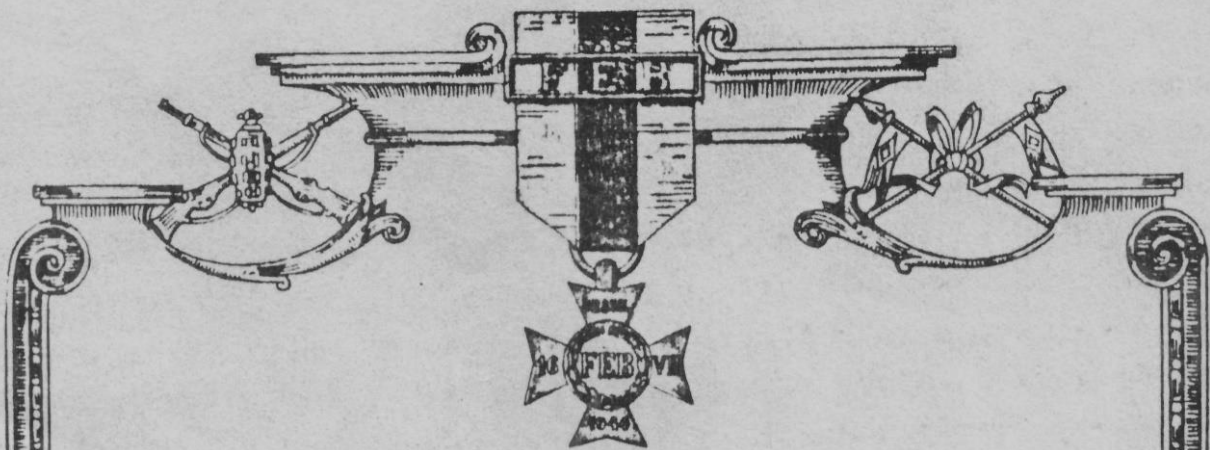
Rio de Janeiro, 18 de Fevereiro de 1946

1259 da Independência e 589 da República.

Gen. Carlos Américo de Figueiredo

MINISTRO DA GUERRA.

MEDALHA CRUZ DE COMBATE DE 1º CLASSE
(verso do Diploma da Medalha)



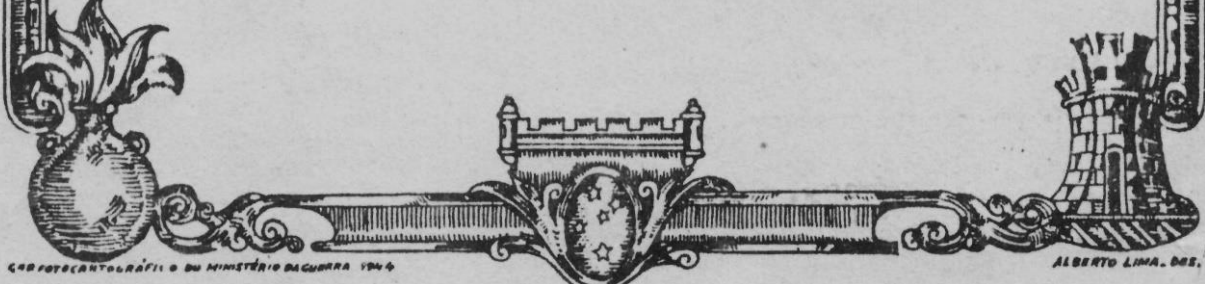
DIPLOMA DA Medalha de Campanha

Criada por Decreto-lei n. 6.795, de 17 de agosto de 1944

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, resolveu, de acordo com o Decreto da 21 de Janeiro de 1946, conceder a Medalha de Campanha ao 2º Sargento Salvador Moreno, por ter, como integrante da Força Expedicionária Brasileira, participado de operações de guerra na Itália, sem nota de sabonadora.

*Rio de Janeiro, 9 de Maio de 1946,
125ª da Independência e 58ª da República.*

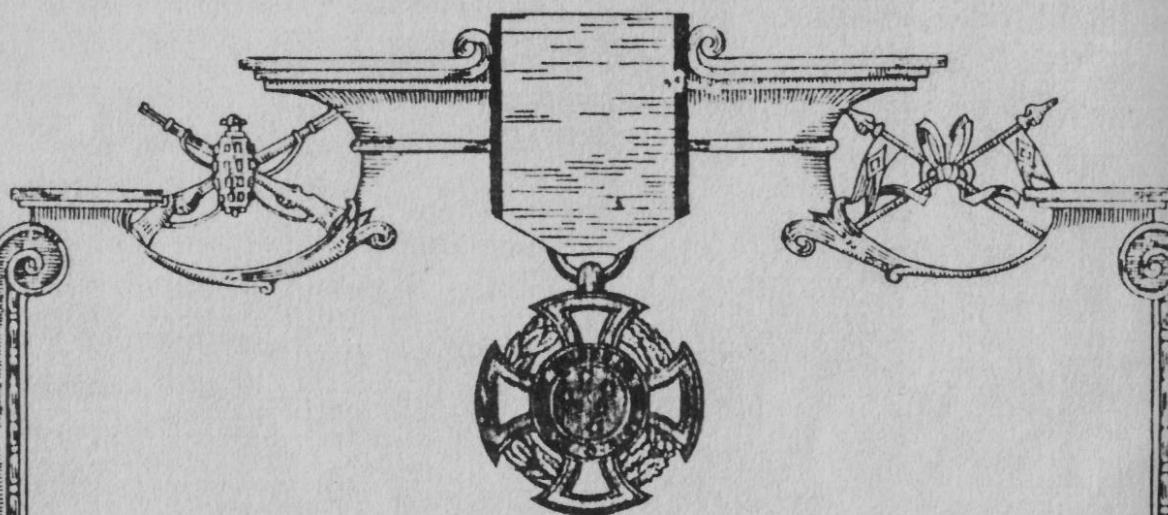
Luiz...
Ministro da Guerra.



CAD. FOTOCANTOGRÁFICO DO MINISTÉRIO DA GUERRA 1946

ALBERTO LIMA, DES.

MEDALHA DE CAMPANHA

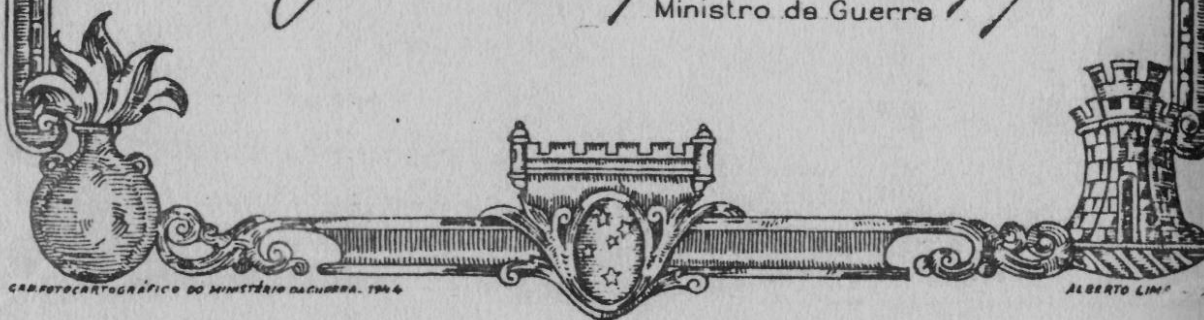


DIPLOMA DA Medalha de Guerra

Criada por Decreto-lei n. 6.745, de 17 de agosto de 1954.

O Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, resolveu, de acordo com o Decreto de 6 de MARÇO de 1947, conceder a Medalha de Guerra ao 2º Sargento SALVADOR MORENO, por ter cooperado no esforço de guerra do Brasil.

*Rio de Janeiro 12 de MAIO de 1947.
126º da Independência e 59º da República.
Joaquim G. de Paiva
Ministro da Guerra*



CAMPOTECNOGRÁFICO DO MINISTÉRIO DA GUERRA. 1946

ALBERTO LIM

MEDALHA DE GUERRA



Câmara Municipal de Campinas

de acordo com o Decreto Legislativo n.º 90, de 22 de
maio de 1973, confere a

Salvador Aloteno

o presente diploma, que se faz acompanhar da medalha

"Mascarenhas de Moraes"

pela sua participação na II Guerra Mundial, como
integrante da Força Expedicionária Brasileira.

Campinas, 8 de maio de 1980

GERALDO CESAR BASSOLI
Presidente

MEDALHA MASCARENHAS DE MORAES



ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DOS VETERANOS DA FEB

III ENCONTRO

Certificado

conferido ao Veterano Salvador Floreno.....
por sua participação no ... ENCONTRO NACIONAL DE VETERANOS DA CAMPANHA NA ITÁLIA

Rio de Janeiro, 4 a 8 de maio de 1985

Luís Carlos de Faria
VICE-PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA

Adhemar Pinheiro Simões
PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA
Direção Central

**CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO EM ENCONTRO DE
EX-COMBATENTES DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

TEATRO DE OPERAÇÕES DA FEB NA ITÁLIA



MAPA DO TEATRO DE OPERAÇÕES ITALIANO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA



CAPÍTULO V

A Caminhada prossegue na reta final

Conforme frisei no capítulo anterior, sou agora um cidadão comum, tendo como única e maior preocupação, meu engajamento no meio civil e me dedicar de corpo e alma, lutando para vencer qualquer adversidade que se oponha ao que pretendo.

Minha premente preocupação, consistia na obtenção de minha própria casa, para que eu pudesse dizer e em bom som: esta casa é minha.

Assim é que tomar essa decisão, precisa ter o numerário necessário para a aquisição da mesma. Pretendia contrair matrimônio, para ter meu próprio lugar, para a minha família.

Somando os prós e os contras, a decisão foi por mim tomada. Modéstia à parte, sempre fui um indivíduo equilibrada e nunca me dei ao luxo de ser perdulário. Sempre fui possuidor das boas qualidades inerentes ao senso econômico. E, por essa razão, guardei quase tudo o que recebia dos meus vencimentos durante o tempo que permaneci na Itália. Juntei o que consegui amalhar, somei com outra parte que estava depositada em meu nome no Banco do Brasil e os dois valores, foi mais uma vez somado com a parte que era depositada pelo mesmo Banco em nome da minha genitora (santa mãe) e o total apurado, foi o suficiente para a compra daquela que seria minha casa, meu lar.

E, assim pensando, assim procedi.

A caminhada prossegue

DIA 11 DE AGOSTO DE 1945 – CUBATÃO

Uma vez liberado no dia anterior, nada mais me prendia ao Exército. A ordem era me mandar para minha casa, onde cheguei ao anoitecer desse dia.

A recepção que os meus me ofereceram foi u' a maravilha. Aconteceram abraços, beijos e choros de satisfação, pelo meu regresso tão esperado. A noite desse dia foi dormir e procurar esquecer os pesadelos a que fui submetido por tão longo tempo. A ordem agora, era pensar no futuro a realizar meu tão decantado sonho. Queria contrair matrimônio até o final do ano, se tudo desse certo.

Entretanto, acredito até que jamais me casaria se não tivesse o meu rancho, como um começo de vida. Seria com esta solução, meio caminho andando para que se concretizasse o meu sonho. E não perdi tempo. Somei

as parcas econômicas que havia poupando durante a minha permanência no Exército e ia me decidir.

Em Cubatão permaneci ainda alguns dias para visitar aquele que foram meus colegas e seus familiares. Fui assediado por algumas garotas e a elas dispensei poucas atenções. Era por elas considerado um herói.

Cubatão tinha progredido intensamente, porém para residir não me atrair. Optei pela cidade Santo André para a compra da minha casa. Minhas economias foram suficientes e o imóvel se localizava no Bairro chamado Parque das Nações, bem perto do centro da cidade.

A casa em si não era luxuosa, entretanto bastante confortável. Possuía três amplos dormitórios e demais dependências. O terreno era enorme. Uma área de 1000 Metros quadrados.

Os móveis bastante modestos e para não dizer, mambembes mesmo. Como novidade na ocasião era o fogão a gás, que não havia sido instalado, mas tinha comprado.

Depois disso tudo o dinheiro estava no fim e também o fim do ano estava chegando. E era no final do mesmo que tínhamos planejado realizar o nosso casamento.

Por essa razão protelamos o casamento para o mês de fevereiro do ano seguinte. Há de se considerar que naquele tempo casava-se com a cara e a coragem, principalmente no meio da classe humilde como era o nosso caso.

Trabalho. Havia necessidade de trabalhar. E para esse fim aliei-me a um meu companheiro, dos tempos que trabalhávamos na Usina da Light, em Cubatão. Meu sócio, um profissional mecânico como eu.

Montamos uma pequena indústria de ferramentas para marcenaria e carpintaria. A indústria passou a prosperar e trabalhávamos 12 horas por dia.

Mas como não há bem que sempre dure, como também não há mal que nunca se acabe, a coisa “entortou”. O meu sócio era elemento atuante do comunismo, que na época era um partido ilegal e marginalizado. Sua ficha era das piores e constantemente era molestado pela polícia.

Não houve outra alternativa, pois acabamos com a sociedade e, eu desempregado. Aliás por pouco tempo, pois logo a seguir comecei a trabalhar no JUTIFICIO MARA LUIZA, uma tecelagem de algodão, como mecânico de manutenção.

SANTO ANDRÉ, 21 DE FEVEREIRO DE 1946

Trabalhei o dia todo. Era uma sexta-feira. No dia seguinte aconteceria o nosso casamento. Viajei num dos últimos trens da Central do Brasil, chegando a Taubaté no sábado pela manhã. Há três dias estava tomando de forte disenteria. As cólicas eram terríveis e não podia ficar distante de um determinado compartimento...

Pela manhã fomos até ao Registro Civil, ida e volta a pé. Economizamos o dinheiro do táxi, pois a gaita era curta. O serventuário do Cartório oficializou nossa união, tendo como testemunhas os Sargentos Gentil e Francisco Borges. Todos os dados foram registrados no Livro 52, folhas 227, no dia 23 de fevereiro de 1946.

Às 14 horas, mais ou menos, com a presença de uns poucos convidados e familiares meus e de minha noiva, já minha esposa, o Padre Evaristo de Taubaté, sacramentou o nosso casamento. Sem pompas e dentro de maior simplicidade, foram servidos aos convidados fatias de bolo e copos de guaraná.

E por falar em presentes, eram eles os mais modestos possíveis, especialmente os que eu recebi.

A festinha estava chegando ao fim e tínhamos necessidade de partir, pois o nosso rancho era em Santo André. E tinha chão até lá.

Não possuía um automóvel. O transporte de ônibus era precário. A ordem era viajar de trem, no malfadado trem da Central do Brasil. Sabia-se a hora da partida e jamais a hora da chegada.

Finda a modesta solenidade de casamento, aconteceram os últimos abraços e votos de eterna felicidade, íamos deixar aquela casa que por muitos e muitos tempos foi o lar da minha esposa.

E nos mandamos para a Estação de Taubaté, rumo a São Paulo. No percurso até a Capital, o autor destas “coisas” desejava dar a minha esposa, ao menos uns três dias de uma espécie de lua de mel. E assim sendo a nossa lua foi vista, mas sem mel

(Um parênteses para uma observação do autor)

Por uma feliz coincidência, hoje é dia 23 de fevereiro de 1987.

Exatamente há 40 anos acontecia tudo o que acima foi relatado. Até parece um sonho. Passados 4 décadas, forçoso é dizer que nem tudo foi um mar de rosas. Muitos e naturais dissabores, com momentos borrascosos aconteceram nesse lapso de temp. Também é inegável que a bonança morou em nosso lar.

Rememorando os fatos ocorridos ao longo desse tempo, verifiquei que não parei para repensar e mesmo para refletir e avaliar as constantes sucessões de tudo o que acontece no transcorrer de nossas vidas. E quando nos damos conta a velhice nos envolve. Então aí só nos resta a lembrança do passado distante e o que é pior, sem retorno. Procurei controlar minhas emoções, porém confesso que não consegui evitar que aflorassem os meus olhos, lágrimas furtivas que teimavam em rolar serenamente pelas minhas faces.

Interrompendo as divagações provocadas pela saudade de coisas tão distantes, e longa caminhada prossegue com vistas ao seu ponto de chegada. As lágrimas foram contidas.

O dia é 23 de fevereiro de 1946 e a viagem a São Paulo prosseguia normalmente. Chegamos ali ao anoitecer e ainda havia necessidade de tomarmos um outro trem com destino a Santo André.

Desembarcamos nessa estação, um táxi nos levou até a nossa casa, localizada no alto de um morro vermelho, que assim se denominava, devido a características de sua forte cor avermelhada. Nessa época as ruas não eram calçadas.

Muita lama e por essa razão o táxi não nos levou até a porta do nosso lar. Ainda bem que era pertinho. Mesmo assim foi o bastante para encharcarmos de barro, além de uma interminável chuva.

Finalmente adentramos ao nosso lar. Linhas atrás fiz um levantamento sucinto do que constituía o nosso rancho

Em síntese, era uma boa casa, sem ser luxuosa. Os móveis eram modestíssimos. O fogão, para o futuro seria a gás e dependia de instalação. Até então o fogão era aquecido a carvão e dava uns trabalhos dos diabos para que funcionasse. Fumaça e mais fumaça. Sujeira e mais sujeira. Era as características principais.

O tamanho do quintal cheio de mato, numa área de 1000 metros quadrados, era tomado pelo temível carrapicho, que ali imperava.

O ambiente no seu todo não era nada acolhedor, No meu entender, não se justificava frente ao ato de dos seres que se unem para o resto da vida. E lá estávamos, isolados, sem vizinhos e amigos. A situação não era moleza, não.

Mas o que se podia fazer? A ordem era enfrentar a dura realidade e encarar as adversidades que se entropusessem. Gostaria de dar a minha esposa uma modesta, que fosse, lua de mel. Mas cadê os meios?

Tarde, bem tarde, já noite varando a madrugada fria, com as coisas arrumadas em seus lugares, após um café modesto, mas quente, a ordem era para ir ao leito conjugal.

A chuva despencava do céu e o dia vinha raiando.

A estas alturas, intencionalmente, dadas as características pessoais de comportamento no tocante a nossa vida íntima e privada, jamais seria comentada por entendermos ser uma particularidade de respeito recíproco e mútuo.

Amanhece o dia 24 de fevereiro. É um domingo chuvoso. Agora somos marido e mulher. A chuva nos obriga a permanecer em casa. Naquele tempo não havia televisão. Mesmo o rádio não era lá dessas coisas. O cinema era uma opção e os restaurantes outra opção. Mas o dinheiro era curto e nos impedia de tais tentações.

Agora éramos marido e mulher. O nosso melhor e bom relacionamento viria com o decorrer do tempo. A gente fica um tanto inibido, mas aos poucos vai-se tomando pé da situação e esse relacionamento amigo vai aumentando

na mesma proporção em que o mútuo entendimento vai aflorando e aumentando até alcançar o desiderato pretendido.

O meu desiderato era a esperança de que tudo o que sonhava quando ainda solteiro seria por mim atingido.

Adoro minha esposa e sei que a mudança brusca de uma para outra maneira de viver não vai ser fácil, se considerarmos o temperamento de cada um de nós. Mas a esperança é sempre a última que tomba.

No dia seguinte, uma segunda feira, o batente me aguardava na fábrica onde trabalhava e exercia a profissão de mecânico de manutenção, com um salário baixo. Dava para as despesas básicas e principais. Porém nada sobrava.

Tinha vontade de voar mais alto, mas as chances eram mínimas, naquela ocasião. Foi então que surgiu no meu caminho, um companheiro de muitos anos, dos tempos mais jovens. E me propôs um negócio promissor, porque não existiam supermercados e nem as tais cooperativas. O negócio era adquirir um estabelecimento localizado no parque das Nações. Não tinha dinheiro para entrar com a minha parte. Porém o vendedor do prédio aceitava meu imóvel como se dinheiro fosse.

Face a ausência de cooperativas e supermercados, topamos a compra do tal estabelecimento, cujos consumidores seriam os trabalhadores das indústrias vizinhas. O sistema de cadernetas e receberíamos quando saíssem os pagamentos dos fregueses, cada por si. Assim, a partir do dia 20 de agosto de 1946, tornei-me um modesto comerciante, estabelecido à Rua Bolívia nº 273. Neste estabelecimento permaneci por 10 longos anos, trabalhando como um escravo e coadjuvado pela minha esposa.

Foram dez anos de intensa luta para tentar atingir o objetivo previsto, entremeados de brigas constantes com minha mulher, pelo fato de estarmos sendo ludibriados pelo sócio. Ela me advertia, sem que eu tomasse as providencias necessárias.

Felizmente esse pesadelo terminou com a mudança para outros ramos de comércio, conforme certidão fornecida pela Prefeitura de Santo André: *“Certifica para os devidos fins e em virtude de pedido constante do Processo 12.790/66, do qual é interessado Salvador Moreno, o qual esteve estabelecido à Rua Bolívia 273, com a atividade comercial, como sócio da firma Moreno e Cunha, do período de 20 de agosto de 1946 a 24 de outubro de 1947, quando transferiu a firma para Moreno e Szazi, no período de 24 de outubro de 1947 a 5 de janeiro de 19453, quando da saída do sócio André Szazi, passou a comercial em próprio nome no período de 5 de janeiro de 19453 a 8 de junho de 1956, quando encerrou suas atividades naquele local, a Rua Alfredo Flaquer nº 609, no período de 1º de outubro de 1960 a 31 de agosto de 1961, e finalmente, como sócio da firma “Indústria e Comercio de Artefatos de Cimento”, no período de 25 de setembro de 1961 a 31 de outubro de 1963, quando encerrou suas atividades naquele local.”*

COM TRÊS ANOS MINHA FILHA É MORDIDA POR UM CÃO HIDRÓFOBO

Destaque especial para um acidente que sofreu minha filha Sônia, com apenas três anos de idade. Mordida por um cão hidrófobo. Foi uma fase difícil, pois tratamento era feito exclusivamente em São Paulo, no Instituto “Pasteur”, na Avenida Paulista.

Condução precária e com tudo isso e necessidade de levar a enferma a Capital durante 30 dias, para aplicação da vacina antirrábica.

Foram 30 dias de intenso sacrifício para minha esposa que tomou incumbência de leva-la diariamente a São Paulo, com chuva e sem chuva. E nossa Soninha era bastante pesada.

EM CAMPINAS

E as coisas não ficaram somente nesse acidente, com final feliz.

Nesse período faleceram os genitores de minha companheira. Faleceu minha querida mãe e também meu mano Antonio.

Um acontecimento feliz foi assinalado pelo casamento de minha mana Maria.

Nossa filha Rita, entretanto, foi acometida de grave moléstia e durante um ano estava em tratamento rigoroso e finalmente conseguiu recuperá-la

Acidentalmente envolvi-me em política como candidato a vereador na cidade de Santo André. Para minha sorte deixei de ser eleito por apenas seis votos. Se sufragado fosse estaria involuntariamente envolvido nessa bandalheira.

Compensado e coroando todas as adversidades que se antepuseram em nosso caminho, fui reformado como 1º Tenente do Exército.

Todos esses fatos aconteceram nesse lapso tempo.

Até 1963 residíamos em Santo André.

Já tínhamos construído uma belíssima casa. E tudo ia tão bem até que... a coisa se complicou para nós de tal maneira que a nossa família se veria dispersa.

E tudo por falta de uma porção de coisas e entre essas coisas muita falta de vergonha do meu lado.

Resumidamente direi que não tive força suficiente para um relacionamento extra com outra mulher, que quase destruí minha família, quando chegou tudo ao seu conhecimento. Deu um bode dos diabos e para que se acalmasse houve necessidade de mudança de Santo André. Foi uma vergonhosa atitude minha, pois já tinha duas filhas bem mocinhas.

A solução encontrada foi nossa mudança para a cidade de Campinas, onde teria início uma nova vida para todos nós. Foi uma correria dos diabos e preparação da mudança, depois de residir 20 anos nessa cidade de Santo

André. Tive que abandonar tudo que realizei nesse lapso tempo, incluindo amizades de longas datas.

E aconteceu a mudança para a cidade de Campinas. Felizmente tudo se acomodou. É claro, levou um tempo para isso acontecer, pois os brios estavam feridos. Azar meu, fui culpado.

Em partes tive sorte, pois na nova cidade residiam aproximadamente 300 Ex-Combatentes como eu e, não foi difícil nossa adaptação. Novos amigos foram encontrados e entre eles o companheiro Waldomiro, casado com uma senhora de Taubaté, colega de infância da minha patroa. A partir deste momento, as nuvens negras que enfiavam o nosso céu, deixaram de ser vistas, dando lugar as outras nuvens brancas, como só no céu das pessoas felizes são vistas. E atualmente sou uma dessas pessoas felizes são vistas. A atualmente sou uma dessas pessoas.

É o final de 1963, Cidade de Campinas.

Atualmente é gostoso de viver. Clima seco e constante e de amplos recursos para todos os fins.

Fácil foi a colocação das filhas em colégios. A ordem agora é entrar nos eixos e evitar novos deslizamentos, coisas que prometi a mim mesmo.

O Natal está batendo às portas e a cidade está se engalanando para a festa máxima da cristandade. O nosso Natal será comemorado aqui em Campinas, exclusivamente com a família Moreno. Os ressentimentos ainda perduram.

Nesta cidade, no início moramos num apartamento à Rua Dr. Quirino e a seguir mudamos para a Avenida Francisco Glicério, bem no centro. Posteriormente vendemos dois imóveis que tínhamos em Santo André e adquirimos um bom apartamento a rua Bernardino de Campos, onde permanecemos até 1979. Nesse espaço de tempo compramos ainda dois apartamentos, um no Jardim Baronesa e outro na Rua Dr. Quirino.

As filhas matriculadas e estudando.

A Sonia fazendo o Curso de Assistente Social na PUCAMP. A Rita concluía o ginásio e logo a seguir faria o colegial.

Aos poucos íamos fazendo amizades e tudo andava na paz de Deus.

Dispúnhamos sempre de um veículo para nosso transporte.

Nesse interim, a Rita termina o colegial e já se envolvendo com os tais cursinhos preparatórios, rumo à faculdade.

E o tempo vai passando.

A Sonia termina a Faculdade e começa a estagiar no Serviço Social da Prefeitura Municipal.

A Rita, um tanto desligada custa a se decidir nos estudos. Mesmo assim, bastante pressionada passa a cursar a Faculdade de Direito e na ocasião que aqui escrevia, já estava no terceiro ano.

Nesse interim, o autor destas “coisas” por ele escrita, já com 60 anos, se decide e também ingressa na faculdade de Direito, diplomando-se quando

tinha quase 65 anos completos, tornando-se um advogado atualmente no Fórum local.

A Sonia começa a trabalhar em sua profissão de Assistente Social, na Prefeitura de Campinas. Pouco antes havia se casado e seu marido fizera um curso e aprovado, foram para Brasília, onde permaneceram por pouco tempo. Regressaram e seu esposo se tornou funcionário de uma prestigiosa firma e ela prestou concurso em São Paulo, sendo admitida no funcionalismo público estadual, como Assistente Social.

A filha nº 2, a Rita, quando cursava o 3º ano da Faculdade, prestou concurso em São Paulo e foi admitida no funcionalismo do Estado. Entretanto faltava-lhe dois anos para terminar a faculdade.

E por isso fomos forçados a morar na capital, onde ficamos dois anos. Lá compramos um ótimo e bem localizado apartamento junto ao Metrô Saúde. A Rita se instalou nele e lá permanece até hoje. Com isso, teve chance de concluir os dois últimos cursos de Direito, nas Faculdades Metropolitana Unidas, formando-se advogada.

Depois dessas peripécias voltamos para Campinas e fomos residir no apartamento do Jardim Baronesa. Posteriormente vendemos dois apartamentos por serem pequenos, com apenas dois quartos. Assim, compramos um magnífico apartamento no centro da cidade, com três dormitórios, suíte e garagem, no 14º andar. Vista espetacular.

O dia é uma sexta-feira, mês de Dezembro, do ano de 1986. Completamente chuvoso, ocasião em que estou escrevendo estas “coisas”. O Natal batendo às nossas portas, com o corre corre danado para as compras de presentes.

E nessas circunstancias vamos empurrando mesmo com a barriga, tudo que se apresenta no nosso dia a dia, seja bom ou seja mau. As preocupações existentes e já adquirimos mais gabarito, mais personalidade, mesmo porque o peso dos anos tem grande influência em nossas vidas e nos obriga a mantermos uma certa linha de comportamento, que se coadune com aquilo que somos e não com aquilo que desejaríamos ser.

Antevéspera do Natal: 23 de dezembro de 1986.

Linhas atrás havia dito que minha companheira que, certeza eu tenho, não é Papai Noel, mas já existem vários sacos de plástico abarrotados de lembrancinhas natalinas, para as filhas, netas e parentes.

Escrevemos inúmeros cartões de felicitações para um natal feliz, a muitos amigos. E a recíproca tem sido uma constante.

No dia 23 de fevereiro de 1987 completamos 40 anos de casados, tivemos em nossa casa o excelente amigo Antonio e sua esposa Judite. Era um dia quente e a cervejada descia goela abaixo, provocando enorme satisfação. De tudo, tudo, gostoso mesmo, era lembrar esse longo espaço de tempo. Quantas peripécias, quantos momentos bons e maus aconteceram e porque não dizer, rugas fáceis de serem contornadas e não as foram.

Eis que chega o dia 25 de dezembro. Natal. Nos mandamos para São Paulo, pelo fato que de todos os anos a festinha é realizada na casa dos sogros de minha filha Sônia. Farta distribuição de presentes, os tais presentes dos amigos secretos.

Come-se e bebe-se e no final, abraços e desejos de muita paz e muita saúde, para todos.

A volta é sempre no dia seguinte, pois a necessidade é acabar com que sobrou na véspera.

E o tempo vai lentamente se escoando. Estamos às vésperas do Novo Ano. Mais um motivo para externarmos a nossa satisfação. Reunião dos familiares, com muita alegria e desejos de boa sorte. Muita saúde no transcorrer do ano novo. Dezenas de cartões de felicitações nos foram enviados.

É tempo que passa, tempo que chega e por essa razão aqui estamos, outra vez, na passagem; passamos discretamente e quase sem perceber para um novo ano. Com celebrações um pouco inexplicáveis, em que entram carnaval de ontem e o de amanhã. Vivemos este hoje que tem, ao mesmo tempo, muito de trágico e muito de alegria.

Tragédia do tempo que passa; alegria do tempo que nasce e nos permite alimentar nossos próprios projetos que não acabam de se realizar.

Na realidade estamos muito limitados no tempo. É que ele se condensa de modo inexorável, de tal forma que terminará antes mesmo que possamos perceber que a vida passou.

Somos esmagados por ele, que faz preceder de um fim, tudo que começa. O presente passando ao passado, morre.

Assim acumulam-se os momentos passados na nossa existência até aquele em que a vida vai estar por um fio e que fará ruptura que marca esse instante cruel em que o tempo acaba de nos devorar; os momentos passados que nos levam, passo a passo, em ritmo imperceptível, para o desastre final, para o último fim, que não nos permite recomeçar. Somos prisioneiros do tempo que nos escraviza, que nos encerra em seu envelope, que ele sela de tal modo, que jamais poderá ser aberto. Ela que nos traga, como o mar que se torna a mortalha do afogado.

Assim, o tempo é marcado com a chancela de implacabilidade. E também com a chancela da caducidade. Ele anula nossa vida, dia após dia, instante após instante, até que não restem senão pedaços de um tempo que nós revivamos ao recordar.

No começo de sua existência a criança não é mais do que uma tendência para o futuro; no momento da maturidade o homem começa a tomar consciência de que está quase escorregando no tempo; e quando se aproxima da velhice ele sabe que o tempo passou e que dele não resta senão uma fina fatia, que logo será consumida. A implacabilidade ao tempo nos conduz assim é inevitável caducidade.

Mas ninguém gosta de recordar; todos nós preferimos sonhar. Porque recordar é pensar no que foi; e sonhar é, pensar no que ainda não é, mas o que poderá ser.

Desta forma procuramos fugir das nossas lembranças para alimentar apenas os sonhos. Herdeiros do passado, nós preferimos ignorar essa incomoda herança. Não estamos interessados senão pela moeda corrente dos sonhos. Os dias de hoje nos fascinam, às vezes nos alucinam e frequentemente nos enganam Porque é próprio do tempo ser enganador. Ele diz ser presença eterna e nos faz acreditar falsamente que os hoje jamais serão ontens e que sempre serão seguidos de um amanhã. Como se o tempo fosse inesgotável.

No entanto, a linguagem que ele nos dirige e enganadora, porque nos faz cultivar ilusões perenes, não nos permitindo ver que sempre é mais tarde do que pensamos. Mais tarde e muitas vezes tarde demais porque esse tempo que se fixa um presente que desaparece sem remissão, nos esconde que ele é, por natureza fugitivo. Abandona-nos sem piedade e sem que nos seja permitido esperar sua volta. O que foi não é mais. Vida paradoxal que avança, a cabeça virada para trás, olhando o tempo que foge como se vê fugir uma estrada pelo retrovisor. O tempo se escoia atrás de nós como o caminho que se apaga e jamais será percorrido de novo.

Eis-nos então perante um estranho paradoxo; avançar no tempo é recuar. Quanto mais andamos, mais nos aproximamos da morte pela frente. Mas quando retardamos nos aproximamos da morte por trás. Assim somos encurralados no tempo que nos transporta do nascer ao morrer. O que equivale a dizer que somos encurralados entre o tempo e a eternidade.

Nessa perspectiva, compreende-se que há no tempo qualquer coisa de eterno. O tempo que passa é aquele que se ultrapassa. E ele se ultrapassa precisamente no ponto em que atinge a eternidade. Entre um e outro, a relação é inevitável. É preciso pois voltar a essa verdade fundamental que nos permite compreender que toda vida se representa entre esses dois termos: tempo e eternidade.

O tempo é uma abertura turbulenta para a eternidade; esta é a tranquila abertura para o tempo que ela acolhe, dando-lhe uma dimensão nova. O tempo, longe de negar a eternidade, nela encontra seu coroamento e sua dignidade.

É nessa correlação que o homem toma conhecimento da sua dignidade infinita. Porque tempo é finito se o homem não pertencesse senão ao tempo, acabaria dramaticamente. Mas sendo a eternidade infinita, mergulhando nele ao sair do tempo, o homem assume colorido infinito. Redescobre sua identidade tornando-se consciente de que é mais do que ele mesmo, pois mergulha no eterno. Além de todas as celebrações ambíguas que fazemos neste dia) o primeiro do ano), é importante saber compreender que o tempo tem apenas valor de semente: sementeira da eternidade.

Quem compreender isso torna-se dono do seu tempo. Não escorrega pelo tempo como uma embarcação à deriva. Ele o conduz e o constrói em lugar de ser passivamente puxado por uma corrente, que o faria rodopiar loucamente sem finalidade e sem esperanças.

Com dúvidas nadamos no rio do tempo, mas também o vemos correr. É por isso que podemos ser verdadeiramente donos dele. No entanto, não podemos nos entregar a ele, como aqueles que se contentam com matar o tempo no seu sentido literal, pois o matam até a morte. Matar o tempo e perder o tempo não é permitido. O seu preço é tão elevado que só se pode pagar em moeda de eternidade. E estamos então, diante de uma curiosa inversão. Não se pode acreditar no tempo se não reconhecermos que ele se torna o tempo que vem.

E de passado a futuro nós chegamos a eternidade. Não há senão recorrer a poesia para cantar nesse mistério do tempo: por isso toda a tristeza não tem razão do ser; não há lugar senão para a alegria, a alegria que vem do eterno.

E ele, o tempo, se escoa lentamente e quase não nos demos conta. É uma sucessão de fatos que ininterruptamente o impelem sempre para a frente. E quando paramos para pensar, verificamos que estamos no fim da picada, sem retorno. Então é tarde. Só nos restam as lembranças que não nos levam a nada.

Dia após dia, se vai. E quando nos damos conta, é mais um dia sorrateiramente subtraído de nossa existência.

Há entretanto dias especiais no transcorrer de nossas vidas. E hoje para mim é um dia todo especial, se considerarmos o que ele representa. É um domingo ensolarado e os meus familiares comigo estão reunidos para comemorar a passagem fugaz de mais trezentos e sessenta e cinco dias de minha existência. E dia 25 de março de 1987. E é, como já frisei, um domingo. Mas o importante mesmo, é se falar apenas no dia de hoje.

Este tempo único que não para. Como o espaço escrito de cada um de nós, que é ainda o mesmo de cada um que crê poder despertar junto a cada um que ainda lê. Poucos, é certo, se dão a esse difícil ritual. O tempo, dizem, é de ouro. Perde-lo, requer ter o porquê. O tempo é de ouro...

O domingo de hoje, com sol brilhando e rebrilhando, entra pela janela aberta e pede mais. Há netas chamando para brincar, almoço escolhido, o ficar a tarde e à noite reunidos para comemorar.

Que possamos então vive-lo neste ritual único: em horas e minutos, brincadeiras dessa vida que é a verdadeira história final.

É impossível querer voltar ao passado. O acaso já se foi e a realidade está presente.

Um mundão de reminiscências me fazem parar para pensar. O passado teima em aflorar ao presente, para que a seguir retorne o passado.

E eu parei por alguns momentos para rememorar o passado que se foi

25 DE MARÇO DE 1987

Exatamente há setenta e dois longos anos vinha à luz do dia, o cidadão que no momento está escrevendo estas coisas. Parei e fiquei pensando e pensando, e a seguir, as lágrimas teimavam em aflorar aos meus olhos e por fim acabaram rolando mansamente pelas minhas faces. A tecla de minha velha maquina silenciaram por longo tempo até que voltei à realidade, quando então elas começaram a ser ouvidas, para dar continuidade ao pretendido.

Depois de ter rememorado tudo quanto estava armazenado há tanto tempo nos recônditos da minha mente, voltei a realidade, pois está chegando ao fim a última fase da longa caminhada encetada há mais de setenta anos.

UMA LONGA CAMINHADA NA RETA FINAL

Oriundo da roça e dos cafezais, onde pela primeira vez viu a luz do dia, o autor destas “coisas”, exatamente aos vinte e cinco dias do mês de março de mil novecentos e quinze, numa humilde choupana de pau a pique localizada na Fazenda Timburi, num lugarejo com o mesmo nome, junto as barrancas do barrento e caudaloso Rio Paranapanema, chorando e berrando como qualquer outro guri, vivendo drama idêntico, lá viveu até os setes anos de idade.

A partir daí, tudo mudou. Meus pais abandonaram essa fazenda e como verdadeiros judeus errantes empreenderam a sua via crucis, de fazenda em fazenda, comendo o pão que o diabo amassou.

Ao tomarem essa decisão, procuravam eles, mesmo à custa de ingentes sacrifícios se recomporem na vida, na tentativa de colherem o mínimo necessário para poderem sobreviver decentemente e dar aos filhos o mínimo de educação, que na ocasião já eram muitos

De fazenda em fazenda acabaram dando com os costados nas cercanias da cidade de Jaboticabal, precisamente numa propriedade que e chamava Fazenda Floresta, a qual marcou profundamente a minha existência. Era o ano de 1922.

E nessa fazenda, onde permaneci por mais oito longos anos, e já com quinze anos nas costas, antevi o futuro que me aguardava, considerando o passado recente. A revisão era a pior possível.

E o tempo se escoou lenta e rapidamente, alterando o curso da minha vida.

Eis que de repente, já contando trinta anos de idade, vejo-me regressando da Europa, especificamente da Itália, após mais um ano de permanência, onde participei de uma guerra que eu não fora culpado e onde funestamente sofri amargas consequências.

Graças a Deus voltei inteiro, contrastando com o acontecido a centenas de companheiros que lá ficaram definitivamente. Voltei inteiro dos pés à cabeça.

Voltei ao convívio dos meus e em consequência, havia necessidade de me reintegrar no meio que deixara há tanto tempo.

E o mais importante. Havia necessidade de reiniciar o trabalho para recuperar o tempo que perdera.

E agora, com trinta anos nos costados, iria assim, iniciar a fase final de tão longa caminhada, encetada precisamente, amais de setenta anos.

Pretendia contrair matrimônio e ver realizado o sonho há tanto tempo acalentado por mim. Queria me casar e constituir minha família com a mulher que tanto amava.

Taubaté, vinte e três de fevereiro de mil novecentos e quarenta e seis.

Afinal, chegara o dia tão esperado.

Retornando dos campos de luta da velha Itália, onde permaneci por mais de um longo tempo, comendo pão amassado pelo capeta, com participação ativa em combates de Segunda Grande Guerra Mundial, ostentando no meu peito várias condecorações. Medalhas que hoje se encontram no fundo de uma gaveta e que vez ou outra servem apenas para lembrar minha participação nessa aventura, por mim indesejada.

Desligado do Exército no posto de Primeiro Tenente, reingressei no meio civil de onde me ausentara, já pensando em concretizar um velho sonho acalentado há muito, contrair um matrimônio, pois já estava entrando na casa dos trinta anos. Tal desejo foi afinal concretizado no dia 23 de fevereiro de 1946.

Pela manhã desse dia, juntamente com aquele que dentro em pouco se tornaria minha esposa, e ainda alguns familiares que nos faziam companhia, nos mandamos até o cartório de registro civil, para a devida celebração do nosso enlace. Assim, na presença das testemunhas indispensáveis, por sinal meus companheiros febianos, o Oficial do Cartório sacramentou nossa união.

Faltava ainda pra a complementação, o ritual da Igreja católica, que foi ministrado pelo muito conhecido e festejado Padre Evaristo, pároco de uma igreja da cidade.

Tal solenidade foi simples e rápida, tendo o religioso em sua alocução feito referência ao primeiro lançamento de uma bomba atômica sobre a cidade de Hiroshima, no Japão, quase no final da segunda guerra mundial.

Talvez, em outras palavras, teria o religioso, querido dizer que por este fato, pouco ou nada tinha a nos dizer no desenrolar da solenidade, considerando o avanço tecnológico alcançado pela ciência. Apenas nos desejou boa sorte e muitas felicidades pela vida afora. Benção das alianças, e depois algumas gotas de água benta espargidas sobre as mesmas, findando a solenidade que consagrou a nossa união.

Terminada a mesma e já marido e mulher,urgia a necessidade de partirmos para a cidade de santo André onde se localizava nosso modesto rancho.

Lua de mel.

Gostaria imensamente de poder proporcionar, mesmo que modesta, uma lua de mel a minha companheira, onde pudéssemos gozar uns dias num ambiente acolhedor para o coroamento de nossa união.

Tal pretensão esbarrou no entanto, em tremenda dificuldade, pois não havia dinheiro. Nessas circunstancias só restava a opção de ver a lua mesmo sem mel.

Mas graças a Deus, muitas outras luas de mel nos foram proporcionadas al longo de nossa união, quando então, juntos, fizemos inúmeras viagens por este mundo de Deus.

Afinal, Santo André.

Ainda é dia 23 de fevereiro de 1946.

Muitas foram as peripécias sofridas até atingirmos esta cidade, dadas as dificuldades impostas aos meios de transporte daquela época. Mesmo assim atingimos a cidade bem tarde de uma noite chuvosa e adentramos nosso modesto lar.

A cidade de santo André, seria para nós, como poderia dizer, o marco para iniciarmos nossa vida em comum.

Hoje, já passados mais de 40 anos ao escrever essas coisas, relembro com imensa saudade os bons e também maus momentos que juntos enfrentamos para vencer na vida.

Momentos maravilhosos aconteceram e também por que não dizer, momentos borrascosos que põe quase tudo a perder.

Entretanto, se pensássemos e raciocinássemos no momento do acontecido, acredito que o bom senso nos estenderia a mão e nos ajudaria a sair do atoleiro onde caímos ou iríamos cair.

Mas o orgulho, a insensatez e a incoerência, como teimamos em ver os fatos, põe tudo a perder. Muitos arrufos havidos nesse longo espaço de tempo poderiam ter sido evitados e prevaleceria o bom senso. Mesmo assim e apesar dos tropeços que sempre surgem no cotidiano a dois, a caminhada prosseguiu e este caminhante mentiria desbragadamente se dissesse ter sido um sujeito infeliz.

Jamais poderia afirmar tal assertiva, pois se considerarmos que a vida é um contínuo naufrágio de tudo; de seres e de coisas, de paixões e indiferenças, de ambições e de temores. Ainda assim posso afirmar que sou um sujeito feliz.

Entretanto sinto-me na obrigação em reconhecer ter sido sumamente genioso e agressivo. Às vezes fico pensando se minha atitude não seria um reflexo do longo tempo ausente e atarefado em que me vi envolvido na guerra.

Contrastando, minha companheira, dotada de espírito conciliador, aliás característica própria da feminilidade, sofria as agruras do meu destempero.

É fato que pode ser constatado no conteúdo de uma sua cartinha- em anexo- na qual demonstra sua descrença no que relaciona a comportamento recíprocos.

Nessa ocasião comemorava um aniversário de casamento e eu não perdi a ocasião em demonstrar a minha grosseria. Linhas atrás, teria dito que eu era um sujeito feliz e não posso negá-lo.

A felicidade maior, foi o destino ter-me reservado para companheira, a minha esposa. E como se não bastasse essa dádiva generosa, deu-me ainda a sorte de possuir duas filhas pelas quais nutro verdadeiras adoração.

Sônia e Rita de Cassia. Esses são os nomes das minhas mais do que diletas filhas, pelas quais, sem medir os mais cominhos sacrifícios, tudo foi feito no sentido de lhes proporcionar, dentro das possibilidades, o bem estar, o conforto e educação. São elas as filhas que sempre sonhei ao contrair matrimônio.

Contrastando com o ponto de vista acima, perguntaria eu e eles: Que acham vocês de seus pais? Seríamos os pais que vocês sonharam? Não deixam de ser perguntas como outras quaisquer.

Viria ainda, para completar o ciclo de felicidade, Gabriela e Carolina, ou ainda na intimidade Gabi e Cacá. São os nomes de duas criaturinhas maravilhosas. São as netinhas mais lindas, gostosinhas e fofinhas que podem existir no mundo.

São elas a coqueluche do vovô e da vovó.

CARTA DA MINHA ESPOSA

Salvador, não era bem esse presente que eu queria te dar. Queria que fosse algo diferente mas não sou criativa e por isso é que vai ser essa camisa. Quero que vistas hoje. Gostaria que nessa camisa, você veja todas as alegrias e tristezas, lágrimas, injustiças que se passaram nestes 40 anos. Se seria capaz de começar tudo de novo: Não sei; Talvez sim, talvez não. Como creio em outras vidas passadas e futuras possivelmente começaria tudo outra vez. Não estou recriminando nada. Estou só pensando em nós. Nunca soubemos desviar das pedras do caminho. Gostaria de ter recebido um bilhete seu mas não acredito que escrevas. Eu, de minha parte, quis dizer-te, que com mágoas, com alegrias ou tristezas sempre Te amo. Maria. 23/02/86

Amigos. Mais uma dádiva generosa me foi proporcionada. Palavra de um significado todo especial, que tem o pendor de aglutinar um halo de bem querer e de amizade. Orgulho-me dos amigos que possuo.

Mais um esforço deste corpo cansado e então o funil de chegada estará escancarado para ser transposto. E ao transpô-lo, por certo ouvirei os aplausos de incentivo, se os merecer.

Entenda-se entra tanto, que o final da longa caminhada nesta memória, apregoada, é tão somente a conclusão de que me produz relatar no transcorrer das mesmas.

Entretanto, o autor espera se Deus o permitir, ir além, considerando ainda, a rijeza de sua carcaça.

12 DE JUNHO DE 1987

Hoje é um dia muito especial para mim, se levarmos em consideração o lirismo que o envolve. Hoje é, nada mais nada menos o dia dos namorados, o qual tem a faculdade de nos presentear, ainda dentro do lirismo apontado, com ternas palavras que nos comovem e nos sensibilizam. É trazer para o presente um passado distante.

É manter a capacidade de percepção, mesmo sentindo o peso dos anos calejando os nossos costados. Ao concluir, cabe-me conceituar coisas que são a razão de ser do final desta longa caminhada.

O autor, oriundo de paupérrima família, não tanto por omissão, mas sim por força de circunstâncias, vindo da roça onde permaneceu até os 15 anos na mais absoluta ignorância, trazendo ainda desse lugar as indesejáveis marcas ocasionadas pelos “bichos dos pés”, nas pontas dos dedos dos membros inferiores cujas unhas foram corroídas e deformadas pelos mesmos. No entanto, graças a minha saudosa genitora, ingressei em um novo ambiente onde havia mais luz ao meu redor.

Entendi de imediato que a vida não se resumia somente nesses contrastes. Havia necessidade de ir além. Procurei me civilizar e para isso precisava aprender a ler e escrever. Estava vivendo essa expectativa exatamente no ano de 1930. Portanto quase 60 anos, se se considerar que hoje é dia 12 de junho de 1987.

Cubatão, onde residia, era nessa ocasião um vilarejo inexpressivo, subdistrito de Santos, de quem distava 15 quilômetros. Pequena e paupérrima população, não contava com os mais elementares recursos, a tal ponto que nem escola primária possuía.

Por si só, a falta de uma escola seria para mim um grave entrave, pois a minha pretensão era me civilizar. Precisava trabalhar para ajudar a manter um monte de irmãos menores. Por isso dei com os costados numa modesta farmácia e minha nobre função era ir de porta em porta de casa dos habitantes procurando vidros vazios e usados, para serem reaproveitados em novas embalagens de medicamentos.

A partir desse emprego, se é que se pode assim ser chamado, fui avançando na vida. Aprendi a soletrar algumas palavras e já escrevia alguns garranchos

A seguir, novo emprego e agora, como aprendiz de mecânico na Usina Light. Com o decorrer do tempo, de aprendiz me tornei mecânico e ajustador.

Nesse emprego permaneci por 10 longos anos. Tornei-me ainda, operador do único cinema da região. Aprendi música e executava um melodioso saxofone. Tocava na bandinha local, a qual tinha o nome de a “Furiosa”.

Convocado para servir o Exército, poucos meses depois já era Cabo. Novo curso e pouco mais tarde conclui o Curso de Sargento.

Nesse interim, a guerra estava engolfando toda a Europa. Transferido para o 6º Regimento de Infantaria, lá fui para a cidade de Taubaté, onde permaneci aproximadamente 5 meses. Foi nessa cidade que tive a felicidade de conhecer aquela que se tornaria minha esposa.

Nesse período de tempo, matriculei-me no Aero Clube de Taubaté par a um curso de piloto civil. Completei 12 horas de treinamento num avião “Ayronce” Faltava-me apenas 4 horas para a conclusão do curso e obtenção do brevê. Pintava e bordava a bordo mesmo. Era uma gostosura, uma aventura emocionante. Não deu para concluir o curso, pois a Unidade Militar foi transferida para o rio de Janeiro. Nesta cidade permaneci por mais três meses preparando-me para a guerra nos campos de Gericinó, do 1º Regimento de Infantaria. Daí aconteceu a partida para a guerra.

Ainda, no sentido de preencher os vazios resultantes da inatividade, motivada pela velhice, pois contava com mais de 65 anos de idade, conclui o Curso de Direito, tornando-me um advogado atuante.

Hoje dedico-me a atender e ajudar os velhos companheiros de infortúnios, que comigo lutaram na guerra, procurando assim resolver seus problemas. Pois nós, os Ex-Combatentes, somos uma geração em fase de extinção, se considerarmos a faixa etária do Contingente da Força Expedicionária Brasileira, todos na casa dos 65 anos.

Dentro de mais uns poucos anos, restará apenas a lembrança desse punhado de heróis, anônimos, que foram forçados a participar de uma guerra que não lhe pertencia e nem foram os culpados.

ENCERRANDO

Acredito ter correspondido. Acredito até, que cumpri na íntegra o dever que me foi imposto, para cumprimento desse mesmo dever, com sacrifício da própria vida. Tive a felicidade de retornar, ao contrário de centenas de companheiros que lá ficaram nos campos de luta, uns sepultados e outros insepultos, apenas cobertos com grossa camada de neve sobre seus corpos, nas montanhas escarpadas ou vales.

A Segunda Grande Guerra Mundial começou e terminou depois de um monte de anos de sacrifício para os que nela participaram e também para os que não participaram. A história de nossa Pátria, um dia possivelmente registrará em seus anais, os feitos dos seus filhos nos campos de luta da Itália, na Segunda Grande Guerra Mundial.

Vamos aguardar que isso aconteça, pois já se passaram mais de 40 anos e esse fato ainda não aconteceu.

“NENHUMA PÁTRIA SE FAZ SEM HERÓIS”

São palavras do Presidente José Sarney, pronunciadas no Mausoléu do Soldado Desconhecido, no dia 8 de maio de 1985.

Vamos dar tempo ao tempo.

SALVADOR MORENO



CAPÍTULO VI

Odisseia de um Ex-Pracinha da FEB
Viagem ao Inferno e ingresso no purgatório
Dissertação

Todo ser humano mentalmente lucido, tem condições de avaliar suas desgraças e, sem chegar as feiras do exagero ou mesmo do desespero, absorvendo – as com dignidade.

Mas lá vem um momento em que o desespero vai além das suas forças e, então ele exploda. Perde as estribeiras e acaba mandando tudo para o inferno.

No presente caso o ser humano aludido e o Ex-Comandante da Força Expedicionária Brasileira, que a despeito que descrença que sobre ele paira, deu tudo de si, de sua vida, atendendo a chamada da Pátria.

Pois exatamente há 42 anos e poucos meses, parta para o inferno acima aludido um punhado de jovens brasileiros que constituía o Primeiro Escalão da Força Expedicionária Brasileira.

Eram eles, os convocados, oriundos da roça e dos cafezais, ou modestos operários de estabelecimentos industriais ou comerciais. Por imposição passaram a viver nos quartéis, pois a Força Expedicionária Brasileira estava em gestação.

Fomos submetidos a um mundo de exames médicos, laboratoriais, psiquiátricos, dentários e outros para avaliação da capacidade física e mental de cada um.

Só foram julgados aptos e sãos e os mais capazes. Os deficientes foram rejeitados juntamente com os covardes que desertaram, os apadrinhados e os filhinhos de papai. E eram muito, esses maus brasileiros.

E como urgia para que o embarque além mar se concretizasse, aproveitando a calada da noite, o primeiro escalão da FEB com seus componentes, são transportados e a seguir trancafiados os porões escuros de um navio transporte de tropas americanas.

Porém, momentos antes da partida do navio, o Senhor Presidente da Nação de então, vai a bordo se despedir dos patrícios que participam para o desconhecido. Merecíamos algumas palavras de estímulo do Presidente do Brasil.

E ele parecia emocionado. Com voz cavernosa disse “Ide e lutai; até se preciso for morrer, porque o Brasil zelará por vossas famílias. Podeis ficar tranquilos”.

E nós pracinhas fomos acreditando nas palavras do nosso Presidente. Ledo engano.

Agora decorridos mais de 42 anos, do embarque do primeiro escalão da FEB e o mesmo número de anos das palavras proferidas que o vento levou, o governo não as honrou. Partíamos para o inferno ignorado e ao regressarmos, entramos no purgatório da Pátria que nos esqueceu. Muitos dos pracinhas voltaram e ostentam no peito, condecorações e nos corações, mágoas profundas e frustrações. Outros, menos felizes voltarem neuróticos, tornando-os imprestáveis para o resto da vida. Trocaram o sacrifício a que foram submetidos, pela caridade pública, esmolando migalhas para sobreviverem.

Mas, graças a Deus, o pracinha brasileiro é de uma geração já em adiantada fase de extensão. Um dia acontecerá a morte do último Ex-Combatente. Todos eles terão morrido, mas encontrarão no céu um Deus que lhes enxugará copiosas lágrimas derramadas no mundo em que viveram e nele sofreram terríveis ingratidões.

Nos ajudará a esquecer as mágoas e decepções, que levaremos quando partirmos deste mundo. Deixaremos aqui as desconsiderações sofridas por aqueles que prometeram e não cumpriram, por aqueles a quem lhes cabiam serem mais condescendentes para esse punhado de brasileiros, que de bom grado atendeu ao chamado da Pátria, arriscando suas vidas, sem antes serem consultados se queriam ou não participar de uma guerra além fronteiras, de quem não fomos causadores.

OITO DE MAIO DE 1985

Nesse dia, junto ao Monumento do Soldado Desconhecido, o atual Presidente da Nação, proferiu estas palavras:

Esta manhã, quando tive a honra de presidir as solenidades de homenagem à memória dos mortos da Segunda Guerra Mundial, pensei no meu destino. Pensei em estabelecer, como Presidente da República, uma sintonia do simbolismo das minhas responsabilidades e do meu cargo em relação ao ato que participava. Ao me aproximar do Túmulo do Soldado Desconhecido, estabeleci aquela relação espiritual de quem, em nome de todo povo brasileiro, da Nação, do melhor sentido patriótico, homenageava, na figura daquela, todos os nossos heróis. Todos os que deram a vida ao serviço da Pátria, principalmente aquele, tal como na mais bela definição do Soldado Desconhecido, cujo nome só é conhecido por Deus. Os homens não sabem o nome dele.

E com bastante ênfase prosseguiu:

Os soldados que lutaram há 40anos, defendiam este sentimento de Pátria, em nome das gloriosas Forças Armadas do Brasil. Forças Armadas que não tiveram um só momento de derrota. Participaram das guerras da unidade nacional, das campanhas em que foram envolvidas fora deste país e sempre colheram os louros de vitórias. Forças Armadas compostas de heróis e de homens como Osório, Mascarenhas de Moraes, Tamandaré, Castelo e

outros. Se, pela manhã homenageava os mortos, nesta tarde o Presidente da República, com esta mesma sintonia vem homenagear os vivos, testemunhas do heroísmo e da bravura com que nós participamos da Segunda Grande Guerra Mundial. Lutamos, não por uma guerra de conquista, mas em nome da liberdade e dos valores fundamentais do direito do homem. E na condição de Presidente da República, em nome da Nação e de todos os brasileiros, com aquela responsabilidade com que na manhã homenageei os mortos, nesta tarde eu quero homenagear os vivos, os grandes Veteranos da Força Expedicionária Brasileira, aqui reunidos, depois de mais de 40 anos para testemunhar a glória das Forças Armadas deste País. Em nome do Brasil a todos os senhores, a homenagem da Nação Brasileira.

Estas foram as palavras proferidas pelo Senhor Presidente da República, no dia 8 de Maio de 1985, no Rio de Janeiro.

MAIS TARDE: 8 DE SETEMBRO DE 1986

Quase dois anos depois, quando de sua visita à cidade de Campinas que comemorava um aniversário de sua fundação, diria ele a um nosso companheiro expedicionário, abraçando-o: O Ex-Combatente está dentro do meu coração.

Tais palavras foram ditas a um companheiro que foi de inúmeros percalços, entregar-lhe uma carta, na qual imploravam à S. Excia. que assinasse a Lei nº 2609, de autoria do Deputado Freitas Nobre e que se tornaria Projeto de Lei nº 100/85, dando ao Ex-Combatente na vida civil, condições de acumular seus parcos vencimentos de aposentadoria, com a pensão da Lei em questão.

Dependia apenas de sua assinatura.

Estava a mesma aprovada por todos os parlamentares. Bastava a sua assinatura: "VETOU-A, PURA E SIMPLEMENTE"!

Como se não bastasse, consentiu que o Ex-Combatente pensionista de quem é descontado 3% de seus vencimentos, para fins assistenciais (médico-hospitalar) FUSEX, e aos seus dependentes, cancelando o benefício, motivo porque culminou em tragédia, fato esse consumado e noticiado.

A FEB NA 2ª GUERRA

Embora mais de quatro décadas nos separam do término da 2ª Guerra Mundial, em algumas áreas perduram seus efeitos. As nações que dela participaram, não conseguiram avaliar, até agora toda extensão dos danos causados. Como calcular, com exatidão os prejuízos materiais? Foram 6 longos anos de morte e destruição, reduzindo a escombros cidades inteiras,

com seus monumentos, com suas riquezas naturais ou construídas em séculos de civilização, igrejas, faculdades, relíquias históricas...

Quanto vale um Museu?

Qual o valor de uma Biblioteca?

E que dizer, então, da multidão de vítimas humanas, saldo doloroso das 36 milhões de vidas sacrificadas no conflito ao deus da guerra? É evidente, meus amigos, que cada país beligerante apoiou sua decisão de entrar na luta com motivos que parecem bastante fortes aos seus dirigentes.

ALEMANHA – Perdeu a guerra de 1914, perdeu também a oitava parte de seu território e, com ele, 6 milhões de sua população. O documento de rendição impôs-lhe altas contribuições de guerra, proibiu o rearmamento, criou zonas desmilitarizadas nas suas margens do Reno e, por 15 anos, teve de abrigar um exército aliado de ocupação.

ITALIA – Em 1935 confinava praticamente 40 milhões de habitantes, em 1/3 do seu território, onde possuía suas únicas terras férteis e agriculturáveis. Mussolini dizia: Temos fome de terra porque somos prolíficos e pretendemos continuar assim...

INGLATERRA – Em 1939 era o país mais industrializado e rico da Europa, com um vasto império colonial espalhado pela quarta parte do mundo. E precisava de um mundo em paz para poder comerciar. E, para preservar a paz, não se opôs às aventuras expansionistas das demais potências uma vez que sua própria integridade não fosse ameaçada.

RÚSSIA – Proclamando-se o socialismo conseguiu sua unidade política em apenas três anos. E, mediante pactos e tratados com as grandes potências, pode iniciar sua expansão política, doutrinária e territorial, que em menos de 10 anos tornou possível anexar ao seu domínio mais de 725 quilômetros quadrados, elevando sua população para 170 milhões de habitantes. As principais mudanças geográficas da guerra aconteceram em seu benefício.

FRANÇA – Este país não queria a guerra. A de 1914 praticamente destruiu o país e matou mais de 2.000.000 de franceses. Para viver em paz, devolveu o Sarre à Alemanha e não interferiu durante a invasão da Checoslováquia e da Polônia, até que seu próprio território chegou a ser ocupado.

ESTADOS UNIDOS – Esta nação estava excessivamente ocupada com os seus próprios problemas internos, para prestar atenção a ameaça que Hitler representava na Europa, para a paz mundial. Mas o Presidente Roosevelt

sabia que a guerra era inevitável, como inevitável seria o envolvimento dos Estados Unidos. A diferença da opinião pública norte-americana somente foi abalada com o anúncio da assinatura do pacto Alemanha-Rússia, seguida da dupla invasão da Polônia e, depois o rápido desmoronamento da França. Em 1940 foi criado o Eixo. Em agosto de 1941, dois meses depois da invasão da Rússia pela Alemanha, Roosevelt encontrou-se com Churchill para assinar a Carta do Atlântico, fixando as bases de paz na Europa, após a queda do nazismo. Quando o Japão atacou Pearl Harbour, em 1941, os Estados Unidos entraram na guerra.

PAPEL DA AMÉRICA LATINA

A América Latina até então, mantinha-se neutra em relação ao conflito, mas a queda da França, iria provocar mudanças na posição brasileira, já que as colônias francesas na África passavam praticamente ao controle alemão. E a ocupação de Dacar, tornava as costas do Nordeste brasileiro bastante vulnerável, se houvesse uma invasão alemã no continente negro. Tal invasão seria efetuada no Nordeste. O exército do Brasil começou a ficar preocupado com o seu despreparo. Toda instrução militar que recebera, seguia normas aprendidas com as missões militares francesas e a guerra já havia ensinado que o Exército da França estava ultrapassado.

Em 1941 dois acontecimentos viriam provocar nossas pressões para que a América Latina abandonasse sua neutralidade: no mês de junho Hitler invadiu a Rússia e os partidos comunistas latino-americanos, até então neutros desde a assinatura do pacto de não agressão germano-soviético, começaram a se manifestar contra a Alemanha. No dia 7 de dezembro, a mudança de posição se tornaria imperiosa: O Japão ataca a base norte americana de Pearl Harbour, no Havaí. O Brasil, que desde julho vinha acetando com os estados Unidos a formação de uma Comissão Mista Militar e que, em outubro, tinha assinado com eles a Lei de Empréstimos e Arrendamento, não estava mais em condições de se manter neutro.

Getúlio estava no poder e no dia 5 de janeiro de 1942, instala-se no Rio a III Reunião de Consultas dos Ministros de Relações Exteriores das Republicas Americanas. Seu pronunciamento favorece os EE.UU.

No dia seguinte, Oswaldo Aranha, que havia sido eleito Presidente da Conferência, recebe uma carta dos embaixadores da Itália e da Alemanha, lamentando o conteúdo e o tom dos discursos de Vargas. E em seguida o Japão se manifesta da mesma forma.

A solidariedade do Brasil aos Estados Unidos, provoca manifestação do Embaixador Argentino, Guinazú, fracamente pró-Eixo, na tentativa de quebrar a unidade do Encontro. Oswaldo Aranha e o Embaixador norte-americano Wells, encontram uma formula para salvar a Conferencia: em vez de pedirem

ruptura total com os países do Eixo, recomendam apenas o rompimento de relações.

Embora algumas autoridades da área tentam seja o ato de rompimento adiado, a decisão é mantida e o fato é oficialmente comunicado aos demais países durante a sessão de encerramento da Conferência, no dia 20 de abril.

O rompimento de relações diplomáticas acelerou os preparativos militares brasileiros e bases aéreas foram montadas pelos Estados Unidos em Natal, em Recife e Fernando de Noronha. O Exército Brasileiro recebia treinamento especial e o Nordeste era melhor fortificado.

Em agosto, Getúlio reúne seu Ministério e decide pela declaração de guerra.

Em Janeiro de 1943, o encontro Vargas-Roosevelt, em Natal, mostra ao mundo, segundo a imprensa norte-americana, a importância estratégica militar do Brasil na proteção do Hemisfério ocidental. Em abril, decide-se a formação de um corpo expedicionário.

A FORÇA EXPEDICIONARIA BRASILEIRA

As tropas brasileiras, num total de três Divisões, teriam em princípio, a missão de funcionar apenas como tropa de ocupação nos lugares conquistados pelos aliados. A 8 de junho é aberto o voluntariado para a Armada e, no dia 17, para o Exército. No dia 9 de agosto é criada a primeira das 3 divisões de Infantaria Expedicionária, que aliás acabou sendo a única.

Mascarenhas de Moraes aceita o convite para comandar a tropa brasileira, levando como auxiliares os oficiais generais Olímpio Falconiere da Cunha, como Inspetor Geral, Zenóbio da Costa para comandar a Infantaria e Cordeiro de Farias, no comando da Artilharia.

O primeiro escalão da FEB embarca para a Europa no dia 2 de julho com chegada à Nápoles no dia 16. Os outros quatro escalões chegaram até o dia 22 de fevereiro do ano seguinte. A FEB é incorporada ao V Exército dos Estados Unidos, que na ocasião era comandada pelo General Mark Clark.

Durante o conflito, as forças armadas puderam se desenvolver e modernizar os equipamentos, com substituições totais.

A História do Brasil na 2ª Grande Guerra Mundial começou dia 16 de setembro de 1944, com a ocupação de Massarosa e Il Monte. No dia 18 ocupa Camaione; em 25 Monte Comunale e no dia 30 Lama de Sotto. Em 30 de outubro, a FEB conhece sua primeira derrota. Foi em Castelnuovo, ponto de suma importância para os alemães. A tropa brasileira recebeu ordem de ocupar a linha San Quirino-Lama de Sotto Cole. O 1º Batalhão do 6º RI encarregado de missão chegou a romper as linhas alemãs. Mas a falta de reservas obrigou-o a recuar.

Entretanto a sucessão de vitórias continuava.

A FEB ocupa Gallicano e Barba, e no dia 24 de novembro realiza o seu primeiro ataque a Monte Castelo, que só seria definitivamente conquistado a 21 de fevereiro de 1945. Em 5 de março ocupa Castelnuovo a 14 de abril toma Montese, na mais sangrenta batalha da qual participou. No dia 21 conquista Zocca e Montalto; no dia 23 Vignola e Marano; no dia 26 Collecchio e Fornovo e no dia 27 de abril inicia contatos para a rendição incondicional da 148ª Divisão de Infantaria Alemã, juntamente com a Divisão Bersaglieri, da Itália.

No dia 8 de maio com a vitória aliada, termina a 2ª Grande Guerra. Durante a Campanha na Itália, a FEB perdeu 443 homens, enterrados no Cemitério de Pistóia (mais tarde os corpos foram trasladados para o Rio de Janeiro, sepultando-os no Monumento aos Mortos da 2ª Guerra Mundial)

Mas nos seus 9 meses e 17 dias de ação, a Força Expedicionária Brasileira, faz 20.753 prisioneiros, sendo 2 generais, 892 oficiais e 19.679 praças.

Os aliados mobilizaram na guerra cerca de 40 milhões de homens. A Força Expedicionária Brasileira, somava 25.334 pessoas.

Quem eram esses pracinhas: Pessoas que ocorreram de todos os quadrantes da Pátria.

Você sabe de onde eu venho?

Venho do morro, do engenho das selvas, dos cafezais...

Quem eram esses pracinhas?

Eram patrícios nossos de todos os credos, oriundos de todas as camadas sociais e econômicas, com raízes fincadas em todas as raças. Desde a mongólica, de olhos amendoados, lembrando o silvícola primitivo ou o imigrante do Sol Nascente que aqui se integrou para ser um dos nossos...

Desde Schneider, cabelos loiros e olhos azuis, revelando sua origem germânica, que poderia ser também Shimidt ou Oppermann... Desde os Pessoto, amantes de uma boa pizza, que bem poderia ser também um Ciometti, um Samanio ou um Boldrini. Patrícios todos.

Brasileiros autênticos que se incorporaram à FEB atendendo o chamamento da Pátria. E lá, em solo italiano, onde nasceram seus antepassados, enfrentaram, como adversários, aqueles de quem muito bem poderiam descender.

Mas graças aos céus, o pracinha não desumanizou-se com a guerra. Pelo contrário, quem volta ainda hoje aos locais por onde a FEB passou em combate, comove-se com a recordação da população. Não há queixas, não há rastros de violência desnecessária.

Há, isto sim, a lembrança de gestos simples e amigos, de quem realmente passou pela guerra sem perder a vontade de ser bom. Deixou quase invariavelmente o traço do herói, do heroísmo ligado aos gestos de bondade. Éramos homens de todas as origens, da ativa ou da reserva, cultos ou pouco instruídos. Uns entendendo e outros entendendo e sentindo as razões que levaram o Brasil à ação bélica.

Éramos uma amostra do Brasil, da raça e da capacidade militar, com todos os defeitos e virtudes. Não foram os escolhidos por sermos os mais capazes, os mais valentes ou os mais briosos. Éramos o Brasil. Brasileiros que sofriam por ter que lutar, mas que eram como leões por que o dever e a honra assim o exigiam.

APOLOGIA AO HOMEM BRASILEIRO QUE CONHECI NA GUERRA

Já são passados quase 50 anos do término da Segunda Guerra Mundial. Nesse longo espaço de tempo muito se comentou e muito se escreveu sobre os feitos da Força Expedicionária Brasileira nos campos de luta da velha Itália. E foi nessa guerra que um punhado de brasileiros, morreu. Pereceram sem saber o porquê dessa guerra, de que eles não foram culpados. Assim, como eles que morreram, mesmo, os expedicionários que ainda restam com vida, também não o sabem.

Dissecada em tudo que lhe diz respeito, seus feitos, suas derrotas, suas vitórias, acertos e desacertos, jamais se escreveu algo enaltecendo o homem brasileiro que participou dessa guerra. O homem simples, inculto, cuja maioria que compunha o efetivo da FEB, era originária das roças e dos cafezais, deste país continente. Foi esse homem, o humilde pracinha, que eu conheci no velho quartel do 1º RI na Vila Militar, empilhados em suas velhas dependências durante quase cinco meses. Fator que muito contribuiu e agravou o sistema nervoso da soldadesca convocada, saudosa de seus pagos, das suas famílias.

Conheci, nesse meio ano, brasileiros convocados de todos os rincões do Brasil, atendendo ao chamado da Pátria. Os mineiros do 11ºRI, os cariocas do 1º RI, os paulistas do 6ºRI, e do 9º Batalhão de Engenharia, sediado em Mato grosso. Tudo isso sem esquecer nossas enfermeiras, que bem alto elevaram o conceito de mulher brasileira. Incansáveis, dedicadas e capazes, durante quase um ano foram verdadeiras heroínas. Foi conhecendo esses homens que eu senti a satisfação de ser filho deste país. O mesmo homem, e mesma simplicidade, a mesma zombaria, a paciências, e coragem, a tenacidade o informalismo, além da espontaneidade.

Vi-o chegar ao porto de Nápoles, cuja cidade estava totalmente destruída e, debruçando no tombadilho, comover-se com a multidão faminta, que burlando a vigilância da polícia americana, vinha disputar nos cais, a socos e pontapés, uma ponta de cigarro. Conheci-o melhor nos duros exercícios de combate que fazia como um jogo que fazia com o gosto da competição, para mostrar ao estrangeiro o valor da nossa gente, que não queria ser inferior a ninguém.

Vi-o marchar, na madrugada e na lama, para a frente de combate. Vi-o adaptar-se ao seu abrigo e à guerra. Conheci-o na defesa e no ataque, no heroísmo e no pânico, na euforia e no desalento. Toquei-lhe a dimensão inteira do coração. Vi-o fazer, dos italianos que viviam na terra de ninguém, gente

como a nossa gente. Comovido escutei tantas vezes, no silencio das noites geladas frente de combate, suplicar, em lamento fundo, VEM ROLANDO MEU BRASIL.

Vi-o enfrentar a lama, o frio e a neve, vencendo como ninguém, o flagelo do pé de trincheira, que amputara tantos pés de homens do V Exército. Vi-o dar de presente o coturno ao italiano e ficar só com a galocha, que forrada de palha ou papel, deixava mexer ajudando a circulação do sangue.

Vi-o nos ataques fracassados ao Monte Castelo, ansiosos por voltar a atacar. Vi-o morrer tentando buscar o corpo do companheiro, que o soldado brasileiro não aceita deixar no chão de combate seus feridos e mortos. Vi-o arremeter-se contra as posições inimigas Castelonuovo, Soprassasso e Montese para depois, conduzir os prisioneiros, como crianças amigas, a quem tudo se dá. Vi-o nas horas felizes, depois de ações difíceis, contando lorotas e piadas. Vi-o amargurar-se de verdade pela carta que não recebeu.

Bem me lembro desse homem simples e bom alegrar-se com a multidão das cidades libertadas que saudavam seus “Liberatoris”. E, terminada a guerra, na hora da ocupação, como que os vejo, soldados da Nossa Divisão, aqueles pracinhas humildes do interior, com uniformes os mais bizarros, a se espalharem pelo mapa todo da Europa libertada. E vi-os na difícil reintegração a vida de sempre, marcados no fundo da alma pelas cenas de combate e pelos enganos da gloria vazia e fugaz

Para mim, nossa porção maior de vitória eu a conheci na confiança do homem brasileiro que outro não há melhor, mais sensível mais humano, mais gente afinal. Aquela era a admirável gente do nosso Brasil que eu fui conhecer melhor na guerra. Gente de todos os recantos do brasil, gente de todos os destinos, desafios e inquieta, enfim, um homem que estende a mão ao outro, seu irmão. Sempre generoso e hospitaleiro, com desprendimento e altivez. O mesmo destemor a vencer a angustia e a provação. Sempre o olhar que enfrenta e consola, a mão que serve, que cuida e que perdoa.

No imenso mar humano de gente brasileira, sempre o amor à terra determinado e certo do destino aonde chegar. Sempre na constância, sempre a certeza dos valores tão seus, fraternidade e paz, no mundo onde se afirma o estilo mais brasileiro de viver.

Afinal, este foi o homem brasileiro que eu conheci na guerra, o mesmo homem brasileiro que agora está determinado a construir um grande país, que não espira ser o melhor nem o mais poderoso, mas apenas onde ninguém se sinta estrangeiro. Com muitos desses homens eu convivi e muitos desses homens eu comandeí.

Resumindo: é preciso, antes de mais nada, saber conduzi-los.

FIM.



CAPÍTULO VII

Salvador Moreno
Um bravo da pena e do fuzil
Esboço biográfico

SALVADOR MORENO nasceu em 23 de março de 1915 na fazenda de Timburi, distrito de Pirajú, SP. Filho de imigrantes espanhóis destinados às fazendas de café do interior paulista, Salvador passou toda sua infância e adolescência acompanhando seus pais e irmãos na duras lides dos trabalhos agrícolas.

O começo difícil e sofrido de sua vida não o impediu, porém, de almejar dias melhores. As primeiras letras Salvador as conseguiu frequentando uma escola improvisada por um morador de outra fazenda distante 8 km da sua; caminho que fazia a pé todos os dias, acompanhado de crianças e jovens de outras localidades.

Aos 15 anos, encontra-se em Cubatão, SP. Seu pai morre em acidente de trabalho e, à frente da família na condição de filho primogênito, Salvador enfrenta agora grandes dificuldades financeiras, mas sobressai-se com êxito.

Em 1932, encontra-se empregado pela Usina da Light no cargo de serviços gerais. Graças à sua dedicação, empenho e inteligência, ele se torna ajudante de mecânico na usina e nos tempos de folga é diretor do Esporte Clube Cubatão. Tempo ainda lhe sobra para nos finais de semana ser o operador do cinema da cidade.

O ano é 1938, e aos 25 anos completos, é mecânico ajustador de bancada de reconhecida competência na montagem de geradores da Light.

Um pecadilho do amor, porém, vem a lhe tumultuar a existência até então pacífica e feliz. Salvador se envolve com uma mulher que, para sua infelicidade, era casada. O marido desta, ao descobrir-se traído, não tarde em ir a busca de Salvador para tirar-lhe a vida em nome do ultraje sofrido.

Diante do dilema que se configurou, Salvador não vê outra alternativa senão sentar praça no Exército. Por não ter se apresentado na idade regulamentar de 18 anos para o serviço militar obrigatório, é aceito nas fileiras do Exército como recruta insubmisso.

Além dele, outros onze insubmissos, cada qual dos mais longínquos rincões do estado de São Paulo, foram incorporados a 14 de outubro de 1940, no 4º Regimento de Infantaria, em Quintaúna, SP.

Começava ali, sem que Salvador talvez pudesse aquilatar o real peso daquela decisão, uma nova fase em sua vida que a mudaria por completo e

inscreveria seu nome no rol dos combatentes da Força Expedicionária Brasileira.

Estamos em 1941 e como soldado da 5ª companhia de fuzileiros do dito batalhão, Salvador completa o período de recruta com êxito, faz um estágio na banda do batalhão como auxiliar de saxofonista e retorna a tropa.

Todo o tempo livre que tem Salvador dedicado à leitura de livros da biblioteca da unidade.

Sua maior aspiração tornou-se atingir a graduação de cabo, a qual consegue, após muito estudo e dedicação, em meio aos outros 300 outros soldados que prestaram o concurso interno.

O tempo passa e a dura rotina de instrução militar continua no Batalhão.

O ano de 1942 chega e os efeitos da guerra que assola o mundo atingem o Brasil, com o torpedeamento de vários de seus navios mercantes pelas forças nazistas. Enquanto isso, o cabo Salvador ascende à graduação de terceiro-sargento, após outro concorrido concurso interno e, no final daquele ano passa o natal com a família, apreensivo com a possibilidade da participação de seu batalhão na guerra.

Suas apreensões, de fato, não estavam de todo infundadas. A 9 de Agosto de 1943 é criada a Força Expedicionária Brasileira e o General Mascarenhas de Moraes é indicado para o seu comando. Brasileiros de diversas localidades do país são convocados para compor a legendária 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária e, do 4º Regimento de Infantaria de Quintaúna, 31 sargentos foram transferidos para o 6º Regimento de Infantaria (6º RI) em Caçapava, a fim de completar os claros naquela unidade, cujo destino era o combate.

Dentre os 31 sargentos escolhidos, figurava o terceiro-sargento Salvador, então com 28 anos de idade.

Acantonada em Taubaté, a 3ª Companhia do 6º RI da qual Salvador foi incluído encontrava-se em total preparação e instrução militar.

O pouco tempo de sobra, porém, não impediu que o amor uma vez mais adentrasse na vida do jovem sargento. Em novembro de 1943, enquanto assistia a um jogo de futebol, Salvador vem a conhecer aquela que se tornaria sua futura esposa, uma moça de nome Maria.

Outrossim, a 10 de dezembro é promovido por merecimento a segundo-sargento e classificado na 9ª Companhia do 3º Batalhão do 6º RI.

Antes, porém, fica noivo de Maria e despede-se de todos os familiares, pois a 30 de junho de 1944 se dá a partida dos expedicionários. Foram 5.075 homens da 1ª Divisão Expedicionária que embarcaram no navio norte-americano General Mann. São gastos dois dias e duas noites para completar o embarque.

O calor a bordo e o desconforto da viagem que durou 16 dias e 16 noites até a Itália foram insuportáveis, mas não o bastante para arrefecer a obstinação que Salvador e seus companheiros expedicionários traziam junto de si, o que se depreende de suas próprias palavras:

Este navio tem navegado por muitos mares, levando muitos homens para guerra e para a paz. Da nobre lona onde se agita o pracinha, agitaram-se nos últimos anos, sonhos e pesadelos, resmungos de várias línguas, de seres de todas espécies e de diferentes nações. Alguns estão mortos, outros lutando ou metidos em campos de concentração, outros ainda gemendo em hospitais. O pracinha talvez não saiba disso. No meio dessa grande e tormentosa humanidade ele é um homem. É apenas um homem e vai dizer o que sente. Vai intervir como homem no destino dessa humanidade.

A 15 de Julho de 1944 o efetivo da 1ª DIE desembarca no porto de Nápoles.

Como a localidade não estava preparada para receber as tropas, todos bivacaram nas imediações e fizeram uso, pela primeira vez, da famosa ração K, que infelizmente teve de ser consumida fria.

Mas a noite daquele dia memorável ainda guardava surpresas.

Aviões alemães tentaram afundar o navio General Mann, mas foram repelidos pela artilharia antiaérea que defendia o porto.

Para a grande maioria dos pracinhas ali presentes, aquele ataque foi, sem dúvida, um espetáculo ao mesmo tempo impressionante e dantesco, uma recepção de boas-vindas sem precedentes proporcionada pelos “tedescos”.

Os dias se seguiram com a incorporação da FEB ao V Exército Norte-Americano.

A instrução dos brasileiros resumia-se a marchas e mais marchas até que a 2 de agosto de 1944 os efetivos partem para a cidade de Litornia, norte da Itália, embarcados em enormes caminhões.

Uma vez lá, iniciou-se a instrução com uniformes e armamento norte-americano. O tempo passa, e como sargento auxiliar de pelotão, Salvador espera com ansiedade pelo momento que a cobra efetivamente “fumaria”.

O preparo da tropa, no entanto, prosseguia célere.

A correspondência com o Brasil havia cessado e não havia mais água para o banho.

A 16 de setembro de 1944, nas imediações de Vada, o tenente Carqueja, comandante do pelotão de Salvador, o concita a preparar os soldados, pois muito em breve entrariam em combate.

E foi o que se sucedeu.

Na madrugada daquele mesmo dia, os efetivos brasileiros presentes substituíram a tropa americana que se retirava para a retaguarda e tomaram dos alemães as cidades de Massarosa e Santo Estevão. Aquela ação foi o batismo de fogo do sargento Salvador e de seus companheiros.

Dali em diante, sempre na linha de frente e como auxiliar do pelotão de petrechos da 3ª Companhia do 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, o sargento Salvador Moreno participa de várias ações de combate, sendo elogiado em muitas delas pela sua atuação modelar junto à sua unidade na

reconquista de cidades italianas: Camaiore, Casciana, Sitignano, Barga, entre várias outras.

A 27 de Dezembro de 1944 Salvador foi louvado pelo comandante de sua companhia por ter participado do ataque a Monte Castelo e nos meses que se seguiram, ele toma parte de todos os combates que o 6º RI participou no norte de Pisa e no vale do Serchio, nos Apeninos, do Reno ao Panaro e no Vale do Pó. Na ocasião da tomada de Monte Castelo, Salvador se sobressai ao salvar o seu pelotão de ser dizimado pelo fogo inimigo durante uma das tentativas de conquista daquele monte.

Com efeito, por ter quase perdido a vida naquele ato de heroísmo e sangue-frio, Salvador foi agraciado com a medalha Cruz de Combate de 1ª Classe, a mais alta condecoração militar em tempos de guerra.

No diploma desta honrosa condecoração, cuja cópia nos foi gentilmente oferecida pela sua esposa Maria, encontra-se descrito o feito realizado por Salvador, nos seguintes termos:

... No ataque levado a efeito pelo III Batalhão, sua companhia tomou posição na região de LA TORRE, no dia 24 de novembro de 1944, com a missão de fazer o ataque frontal ao MONTE CASTELO. Após várias e infrutíferas tentativas para alcançar o objetivo, às 14 horas daquele dia nossos 1º e 2º pelotões partiam para o ataque, sendo logo tomados debaixo de intensos fogos de morteiros e metralhadoras inimigas. Mesmo assim, avançaram e atingiram a região de C. VITELINE, quando começaram a ser flanqueados pelo inimigo, com o intuito de os fazer prisioneiros. Foi nesse momento crítico para os nossos pelotões que o Sargento MORENO ordenou que se abrisse fogo de metralhadoras do seu Pelotão, muito bem ajustados contra o inimigo, conseguindo com isso desbaratá-lo e contribuir para a retirada em ordem de todos os homens do cerco inimigo ... No deslocamento de LA TORRE para MONTESE, quando mais intenso era o bombardeio inimigo o Sargento MORENO esteve sempre ao lado de seu Comandante, auxiliando-o em tudo que era preciso e zelando pela segurança dos seus homens. No entanto, a fatalidade contribuiu para que nada mais fizesse em benefício da coletividade, pois foi atingido por estilhaço de granada de morteiro, sendo evacuado para o Hospital em estado de choque ...

Hospitalizado em função desse ferimento em combate, Salvador foi indagado pelos seus superiores se gostaria de retornar ao Brasil, convite o qual ele de imediato declinou, pois o que mais queria era estar de volta ao seu pelotão e com ele permanecer até o final da guerra.

E assim foi. O natal de 1944 chega e no seu fox-hole, imerso na neve e com saudades da sua noiva, seus irmãos e sua mãe, Salvador encontra-se atento à movimentação inimiga. O seu comandante imediato e sincero amigo,

tenente Carqueja, baixa ao hospital de campanha e o comando do pelotão de petrechos lhe é passado.

Toma parte, agora à frente de seu pelotão, nas últimas ações do 6º RI, no Vale do Pó, com a ocupação da cidade de Parma e as vitórias em Collecchio e Fornovo, que culminou com a rendição de toda uma Divisão Alemã: 2 generais, 891 oficiais, 19.680 praças, 5.000 canhões, 4.000 cavalos e farto material bélico de todo o tipo.

A guerra, para Salvador, atingia seu fim com a substituição das tropas brasileiras dos seus trabalhos de ocupação militar do território conquistado em 3 de junho de 1945. Era chegada a hora de retornar ao Brasil.

A 1º de julho Salvador é desligado do Exército em Operações seguindo destino ao Brasil a bordo do navio General Meigs, lá desembarcando a 18 de julho, quando seguiu para a sede do 6º RI em Caçapava, onde, a 10 de agosto de 1945, foi licenciado das fileiras do Exército Brasileiro, sendo declarado reservista de 1ª classe.

Além da condecoração da Cruz de Combate de 1ª Classe, a qual considerava ser uma das maiores honras recebidas em sua vida, Salvador também foi agraciado com a Medalhas de Campanha, Guerra, Sangue do Brasil e a Marechal Mascarenhas de Moraes, esta última em 1980.

Com a missão cumprida, Salvador retorna ao convívio dos seus familiares em Cubatão, onde foi recebido como herói de guerra. Desejoso em recomeçar a vida, opta por residir em Santo André, onde se casa com a sua noiva Maria em fevereiro de 1946. Lá, monta em parceria uma pequena indústria de ferramentas para marcenaria e carpintaria, dedicando-se a ela intensamente.

Da pequena indústria, torna-se comerciário, prosperando na crescente Santo André de então. Por decreto do Presidente da República de 24 de novembro de 1964, Salvador é reformado no posto de 1º Tenente.

Com as duas filhas que teve com Maria, mudam-se ele e a sua família para Campinas, SP, onde veio a fixar residência e a se tornar sócio efetivo da Associação dos Expedicionários Campineiros.

Aos 60 anos, decide ingressar no curso de Direito na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Aos 65 anos de idade bacharela-se em Direito, é aprovado no exame da Ordem dos Advogados do Brasil e passa a exercer a advogar nas cidades de Campinas e região.

Os anos passaram e as filhas de Salvador cresceram e seguiram seus caminhos. Se a missão como pai estava cumprida, a missão como militar da reserva continuava, pois Salvador nunca deixara de cultuar e escrever sobre o que pôde acerca dos pracinhas e seus feitos, nas décadas que seguiram o seu retorno da Itália até falecer em 2005, em Campinas, aos 90 anos de idade.





CAMPANHA FEB



DIA DA VITÓRIA



FORNOVO DI TARO



MONTESI



MONTE CASTELLO



EMBARQUE



1º TENENTE SALVADOR MORENO

Uma Longa Caminhada MEMÓRIAS



MATENDO ACESO
O CACHIMBO DA VITÓRIA!